

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

MARIANA SCHUCHTER SOARES

***LIEB HEIMATLAND, ADE!:*
O APAGAMENTO DOS TRAÇOS LÍNGUA-CULTURA-
IDENTIDADE ALEMÃES EM JUIZ DE FORA/MG E A
HEGEMONIA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**JUIZ DE FORA
2013**

MARIANA SCHUCHTER SOARES

**LIEB HEIMATLAND, ADE!: O APAGAMENTO DOS
TRAÇOS LÍNGUA-CULTURA-IDENTIDADE ALEMÃES
EM JUIZ DE FORA E A HEGEMONIA DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Peters Salgado

JUIZ DE FORA

2013

MARIANA SCHUCHTER SOARES

**LIEB HEIMATLAND, ADE!: O APAGAMENTO DOS TRAÇOS LÍNGUA-
CULTURA-IDENTIDADE ALEMÃES EM JUIZ DE FORA E A HEGEMONIA
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Submetida, em 21 de fevereiro de 2013, à seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Claudia Peters Salgado – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Mônica Maria Guimarães SAVEDRA – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Telma Cristina de Almeida Silva Pereira – Suplente externo
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Keyla Cristiani Manfili Fioravante – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus trisavós Lorenz Schuchter (1822-1877), Krezenz Hagele, Frederico Winter (1839-1918) e Catharina Quilher (1853-1896) (*in memoriam*), aos meus bisavós João Schuchter (1872-1949), Anna Catharina Winter Schuchter (1888-1959), Guilherme Schepper e Anna Schepper (*in memoriam*), aos meus avós Mercedes Schepper (1927-2009) e Norberto Vicente Schuchter (1927-1982) (*in memoriam*), e a minha mãe Ana Lúcia Schuchter Soares (★1949), alemães e descendentes que lutaram para encontrar seu espaço nesta terra.

À Cecília Hagler (*in memoriam*), que nos concedeu uma entrevista antes de partir e que faz muita falta por aqui.

A todos os descendentes de alemães de Juiz de Fora, em especial aos das famílias Schuchter, Schepper, Winter, Quilher, Eiterer, Peters, Dilly, Scoralick, Weiss, Hagler¹, Scheffer, Schaefer, Thielman, Gerheim, Brugger, Lawall, Zigler, Keller, Kelmer, Brandel, Ezel, Mitterhoffer e Goliath que tiveram sua participação direta ou indireta nesta pesquisa.

À minha filha Letícia Schuchter de Oliveira, principal motivação para tudo aquilo que construí e que ainda construirei em minha vida.

¹ A grafia dos sobrenomes corresponde ao que foi registrado na cidade nos dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por estar ao meu lado quando batia o cansaço.

À minha orientadora Ana Claudia Peters Salgado, pelo esforço com que conduziu este trabalho, e por abrir tantas portas com oportunidades de crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Às amigas Rosângela Batista Monteiro, Profa. Luciana Teixeira e Profa. Cristina Name do PPG-Linguística da UFJF, pelo carinho com que atenderam as minhas solicitações e dúvidas, assim como as de meus colegas.

Aos professores responsáveis pelas disciplinas do mestrado em Linguística da UFJF, por apresentarem novos caminhos e oportunidades de desenvolvimento intelectual.

À minha família e aos meus amigos, pelos bons momentos que me deram ânimo, e pelos ruins que me ensinaram a superar.

À minha irmã Vanessa, à minha mãe Ana Lúcia, e às amigas Lílian Cristina de Oliveira e Janaína Cardoso Efério, por se dedicarem com tanto carinho a minha filha.

Ao meu marido André Vinícius, que compreendeu minhas ausências e auxiliou-me sempre que necessário.

À amiga Tatiane Abrantes, por dividir momentos tão especiais de nossas vidas.

À amiga Dalva Weiss, pelas caminhadas ao sol e pela companhia em várias entrevistas que compuseram essa dissertação.

Aos amigos Aloísio, Vilma e Vanuza Gerheim pelo auxílio na busca por nossos antepassados.

Aos descendentes de alemães dos bairros São Pedro e Borboleta, pelas entrevistas que foram essenciais para esta pesquisa e pela simpatia com que me receberam em suas casas.

Lieb Heimatland, ade!

Nun ade, du mein lieb Heimatland,
Lieb Heimatland, ade!
Es geht jetzt fort zum fremden Strand,
Lieb Heimatland, ade!
/:Und so sing' ich denn mit frohem Mut,
Wie man singet wenn man wandern tut:
Lieb Heimatland, ade!:/

Querida pátria, adeus!

Agora adeus, minha querida pátria,
Querida pátria, adeus!
Seguimos agora por mares
desconhecidos,
Querida pátria, adeus!
/:E assim eu canto com ânimo alegre,
Como se canta quando se emigra:
Querida pátria, adeus!:/

(Canção folclórica In: DAMKE, 2010)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir o apagamento dos traços língua-cultura-identidade alemães em Juiz de Fora/MG. A partir de pesquisa etnográfica, com a realização de entrevistas semi-estruturadas, bem como de pesquisa documental, procuramos, com o aporte teórico da Ecolinguística (MUFWENE, 2001, 2008; COUTO, 2007, 2009), explorar e refletir sobre os possíveis aspectos ecológicos que podem ter influenciado esse apagamento linguístico-cultural na cidade, em meio ao processo de adaptação dos imigrantes à nova terra. O que acreditamos, portanto, é que esse apagamento se deu através de um processo longo e gradual, influenciado por vários fatores, inclusive pela hegemonia da língua portuguesa. Tal situação mostra-se bastante oposta ao que aconteceu em outras regiões do país, em que há visíveis marcas das variedades de língua alemã em seus dialetos (BORSTEL, 2011; PEREIRA, 2005), bem como heranças culturais dos imigrantes. Nesse sentido, este trabalho tem os seguintes objetivos principais: (i) identificar quais variedades de língua alemã chegaram em Juiz de Fora/MG; (ii) rastrear a história dos contatos linguísticos que aconteceram na cidade; (iii) identificar fatores ecológicos que possivelmente tiveram influência no processo de apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora/MG. Dessa forma, buscamos demonstrar que os imigrantes alemães foram levados a (re)construírem suas identidades, deixando para trás, ao longo do tempo, suas origens e, conseqüentemente, suas heranças linguístico-culturais.

Palavras-chave: Ecolinguística. Imigrantes alemães. Perda linguístico-cultural. Pulverização de identidades.

ABSTRACT

The aim of this study is to discuss the deletion of German language, culture and identity traces in Juiz de Fora city, Brazil. By means of ethnographic research, with semi-structured interviews, as well of documental research, and on Ecolinguistics theoretical basis (MUFWENE, 2001, 2008; COUTO, 2007, 2009), we investigate and reflect on the possible ecological aspects that influenced this linguistic and cultural deletion in the city during the adaptation process of the immigrants to the new land. Therefore, we believe that this deletion happened as a long and gradual process, influenced by several factors, including the hegemony of Portuguese language. Such a situation is quite different from what happened in other parts of Brazil, where there are visible marks of German varieties in their dialects (BORSTEL, 2011; PEREIRA, 2005), as well as many cultural heritages from the immigrants. In this sense, this work has the following main objectives: (i) to identify which varieties of German language arrived in Juiz de Fora; (ii) to trace the history of the linguistic contacts that took place in the city; (iii) to identify ecological factors that possibly influenced the deletion process of the varieties of the German language that arrived in Juiz de Fora. Thus, this study demonstrates how German immigrants German immigrants were taken to (re)construct their identities, leaving behind their origins and hence their linguistic and cultural heritages over time.

Keywords: Ecolinguistics. German immigrants. Linguistic and cultural loss. Identity pulverization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados sobre a imigração alemã em Juiz de Fora (CLEMENTE, 2008)	55
Quadro 2 - Línguas faladas pelos imigrantes alemães em Juiz de Fora/MG	56
Quadro 3 - Perguntas feitas aos descendentes de alemães de Juiz de Fora	71
Quadro 4 - Entrevista (015) – Fragmento de narrativa (1)	77
Quadro 5 - Entrevista (009) – Fragmento de narrativa (1)	78
Quadro 6 - Entrevista (012) – Fragmento de narrativa (1)	79
Quadro 7 - Entrevista (009) – Fragmento de narrativa (2)	80
Quadro 8 - Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (1)	81
Quadro 9 - Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (2)	81
Quadro 10 - Entrevista (014) – Fragmento de narrativa (1)	83
Quadro 11 - Entrevista (014) – Fragmento de narrativa (2)	87
Quadro 12 - Entrevista (004) – Fragmento de narrativa (1)	88
Quadro 13 - Entrevista (013) – Fragmento de narrativa (1)	89
Quadro 14 - Entrevista (005) – Fragmento de narrativa (1)	89
Quadro 15 - Entrevista (014) – Fragmento de narrativa (3)	90
Quadro 16 - Entrevista (011) – Fragmento de narrativa (1)	92
Quadro 17 - Entrevista (004) – Fragmento de narrativa (2)	93
Quadro 18 - Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (3)	94
Quadro 19 - Entrevista (003) – Fragmento de narrativa (1)	95

Quadro 20 - Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (4)	96
Quadro 21 - Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (5)	96
Quadro 22 - Entrevista (004) – Fragmento de narrativa (2)	97
Quadro 23 - Entrevista (012) – Fragmento de narrativa (2)	98
Quadro 24 - Entrevista (007) – Fragmento de narrativa (1)	98
Quadro 25 - Fatores ecológicos que influenciaram o apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora/MG	108
Quadro 26 - Entrevista (004) – Narrativa (3)	110
Quadro 27 - Entrevista (014) – Narrativa (4)	112
Quadro 28 - Entrevista (003) – Narrativa (2)	112
Quadro 29 - Entrevista (003) – Narrativa (3)	132

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico sobre o nível de conhecimento de cinquenta descendentes de alemães de Juiz de Fora/MG	19
Figura 2 - Placa de Identificação da Avenida Jacob Lawall, no bairro Borboleta	20
Figura 3 - Mapa do território do Reich no ano de 1815 (TAYLOR, 1962, p. 47)	57
Figura 4 - Mapa das principais variedades de língua alemã faladas no ano de 1910	58
Figura 5 - Mapa do Brasil com a localização da cidade de Juiz de Fora	61
Figura 6 - Mapa atual da cidade de Juiz de Fora dividida em zonas	62
Figura 7 - Mapa atual da zona oeste da cidade de Juiz de Fora	63
Figura 8 - Situação geográfica da extinta colônia D. Pedro II no ano de 1959 (STEHLLING,1979, p. 194)	64
Figura 9 - Livreto bilíngue família Winter (século XIX)	85
Figura 10 - Cervejaria Barbante (2012)	100
Figura 11 - Casa construída no final do século XIX por Sebastião Peters (2012).....	101
Figura 12 - Placa pendurada na casa construída por Sebastião Peters (2012).....	101
Figura 13 - Capela Evangélica Alemã – 1935	102
Figura 14 - Igreja Luterana do Bairro São Pedro (ano de 2012).....	102
Figura 15 - Cartaz de divulgação da 17ª Festa Alemã do bairro Borboleta (2011)	104

Figura 16 - Respostas dos descendentes de alemães à pergunta “Por que a língua alemã desapareceu da cidade de Juiz de Fora?”	109
Figura 17 - O modelo gravitacional de Calvet (1999)	114
Figura 18 - A organização gravitacional das línguas em Juiz de Fora no século XIX	115
Figura 19 - A organização gravitacional das variedades de língua alemã e do português em Juiz de Fora no século XIX	116
Figura 20 - Grupo de alunos da Escola Municipal da Borboleta (ESTEVES, 2008, p 274).....	124
Figura 21 - Boletim de D. D. Zigler (83) - arquivo pessoal, 1938 (2012).....	125

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO SEGUNDO GAGO (2003)

[colchetes]	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
? ,	subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	auto-interrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIÚSCULA	ênfase acentuada.
º	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
ºpalavrasº	trecho falado mais baixo.
palavra:	descida entoacional inflexionada.
palavra:	subida entoacional inflexionada.
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.
th	estalar de língua.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	23
1.1. A Sociolinguística e a percepção da língua socialmente constituída .	24
1.2. O que é Ecolinguística?: diferentes perspectivas acerca das relações entre língua e meio ambiente	26
1.3. A perspectiva ecolinguística no processo de evolução da língua.....	30
1.3.1. Vitalidade e perda linguística.....	34
1.3.2. A hipótese das três gerações.....	37
1.4. O modelo gravitacional de Calvet (1999).....	38
1.5. Os conceitos de língua, dialeto e variedade.....	39
CAPÍTULO 2- A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM JUIZ DE FORA: UM POUCO DE HISTÓRIA.....	42
2.1. A situação socio-histórico-cultural dos Estados do Reich no século XIX.....	43
2.2. A imigração alemã em Juiz de Fora: uma revisão teórica.....	46
2.3.A cidade de Juiz de Fora no século XIX.....	50
2.4.Os imigrantes alemães em Juiz de Fora.....	52
2.4.1. A política de acolhimento e assentamento dos imigrantes	54
2.5. As variedades de língua alemã trazidas pelos imigrantes para Juiz de Fora	54
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	60
3.1 Cenário da pesquisa	60
3.2. Instrumentos de pesquisa	64
3.3. A abordagem qualitativa	65
3.4. A pesquisa documental	67
3.5. A pesquisa etnográfica	69
3.5.1. As entrevistas semi-estruturadas e as narrativas de vida	70

CAPÍTULO 4 – ECOLINGUÍSTICA, CULTURA E IDENTIDADE ALEMÃ EM JUIZ DE FORA	73
4.1. As narrativas de vida e a questão da identidade	74
4.1.2. O que nos contam os descendentes desses imigrantes?	76
4.1.2.1. Quem fala(va) a língua alemã entre os descendentes?.....	77
4.1.2.2. A cultura alemã em meio a esses descendentes nos dias de hoje	91
4.2. Algumas reminiscências da língua/cultura alemã na cidade de Juiz de Fora	99
CAPÍTULO 5 – A SITUAÇÃO ECOLÓGICA DO CONTATO ENTRE AS VARIETADES DE LÍNGUA(S) ALEMÃ EM JUIZ DE FORA NO SÉCULO XIX: ALGUNS POSSÍVEIS MOTIVOS PARA O SEU APAGAMENTO	106
5.1. Por que a língua alemã sumiu em Juiz de Fora?: algumas respostas dos próprios descendentes de alemães.....	108
5.2. Uma possível leitura do modelo gravitacional de Calvet (1999)	114
5.2.1. A hegemonia da língua portuguesa	117
5.3. A multiculturalidade dos imigrantes germânicos e a não identificação coletiva.....	118
5.4. A falta de educação formal bilíngue para os filhos de imigrantes	122
5.5. A assistência religiosa e as variedades.....	126
5.5.1. Os católicos.....	126
5.5.2. Os protestantes	131
5.6. Os conflitos entre Brasil e Alemanha na época da Primeira Guerra Mundial e seus reflexos em Juiz de Fora	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

Para se ter uma noção de quanto contato linguístico ocorre em cada país, a grosso modo, divide-se o número aproximado de línguas que existem no mundo (em torno de sete mil) pelo número de países (cento e noventa e dois). O resultado é uma média de trinta e seis línguas por país, o que evidencia quanta diversidade linguística há no planeta (GROSJEAN, 2010, p. 6). É claro que esse número não traduz totalmente a realidade, uma vez que um mesmo país pode abrigar muitas línguas, assim como o Brasil (com cerca de 200 línguas) e a Índia (com aproximadamente 430 línguas). Nesse mundo plurilíngue, as comunidades linguísticas se superpõem continuamente, e nele, os contatos podem ocorrer a partir de um único indivíduo bilíngue ou de toda uma comunidade (CALVET, 2002, p.35).

Nesse contexto, pode-se dizer que as línguas naturais estão em constante processo de transformação, o que pode resultar em coocorrência ou desaparecimento/surgimento de diferentes construções, ou até mesmo no completo apagamento de uma língua, fenômeno que discutiremos neste trabalho. Nesse sentido, o que defendemos é que tais mudanças, sejam elas estruturais ou não-estruturais, são, na verdade, ocasionadas por um processo de evolução linguística que se dá a partir de condições ecológicas específicas (MUFWENE, 2001, 2008; COUTO, 2007, 2009). Assim, as respostas para diversas questões, tais como: (a) por que uma língua em particular foi reestruturada e de que maneiras específicas?; (b) Por que uma língua específica está em risco?; (c) Por que determinada língua desapareceu?, podem ser evidenciadas através do conhecimento da ecologia dessa língua.

Dessa forma, percorreremos, neste trabalho, um dos possíveis caminhos, entre tantos inseridos no amplo escopo da sociolinguística, a fim de explicarmos nosso objeto de estudo. A motivação para esta pesquisa de cunho exploratório e reflexivo decorre da percepção de que as variedades linguísticas, bem como os traços socioculturais alemães, desapareceram da cidade de Juiz de Fora/MG, apesar de a região ter recebido mais de mil cento e sessenta imigrantes provenientes dos diversos Estados do Reich no ano de 1858 (STEHLING, 1979) – um contingente bastante significativo considerando-se a

população total da cidade na época. Assim, nossa principal questão de pesquisa é: o que aconteceu com essas variedades de língua alemã e com a cultura alemã na cidade?

É relevante destacar, nesse contexto, que utilizamos a denominação “imigrantes alemães” para referirmo-nos aos indivíduos oriundos dos Estados do Reich que se alocaram em Juiz de Fora (bem como “variedades de língua alemã” para suas línguas/seus dialetos), uma vez que a sociedade juizforana assim os reconhece. No entanto, sabemos que o termo “imigrantes germânicos” também seria adequado, considerando que eles não eram originários somente da região que hoje pertence à Alemanha, mas também de partes da Dinamarca, da Holanda, da Áustria etc. Por isso, esse termo poderia representar melhor a grande diversidade linguístico-cultural desses imigrantes, apesar de, nesse conjunto, não ter vindo indivíduos de todos os países considerados, hoje, como parte da Europa germânica.

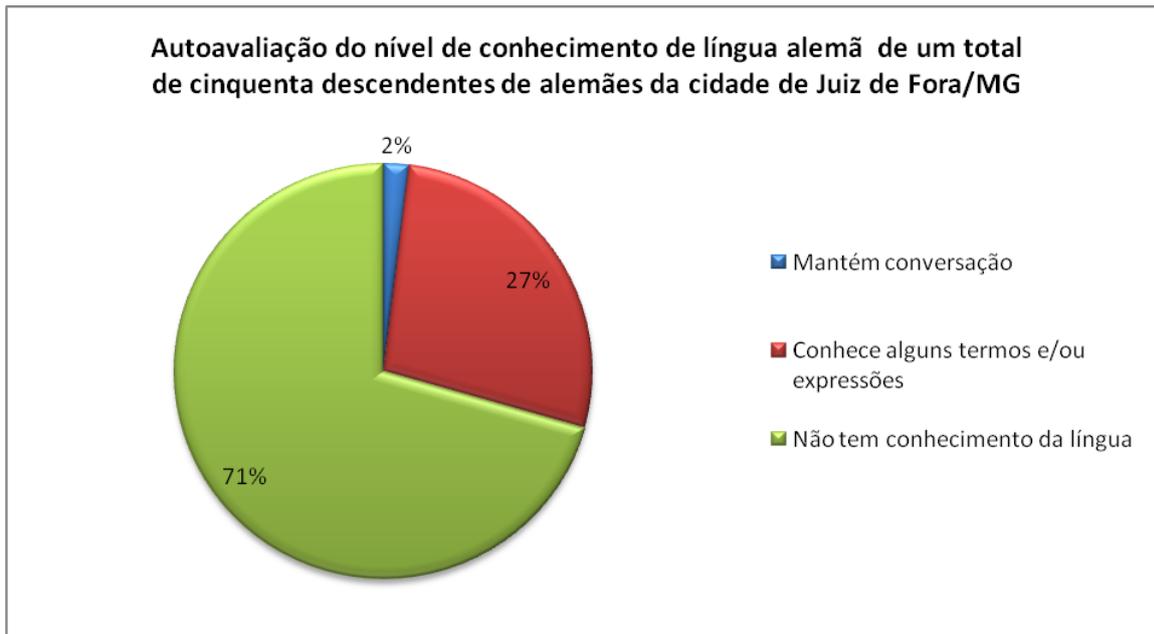
Nesse sentido, nosso objetivo é investigar e analisar, sob um viés qualitativo, quais são os possíveis fatores condicionadores (doravante fatores ecológicos) desse processo de apagamento linguístico-cultural. É importante frisar, entretanto, que nossa preocupação, aqui, não é analisar construções linguísticas do português influenciadas pelas variedades de língua alemã, ou vice-versa, uma vez que elas não existem na língua falada, e nem mesmo na língua escrita – pois, como acreditamos, após intensa investigação, poucos documentos restaram desta época e nenhum deles traz elementos formais verdadeiramente relevantes nesse sentido. Contudo, não consideramos que este trabalho seja menos representativo da Linguística, enquanto ciência, uma vez que, como defende Gumperz (1971, p. 184), “um repertório verbal é potencialmente mais extenso do que uma “língua”, considerando que ele só é constituído a partir de significantes contribuições da situação social e dos objetivos comunicativos do uso individual da língua”. E assim como afirma Rymes (2010, p. 529), o que é denominado “língua” é “apenas um aspecto de uma categoria mais ampla e mais comunicativamente relevante, que é o repertório comunicativo”.

Por isso, nosso estudo tem como foco não os aspectos intralinguísticos, mas sim os fatores sócio-histórico-culturais (indissociáveis da “língua”), que tiveram influência sobre o repertório linguístico dos descendentes de alemães

da cidade de Juiz de Fora. Dessa forma, conforme verificamos, atualmente parece não haver marcas das variedades de língua alemã na variedade linguística juizforana, em quaisquer níveis – morfológico, sintático, fonético etc. Além disso, não se formaram comunidades que falem dialetos aproximativos da língua alemã (o *Brasildeutsch*, o *Hunsrückisch* e o *Pomerano*, por exemplo), como é o caso da região Sul do Brasil e do Espírito Santo. Também não há conhecimento de famílias descendentes de imigrantes alemães que sejam falantes da variedade linguística de seus antepassados e que a utilizem em casa ou para contatos sociais. É claro que há pessoas na cidade que têm conhecimento do alemão padrão (*Hochdeutsch*), porém, também não há indícios de indivíduos que o utilizem para atos comunicativos na comunidade.

Assim, para ilustrarmos nosso objeto de estudo, realizamos uma pesquisa inicial com cinquenta descendentes de imigrantes, de 20 a 100 anos, dos bairros São Pedro e Borboleta (localizados na região em que foi instalada a antiga Colônia Alemã D. Pedro II, sobre a qual falaremos no Capítulo 3), que deveriam responder somente à seguinte pergunta: “Qual é o seu nível de conhecimento da língua alemã?”. Assim, de acordo com o gráfico apresentado na Figura (1), pode-se perceber que 71% dos participantes consideram que não têm conhecimento algum de qualquer variedade de língua alemã. Quanto aos 27% que consideram conhecer alguns termos e/ou expressões da língua, todos têm mais de 65 anos. Em relação aos 2% que alegam serem capazes de manter uma conversação, a esses foi perguntado onde utilizam a língua, e eles alegam não a utilizarem há muitos anos.

Figura (1): Gráfico sobre o nível de conhecimento de cinquenta descendentes de alemães de Juiz de Fora/MG



Todavia, é possível notar, ainda, algumas poucas reminiscências da imigração alemã em Juiz de Fora, o que inclui resquícios de arquitetura, nomes de ruas, sobrenomes de descendentes e estabelecimentos comerciais (sobre os quais falaremos mais detalhadamente no Capítulo 4). No que se refere aos nomes de ruas com traços alemães, por exemplo, há apenas ocorrências de nomes de pessoas, especialmente nos bairros São Pedro e Borboleta, em homenagem aos imigrantes e seus descendentes. Assim, contabilizamos 93 ruas com antroponímia alemã, entre um total de 4.300 ruas existentes na cidade de Juiz de Fora, em um levantamento realizado a partir da Lista Telefônica da cidade, disponibilizada pela Guiatel S/A.

Na Figura (2), pode-se verificar a placa de identificação da rua Jacob Lawall, no bairro Borboleta. É relevante destacar que o agricultor Jacob Lawall foi um dos imigrantes provenientes do estado de *Hessen-Darmstadt*, que embarcou para o Brasil em 17 de maio de 1858, no navio *Gessner*, juntamente com sua família. Ele tinha, na época, apenas 14 anos de idade (CLEMENTE, 2008, p. 253) e, conforme indicado na placa, tornou-se, mais tarde, um “mestre em tinturaria”.

Figura (2): Placa de Identificação da Avenida Jacob Lawall, no bairro Borboleta



Assim, o quadro que descreveremos se mostra bastante distinto do que ocorreu em outras regiões do país, as quais também receberam imigrantes alemães e que conservam, ainda hoje, muitos de seus traços linguístico-culturais. Várias pesquisas já foram realizadas nessas regiões (SPINASSÉ, 2008; FRITZEN, 2008; MEYER, 2009; BORSTEL, 2011; HÖHMANN, 2009) com o intuito de se verificar as influências que as variedades de língua alemã exerceram sobre alguns dialetos. Entretanto, não há descobertas efetivas que contemplem as regiões em que houve o apagamento dessas variedades.

Desse modo, este trabalho tem os seguintes objetivos:

- (i) Identificar quais variedades de língua alemã possivelmente chegaram em Juiz de Fora/MG.
- (ii) Rastrear a história dos contatos linguísticos que envolveram as variedades de língua alemã na cidade.
- (iii) Identificar fatores ecológicos que possivelmente tiveram influência no processo de apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora/MG.

Nesse sentido, as principais etapas para a realização desta pesquisa foram: (a) revisão bibliográfica acerca de conceitos da Sociolinguística e da Ecolinguística; (b) coleta de registros escritos nos arquivos da Congregação Redentorista da Província do Rio, do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly, do

Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora, do Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF) e de arquivos pessoais dos descendentes de alemães de Juiz de Fora; (c) realização de entrevistas semi-estruturadas, com vistas à coleta de narrativas de vida de descendentes de imigrantes alemães com faixa etária de sessenta a cem anos; (d) levantamento dos fatores ecológicos que podem ter influenciado no apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora; (e) análise qualitativa das informações levantadas pelo processo de investigação.

A fim de cumprirmos as etapas traçadas acima, serão sintetizados, a seguir, os objetivos específicos de cada um dos cinco capítulos que integram este trabalho.

No Capítulo 1, apresentaremos o aporte teórico deste trabalho, tratando, num primeiro momento, de aspectos relacionados à sociolinguística, através de autores como Trudgil (2000) [1974], Bright (1966), Herk (2012), Labov (1972) e Calvet (2002). Nesse sentido, falaremos da área de atuação da sociolinguística, bem como de seu surgimento na segunda metade do século XX. Num segundo momento, apresentaremos a ecolinguística, a partir das perspectivas de autores como Haugen (1971), Couto (2007, 2009), Fill e Mühlhäusler (2001 [1998]), Mufwene (2001, 2008) e Calvet (2004, 2005) acerca das relações entre língua e meio ambiente. Num terceiro momento, discutiremos o ponto de vista ecolinguístico sobre processo de evolução da língua – entendido como aquele em que se dá a seleção de uma variante em detrimento da outra –, baseando-nos principalmente nos trabalhos de Mufwene (2001, 2008) e Couto (2007, 2009). Trataremos, também, da questão da vitalidade e da perda linguística, bem como da Hipótese das Três Gerações (COUTO, 2009; DE HERÉDIA, 1989), que serão bastante relevantes no decorrer deste trabalho. Num quarto momento, abordaremos o modelo gravitacional de Calvet (1999), em que são ilustradas as relações de poder entre as línguas. Já num quinto momento, debateremos os conceitos de língua, dialeto e variedade (RAJAGOPALAN, 1997; GUIBAN, 2009; MANÉ, 2012) e sua implicação neste trabalho.

No Capítulo 2, traremos algumas informações sobre a história da imigração alemã, o que inclui a situação sócio-histórico-cultural dos Estados do

Reich e da cidade de Juiz de Fora/MG no século XIX, bem como aspectos sobre a chegada dos imigrantes e as línguas trazidas por eles para a cidade.

Já no Capítulo 3, apresentaremos a metodologia escolhida para a realização desta pesquisa. Assim, falaremos do cenário de pesquisa, que é a cidade de Juiz de Fora, e principalmente das áreas dos bairros São Pedro e Borboleta (ocupadas pela extinta Colônia Alemã D. Pedro II no século XIX). Também descreveremos os instrumentos de pesquisa e discutiremos a abordagem qualitativa, o que inclui sua história e suas principais características. Além disso, trataremos da pesquisa documental e de seu papel na constituição deste trabalho, bem como da pesquisa etnográfica e, portanto, das entrevistas semi-estruturadas realizadas com descendentes dos imigrantes alemães de Juiz de Fora maiores de sessenta anos. Para a realização das entrevistas agendamos, por telefone, com os informantes, horário e local para a gravação em áudio das mesmas. Seguiu-se, a essa etapa, a transcrição dessas entrevistas.

No Capítulo 4, por sua vez, discutiremos a atual situação ecológica da língua/cultura/identidade alemã em Juiz de Fora/MG, através da análise de fragmentos de narrativas presentes nas entrevistas realizadas com os descendentes dos alemães da cidade de Juiz de Fora. Ainda, estarão incluídas algumas percepções da pesquisadora no que se refere aos últimos resquícios da língua/cultura/identidade alemã na cidade.

No Capítulo 5, trataremos dos aspectos ecológicos que acreditamos estar envolvidos no processo de apagamento dos traços língua-cultura-identidade alemães em Juiz de Fora, no século XIX e no começo do século XX, baseando-nos em revisão bibliográfica, bem como em documentos encontrados em arquivos históricos e nas entrevistas realizadas com os descendentes de alemães da cidade.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico desta pesquisa – a sociolinguística e a ecolinguística –, em consonância, especialmente, com os conceitos de Haugen (1971), Mufwene (2001, 2008), Couto (2007, 2009) e Calvet (2004, 2005).

Partindo do pressuposto de que as mudanças, sejam elas estruturais ou não-estruturais, são ocasionadas por um processo de evolução linguística, buscamos organizar este capítulo de forma a apresentar alguns conceitos ecolinguísticos necessários para o entendimento desta pesquisa.

Assim, na primeira seção, trataremos da sociolinguística, de maneira geral, apresentando alguns conceitos e um pouco de sua história. Já na segunda seção, apresentaremos a ecologia linguística de Haugen (1971) e suas peculiaridades no que diz respeito a uma visão diferenciada da língua enquanto objeto social, representada pela analogia epistemológica de conceitos das ciências biológicas com os da linguística.

Na terceira seção, por sua vez, discutiremos a perspectiva ecolinguística acerca do processo evolutivo de uma língua, destacando conceitos como os de *ecologia*, de *adaptação* e de *competição-e-seleção*. Num segundo momento, discorreremos sobre *vitalidade* e *perda linguística*, com o intuito de evidenciar o quanto uma língua é dependente da vida de seus falantes e das condições por eles proporcionadas para o seu desenvolvimento ou o seu apagamento. Já num terceiro momento, trataremos da *Hipótese das Três Gerações*, defendida por Couto (2009), em que se acredita que há uma frequência de comportamentos sociolinguísticos numa situação em que um povo migra de sua região para outra onde há uma língua já estabilizada.

Na quarta seção, por sua vez, apresentaremos o modelo gravitacional de Calvet (1999), representativo das relações de poder, do ponto de vista sócio-político-econômico, que se estabelecem em situações de contato linguístico. Na quinta e última seção, discutiremos as aproximações e os

distanciamentos teóricos entre língua, dialeto e variedade linguística, conceitos sobre os quais nos apoiaremos durante o desenvolvimento deste trabalho.

1.1. A Sociolinguística e a percepção da língua socialmente constituída

Segundo Trudgil (2000 [1974], p. 1), em um conversa informal, não há como evitar que um interlocutor perceba pistas sobre o outro, como, por exemplo, a origem e o tipo de pessoa. Nesse contexto, dois aspectos de comportamento da linguagem são bem importantes sob o ponto de vista social: (i) a função da linguagem de estabelecer relações entre os indivíduos e (ii) o papel da linguagem de transmitir informações sobre o falante. Assim, ainda para o autor, um interlocutor, ao procurar “pistas” na linguagem sobre o outro, está considerando que pessoas de diferentes mundos de experiência sociais e geográficos usam diferentes tipos de linguagem.

As variações nas diferentes línguas naturais motivadas por aspectos sócio-histórico-culturais, bem como as relações que se estabelecem entre elas, o mundo e o(s) seu(s) falante(s), fazem parte do escopo teórico da sociolinguística. No entanto, de acordo com Bright (1966), a sociolinguística “não é fácil de definir com precisão”; afinal, são muitos os referenciais teóricos e os temas de pesquisa relacionados ao mote linguagem e sociedade. Nesse sentido, não ambicionamos fornecer, aqui, uma definição estrita para essa ciência, mas sim discutir alguns aspectos relevantes para a compreensão de uma concepção de língua enquanto objeto social.

Neste contexto, a sociolinguística pode ser entendida como uma subárea da Linguística que estuda o uso da língua particularizado pelas experiências e compreensões do mundo compartilhadas por um grupo específico. Assim, as possíveis formas de se utilizar uma língua levam os indivíduos a definirem e/ou reforçarem sua posição naquele grupo social (HERK, 2012, p. 10).

Nesse contexto, mostra-se relevante a interface entre a Linguística e outras ciências que estudam a coletividade – tais como a história, a sociologia, a geografia e a psicologia, por exemplo – considerando que os indivíduos e suas relações sociais motivam os processos de variação e mudança que se

estabelecem em uma dada língua. Isso quer dizer que um dos princípios básicos da sociolinguística é de que as línguas/variedades não são realidades estáticas e homogêneas, mas estão em constante processo de reestruturação, diretamente vinculado às transformações dos padrões socio-histórico-culturais de uma dada comunidade linguística.

De acordo com Calvet (2002, p. 30-31), o ano de 1964 marca o nascimento da sociolinguística², quando vinte e cinco pesquisadores se reuniram na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, para a realização de uma conferência. Entre eles estavam Henry Hoenigswald, John Gumperz, Raven McDavid Jr., William Labov, Dell Hymes, John Fisher, William Samarin, Paul Friedrich, Andrée Sjoberg, José Pedro Rona, Gerald Kelley, Charles Ferguson e Einar Haugen (sobre o qual falaremos especialmente na seção 1.2), cujas pesquisas eram variadas por advirem de especialidades bastante diferentes, tais como a geografia linguística, as mudanças históricas, as línguas em contato, o planejamento linguístico e a etnografia. Na verdade, esses estudiosos não se uniam exatamente por seus temas ou referenciais teóricos, mas sim pela vontade de apresentar uma alternativa ao predomínio mundial de uma Linguística cada vez mais formal – representada principalmente pelas pesquisas de Chomsky, o que quer dizer que se voltavam para a produção de modelos explicativos abstratos sobre a competência linguística de um falante-ouvinte-ideal³.

No entanto, a relação da sociolinguística com a sociologia e/ou com a antropologia somente começou a desaparecer com os estudos de Labov (1972). Para ele, a sociolinguística é a linguística, i.e., não seria possível uma distinção entre uma linguística geral – que estudaria as línguas – e uma sociolinguística – que levaria em conta o aspecto social dessas línguas. De suas pesquisas nasceu a corrente conhecida como “linguística variacionista”

² Antes disso, Meillet (1906 *apud* Calvet, 2002, p. 13), em oposição às teorias de Saussure (1916), já defendia que não é possível a compreensão dos fatos da língua sem a história. Para ele, ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Saussure (1916) a privava da realidade, reduzindo-a a uma abstração inexplicável.

³ Chomsky (1957, 1965, 1986, 1995, 2000) inaugurou a teoria gerativista, parte do formalismo linguístico. Assim, entre outras coisas, o autor propõe a dicotomia *competência x desempenho*, concebendo competência como um tipo de Gramática Universal (GU) – uma gramática interna ao falante, o qual possuiria um conhecimento inato no que se refere à língua. Já o desempenho configuraria o uso efetivo que o falante faz dessa língua internalizada em situações concretas.

(CALVET, 2002, p. 32-33), referencial teórico para trabalhos sobre variações e mudanças linguísticas no Brasil e no mundo.

A partir da década de 1970, a sociolinguística tem avançado e encontrado novos caminhos para a compreensão de seus objetos de estudo. Neste trabalho, sobretudo, optamos pelos apontamentos teóricos da Ecolinguística (MUFWENE, 2001, 2008; COUTO, 2007, 2009), que se configura como parte do escopo da sociolinguística e que considera alguns conceitos linguísticos em paridade com os das ciências biológicas. Destacamos, portanto, que nossa perspectiva acerca da língua perpassa principalmente fatores extralinguísticos, aqueles que dizem respeito ao meio ambiente (o que inclui aspectos da comunidade de fala, a situação de uso, o propósito da interação etc.) e aos indivíduos que a utilizam. Isso quer dizer que não há espaço, aqui, para a noção de língua enquanto estrutura, desvinculada de aspectos sócio-histórico-culturais; pelo contrário, buscamos justamente compreender essas motivações sócio-histórico-culturais das transformações que se estabelecem em uma dada língua. O que propomos, portanto, é uma forma de entender a língua e suas relações internas (endoecologia) e externas (exoecologia) através de uma metáfora biológica, a qual possibilita uma reflexão acerca das peculiaridades dessas relações linguísticas, tal como veremos na próxima seção.

1.2. O que é Ecolinguística?: diferentes perspectivas acerca das relações entre língua e meio ambiente

Einar Haugen, professor das Universidades de *Harvard* e de *Wisconsin-Madison*, publicou, no ano de 1971, seu trabalho *The ecology of language*. Nesse momento, o autor instituiu o modelo teórico *ecologia linguística*, que se referia a um novo estudo acerca das inter-relações que se estabeleciam na mente humana e em comunidades multilíngues. Para ele, os linguistas da época ainda estavam muito ligados somente à fonologia, à gramática e ao estudo lexical, deixando de lado outros aspectos essenciais à análise (HAUGEN, 1971, p. 325), aqueles que dizem respeito ao que está para além da estrutura de uma língua. Esses aspectos, muitas vezes, eram recusados

pelos linguistas e acabavam sendo pesquisados apenas pelos não-linguistas, tais como sociólogos, cientistas políticos, antropologistas, historiadores e psicólogos.

Ainda segundo Haugen (1971, p. 325), a ecologia linguística pode ser definida como “o estudo das interações entre qualquer língua e seu meio ambiente”, considerando como meio ambiente todo o mundo referencial do qual a língua provém e no qual se desenvolve; para ele, esse é, na verdade, a sociedade que utiliza uma dada língua.

Assim, de acordo com o autor, parte dessa ecologia é psicológica, i.e., constitui-se do intercâmbio com outras línguas nas mentes dos falantes bilíngues. No entanto, é relevante observar que, segundo Couto (2007, p. 21), nenhum ecolinguista de que se tem notícia se dedica às relações entre língua e meio ambiente mental, mas apenas entre língua e meio ambiente social. Logo, retomando Haugen (1971, p. 325), a outra parte da ecologia é sociológica, i.e., está ligada à interação de uma língua com a sociedade em que atua como meio de comunicação. Essa ecologia é primeiramente determinada pelos indivíduos que aprendem, utilizam e transmitem uma língua aos outros.

Nesse contexto, ainda é relevante considerar que, para Haugen (1971), o termo ecologia diz respeito somente ao ambiente social em que uma dada língua é falada, i.e., às condições socioeconômicas que favorecem ou desfavorecem o uso de uma língua em particular. No entanto, para Mufwene (2008), sobre o qual falaremos na próxima seção, o termo ecologia inclui diversos outros fatores que determinam a evolução de uma língua, sejam eles externos ou internos a ela (conforme demonstraremos no Capítulo 5), tais como o tamanho da população, as necessidades do habitat, a variação genética, as diferenças nas condições iniciais, os eventos estocásticos, as subdivisões espaciais etc.

É interessante ressaltar, também, que Haugen (1971, p. 326) defende a utilização metafórica de conceitos da biologia para explicar conceitos linguísticos complexos, considerando o fato de que já foram criados outros tipos de analogias dentro da ciência linguística. O autor cita, por exemplo, o paralelo entre uma língua e uma “ferramenta” ou um “instrumento de comunicação”, comparando-a, nesse sentido, a um martelo ou a um computador; menciona, também, a ideia de “estrutura”, tão utilizada para se

referir à língua por si mesma, que pode ser comparada com um algo concreto em que cada parte depende da outra (a torre Eiffel, por exemplo). Assim, para ele, é importante reconhecer que essas metáforas têm um valor heurístico (HAUGEN, 1971, p. 326-327), mesmo que não sejam capazes de explicar todos os aspectos da língua.

Ainda sobre Haugen (1971), de acordo com Fishman (1973, p. 75), de todos os linguistas americanos, ele representava, na época, um dos mais produtivos interesses na vertente *língua e sociedade*, com inúmeros trabalhos relacionados a movimento linguístico, planejamento, manutenção, mudança linguística, bilinguismo social, entre outros assuntos ligados aos aspectos sócio-histórico-culturais de uma dada língua. Entre eles, podemos citar *Languages and Immigration* (1938), *Problems of Bilingualism* (1950), *Language Planning in Modern Norway* (1961) e *Dialect, Language, Nation* (1966).

Nas décadas seguintes à publicação de *The Ecology of Language* (HAUGEN, 1971), o escopo de aplicação do conceito de ecologia linguística se expandiu drasticamente (FILL & MÜHLHÄUSLER, 2001 [1998], p. 1). Atualmente, conceitos como meio ambiente, diversidade, inter-relações, *competição-e-seleção* etc., são utilizados tanto na análise do discurso, quanto na pesquisa sobre ensino, no estudo de línguas em contato, e ainda em outras subdivisões que fazem parte do escopo da sociolinguística. Ainda que para Haugen (1971, p. 328) “o nome do campo de estudo fosse de pequena importância”, uma vez que o que realmente importa é “a compreensão da interação entre a língua e seus usuários”, essas diferentes abordagens se uniram sob a designação “Ecolinguística” na década de 1990.

No que se refere às subdivisões da Ecolinguística, não há um consenso entre os vários pesquisadores. Fill & Mühlhäusler (2001 [1998]), por exemplo, sugerem três diferentes vertentes: (i) Metáfora ecológica, (ii) Língua e meio ambiente e (iii) Ecolinguística Crítica. A metáfora ecológica, segundo eles, pode ser usada em qualquer subárea da linguística, e foi explorada, principalmente, por Haugen (1971), Denison (1982), Mackey (1980) and Fill (1987). Já o escopo língua e meio ambiente está relacionado ao relativismo linguístico, baseando-se na hipótese Sapir-Whorf, datada da década de 1930. Dessa forma, acredita-se que a língua de uma pessoa influencie a maneira com que essa percebe e interage com o mundo. Assim, considerando que os termos

“natureza” e “paisagem”, por exemplo, seriam culturalmente construídos, e que todo discurso sobre fenômenos naturais seria altamente seletivo, diz-se que o prejuízo ao meio ambiente biológico poderia ser causado, em partes, pela linguagem. Já a Ecolinguística Crítica é voltada para a Análise do discurso, estudando as relações entre o texto e o meio ambiente físico. Dentre outras coisas, observa-se o uso de eufemismos em um debate sobre energia nuclear, por exemplo, e a pobreza de expressões em discursos ambientalistas no geral.

Já Couto (2007, 2009) defende, em seu livro *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente* (2007), quatro áreas de interesse para a Ecolinguística, que são: (i) Ecolinguística; (ii) Ecologia linguística; (iii) Ecologia da língua; (iv) Ecologia das línguas. Para ele, a primeira é um termo geral para designar o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Já a Ecologia linguística pode ser entendida como o estudo das relações entre língua e questões ecológicas, tais como diversidade e problemas ambientais. A ecologia da língua, por sua vez, diz respeito ao estudo das relações entre língua e meio ambiente (social, mental e físico). Quanto ao termo ecologia das línguas, esse se constitui como o estudo das inter-relações entre as línguas, tais como pidginização, crioulização, obsolescência e morte de língua, empréstimo etc. (COUTO, 2007, p. 42).

Segundo Couto (2007, p. 42), há ainda “algumas áreas de estudo que surgiram antes e independentemente da ecolinguística, mas cujo objeto se enquadra no seu âmbito de interesse”. É o caso da *ethnoecologia* e da *etnobiologia*, que tratam, de maneira geral, do conhecimento que as comunidades têm sobre o respectivo meio ambiente. A língua faz parte deste escopo, uma vez que são considerados, entre outras coisas, os nomes tradicionais para os fenômenos ambientais.

Makkai (1972 *apud* COUTO, 2007, p. 42-43), por sua vez, diz que a ecolinguística se subdivide em (i) *endoecológica* e (ii) *exoecológica*. Para ele, a linguística endoecológica está relacionada aos estudos intralinguísticos, que dizem respeito aos aspectos da língua em diferentes níveis, tais como a morfologia, a sintaxe, a fonologia e o léxico. Já a linguística exoecológica trataria de todos os assuntos externos à estrutura linguística, i.e., questões de diversidade, de contato linguístico, de morte de língua etc.

É interessante citar, ainda, Calvet (2004, p. 35), que defende que, em seu trabalho, a referência à ecologia não é sinônimo de defesa de línguas ameaçadas, mas sim de busca por um modelo explicativo das relações que se estabelecem entre língua e meio ambiente social. Neste trabalho, também utilizamos essa perspectiva, uma vez que não defendemos uma possível “restauração” das variedades de língua alemã que desapareceram em Juiz de Fora, mas sim buscamos explicações para essa situação de multilinguismo e seus resultados.

Ainda para o autor, a Ecolinguística supõe diferentes níveis de análise. Para descrevê-la, seria preciso utilizar-se de um modelo baseado no pressuposto de que as línguas se relacionam entre si por meio dos falantes bilíngues, e que os sistemas de bilinguismos, sua gradação, permite-nos considerar suas relações de poder em termos gravitacionais (CALVET, 2005, p. 1). O modelo gravitacional para as línguas em contato será tratado, especificamente, na Seção 1.4.

A partir dessas considerações, discutiremos, na próxima seção, a perspectiva que adotamos neste trabalho, baseada principalmente em Mufwene (2001, 2008), Couto (2007, 2009) e Calvet (1999, 2002) acerca da relação metafórica entre língua e meio ambiente e do processo de evolução linguística.

1.3. A perspectiva ecolinguística no processo de evolução da língua

A Ecolinguística tem sido considerada, nos últimos anos, como um novo ramo da Linguística. Por isso, nesta seção, apontamos alguns traços caracterizadores daquilo a que se referem como uma nova forma de conceber as línguas em suas especificidades. Ao fazê-lo, serão utilizados como referência alguns conceitos originários da *Ciência da Vida*, já que a Ecolinguística, na verdade, é um tipo de ligação entre duas disciplinas: a Linguística e a Biologia (COUTO, 2009, p. 15). Assim, para a devida compreensão da analogia epistemológica entre uma língua e uma espécie, mostra-se relevante, antes de tudo, falar sobre alguns desses conceitos cunhados nas ciências biológicas.

O conceito central de ecologia é o de *ecossistema*, o qual pode ser definido como aquele formado pelos seres vivos e o seu meio ambiente, e todas as suas inter-relações. Segundo Couto (2009, p. 17), o que interessa ao ecólogo não são os *organismos* [ou espécies, como tratamos neste trabalho] vivos em si, mas as inter-relações que existem entre eles, e entre eles e o meio ambiente. Nesse ecossistema, a *diversidade* é parte importante, uma vez que quanto mais espécies houver, mais rico, forte e duradouro ele será. No entanto, essas diferentes espécies só sobrevivem se conseguem se *adaptar* ao meio ambiente, o que pode gerar um processo de *competição-e-seleção*.

Tais conceitos podem ser transportados para o domínio da ciência Linguística. Nesse sentido, devem ser compreendidas as relações que se estabelecem em sociedade (entre os indivíduos, e entre os indivíduos e o seu meio) no âmbito das línguas em/de contato (concebidas como espécies linguísticas, sobre as quais falaremos na seção 1.3.1). Isso porque o que se tem por toda parte parece ser a *evolução* das línguas de um estado para o outro em condições ecológicas distintas – sem que isso sugira qualquer tipo de melhoria, ou uma passagem de um sistema menos complexo para um mais complexo, mas apenas uma mudança (MUFWENE, 2008, p. 11). Haugen (1971, p. 326) também afirma que alguns gramáticos acreditam no contrário, e defendem que novas espécies seriam resultado de um tipo de “progresso” de determinada língua. Ainda segundo o autor,

(...) Outros [gramáticos] vêem a mudança lingüística como uma degeneração da perfeição de um paraíso clássico, que em um mundo imperfeito só poderia ser restaurado a partir da eterna vigilância dos guardiões do bom gosto⁴ (...) (HAUGEN, 1971, p. 326, tradução nossa).

Essa ideia de “prejuízo”, ou de “empobrecimento” de uma língua, pode ser observada, por exemplo, nos trabalhos de Weinreich (1967 [1970]) – o qual defende que o contato de/entre línguas pode causar a “interferência”, fenômeno caracterizado por um “desvio da norma” –, e de Vogt (1954 *apud* WEINREICH, 1967 [1970], p. 01) – que afirma que todo “enriquecimento” ou

⁴ Others looked on language change as a degeneration from the perfection of a classical paradise, which in an imperfection world could only be partially restored by eternal vigilance on the part of the guardians of good taste (HAUGEN, 1971, p. 326, como no original).

“empobrecimento” de um sistema⁵ envolve necessariamente a reorganização das suas antigas oposições distintivas, e que admitir que um dado elemento é simplesmente adicionado a ele sem consequências seria arruinar o próprio conceito de sistema. No entanto, tal como acreditamos, o entendimento do conceito de evolução não deve estar relacionado a prejuízos ou benefícios para uma determinada língua, mas apenas a mudanças que acontecem, de forma gradual, sob condições ecológicas específicas.

Segundo a noção de *evolução darwiniana* (NICHOLS, 1994), a mudança se dá por seleção natural da variação existente. Tal como compreendemos, a seleção de uma variante em detrimento de outra, ao longo do tempo, não diz respeito à sobrevivência da mais “forte”, mas daquela que se adapta ao meio ambiente e às necessidades comunicativas de uma dada comunidade.

Já por *condições ecológicas* entendem-se um conjunto de fatores, sejam eles internos ou externos à língua, que podem influenciar no processo de *competição-e-seleção* de formas linguísticas. Por fatores internos, nesse contexto, entendemos aqueles que estão relacionados à coexistência de unidades e princípios de um sistema linguístico antes e/ou durante a mudança, e por fatores externos, os aspectos socioeconômicos e etnográficos, tais como o estabelecimento do contato e das relações de poder entre os grupos de falantes. No entanto, segundo Mufwene (2008, p. 162), as línguas são geralmente osmóticas e, nesse sentido, a tradicional distinção entre causas intralinguísticas e extralinguísticas de mudanças se mostraria, de certa forma, irrelevante.

O processo de *competição-e-seleção* é essencial para a evolução linguística, em qualquer comunidade e em qualquer tempo. Nenhuma forma de *focusing*⁶ ou mudança acontecerá se não houver interação entre os indivíduos, os quais estabelecem os recursos em competição e têm que se acomodar aos outros indivíduos, abrindo mão de alguns recursos ou aceitando novos, ou mesmo modificando seus respectivos sistemas individuais (MUFWENE, 2008,

⁵ Vogt (1954 *apud* WEINREICH, 1967 [1970], p. 01) adota a mesma concepção de língua de Saussure (1916), em que essa é concebida como um sistema autônomo e descontextualizado, considerado apenas a partir de suas propriedades fonéticas, lexicais e morfossintáticas.

⁶ Segundo Le Page e Tabouret-Keller (1985 *apud* MUFWENE, 2008, p. 151), *focusing* é um processo em que os membros de uma comunidade se comunicam, provavelmente, mais com outro membro do que com não-membros. Dessa forma, por acomodação, alguns recursos ganham vantagem na seleção sobre os outros não selecionados na competição.

p. 151). De acordo com Mufwene (2008, p. 11), as mudanças linguísticas são uma consequência da chamada *replicação imperfeita* de falantes individuais à medida que eles adaptam suas estratégias comunicativas a um outro indivíduo ou a novas necessidades. Por isso, o conceito de *adaptação* está tão presente na evolução das línguas, uma vez que ela pode resultar até mesmo no desaparecimento de diferentes variedades.

Assim, a evolução implica uma sucessão de processos de *reestruturação*, que produzem diferentes caminhos a partir do estágio inicial de uma língua. Esses processos podem consistir não só em reorganização do sistema linguístico, mas também dos princípios pragmáticos que regulam o seu uso, para atender a necessidades específicas de comunicação (MUFWENE, 2008, p. 12).

No entanto, nenhuma forma de mudança ou evolução acontecerá se não houver interação entre os indivíduos. Esses determinam seus recursos em competição e precisam se acomodar aos outros, abdicando de alguns recursos e/ou acolhendo novos, ou mesmo modificando seus sistemas individuais. Dessa forma, defende-se que o contato, que tem sido considerado no nível dos dialetos ou das línguas, começa realmente no nível do idioleto. Nesse contexto, uma língua pode ser entendida como “uma população de idioletos que permitem aos seus usuários se comunicarem e se entenderem⁷” (PERLMAN, 1999 *apud* MUFWENE, 2008, p. 150, tradução nossa).

Aos poucos, as inovações no que se refere aos recursos linguísticos vão se espalhando pela comunidade. Os indivíduos dessa comunidade que participam de redes de interação, em conjunto com aqueles que se dispersam entre diferentes *habitats* da ecologia, propagam tais recursos – como se fossem *germes* – de uma comunidade para a outra (MUFWENE, 2008, p. 151). Esse processo acaba afetando toda uma língua ou grande parte dela, e levando, muitas vezes, a um tipo de reorganização. Neste contexto, os fatores que convergem para a evolução acabam determinando se uma língua prospera ou, se ao contrário, desgasta-se em termos de vitalidade.

⁷ (...) a population of idiolects that enable their hosts to communicate with and understand one another (...) (PERLMAN, 1999 *apud* MUFWENE, 2008, p. 150, como no original).

1.3.1. Vitalidade e perda linguística

Haugen (1971), em sua obra *The Ecology of Language*, mostrou-se interessado na situação de muitas línguas ao redor do mundo, que, segundo ele, poderia ser comparada com a de muitas espécies animais e vegetais, uma vez que também correriam risco de extinção. Adotando uma perspectiva similar, Fill (2001 [1998] *apud* FILL & MÜHLHÄUSLER, 2001 [1998]) afirma que a criatividade da vida está ameaçada pela forma como tratamos a natureza, da mesma forma que a criatividade da língua está ameaçada pelo uso que fazemos dela.

Nesse sentido, é aceito na Linguística, especialmente quando se discute aspectos relacionados às línguas em/de contato, falar-se em *vitalidade e perda de língua*, dos quais trataremos adiante. No entanto, para uma compreensão inequívoca desses conceitos, mostra-se relevante, antes de tudo, discutir a comparação de uma língua com uma espécie biológica e, mais especificamente, com uma espécie parasita.

Tradicionalmente, língua tem sido comparada a organismo. Essa posição tem evitado artificialmente que os linguistas históricos identificassem as causas reais de mudanças internamente motivadas – o que eles consideram ser tipos de mudanças “normais” ou “regulares”, em oposição às mudanças externamente motivadas acionadas pelo contato com uma outra língua (...) a noção de organismo é certamente inconsistentes com a realidade dos idioletos e com o fato de esses variarem entre eles muitas vezes minimamente e talvez insignificamente, mas outras vezes de maneira bastante significativa. (...) Essas observações sustentam a importância de optarmos pela analogia de língua como espécie⁸. (Mufwene, 2008, p. 15-16, tradução nossa)

⁸ Traditionally, a language has been analogized to an organism. This position has artificially prevented historical linguists from identifying the real causes of internally motivated change – what they consider to be “normal” or “regular” kinds of change, in opposition to externally motivated change, triggered by contact with another language. (...) The notion of organism is certainly inconsistent with the reality of idiolects and the fact that these vary among themselves, often minimally and perhaps insignificantly, but sometimes quite significantly. (...) These observations underscore the significance of analogizing a language with a species. (Mufwene, 2008, p. 15-16, como no original)

Para Mufwene (2008, p. 150), assim como uma espécie, que extrapola a existência dos indivíduos, uma língua, como uma propriedade comunal, é uma construção que extrapola os idioletos para compartilhar uma ancestralidade comum e várias características estruturais. Isso se a língua for concebida como um conjunto desses idioletos que adquirem certa homogeneidade quando entram em contato em meio a uma comunidade, uma vez que os indivíduos se adaptam uns aos outros em suas tentativas de se comunicar de forma eficiente. Quando se fala aqui de ancestralidade, estamos tratando da chamada *blending inheritance* (MUFWENE, 2008, p. 126), que diz respeito aos traços herdados da “piscina de genes” dos pais⁹, i.e., às características que são herdadas das línguas com as quais uma dada língua tem relação genética. O que se quer dizer é que, assim como os biólogos reconhecem que, em algumas espécies, os genes são transmitidos dos pais para os filhos, enquanto, em outras espécies, são transmitidos também horizontalmente, envolvendo uma infinidade de contribuintes para a composição genética de cada indivíduo que forma a espécie ao longo do tempo, os linguistas devem reconhecer que a formação de uma língua não se restringe às características herdadas de outras línguas, mas também compreende influências de fatores externos, presentes no meio ambiente em que essa se desenvolve. Isso é o que resulta na chamada *diversidade*.

Quanto à noção de *espécie parasita*, pode-se dizer que essa se mostra uma analogia significativa, uma vez que uma língua não existe sem seus falantes, assim como os parasitas não existem sem seus hospedeiros. Nesse sentido, a vida de uma língua está atrelada e é dependente da vida de seus parasitas, os quais proporcionam muitas das condições ambientais fundamentais para sua sobrevivência e reprodução. Além disso, vários fatores ecológicos que atuam sobre a língua não são propriamente características de seus falantes, mas de outros sistemas parasíticos hospedados pelos mesmos indivíduos, o que incluem a cultura (aspectos como *status*, grau de poder etc.),

⁹ Alguns linguistas, como Weinreich (1967) e Thomason e Kaufman (1991), acreditam em línguas não genéticas, que por terem resultado de contato linguístico, não podem se encaixar no modelo *Stammbaum* de um parente por língua ou família linguística. Assim, para eles, as línguas “puras” poderiam ter apenas um ancestral imediato, que seria a “mãe”. No entanto, defendemos que os sistemas linguísticos podem herdar características genéticas de duas ou mais línguas que entraram em contato, como é o caso dos crioulos, que não são menos normais, menos regulares ou menos naturais que as outras variedades.

bem como diferentes variedades linguísticas. Isso sugere que os parasitas modificam a conduta de seus hospedeiros, ao mesmo tempo em que se adaptam às respostas comportamentais deles (MUFWENE, 2008, p. 152).

Há, ainda, outras justificativas para que a analogia da língua com uma espécie parasítica se revele verdadeira. Inclui-se, por exemplo, a ideia de que uma dada língua é extinta se a sua população é dizimada. Assim como afirma Couto (2009, p. 50), “sem povo não há língua”. Foi o que aconteceu com a variedade *eyak*, do Alasca, após a morte da última falante *Marie Smith Jones*, aos 89 anos de idade, no ano de 2008¹⁰. No entanto, apesar de se tornar oficial, muitas vezes, a partir do falecimento de um único indivíduo, a morte de uma língua é o resultado de um processo lento e gradual, desencadeado e cultivado por uma série de fatores ecológicos específicos daquele meio ambiente, os quais podem culminar na interrupção da transmissão daquela língua às gerações futuras.

De acordo com Mufwene (2001, p. 1)¹¹, “línguas não matam outras línguas, mas os falantes sim”¹². Para ele, uma língua só é transmitida para as novas gerações e mantida em uma comunidade se é constantemente usada. As línguas só desaparecem quando seus falantes desistem delas, ou melhor, quando seus falantes são compelidos a falar outras línguas que oferecem vantagens práticas ou materiais (ou, nos termos de Myers-Scotton (2006), que desempenham um “trabalho social”). Essas vantagens podem ser, por exemplo, a integração à sociedade no geral, um bom emprego ou oportunidades de ascensão socioeconômica. É verdade que esses indivíduos podem também acabar mantendo suas línguas ancestrais quando saem de suas comunidades linguísticas, mas frequentemente, acabam mesmo optando pela espécie linguística mais vantajosa. Assim, para Mufwene (2001, p. 1), o conhecimento que o falante tem de sua língua original acaba sofrendo um tipo de atrofia. À medida que mais falantes adotam esse mesmo comportamento, a língua cai em atrição¹³, uma vez que somente as gerações mais antigas a

¹⁰ Disponível em <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/440/artigo138982-1.htm>, acesso em 01 de mar. 2012.

¹¹ Disponível em <http://magazine.uchicago.edu/0012/features/mufwene.html>. Acesso em 17 nov. 2012.

¹² “Languages don’t kill languages: speakers do.”

¹³ Segundo Couto (2009, p. 85), a *atrição* é um processo gradual pelo qual uma língua pode passar e que diz respeito à perda de domínios de uso, de falantes e de material linguístico.

utilizam para funções comunicativas tradicionais. O resultado é que quando essas pessoas morrem, as línguas também desaparecem.

Assim, pode-se dizer que uma língua cai em atrição ou apaga-se se algo ocorrido com seus hospedeiros não permite com que ela se desenvolva. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando os falantes mudam para o território de outro povo cuja língua e cultura já são dominantes.

Nesse sentido, a *evolução* tem papel crucial na questão da seleção de formas linguísticas, que, sob a perspectiva etnográfica, pode ocasionar a erosão da vitalidade de uma variedade linguística e/ou a confusão no que se refere à identidade. No entanto, é relevante destacar que essa evolução não é planejada – e nem implica uma questão de melhoria –, mas se constitui como um processo natural desencadeado pelas particularidades da ecologia de uma língua.

1.3.2. A hipótese das três gerações

Em sua obra *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*, Couto (2009, p. 51) discute a chamada *hipótese das três gerações*. Para ele, “numa situação em que um povo, falante de uma língua, se desloca para o território de outro povo, cuja comunidade já é relativamente estruturada e cuja língua é, de certa forma, estabilizada, os resultados desse contato dependerão do poder político, econômico, militar ou de prestígio de cada variedade”. No entanto, o que parece acontecer com mais frequência é o apagamento da variedade do povo que migrou, ao longo do tempo.

Assim como discute Couto (2009, p. 51), a primeira geração (quando migra já adulta) tende a aprender uma *língua franca* que surge da interação com a(s) língua(s) da comunidade hospedeira. Os seus filhos, por sua vez, geralmente aprendem tanto a língua do país hospedeiro quanto a dos pais, tornando-se, portanto, bilíngues, e utilizando a língua dos pais apenas nas interações dentro daquele grupo étnico. Os netos, porém, sendo a terceira geração, tendem a optar pela língua da nova terra, mantendo, quando muito, um conhecimento passivo da língua original de seus avós. A quarta geração,

frequentemente, já não tem qualquer conhecimento da língua dos antepassados.

De Herédia (1989) também discute a *hipótese das três gerações* em seu trabalho, apesar de não utilizar essa denominação. A autora cita um exemplo que chama de “totalmente caricatural e, no entanto, bem real” (DE HERÉDIA, 1989, p. 178), de uma mulher argelina que migrou para a França com seus filhos e marido. A mãe vivia num bairro parisiense “árabe” e, considerando o meio ambiente em que convivia, tinha pouca chance de abandonar sua língua; mas suas crianças, ao contrário, que chegaram pequenas à França e frequentavam a escola junto com crianças francesas, tinham pouca vontade de voltar à Argélia e sonhavam em ficar no país e se integrar. Apesar de a mãe falar com os filhos em árabe, provavelmente essa língua não seria ensinada pelos pais para a terceira geração.

Esse exemplo, que sugere o desaparecimento da variedade árabe já na terceira geração desses imigrantes, indica que a língua é determinada por sua frequência de uso nas diferentes situações, pelo grau de bilinguismo dos interlocutores, pelas escolhas do próprio falante, mas atua como portadora e índice das relações sociais (DE HERÉDIA, 1989, p. 180).

1.4. O modelo gravitacional de Calvet

Com o intuito de posteriormente visualizarmos (mais especificamente no Capítulo 5) as relações de poder que se estabeleceram entre as diferentes línguas na cidade de Juiz de Fora, durante o século XIX, utilizaremos o modelo gravitacional de Calvet (2005) que, por ser dinâmico, pode variar de acordo com o ecossistema a ser ilustrado.

Segundo o autor, as línguas se organizariam em constelações. Nesse sentido, o mundo seria considerado como uma grande galáxia, na qual as línguas se relacionariam através dos sujeitos bilíngues. Assim, no que se refere ao modelo gravitacional das línguas do mundo, nos dias de hoje, Calvet (2005) propõe o seguinte: (i) A existência de uma língua *hipercentral*, o inglês, cujos falantes (como L1) tendem ao monolinguismo; (ii) em torno da língua *hipercentral*, gravitam algumas dezenas de línguas *supercentrais*, como o

francês, o português, o espanhol, o árabe, o russo, o italiano etc. Seus falantes tendem tanto ao monolinguismo quanto ao bilinguismo; (c) em torno das línguas *supercentrais*, gravitam centenas de línguas *centrais*, cujos falantes mostram uma tendência ao bilinguismo vertical; (d) em torno das línguas *centrais*, por sua vez, gravitam mais de quatro mil línguas *periféricas*, cujos falantes apresentam uma tendência ao plurilinguismo horizontal e vertical.

Nesse sistema, em cada um dos seus níveis de atração, manifestam-se duas tendências que testemunham as implicações das forças sócio-históricoculturais sobre as situações linguísticas: o *bilinguismo horizontal* (que se constitui como a aquisição de uma língua de mesmo *status* que a sua L1) e o *bilinguismo vertical* (i.e., a aquisição de uma língua de maior *status* que a sua L1).

Nesse contexto, é relevante considerar que a organização gravitacional representa, na verdade, os sistemas de bilinguismo em que há relações de força – do ponto de vista sócio-político-econômico –, que estão em movimento contínuo, entre as línguas. Dessa forma, Calvet (2005, p. 3) ressalta que essa perspectiva, em termos de círculos concêntricos em movimento contínuo/descontínuo de adaptação linguística, é capaz de ilustrar as necessidades linguísticas dos indivíduos e dos diversos grupos, segundo as diversas situações. Assim, para ele, o modelo gravitacional pode variar em consonância com a variabilidade das necessidades e das funções linguísticas em determinado meio, o que impede a elaboração de uma lei geral.

1.5. Os conceitos de língua, dialeto e variedade

Os conceitos de língua, dialeto, variedade, socioleto, entre outros, costumam ser alvos de debate tanto no meio acadêmico quanto em conversas informais. O senso comum postula que “língua é o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação, e o conjunto de regras da sua gramática” e/ou “dialeto é a variedade não padrão de uma determinada língua”. No entanto, para Guisan (2009, p. 17), geralmente essas categorizações são frágeis, assim como o conceito de *língua* se mostra relativo. Sob a mesma perspectiva, Rajagopalan (1997, p.32) afirma que as

definições encontradas em livros introdutórios e em dicionários de linguística costumam deixar mais dúvidas do que conseguem dirimir. Ainda para o autor, “a distinção entre língua e dialeto jamais foi esclarecida em termos lingüísticos ou formais” (RAJAGOPALAN, 1997, p. 32).

Afinal, como definir onde começa e onde termina um dialeto, ou onde começa e termina uma língua? Ainda nas palavras de Guisan (2009, p. 20), “quais os fatores que vão ser determinantes para reunir um conjunto de variantes sob a denominação de uma só língua?”.

No entanto, uma das distinções mais recorrentes na literatura, no que se refere a língua e dialeto, baseia-se na frase de Weinreich (1967 [1970], p. 13) “língua é um dialeto com um exército e uma marinha”, tão comum em trabalhos sociolinguísticos. Isso quer dizer que a diferenciação desses conceitos está mais baseada em critérios políticos do que estruturais. Assim, enquanto a língua é reconhecida oficialmente pelo Estado e está presente na literatura daquela comunidade, o dialeto é considerado um subsistema da língua, não institucionalizado e, muitas vezes, estigmatizado.

Diante da impossibilidade de definições exatas desses conceitos, Guisan afirma que a resposta à pergunta acima (“quais os fatores que vão ser determinantes para reunir um conjunto de variantes sob a denominação de uma só língua?”) revelará não apenas escolhas políticas e ideológicas, mas agirá sobre as representações mentais coletivas e criará condições para uma mitologia da identidade e da alteridade (GUISAN, 2009, p. 20).

Assim, consideramos que em nosso trabalho o que nos importa é o fato de línguas, dialetos ou variedades serem mecanismos de significação em relação ao outro, independentemente de seu *status* (considerada de prestígio ou desprestigiada) ou de seu reconhecimento (ou não) pelo Estado.

Trataremos aqui de “variedades”, pois não é nosso objetivo discutir seus *status* em suas regiões de origem – uma vez que o que realmente nos importa é como essas mesmas variedades atuaram no contexto da imigração. O termo “variedades” parece-nos livre de emotividade, mais neutro no que se refere a uma modalidade falada por uma comunidade constituída por pessoas que partilham um mesmo código linguístico. Assim, de acordo com Mané (2012, p. 43),

(...) o termo “variedade”, contrariamente ao “dialeto”, não designa uma posição linguística específica, mas unicamente algumas diferenças em relação a outras variedades (...)

É importante frisar, nesse sentido, que trataremos todas as variedades de língua alemã da mesma forma, como espécies particularizadas por fatores ecológicos específicos de cada comunidade, e não como variedades de mais ou menos prestígio social ou cultural.

CAPÍTULO 2

A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM JUIZ DE FORA: UM POUCO DE HISTÓRIA

Neste capítulo, objetivamos apresentar um pouco da história da imigração alemã na cidade de Juiz de Fora, sobretudo no século XIX, uma vez que essa é de grande relevância para o entendimento do escopo deste trabalho.

Assim, na primeira seção, trataremos especificamente da situação socio-histórico-cultural dos Estados do Reich no século XIX, apresentando algumas informações sobre fatos marcantes, como o Congresso de Viena e as Revoluções de 1848 e, ainda, discutiremos alguns aspectos sociais relevantes àquele contexto.

Na segunda seção, apresentaremos os estudos de Oliveira (1953), Stehling (1979) e Clemente (2008), obras de referência que tratam da história de Juiz de Fora e da imigração alemã.

Já na terceira seção, discutiremos alguns aspectos importantes no que se refere à Juiz de Fora no século XIX, como questões acerca do desenvolvimento socioeconômico da cidade e do crescimento populacional. Na quarta seção, por sua vez, trataremos especificamente de aspectos da imigração alemã em Juiz de Fora, para, num segundo momento, discutirmos a política de acolhimento e assentamento desses imigrantes.

Na quinta e última seção, apresentaremos os nomes das variedades de língua alemã que foram trazidas para Juiz de Fora, com o intuito de identificar os imigrantes e suas regiões de origem, bem como as possíveis línguas faladas por eles.

2.1. A situação socio-histórico-cultural dos Estados do Reich no século XIX

No período que compreende de 1815 a 1870, diversos episódios políticos e econômicos ocorreram nos Estados do Reich e em regiões circunvizinhas. Ribeiro (2009, p. 21) cita, por exemplo, o Congresso de Viena, a Confederação Germânica, as Revoluções de 1848, a União Aduaneira de 1834, a liderança da Prússia e a ascensão de Bismark em 1862 e suas guerras contra a Dinamarca e a Áustria, que afetaram a Europa (e o mundo) como um todo.

No que se refere aos Estados do Reich, interessa-nos especialmente do começo do século XIX até o ano de 1858 (momento em que os imigrantes alemães chegaram à cidade de Juiz de Fora, conforme veremos na seção 2.2.). Assim, a seguir, apresentaremos alguns fatos que marcaram essa época.

O primeiro acontecimento a se destacar é o Congresso de Viena, iniciado no ano de 1814. Nele, os monarcas e estadistas dos países que venceram os conflitos da Europa napoleônica, como a Áustria, a Rússia, a Prússia e a Inglaterra, se reuniram para redesenhar as fronteiras das nações que tinham perdido parte de seus territórios para a França e para restaurar o absolutismo com a devolução dos tronos às famílias reais derrotadas.

Nesse sentido, algumas medidas tomadas pelo Congresso de Viena foram: (i) a França ficou obrigada a pagar milhões em indenizações às nações por ela antes ocupadas, e o território francês passou a ser controlado por exércitos aliados; (ii) a Rússia anexou parte da Polônia, da Finlândia e da Bessarábia; (iii) a Áustria anexou a região dos Bálcãs; (iv) a Prússia ficou com parte da Saxônia, da Westfália, da Polônia e com as províncias do Reno; e (v) a Liga Alemã foi formada. O Ato Final do Congresso de Viena foi assinado em 9 de junho de 1815, nove dias antes da última derrota das tropas napoleônicas na batalha de Waterloo.

A Liga Alemã (*Deutscher Bund*), supracitada, foi um tipo de união frágil entre trinta e cinco Estados e quatro cidades livres. A Prússia e a Áustria estavam inclusas. No entanto, não houve unificação política, por dois motivos principais: (i) a Grã-Bretanha, a Rússia e a França não desejavam o surgimento de uma nova e poderosa Alemanha unificada na Europa; (ii) houve

resistência interna, de reis e príncipes, que temiam as ideias democráticas e liberais partilhadas pelos defensores de uma “nação alemã”. No ano de 1834, estabeleceu-se também uma *Zollverein*, i.e. uma união aduaneira entre a Prússia e a maior parte dos demais estados alemães, com exceção da Áustria.

Em 1848, eclodiu a Revolução de Março nos Estados alemães, principalmente devido ao descontentamento com a ordem política e social imposta pelo Congresso de Viena. Em maio desse mesmo ano, foi criada a Assembleia Nacional Alemã (ou Parlamento de Frankfurt), com o objetivo de acabar com o fracionamento político e elaborar uma Constituição de toda a Alemanha. Porém, o Parlamento de Frankfurt foi dissolvido pelas tropas do governo de Württemberg em Junho de 1849.

Assim, a Revolução de 1848 acabou fracassando: o Parlamento de Frankfurt foi dissolvido, o Rei Frederico Guilherme IV da Prússia recusou a coroa imperial, os príncipes reinantes reprimiram os levantes pela força, e a Liga Alemã foi restabelecida em 1850.

Considerando que a história da Europa não é o foco de estudo deste trabalho, não aprofundaremos a análise dos fatos propriamente ditos. O que nos interessa, na verdade, são as consequências da soma de todos esses conflitos sócio-político-culturais para o povo alemão do século XIX e, conseqüentemente, para a ecologia dos contatos linguísticos, uma vez que ocorreram, ao longo do tempo, uniões e/ou divisões entre os diferentes territórios, que trouxeram não apenas impactos econômicos, mas também choques entre diferentes culturas e identidades.

A unificação política (e somente política, não cultural e/ou linguística) do Estado Nacional Alemão só aconteceu em 1871. A título de comparação, no século XVI, a atual região da Alemanha era dividida em mais de trezentos Estados-membros, o que incluía principados, feudos eclesiásticos, reinos e cidades livres. Assim, fica difícil imaginar uma sociedade homogênea em termos de cultura, língua e costumes. É claro que a heterogeneidade social não se configura como exclusividade dos Estados do Reich, uma vez que é impossível conceber uma homogeneidade linguística e cultural naquele momento histórico ou em qualquer época. No entanto, é relevante considerar que quando os imigrantes começaram a chegar ao Brasil, no ano de 1824 (e, mais especificamente na cidade de Juiz de Fora, em 1858), o território

germânico constituía um fervente caldeirão de diversidades, tanto econômicas quanto linguístico-culturais.

Segundo Willems (1980, p. 28-29), nas aldeias prussianas da primeira metade do século XIX, as famílias eram unidades produtoras e consumidoras ao mesmo tempo. O camponês comungava com fatores mesológicos, uma vez que baseava sua vida em seu meio regional, senão local. Assim, nenhuma manifestação cultural típica dos grupos rurais seria concebível fora de um determinado meio, a começar pela própria variedade, a qual, até mesmo de povoado para povoado, já acusava diferenças sutis. Fora de seu meio nativo – mesmo que em meio rural, entre camponeses como ele – o campônio estaria sujeito a problemas para entender e ser entendido, como resultado das diferenças linguísticas.

Também é verdade que boa parte dos imigrantes alemães proveio do meio urbano. Esses homens deixavam para trás uma sociedade em plena transformação, e o faziam justamente *por causa* dessa transformação: era época de franca industrialização e proletarização de grande parte da população (WILLEMS, 1980, p. 32). Porém, apesar de cidadãos, esses emigrantes faziam parte de classes sociais diversas, o que contribuía ainda mais para com a heterogeneidade cultural daqueles que vinham para o Brasil.

Assim, quanto aos motivos da saída dos emigrantes de seu país de origem, Stehling (1979, p. 83) cita principalmente: (i) a existência do regime feudal, com a intensa exploração do trabalho servil; (ii) a luta religiosa entre católicos e protestantes, que restringia a liberdade de crença; (iii) o grande índice de natalidade entre os camponeses e o conseqüente agravamento da situação de pobreza e fome; (iv) as falsas promessas das agências e agentes colonizadores (das quais falaremos especificamente na seção 2.4.). Isso quer dizer que faltavam condições de vida adequadas e liberdade para exercer suas próprias escolhas, o que acabou resultando na busca por uma nova vida na América do Sul.

2.2. A imigração alemã em Juiz de Fora: uma revisão histórica

Estudos anteriores sobre a imigração alemã em Juiz de Fora já foram realizados, como é o caso das obras de Oliveira (1953), Stehling (1979) e Clemente (2008), sobre as quais falaremos a seguir. No entanto, conforme constatamos, não há qualquer trabalho que contemple as variedades de língua alemã em/de contato na cidade.

O livro *História de Juiz de Fora*, de Oliveira (1953), por exemplo, tem como foco fatores históricos e socioeconômicos relacionados ao território onde hoje está localizada a cidade de Juiz de Fora, do princípio do século XVIII até meados do século XX. No entanto, dentre os quinze capítulos, apenas o Capítulo 3, cujo título é *A União e Indústria*, tem relação direta com a imigração alemã. Portanto, focaremos nesse trecho.

Dessa forma, no Capítulo 3 da obra de Oliveira (1953), o autor trata dos motivos de Mariano Procópio para construir a Estrada União e Indústria, tais como beneficiar a agricultura e o comércio das localidades por onde passaria a estrada, bem como facilitar a comunicação entre aqueles pontos e as relações entre as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Segundo ele, a Colônia D. Pedro II, fundada no ano de 1858, logo começou a receber imigrantes alemães destinados ao trabalho na Estrada União e Indústria. No entanto, o primeiro grupo de imigrantes não foi destinado à colônia, uma vez que teria chegado no ano de 1856.

Num segundo momento, Oliveira (1953) fala do Ramal do Rio Novo (estrada secundária que saía da União e Indústria) e do Castelo onde hoje está localizado o Museu Mariano Procópio. Além disso, trata da inauguração da Estrada União e Indústria – apresentando a ata da sessão de 19 de agosto 1861 da Câmara Municipal, em que ficou registrado o discurso com que foi saudado o imperador¹⁴ –, e dos rumos que a estrada tomou. Essa teria se desviado da cidade devido a desentendimentos de Mariano Procópio com a Câmara Municipal, relacionados à responsabilidade de conservar o trecho da estrada que passaria por dentro de Juiz de Fora. Nesse ínterim, Oliveira (1953) retoma o assunto dos imigrantes alemães, com a fundação, em 1869, da até

¹⁴ A inauguração da Estrada União e Indústria, em 1861, contou com a presença do imperador D. Pedro II.

então considerada a primeira instituição de ensino voltada para receber os filhos dos colonos, a *Escola Agrícola*, fundada pelo próprio Mariano Procópio doze anos após a chegada dos trabalhadores. Em outro momento, o autor discute a decadência da Estrada União e Indústria, que não gerou lucros como se esperava, principalmente devido à aproximação da estrada de ferro D. Pedro II.

Pode-se perceber, dessa forma, que a obra de Oliveira (1853) é abundante em informações de todos os tipos sobre a história de Juiz de Fora, até o ano de 1950. No entanto, fala-se pouco sobre a imigração alemã, apesar da importância dos trabalhadores estrangeiros para o desenvolvimento da cidade.

No que se refere à obra *Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os alemães*, de Stehling (1979), essa é dividida em dezesseis capítulos. Neles também são apresentados fatos históricos referentes ao período da imigração alemã para o Brasil e para a cidade de Juiz de Fora, bem como cópias e reproduções de documentos que comprovam as afirmações, o que inclui contratos, cartas e trechos de jornais da época.

No que se refere à imigração alemã, Stehling (1979) discute os principais motivos para a saída dos imigrantes de seu país de origem, citando principalmente o regime feudal, a luta religiosa entre católicos e protestantes, o grande índice de natalidade entre os camponeses, a fome e as falsas promessas dos agentes colonizadores. Além disso, fala-se das dificuldades enfrentadas durante a viagem e das colônias alemãs instaladas no Brasil entre 1818 e 1858.

O autor trata, também, do nascimento da cidade de Juiz de Fora, incluindo informações sobre algumas personalidades que fizeram parte dessa história, sobre o primeiro recenseamento, sobre a primeira iluminação pública etc. Fala-se, ainda, da Companhia União e Indústria, apresentando o contrato para a construção da estrada do trecho “Aquém-Paraíba”, assinado por Mariano Procópio e o Governo Imperial.

Stehling (1979) traz, também, informações sobre a Colônia alemã D. Pedro II e os motivos pelos quais ela teria sido fundada. O objetivo, segundo ele, era receber a mão-de-obra alemã importada, já que estava cada vez mais difícil o contrabando de escravos negros. Nesse contexto, o autor apresenta a

reprodução de alguns documentos, como um “Contracto-Padrão” assinado por um emigrante na Alemanha com a Companhia União e Indústria, e um contrato para a importação de colonos assinado pelo procurador de Mariano Procópio, José Machado Coelho de Castro, e pela “Repartição Geral de Terras Públicas”, em 1857. Traz, ainda, um atestado de batismo, atestados de vacinação e passaportes de imigrantes, bem como um relatório e registros de terra pertencentes à Companhia União e Indústria. Além disso, o autor apresenta alguns comentários feitos pela imprensa da época e dados sobre o número de imigrantes, os nomes das barcas em que viajaram, as profissões etc. Num outro momento, Stehling (1979) discute a repercussão da chegada dos colonos à cidade do Paraibuna, como o aparecimento do tifo, o aumento da população, a falta de alojamentos e a necessidade de se improvisar um acampamento até o término da medição e distribuição de terras da Colônia D. Pedro II.

Algumas informações ainda são apresentadas sobre o início da construção da Estrada União e Indústria, em 1856, na cidade de Petrópolis, com a presença de toda a Família Imperial e de outras autoridades. Além disso, trata-se da inauguração da estrada cinco anos depois, em 1861, trazendo reportagens publicadas pelo “Jornal do Comércio” na época e um trecho do diário de viagem do Imperador D. Pedro II. Logo depois, o autor fala da Escola Agrícola, fundada no ano de 1869, para atender aos filhos dos colonos, e de seu posterior fechamento por falta de alunos, no ano de 1884.

Mais adiante na obra, Stehling (1979) discute o fim da Colônia D. Pedro II, em 1885, e o que ele chama de “drama da Companhia União e Indústria”, uma vez que a empresa acabou ficando com déficits financeiros, e não lucros, como se esperava. Trata, também, da religião dos colonos – o que inclui dados sobre os Católicos e Protestantes e sobre a fundação de capelas e igrejas –, sobre a criação das cervejarias pelas famílias de colonos, sobre a colaboração dos alemães para o progresso econômico de Juiz de Fora e sobre os alemães (ou descendentes) que se destacaram em diferentes áreas, como na engenharia e nas ciências naturais.

Assim, percebe-se que a obra de Stehling (1979) é bastante completa e de grande relevância para a história da cidade de Juiz de Fora, devido aos dados apresentados sobre a imigração alemã. No entanto, seu caráter é

descritivo, trazendo à tona os fatos e alguns documentos que os comprovem, através de uma pesquisa sócio-histórica. No entanto, essa obra não discute, assim como a de Oliveira (1953), aspectos relacionados às línguas dos colonos e ao contato linguístico com o português e outras línguas de imigração.

Quanto à obra *Os Alemães e a Borboleta*, de Clemente (2008), pode-se notar que o autor não emprega um caráter científico ao texto, uma vez que a linguagem é literária, mas acaba apresentando dados importantes retirados do *Livro da Colônia D. Pedro II*, escrito pelo Padre Januschka, por volta de 1886 e 1887. Tais dados se referem ao embarque dos colonos que se instalaram em Juiz de Fora, o que inclui os nomes dos navios e das cidades de onde teriam saído, assim como as respectivas datas das viagens. Ainda, são apresentados os prenomes e sobrenomes de cada imigrante, bem como as profissões e regiões de origem.

Além disso, a obra tece algumas considerações históricas sobre a imigração alemã no Brasil e, mais especificamente, na cidade de Juiz de Fora. Fala-se, por exemplo, sobre o bairro Borboleta e seus personagens, especialmente sobre a família *Clemente*, de origem alemã, cujo sobrenome original seria *Clemens*, e sobre alguns casos relatados por seus descendentes.

Nas considerações históricas tecidas por Clemente (2008, p. 13-19), estão em destaque a fundação do bairro Borboleta, os propósitos da vinda dos imigrantes para Juiz de Fora e os objetivos de Mariano Procópio, bem como a decepção dos imigrantes ao chegarem à cidade e se depararem com uma realidade difícil, diferente daquela que lhes tinha sido prometida. Além disso, o autor justifica a utilização do termo “alemães” para se referir a todos os imigrantes oriundos dos diferentes Estados do Reich, considerando a complexidade da situação política da Europa na época.

Dessa forma, pode-se dizer que o foco da obra de Clemente (2008) é autobiográfico, uma vez que o autor se dedicou à investigação com o objetivo de encontrar indícios da vivência de seus antepassados em Juiz de Fora e da constituição da árvore genealógica de sua família.

2.3. A cidade de Juiz de Fora no século XIX

No que se refere à cidade de Juiz de Fora, nosso período de interesse está em meados do século XIX. Portanto, começaremos a traçar este histórico a partir do ano de 1950, quando a região, onde hoje está localizada a cidade, foi desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Simão Pereira¹⁵, localizada na Vila de Barbacena, e elevada à categoria de Vila de Santo Antônio do Paraibuna. Assim, no dia 7 de abril de 1853, foi instalada a Câmara Municipal (STEHLING, 1979, p. 110 -112).

A criação da Vila de Santo Antônio do Paraibuna acelerou ainda mais o progresso na região. No dia 2 de maio de 1856, apenas seis anos após a elevação para a categoria de Vila, a região foi elevada à categoria de Cidade (sendo batizada como Cidade do Paraibuna).

Em 1858, foi instalada a primeira iluminação pública da cidade, com 40 lampiões à querosene. Neste mesmo ano, chegavam os 1162 colonos alemães à região. Segundo Stelling (1979, p. 116), a população triplicou de 600 para 1762 habitantes. No entanto, há controvérsias entre os diferentes historiadores quanto a esse número. Oliveira & Christo (1994, p. 32), por exemplo, consideram que 1162 colonos representavam, na verdade, em torno de apenas 20% da população total, o que quer dizer que a cidade teria em torno de 5810 habitantes.

Conforme discutiremos especificamente na seção 3.4, esses colonos foram trazidos por Mariano Procópio Ferreira Lage – engenheiro e político brasileiro –, os quais, em grande parte, acabaram servindo como mão-de-obra para a construção da Estrada União e Indústria, que ligaria Minas Gerais ao Rio de Janeiro, inaugurada em 1861.

Ainda no que se refere à população da cidade, segundo Cunha Lacerda (2009, p. 28), no ano de 1855, a população da Vila de Santo Antônio do Paraibuna teria atingido o contingente de 27.722 habitantes. Desse total, 16.428 eram escravos, representando 59,25% de toda a população, e 11.294 eram homens livres, o que representava apenas 40,75%. Mesmo após sua libertação – considerando que o período de crescimento da produção cafeeira

¹⁵ Do ano de 1791 até 1850, o povoado de Santo Antônio do Paraibuna esteve jurídica e administrativamente vinculado à Vila de Barbacena.

na cidade coincidiu com o período de crise do sistema escravista – muitos desses escravos continuaram na região, contribuindo para a formação da população livre. Isso quer dizer que o contato dos imigrantes alemães com os escravos e seus descendentes (bem como com suas variedades linguísticas) provavelmente foi muito intenso.

Segundo Stehling (1979, p. 117), no ano de 1860, a Cidade do Paraibuna já contava com 113 casas bem construídas, além de muitos “abarracados” (que deviam representar a maior parte da população). Em 1865, finalmente, a Cidade do Paraibuna recebeu o nome de Juiz de Fora.

É relevante destacar o que afirma Pinto (1906 *apud* STEHLING, 1979, p. 115), em sua obra “Apontamentos Históricos do Município de Juiz de Fora”:

Não era justo que apenas se conservasse em Vila tão poderoso Município quanto se tornara o de Santo Antônio do Paraibuna. (...) Fertilíssimas terras, em mãos de um povo laborioso produziam já abundantíssimas quantidades de café e mantimentos, a sede do Município progredia em vertiginosa carreira.

No fragmento acima, o historiador documenta o tamanho desenvolvimento da região naquela época. Nesse sentido, Cunha Lacerda (2009, p. 23) afirma que sua rápida expansão esteve diretamente ligada à produção de café. Isso porque, na década de 1840, o povoado e seus arredores já tinham se transformado em um pólo de produção cafeeira, especialmente por causa da grande disponibilidade de terras, dos altos preços do café nos mercados externos, bem como da oferta de mão-de-obra com o tráfico inter e intraprovincial de escravos.

Neste contexto, Oliveira (1999, p. 94) ressalta que, em torno de 1870, nenhuma outra arrecadação se equiparava à da cidade de Juiz de Fora – considerada a “Princesa da Província” –, nem mesmo a de Ouro Preto e a de São João D’el Rei. Logo, a cidade acabou alcançando uma posição de destaque no cenário mineiro.

2.4. Os imigrantes alemães em Juiz de Fora

Com as proibições do tráfico de escravos africanos, na primeira metade do século XIX, e com o aumento das pressões e perseguições britânicas contra os navios negreiros no Atlântico Sul, tornava-se cada vez mais difícil a entrada de negros no Brasil. Ainda que perdurasse o tráfico intraprovincial, com a venda de escravos a preços altos, a elite tinha consciência de que essa estratégia de manutenção da mão-de-obra escrava não persistiria por muito tempo (BORGES, 2000). Por isso, conseguir mão-de-obra importada mostrava-se cada vez mais importante, uma vez que era indiscutível sua necessidade para o desenvolvimento econômico do país.

Além disso, segundo Seyferth (2003, p. 23), a política imigracionista do século XIX tinha por intuito não só o desenvolvimento econômico, mas também aspectos ideológicos: era importante escolher o “imigrante ideal” para construir uma nação branca. Portanto, o imigrante europeu não só era de raça branca, mas também “dócil” e “obediente”, o que o qualificava para o trabalho agrícola e a vida na colônia.

Nesse contexto, segundo Stehling (1979, p. 85), os jornais dos estados alemães publicavam anúncios “bombásticos”, feitos por agentes estrangeiros, para atrair candidatos à emigração. Havia promessas de todos os tipos:

(...) passagens, terras, casas, ferramentas, gado etc., que seria fornecido gratuitamente pelo governo brasileiro. (...) a fantasia lhes destruía o raciocínio [dos emigrantes] e tudo o que viam era a América lhes acenando com suas riquezas. (...) completamente iludido, mas esperançoso, o alemão embarcava rumo ao Brasil ou outro país sul-americano (...) (STEHLING, 1979, p. 85)

Os imigrantes, muitas vezes, já sofriam desilusões durante a viagem, dadas as más condições do transporte e da alimentação. E ao chegarem ao Brasil, especificamente à Cidade do Paraibuna, atual Juiz de Fora, se deparavam com péssimas condições de vida, o que incluía a falta de alojamentos e a necessidade de improvisarem um acampamento, além de terras improdutivas, miséria, aparecimento do tifo etc.

Os cônsules dos estados alemães, por algum tempo, desconheciam as reclamações dos imigrantes, uma vez que eles teriam perdido a nacionalidade alemã ao saírem do país. No entanto, os protestos acabaram chegando à Alemanha, que enviou um emissário especial ao Brasil para averiguar a situação. Esse encontrou centenas de imigrantes em situação miserável, principalmente no Rio de Janeiro. Em consequência desse fato, no ano de 1959, o governo da Prússia acabou proibindo a emigração para o Brasil (STEHLING, 1979, p. 87).

No que se refere ao contexto juizforano, de acordo com Oliveira & Christo (1994, p. 32), a política de imigração teve início na cidade através das iniciativas de Mariano Procópio Ferreira Lage, cuja intenção inicial era conseguir mão-de-obra especializada para a construção da Estrada União e Indústria. Com essa obra, pretendia-se trazer benefícios para a agricultura e para o comércio de várias localidades, bem como facilitar a comunicação e as relações entre as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Por isso, em 1853, foram contratados seis engenheiros alemães e, três anos mais tarde, mais vinte profissionais, como ferreiros, pintores etc.

Já no ano de 1858, de acordo com Stehling (1979), Mariano Procópio conseguiu trazer 1.162 imigrantes alemães (em sua maioria com baixa ou nenhuma escolaridade, com profissões que variavam entre agricultores, operários, pedreiros, seleiros etc.), com a promessa de que, em Juiz de Fora, todos receberiam terras e boas condições para a agricultura. A intenção era formar uma colônia agrícola em Juiz de Fora, o que fazia parte do projeto de D. Pedro II de desenvolver a economia agrícola em todo o país. No entanto, como já foi dito, tais promessas não foram cumpridas e os colonos foram instalados em áreas consideradas improdutivas – que hoje correspondem ao bairro São Pedro –, passando por dificuldades econômicas e falta de assistência.

Assim, nessas áreas, foi fundada a Colônia D. Pedro II, também no ano de 1858, que começou a receber imigrantes alemães que, mais tarde, acabaram sendo em parte destinados ao trabalho na Estrada União e Indústria. Essa mesma colônia foi extinta no ano de 1885, mas a maior parte dos imigrantes e seus descendentes continuaram vivendo nessa mesma região.

2.4.1. A política de acolhimento e assentamento dos imigrantes

Aos imigrantes alemães que chegaram em Juiz de Fora foi feita a promessa de que receberiam terras férteis e boas condições para iniciarem seus empreendimentos. No entanto, como não havia um perfeito entendimento entre a Câmara Municipal e Mariano Procópio (OLIVEIRA, 1953, p. 51), os imigrantes acabavam sendo prejudicados pela falta de políticas que lhes proporcionassem melhores condições de vida.

A verdade é que a maior parte das promessas não foi cumprida. Instalados em uma vasta região, onde hoje está localizado o bairro São Pedro, os colonos foram distribuídos em lotes de terras, que deveriam ser pagos em prestações, e encarregados de produzir gêneros alimentícios através da agricultura. No entanto, as terras recebidas eram inférteis e os imigrantes não receberam todo o apoio financeiro de que precisavam. Além disso, não houve qualquer tipo de auxílio para a superação das dificuldades que acabaram emergindo no processo de adaptação ao novo meio ambiente, principalmente em situações de contato em que precisavam negociar seus produtos.

Dessa forma, segundo Oliveira (1994, p. 32), a colônia não conseguiu se manter por muito tempo, o que resultou na fuga para a cidade, onde alguns colonos ficariam longe de seu povo (o que implicou a atrição de sua variedade alemã e a obrigatoriedade da aquisição do português para possibilitar as inter-relações entre o colono e o meio ambiente e entre o colono e os outros indivíduos), a fim de se somarem aos operários e trabalhadores braçais. Isso porque não havia um mercado consumidor para os produtos provenientes de suas terras, o que se associava à escassez de incentivos.

2.5. As variedades de língua alemã trazidas pelos imigrantes para Juiz de Fora

Os imigrantes alemães que vieram para Juiz de fora, em 1858, formavam um grupo bastante heterogêneo em termos de cultura e língua. É possível visualizar um pouco dessa multiculturalidade a partir dos Quadros (1) e (2).

O primeiro diz respeito à sistematização de um levantamento realizado por Clemente (2008, p. 230-268), no qual se pode verificar a grande heterogeneidade sociocultural existente entre os 1.162 imigrantes alemães que chegaram à cidade, uma vez que esses eram originários de regiões diversas.

Quadro (1): Dados sobre a imigração alemã em Juiz de Fora (CLEMENTE, 2008)

Região de origem dos imigrantes	Número de Imigrantes que vieram para Juiz de Fora/MG
Luxemburgo	04
Holstein/Hamburgo	213
Franckfurt	15
Pomerania	18
Württemberg	22
Hannover	22
Baviera	26
Sachsen/Weimar	28
Grão Ducado de Hessen	85
Baden	108
Prússia	114
Tirol	267
Hessen-Darmstadt	324

O segundo quadro fornece dados de pesquisa relacionados às diversas regiões do Reich e algumas variedades linguísticas faladas em cada uma delas. No entanto, é relevante destacar que nem todas as variedades linguísticas possivelmente faladas nessas regiões devem estar presentes no quadro, e nem podemos assegurar que todas essas variedades chegaram à Juiz de Fora. Relacionamo-las aqui a título de ilustração, uma vez que não temos evidências documentais da existência delas na região estudada.

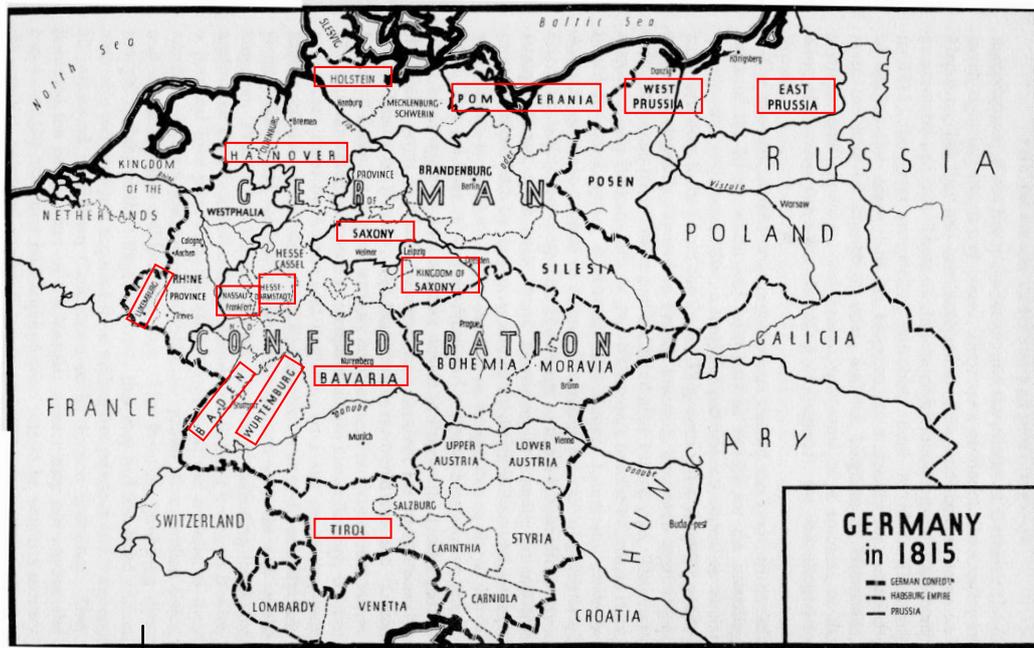
Quadro (2): Línguas faladas pelos imigrantes alemães em Juiz de Fora/MG¹⁶

Região de origem dos imigrantes	Localização	Variedade Linguística
Luxemburgo	Região Central	Luxemburguês / Alsaciano
Holstein/Hamburgo	Norte	Baixo Saxão do Norte / Holsatiano
Franckfurt	Região Central	Hessiano
Pomerania	Nordeste	Pomerano
Württemberg	Sudoeste	Suábio
Hanover	Norte	Vestifaliano
Baviera	Sudeste	Bávoro do Norte / Bávoro
Saxônia/Weimar	Região Central	Alto Saxão
Grão Ducado de Hesse	Região Central	Hessiano
Baden	Sudoeste	Baixo Alemânico
Prússia	Polônia, Lituânia e Rússia	Baixo Prussiano / Alto Prussiano
Tirol	Áustria	Alemânico / Tirolês
Hessen-Darmstadt	Região Central	Hessiano

Na Figura (3), apresentamos um mapa do território do Reich no ano de 1815, em torno de quarenta anos antes do movimento de migração, destacando em vermelho as regiões de origem dos imigrantes alemães que vieram para Juiz de Fora.

¹⁶ Levantamento realizado a partir de informações disponíveis em http://nl.wikipedia.org/wiki/Bestand:Deutsche_Dialekte_1910.png. Acesso em 12 nov. 2012.

Figura (3): Mapa do território do Reich no ano de 1815 (TAYLOR, 1962, p. 47)



**REGIÕES DE ORIGEM DOS
IMIGRANTES ALEMÃES NO MAPA**

- Região Norte:**
Holstein/Hamburgo
Hanover
- Região Central:**
Franckfurt
Luxemburgo
Saxônia/Weimar
Grão Ducado de Hesse
Hessen-Damstadt
- Nordeste:**
Pomerania
- Sudoeste:**
Württemberg
Baden
- Sudeste:**
Baviera
- Territórios polonês, lituânio e russo:**
Prússia
- Território austríaco:**
Tirol

Já na Figura (4), apresentamos um mapa linguístico da mesma região, com possíveis variedades faladas pelos imigrantes alemães no começo do século XX. No entanto, acreditamos que mudanças podem ter acontecido do

ano de 1858 para o ano de 1910, mas que essas não devem ter sido tão expressivas a ponto de invalidarem os dados apresentados no mapa que se segue:

Figura (4): Mapa das principais variedades de língua alemã faladas no ano de 1910¹⁷



Pode-se perceber que, no ano de 1910, a diversidade linguística era muito grande naquele território. Ainda hoje, a Alemanha tem cerca de sessenta

¹⁷ Disponível em http://nl.wikipedia.org/wiki/Bestand:Deutsche_Dialekte_1910.png. Acesso em 12 nov. 2012.

e nove diferentes variedades linguísticas e um índice de setenta e um por cento de diversidade, considerando o número de falantes de cada uma dessas línguas, conforme aponta o site *Ethnologue*¹⁸. Assim, voltaremos à questão da multiculturalidade e do multilinguismo dos imigrantes alemães mais adiante, no Capítulo 5.

¹⁸ Disponível em http://www.ethnologue.com/ethno_docs/distribution.asp?by=country. Acesso em 8 dez. 2012.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

De acordo com Duarte (2002, p. 140), definir o objeto, assim como optar por uma metodologia adequada ao estudo, constitui um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final de sua investigação. Ainda para o autor,

Se nossas conclusões somente são possíveis em razão dos instrumentos que utilizamos e da interpretação dos resultados a que o uso dos instrumentos permite chegar, relatar procedimentos de pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece a outros a possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos (DUARTE, 2002, p. 140).

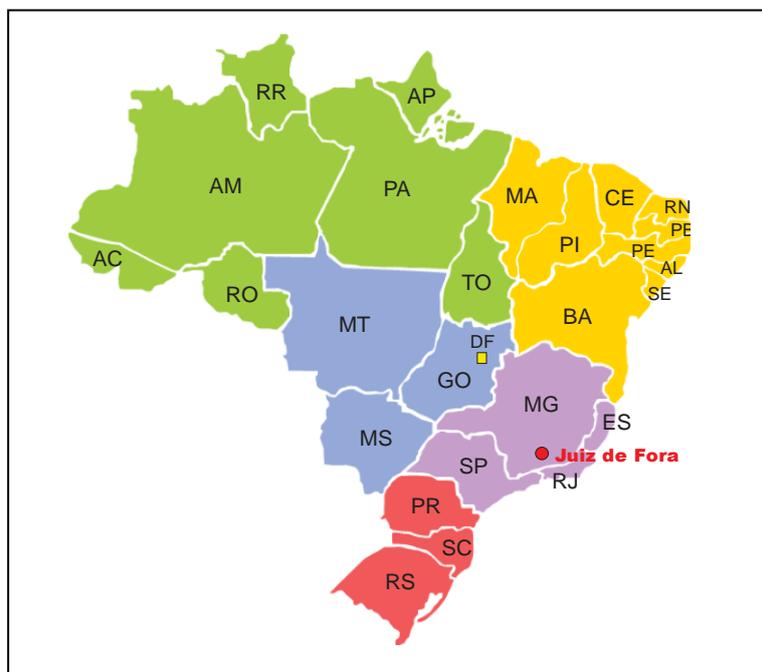
Assim, principalmente com o intuito de oferecer ao outro a compreensão de todo o caminho que percorremos para a elaboração deste trabalho, de forma que se possa “avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos”, este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Logo, preocupa-se especialmente em: a) apresentar o cenário de pesquisa; b) discutir e justificar a escolha da abordagem qualitativa; c) apresentar os métodos de pesquisa histórica, documental e etnográfica, explicitando como se deu sua aplicação neste trabalho; d) explicar a opção por entrevistas semi-estruturadas e os critérios no que se refere à seleção dos sujeitos participantes da pesquisa, bem como os instrumentos utilizados.

3.1. Cenário da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Juiz de Fora, localizada no estado de Minas Gerais, a cerca de 280 km da capital Belo Horizonte. De

acordo com o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁹, a cidade conta, hoje, com uma área de 1.435,664 km². Na Figura (5), pode-se verificar a localização exata da cidade no mapa do Brasil.

Figura (5) – Mapa do Brasil com a localização da cidade de Juiz de Fora



De acordo com o último censo demográfico realizado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, a cidade de Juiz de Fora possuía um total de 516.247 habitantes, com densidade demográfica de 359,59 hab/Km². A estimativa é que hoje, no ano de 2012, haja um total de 525.225 habitantes na região.

No entanto, segundo Stehling (1979, p. 112), em meados do século XIX, mais exatamente no ano de 1853, quando ainda era a Vila de Santo Antônio do Paraibuna, Juiz de Fora tinha somente 500 habitantes. Ainda segundo o autor, no ano de 1858, com a chegada de 1162 imigrantes alemães, a população da cidade passou de 600 para 1762 pessoas. Esse número não é consenso entre os diferentes pesquisadores da história de Juiz de Fora, uma vez que Oliveira & Christo (1994, p. 32) consideram que 1162 representava apenas em torno de 20% da população total da cidade (o que não deixa de ser um número bastante significativo).

¹⁹ Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acesso em 6 nov. 2012.

Dentro da cidade de Juiz de Fora, destacamos duas áreas essenciais no cenário da imigração alemã, que são os bairros *São Pedro* e *Borboleta*, onde residem as pessoas que foram entrevistadas durante esta pesquisa. Ambos os bairros estão localizados na zona oeste da cidade, tal como se pode verificar nas Figuras (6) e (7):

Figura (6) – Mapa atual da cidade de Juiz de Fora dividida em zonas

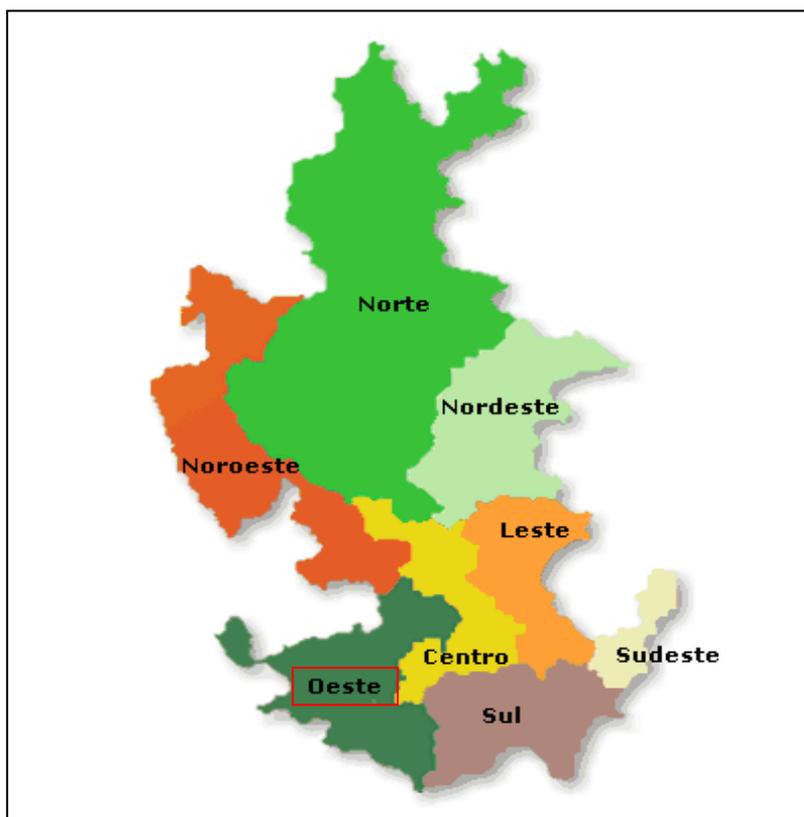
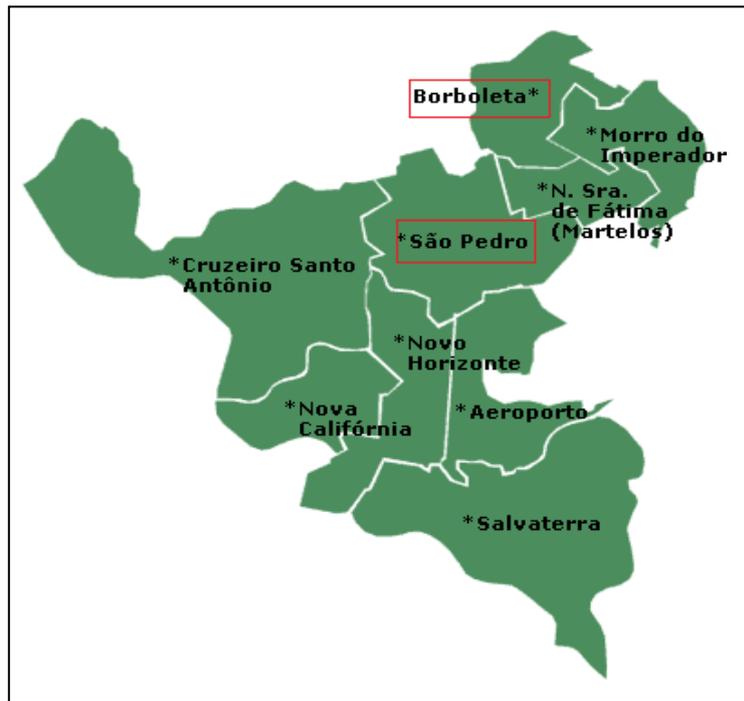


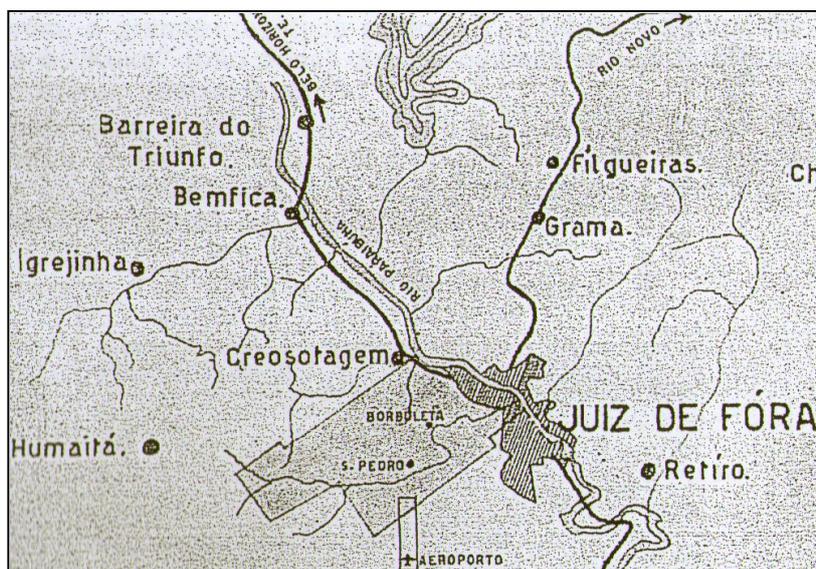
Figura (7) – Mapa atual da zona oeste da cidade de Juiz de Fora



Destacamos que a área ocupada pela colônia D. Pedro II, no século XIX, não correspondia com exatidão à mesma escala cartográfica dos bairros São Pedro e Borboleta nos dias de hoje, apesar de ter sido instalada nessa mesma região²⁰. Assim, na Figura (8) apresentamos o mapa da antiga colônia D. Pedro II, de acordo com Francisco Keller, produzido em 1859 (STEHLLING, 1979, p. 194).

²⁰ Destacamos que a Colônia D. Pedro II era dividida em três partes: *Vilagem* (localizada na atual Rua Bernardo Mascarenhas), Colônia do Meio (hoje bairro Borboleta) e Colônia de Cima (atual bairro São Pedro)

Figura (8) – Situação geográfica da extinta colônia D. Pedro II no ano de 1859 (STEHLING, 1979, p. 194)



Desse modo, na próxima seção, apresentaremos os instrumentos de pesquisa, para, posteriormente, tratarmos da abordagem e dos métodos pelos quais optamos nesta pesquisa.

3.2. Instrumentos de pesquisa

Neste trabalho, considerando que pretendemos analisar o processo de evolução e, portanto, de adaptação das diferentes variedades de língua alemã em contato com o português na cidade de Juiz de Fora, utilizamos dados históricos (encontrados em livros de referência), bem como alguns documentos antigos encontrados em arquivos históricos (ANEXOS 01 - 07). Além disso, usamos entrevistas semi-estruturadas realizadas com descendentes de alemães da cidade de Juiz de Fora, gravadas e posteriormente transcritas (ANEXOS 08 - 24), além das percepções da pesquisadora em campo.

3.3. A abordagem qualitativa

Nesta seção, discorreremos sobre a abordagem qualitativa – adotada neste trabalho – considerando sua grande relevância para o desenvolvimento científico de diversas áreas. Nesse sentido, apresentaremos um breve histórico dessa abordagem de pesquisa e algumas de suas características principais.

A abordagem qualitativa começou a surgir no cenário da investigação social a partir da segunda metade do século XIX, tal como afirma Godoy (1995, p. 57). Uma das primeiras pesquisas desse tipo, com o uso da observação direta da realidade, foi escrita por Frédéric Le Play (1855), intitulada *Les ouvriers européens* (Os trabalhadores europeus). Nela, a situação de famílias das classes trabalhadoras da Europa era discutida, a partir de dados coletados em viagens.

Outra obra relevante, produzida no mesmo período e que utilizou a pesquisa qualitativa, foi a de Henry Mayhew (1851), intitulada *London, labour and the London poor* (Londres, trabalho e os pobres de Londres). Sendo dividida em quatro volumes, nela foram utilizadas histórias de vida e entrevistas na coleta de informações sobre as condições de pobreza dos trabalhadores e desempregados de Londres (GODOY, 1995, p. 59).

No que se refere ao século XX, mais especificamente às décadas de 1920 e 1930, o trabalho realizado pela Escola de Chicago determinou a importância da investigação qualitativa para o estudo da vida de grupos humanos. Na mesma época, na antropologia, os estudos de Boas, Mead, Benedict, Bateson, Evans-Pritchard, Radcliffe-Brown e Malinowski delinearam os contornos do método de trabalho de campo (DENZIN & LINCOLN, 1994, p. 15).

Ainda segundo Godoy (1995, p. 61), a pesquisa qualitativa, por muito tempo, ficou restrita à sociologia e à antropologia. No entanto, a partir dos anos 1960, essa começou a ganhar espaço em outras áreas, tais como a psicologia, a educação, a administração e a linguística. O aumento do interesse pela abordagem qualitativa pôde ser observado, ainda, com o surgimento de publicações voltadas para a teoria e a metodologia que dão sustentação a esse tipo de estudo.

Dessa forma, em oposição ao estudo quantitativo, no qual o pesquisador tem hipóteses claramente definidas e variáveis operacionalmente determinadas, seguindo um plano previamente estabelecido, a pesquisa qualitativa não procura medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Segundo Neves (1996, p. 1), esse tipo de pesquisa ainda pode ser (re)direcionada ao longo de seu desenvolvimento, uma vez que ela se dedica à obtenção de dados descritivos a partir do contato do pesquisador com a situação objeto de estudo. Isso quer dizer que, nessa abordagem, valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada, uma vez que ele é o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados (GODOY, 1995, p. 62). Para a coleta dos dados, utilizam-se equipamentos como filmadoras, câmeras fotográficas, gravadores ou mesmo anotações em papel.

Assim, a análise qualitativa dos dados empíricos pode ser compreendida como uma abordagem que parte das reflexões de um pesquisador multiculturalmente situado, o qual tem por objetivo refletir sobre o mundo (em nosso caso, sobre os contatos linguísticos que se processam/processaram em meio à sociedade juizforana), utilizando-se de um conjunto de ideias e preceitos (teorias, ontologias), com o intuito de explicar uma série de questões, as quais serão, posteriormente, analisadas de forma bastante específica (DENZIN & LINCOLN, 1994, p. 11). Para tal, os pesquisadores dispõem de um vasto conjunto de métodos interpretativos interconectados que visam a descrever e decodificar os componentes de um complexo sistema de significados. Por isso, eles devem sempre procurar os melhores caminhos para uma melhor reflexão acerca do mundo de experiência estudado.

Godoy (1995, p. 62) destaca, ainda, a diversidade existente entre os estudos qualitativos e cita quatro características essenciais que podem identificá-los: (i) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (ii) o caráter descritivo; (iii) o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida como preocupação do investigador; e (iv) a análise indutiva dos dados.

Assim, visando a uma ampla compreensão do fenômeno estudado, a pesquisa qualitativa considera que todos os dados da realidade são relevantes

e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser observados holisticamente, como um todo, sem serem reduzidos a simples variáveis (GODOY, 1995, p. 62).

3.4. A pesquisa documental

Neste trabalho, realizamos uma pesquisa documental, com o intuito de investigar a situação ecológica de Juiz de Fora no século XIX, no que se refere aos contatos linguísticos que se processaram nessa região. Para isso, utilizamos tanto o método histórico-descritivo, mapeando a experiência dos imigrantes e localizando os fatos no tempo e no espaço, quanto o método histórico-analítico, objetivando uma maior compreensão dos eventos passados a fim de explicar o estado atual dos traços língua-cultura-identidade alemães na cidade.

Assim, os estudos que envolvem documentos como fonte direta de informação – sejam esses obtidos por meio de revisões bibliográficas ou de pesquisas historiográficas –, têm como propósito básico a organização e a interpretação de acordo com o objetivo da pesquisa. Tais documentos devem possibilitar um maior entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Dessa forma, de acordo com Cellard (2008), acrescentando a dimensão do tempo à compreensão do social, o pesquisador favorece a observação do processo de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, comportamentos, mentalidades e práticas. Isso porque, “muito frequentemente, ele [o documento escrito] permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente” (CELLARD, 2008, p. 295).

No entanto, esses documentos nem sempre são escritos (como relatórios, reportagens de jornais, anais, revistas, diários, cartas, comunicações informais, entre outros), mas também podem ser não escritos, o que inclui filmes, vídeos, fotografias, pôsteres etc. Após sua coleta, essas fontes documentais recebem um tratamento analítico (re)elaborado de acordo com os objetivos de cada pesquisa.

Para a composição deste trabalho procuramos tanto registros escritos quanto não escritos que fossem relevantes para o nosso objetivo. Esses foram coletados em obras de referência, em arquivos pessoais de descendentes de imigrantes alemães de Juiz de Fora, nos arquivos da Congregação Redentorista da Província do Rio, do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly, do Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora e do Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF). Após a devida seleção dos documentos encontrados em arquivos históricos, optamos por utilizar:

- (i) Primeira página do Jornal Diário Mercantil, de Juiz de Fora, datado de 30 de Outubro de 1917 (ANEXO 01)²¹.
- (ii) Livreto bilíngue publicado em comemoração aos 60 anos da Sociedade Beneficente Alemã de Juiz de Fora (1932) (ANEXO 02)²².
- (iii) Publicação do jornal 11 Uhr-Abendblatt (Diário das 11) datada de 31 de dezembro de 1924 (ANEXO 03)²³.
- (iv) Livreto bilíngue escrito por Frederico Winter no final do século XIX (Arquivo pessoal da família Gerheim)- 22 f. (ANEXO 04)²⁴
- (v) Carta escrita pelo *Pd. Lohmeyer* ao provincial da Holanda, datada de 01 de julho de 1885 (In: documento O casamento de D. Pedro I e a vinda dos Redentoristas, p. 56)²⁵.
- (vi) Carta escrita pelo Padre Matias Tulkens ao Padre Provincial em 15 de novembro de 1897 (ANEXO 05)²⁶.
- (vii) Carta ao Bispo Diocesano enviada pelos colonos do Culto Católico Mariano Procópio em 12 de janeiro de 1885 (ANEXO 06)²⁷.

²¹ Arquivo do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly - Museu de Crédito Real – Juiz de Fora – documento Publicação do jornal Diário Mercantil (30.10.1917).

²² Arquivo do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly - Museu de Crédito Real – Juiz de Fora – documento Livreto da Sociedade Beneficente Alemã de Juiz de Fora (1932).

²³ Arquivo do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly - Museu de Crédito Real – Juiz de Fora – documento Publicação do jornal Diário das 11 (31.12.1924).

²⁴ Arquivo pessoal da família Gerheim - documento Livreto bilíngue do final do século XIX escrito pelo imigrante Frederico Winter.

²⁵ Arquivo Congregação Redentorista - Província do Rio - FJ26 – documento O casamento de D. Pedro I e a vinda dos Redentoristas.

²⁶ Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF) - documento Carta Padre Matias Tulkens ao Padre Provincial (15.11.1897).

²⁷ Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora - documento Carta do Culto Católico Mariano Procópio ao Bispo Diocesano (12.01.1885).

(viii) Carta ao Bispo Diocesano D. Silvério Gomes Pimenta enviada pelos colonos do Culto Católico Mariano Procópio em 13 de maio de 1901 (ANEXO 07)²⁸.

Esses registros serão utilizados ao longo de todo o trabalho, a fim de evidenciar algumas ideias, ou até mesmo de confirmar fatos históricos. Isso quer dizer que eles podem não estar presentes apenas nos capítulos de análise.

3.5. A pesquisa etnográfica

Segundo Vidich e Lyman (2000, p. 24), primeiramente empregada na antropologia e na sociologia, a pesquisa etnográfica nasceu da preocupação primária de compreender o outro. No entanto, como observadores do mundo, os pesquisadores que se dedicam à etnografia fazem suas observações e tecem reflexões baseados em preceitos teóricos diversos, além de conjunto de significados simbólicos e culturais que carregam consigo, obtidos através de suas próprias histórias de vida.

Como a etnografia envolve métodos e procedimentos indutivos para a seleção do que deve ser importante para a pesquisa, para os estudiosos que a ela se dedicam torna-se importante não só partir de indagações, mas também construir novas ao longo do trabalho. As categorias ou temas para a observação não são necessariamente escolhidas previamente; na maior parte das vezes, esta escolha se dá a partir do desenvolvimento do trabalho de campo. Nesse sentido, a cada momento de reflexividade sobre a pesquisa, modifica-se o caminhar (HAMMERSLEY & ATKINSON, 1983).

Já para Duarte (2002, p. 140), uma pesquisa não costuma falar sobre algo absolutamente original. No entanto, essa é, na verdade, um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são bastante pessoais. É relevante considerar, ainda, que o pesquisador pode utilizar diferentes meios para a

²⁸ Arquivo Arquiocesano de Juiz de Fora - documento Carta do Culto Católico Mariano Procópio ao Bispo Diocesano (12.05.1901).

pesquisa, como notas de campo (e notas expandidas), anotações, listas, entrevistas gravadas, fotografias, filmagens etc.

No caso deste trabalho, utilizamos entrevistas, além de algumas fotografias coletadas por um participante observador, i.e., um pesquisador que faz parte do grupo a ser estudado. Dessa forma, realizamos entrevistas semi-estruturadas – cujos áudios foram gravados com a prévia autorização dos participantes –, que foram posteriormente transcritas. A análise que faremos desses dados é, muitas vezes, pautada nas impressões da própria pesquisadora em campo.

Dessa forma, na próxima seção, apresentaremos os critérios de análise das entrevistas realizadas com os descendentes de alemães de Juiz de Fora.

3.5.1. As entrevistas semi-estruturadas e as narrativas de vida

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionados vinte informantes com idades superiores a sessenta anos, com um total de dezessete entrevistas realizadas²⁹. O tempo total das gravações analisadas é de cinco horas e cinquenta e oito minutos.

Para a coleta dessas entrevistas, realizamos os seguintes procedimentos:

- Agendamento por telefone.
- Visita à casa/trabalho do informante.
- Conversa individual com a maioria dos informantes (em apenas três casos as entrevistas foram com duplas).
- Gravação das entrevistas dialogadas em áudio com a autorização dos informantes.
- Transcrição das entrevistas de acordo com Gago (2003).

²⁹ Algumas entrevistas realizadas não foram utilizadas nesta pesquisa devido à situação de desordens mentais surgidas com a idade avançada de alguns informantes.

As perguntas foram feitas segundo o Quadro (3), mas adequando a sequência e incluindo outras questões, de acordo com as necessidades das entrevistas.

Quadro (3): Perguntas feitas aos descendentes de alemães de Juiz de Fora

1. Você ouvia muito falar alemão na sua casa? E na sua vizinhança?
2. Você sabe falar alemão? Alguém da sua família sabe?
3. Você estudou? Onde?
4. Sua escola ensinava alemão?
5. Qual é sua religião? Sempre foi?
6. Você chegou a assistir missa/ culto com pregação em alemão?
7. Como era o acesso ao centro da cidade?
8. Você sabe fazer alguma comida típica alemã?
9. Você ouvia muitas histórias sobre seus antepassados?
10. Você sabe quem da sua família veio da Alemanha?
11. Você sabe de que região ele/ela(s) veio(ieram)?
12. Por que você acha que a língua alemã desapareceu em Juiz de Fora?

Ainda com o intuito de verificarmos a permanência ou o apagamento da língua/identidade alemã na cidade, estabelecemos alguns critérios para a inclusão dos sujeitos participantes nesta pesquisa:

- a) Ser descendente dos alemães que imigraram para a Vila de Santo Antônio do Paraibuna (atual Juiz de Fora) no ano de 1858;
- b) ter estabelecido domicílio em Juiz de Fora, mais especificamente nos bairros São Pedro e/ou Borboleta, durante a maior parte de sua vida;
- c) ter mais de sessenta anos de idade.

Participaram desta pesquisa descendentes dos seguintes sobrenomes: Schuchter, Winter, Eiterer, Schepper, Killer, Peters, Dilly, Scoralick, Weiss,

Hagler, Scheffer, Schaefer, Thielman, Gerheim, Brugger, Lawall, Zigler, Keller, Kelmer, Brandel, Ezel, Mitterhoffer e Goliath.

No próximo capítulo, apresentaremos alguns dados relacionados à história da imigração alemã no Brasil e, principalmente, na cidade de Juiz de Fora, nosso cenário de estudo.

CAPÍTULO 4

ECOLINGUÍSTICA, CULTURA E IDENTIDADE ALEMÃ EM JUIZ DE FORA

Neste capítulo temos por objetivo apresentar qual é a atual situação ecológica da língua, da cultura e da identidade alemãs na cidade de Juiz de Fora. Por isso, a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas³⁰, coletamos algumas narrativas de vida produzidas por descendentes de imigrantes alemães maiores de 60 anos, que hoje residem nos bairros São Pedro e Borboleta. Além disso, apresentamos algumas fotos e dados relevantes a esse estudo.

É preciso destacar, no entanto, que quando usamos a expressão “língua alemã”, neste capítulo, referimo-nos a qualquer variedade de língua alemã trazida pelos imigrantes para Juiz de Fora. Portanto, reconhecemos que não havia aqui apenas uma língua alemã, mas sim, em torno de vinte variedades de língua alemã convivendo na colônia D. Pedro II e no território ocupado pela cidade.

Dessa forma, na primeira seção, introduziremos a questão das narrativas de vida e da (re)construção de identidades sociais/culturais. Num segundo momento, apresentaremos e analisaremos qualitativamente fragmentos das entrevistas coletadas em trabalho de campo, com o intuito de refletirmos sobre o que nos contam os descendentes de alemães acerca da situação ecológica da língua alemã, nos dias de hoje, na cidade de Juiz de Fora. Em um terceiro momento, realizaremos o mesmo tipo de reflexão no âmbito da cultura alemã na cidade, o que incluem assuntos como culinária, memórias familiares, religião e ensino de língua.

Na segunda e última seção, trataremos de algumas reminiscências da língua/cultura alemã na cidade, o que incluem os poucos traços linguístico-

³⁰ As entrevistas realizadas com os descendentes de alemães serão o foco do Capítulo 4 – que trata especialmente do momento presente da língua/cultura alemã em Juiz de Fora –, mas também serão utilizadas no Capítulo 5, para ilustrar a situação ecológica da língua/cultura alemã no século XIX, quando necessário.

culturais e econômicos que ainda resistem ao tempo e ao processo de adaptação linguístico-cultural.

4.1. As narrativas de vida e a questão da identidade

Não é difícil concordar com o fato de que toda e qualquer identidade é construída, conforme salienta Castells (2006, p. 23). A principal questão, na verdade, diz respeito a *como, a partir de quê, por quem e para quê* isso acontece. Ainda para ele, os indivíduos “reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço” (CASTELLS, 2006, p. 23).

Nesse contexto, as narrativas podem ocupar as lacunas suscitadas por alguns desses pronomes interrogativos (“como, a partir de quê, por quem e para quê”) levantados por Castells (2006, p. 23), considerando que essas são instrumentos que usamos para fazer sentido a nossa volta e, deste modo, sentido de quem somos neste mundo. Dessa forma, as histórias que ouvimos e contamos têm um importante papel na construção de nossas vidas e da vida dos outros (MOITA LOPES, 2002, p. 64). Isso quer dizer que a narrativa é usada para criar um sentido de si-mesmo, bem como um dos mais importantes recursos para transmitir e negociar este significado com os outros (LINDE, 1989, p. 1).

Portanto, ao historiar a vida social para o outro e, como consequência, posicionarmo-nos diante dos nossos interlocutores e dos personagens presentes em nossas narrativas, (re)construímos nossas identidades sociais. Logo, a partir desta análise, verificaremos como quem conta a história está se construindo, através de seu discurso, em relação aos personagens e ao seu reconhecimento como solidário/pertencente a um grupo étnico específico.

Nesse sentido, é relevante ressaltar, conforme defende Moita Lopes (2002, p. 66-67), que a narrativa apresenta algumas características:

- (a) Representa a quebra de um cânone cultural, i.e., das expectativas culturais de um grupo onde a história é narrada. Conta-se a história com a motivação de se refletir sobre a vida social.
- (b) Relata o drama da vida social no qual estamos situados, na medida em que necessariamente envolve atores, ação, objetivo, cenário, instrumento e problema.
- (c) Tem natureza avaliativa, permitindo a negociação do significado social da história contada.

Nesse mesmo contexto, de acordo com Meurer (2000, p. 160), em suas práticas cotidianas, “os indivíduos não se dão conta de que nas ações mais triviais estão constantemente reconstituindo o mundo em que vivem, reforçando formas de perceber e conceituar a ‘realidade’, de construir relações e identidades sociais”. Para ele, a leitura crítica – que é justamente o que nos propomos a fazer neste capítulo –, significa aprender a buscar pistas discursivas que conduzam à percepção da relação dialética existente entre a linguagem e as práticas sociais.

Dessa forma, utilizamos, aqui, histórias de vida contadas por descendentes de alemães, buscando compreender como as identidades foram sendo (re)construídas, uma vez que as histórias de vida mudam com o passar do tempo. Além disso, essas histórias podem permanecer fragmentadas e incompletas, sem um final reconhecível, já que elas, muitas vezes, se afastam de uma estrutura bem formada, ou culturalmente normativa.

É importante ressaltar, no entanto, que não é nossa intenção empregar pressupostos da Análise do Discurso nesta seção, já que nosso principal aporte teórico é, na verdade, a Ecolinguística. Porém, como acreditamos, o apagamento de uma espécie linguística está diretamente relacionado ao desaparecimento de seus falantes (que pode ocorrer não apenas a partir da morte desses falantes, mas da forma como acabam reconstruindo suas antigas identidades para se adaptarem a um novo meio ambiente). Isso quer dizer que a vida de uma língua está atrelada e é dependente da vida de seus hospedeiros (MUFWENE, 2008, p. 152), os quais proporcionam muitas das condições ambientais fundamentais para sua sobrevivência e reprodução. Nesse sentido, podemos dizer que os falantes (que também hospedam outros

sistemas parasíticos, como, por exemplo, a cultura) modificam o comportamento de seus parasitas, ao mesmo tempo em que se adaptam às respostas comportamentais deles (MUFWENE, 2008, p. 152).

Assim, o que analisamos, aqui, são justamente as respostas comportamentais dos descendentes de alemães em Juiz de Fora, no que se refere ao processo de adaptação, reconhecimento e construção de suas identidades culturais e linguísticas em suas narrativas, de forma a compreendermos qual é verdadeiramente a atual situação da língua/cultura alemã na cidade.

4.1.2. O que nos contam os descendentes desses imigrantes?

Analisamos, nesta seção, trechos de entrevistas realizadas com descendentes de alemães maiores de sessenta anos. Essas foram promovidas em ambientes familiares aos entrevistados (principalmente em suas próprias residências ou de parentes mais próximos), o que possivelmente proporcionou segurança na relação com a pesquisadora e na produção dos discursos dos participantes.

Assim, a análise ocorrerá da seguinte forma: selecionaremos fragmentos de narrativa relevantes de cada entrevista, sem um padrão específico relacionado ao número de trechos. Cada fragmento será analisado qualitativamente posteriormente a sua apresentação no corpo do texto, focalizando aspectos relacionados à língua, cultura e identidade dos falantes. No que se refere à numeração dos fragmentos, optamos pela seguinte legenda: i) Numeração do quadro conforme aparecimento no trabalho; (ii) Número de identificação da entrevista; (iii) Ordem de fragmentos da mesma entrevista de acordo com seu aparecimento no trabalho.

Os entrevistados serão identificados pelas iniciais de seu(s) prenome(s) e pelo principal sobrenome, bem como pela idade e, algumas vezes, pelo sexo, com prévia autorização dos colaboradores.

Observamos, aqui, entre outras coisas, principalmente: (i) como quem conta a história está se constituindo através de seu discurso; (ii) se o sujeito participante da pesquisa é solidário ou se reconhece como pertencente ao

grupo étnico alemão; (iii) quais foram as respostas comportamentais dos descendentes de alemães de Juiz de Fora em relação ao processo de adaptação, ao reconhecimento e à (re)construção de identidades culturais e linguísticas; (iv) até que ponto a conduta dos hospedeiros pode ter modificado a espécie linguística.

4.1.2.1. Quem fala(va) a língua alemã entre os descendentes?

Nesta subseção, temos por objetivo refletir, basicamente, sobre as seguintes questões:

- (i) Qual é o nível de conhecimento de língua alemã dos descendentes de imigrantes alemães em Juiz de Fora?
- (ii) A língua alemã é (ou era) utilizada para a comunicação em meio à comunidade de descendentes? Por quem?

Assim, conforme demonstramos nesta parte da análise, os descendentes de alemães de Juiz de Fora, participantes desta pesquisa, têm pouco ou nenhum conhecimento da língua de seus antepassados. A maioria afirma que o conhecimento dos pais já era pequeno, e alguns nem sequer utilizavam a língua para a comunicação familiar, e muito menos social. P. I. Gerheim (79), por exemplo, afirma o que se segue no Quadro (4):

Quadro (4): Entrevista (015) – Fragmento de narrativa (1)

52	Pesquisadora	e você sabe falar alguma coisa de alemão falar
53		alguma palavra
54	P. I. Gerheim	não nada nada
55	Pesquisadora	e quem da sua família falava era (0.5) seu pai
56	P. I. Gerheim	meu pai não nem minha mãe só meu avô por parte
57		da minha mãe que falava todos os dois (0.5) eu
58		tirei diploma aqui em são pedro isso aí eu
59		tenho cê quer vê

No fragmento acima, o entrevistado afirma categoricamente, enfatizando com a repetição dos advérbios de negação “não” e “nada”, que não tem qualquer conhecimento da língua alemã. Da mesma forma, M. G. Schefer (66) e D. Weiss (74) também contam:

Quadro (5): Entrevista (009) – Fragmento de narrativa (1)

30	Pesquisadora	nossa (.) e vc sabe falar alguma palavra em
31		alemão↓ alguma coisa assim↓
32	M. G. Schefer	nada
33	Pesquisadora	eu também não (0.5) você sabe d↓
34	D. Weiss	eu não
35	M. G. Schefer	eu tinha uma vidinha muito:: assim (0.5) eu
36		nunca procurei saber dessas coisas não (.)
37		nunca tive interesse (.) e a minha mãe também
38		não falava nada não acho (.) que também não
39		tinha muita coisa (.) assim (.) se ela tinha
40		alguma coisa eu não sei

Outros entrevistados ainda fazem a mesma afirmação, como é o caso de C. Hagler (83), M. A. Agostinho (76), A. L. Schuchter (64), A. Dilly (80), M. P. Hagler (82), A. Agostinho (93), E. G. Keller (63), H. Brandel (84), A. M. Machado (63) e O. L. Scheffer (66). Alguns participantes disseram conhecer apenas algumas palavras ou expressões na língua alemã, como é o caso de D. D. Zigler (83), M. G. Dilly (97), I. B. Schepper (74), M. C. Damasceno (84) e A. Kelmer (66). Apenas um participante diz ter um bom conhecimento da língua alemã, devido ao convívio com os pais, mas que há anos não a utiliza para a comunicação, e que não a ensinou para os filhos e netos.

O que percebemos, também, durante o trabalho de campo, é que algumas expressões ficaram no imaginário popular, mesmo que esses descendentes não tenham conhecimento de seu significado. A. Kelmer (66), por exemplo, conhece um pequeno trecho de uma música antiga em alemão que ouviu de seus avós, apesar de não saber seu significado. M. G. Dilly (97) se lembra que sua avó utilizava o termo “buhmann” correspondente a “bicho “papão” no português. I. B. Schepper (74) também tem na memória o termo *schwarz*³¹ que as pessoas de sua família usavam para se referir aos negros. Há aqueles, ainda, como D. Zigler (83), que aprenderam um pouco da língua alemã na *Escola Evangelica Allemã* (sobre a qual falaremos no Capítulo 5, mais precisamente na seção 5.4) ou, mais tarde, em cursos de língua particulares. No entanto, mesmo que algumas expressões sejam lembradas da época de infância e/ou tenham sido aprendidas através do ensino formal,

³¹ Expressão alemã traduzida para o português como “negro”.

nenhuma variedade de língua alemã, atualmente, é utilizada pelos descendentes de alemães para a comunicação familiar ou social.

Ainda neste contexto, destacamos a colocação de O. L. Scheffer (66):

Quadro (6): Entrevista (012) – Fragmento de narrativa (1)

03	Pesquisadora	sessenta e seis↓ e vc ouvia muito falar
04		alemão na sua casa↓ [como é que era↓
05	O. L. Scheffer	[não (.) o meu papai que falava alemão (.)
06		mas a minha mãe não falava (.) então não
07		tinha como conversar
08	Pesquisadora	entendi
09	O. L. Scheffer	entendeu↓
10	Pesquisadora	e avô avó (.) você lembra↓
11	O. L. Scheffer	não (.) porque a minha avó quando eu comecei
12		é:: - ter uns seis anos ela morreu (.) e os
13		outros antes de eu nascer já tinha morrido
14	Pesquisadora	e na rua (.) na vizinhança assim (.) você
15		lembra de alguém que falava↓ (.) você ouvia
16		conversar↓
17	O. L. Scheffer	não não (.) muito difícil
18	Pesquisadora	não↓ e você sabe falar alguma coisa alguma
19		palavra↓
20	O. L. Scheffer	[não não (.) só português muito mal né↓
21		[[risos]]
22	Pesquisadora	então tá igual eu [[risos]] alguém da sua
23		família sabe falar↓
24	O. L. Scheffer	não (.) ninguém da minha família sabe falar
25		não

No Quadro (6), O. L. Scheffer (66) afirma que era “muito difícil” ouvir a língua alemã sendo falada nas ruas da vizinhança, e que não se lembra de ninguém que a utilizasse para a comunicação. Além disso, a entrevistada diz que não tem qualquer conhecimento da língua de seus antepassados. Ao utilizar a frase “só português muito mal né↓”, ela demonstra que o português é considerado sua língua obrigatória, indispensável para a comunicação com os seus, em detrimento do alemão. É possível inferir, de suas palavras, que o alemão é considerado, por ela, como uma língua estrangeira – ou seja, estranha a sua realidade – não familiar. O mesmo acontece na entrevista de M. G. Dilly (88), na linha (309), em que a entrevistada diz que “hoje é muito é inglês né↓”, colocando no mesmo patamar uma língua estrangeira que não lhe é familiar (o inglês) e a língua alemã (utilizada por de seus antepassados).

Em entrevista, M. G. Schefer (66) também afirma:

Quadro (7): Entrevista (009) – Fragmento de narrativa (2)

14	Pesquisadora	quase da idade da minha mãe (.) ela tem
15		sessenta e três (.) quando você era pequena
16		você ouvia muito falar alemão↓
17	M. G. Schefer	não
18	Pesquisadora	ou na sua casa (.) na vizinhança
19	M. G. Schefer	não <u>nunca</u> ouvi falar (.) <u>nunca</u> (.) na minha
20		casa ninguém falava
21	Pesquisadora	ninguém falava↓ nem sua avó bisavó (.) nada
22		disso↓
23	M. G. Schefer	não
24	Pesquisadora	<u>olha só</u> (0.5)e aqui na vizinhança↓ também não↓
25		
26	M. G. Schefer	também não
27	Pesquisadora	hoje em dia então é que não fala mesmo né↓
28	M. G. Schefer	não fala mesmo (.) eu não tenho ninguém que
29		falasse

No fragmento acima, a informante deixa claro que não conheceu ou conhece pessoas que a utilizavam ou a utilizam na vizinhança. É relevante destacar que a entrevistada sempre residiu no bairro Borboleta, onde foi fundada e acontece todos os anos a Festa Alemã (sobre a qual falaremos na seção 4.2). M. G. Schefer (66) ainda completa, dizendo que ninguém da sua família, nem mesmo avós ou bisavós, usavam a língua alemã para a comunicação em ambiente familiar ou em seu meio social. O fato de a informante nunca ter sequer escutado qualquer membro de sua família conversar na língua de seus antepassados evidencia o quanto a língua alemã pode ter desaparecido prematuramente do ecossistema em questão. A entrevistada também diz que ninguém da sua família, atualmente, tem conhecimento da língua.

Nesse mesmo contexto, I. B. Schepper (73) traz à tona a questão da *Hipótese das Três Gerações* (COUTO, 2007; DE HERÉDIA, 1989) – sobre a qual discorreremos especialmente na seção 1.3.2 –, a partir do seguinte fragmento de narrativa:

Quadro (8): Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (1)

01	Pesquisadora	você ouvia muito falar alemão (.) na sua
02		casa↓
03	I. B. Schepper	não quem falava mais alemão mesmo era só
04		minha vó né↓
05	Pesquisadora	era sua avó↓
06	I. B. Schepper	é era minha avó
07	Pesquisadora	e ela conversava↓
08	I. B. Schepper	não ela conversava sim [em alemão né↓
09	Pesquisadora	com quem que] ela conversava↓
10	I. B. Schepper	ah ela conversava com os ma- com aquelas
11		velha mais [velha
12	Pesquisadora	da (.) da] rua assim do bairro [né↓
13	I. B. Schepper	é]

No caso apresentado no Quadro (8), ao responder às perguntas da pesquisadora, I. B. Schepper (73) afirma que só quem falava alemão em sua família era sua avó com as “velhas mais velhas” da vizinhança. Isso evidencia que quem usava o alemão para a comunicação interpessoal, naquele meio ambiente, era somente a geração dos mais idosos. Dessa forma, parece que a Lei das Três Gerações é válida neste meio ambiente, considerando que quem veio da Alemanha para o Brasil foi a própria avó da informante. Assim, essa conversava em alemão com as idosas da vizinhança, a mãe falava pouco a língua (conforme ilustrado no Quadro (9), a seguir), e a própria informante se lembra apenas de algumas palavras e expressões, e não compreendia as celebrações em língua alemã na igreja luterana (conforme demonstraremos no Quadro (18), na Seção 4.1.2.2.). Além disso, os dois filhos da informante, que hoje têm 53 e 54 anos, não têm qualquer conhecimento de língua alemã, seja em termos de produção ou de compreensão.

Assim, no Quadro (9), I. B. Schepper (73) ainda afirma:

Quadro (9): Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (2)

23	Pesquisadora	mais sua mãe] seu pai
24	I. B. Schepper	falava ((a língua)) mais pouco [né↓
25	Pesquisadora	pouquinho↓]
26	I. B. Schepper	já falava pouco(.) [porque
27	Pesquisadora	umas palavras] só assim
28	I. B. Schepper	heim↓
29	Pesquisadora	umas palavras só↓
30	I. B. Schepper	é só uma algumas coisas né↓ [porque:: que
31		eles já moram mesmo - eles já nasceu (.) aqui
32		e num tinha muito contato né↓

Na declaração de que os pais da informante conheciam pouco da língua alemã reside a quebra de um cânone cultural: que só a partir do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial a língua teria deixado de ser ensinada para aqueles que tinham ascendência alemã. Se a informante nasceu no ano de 1938, seus pais (que, segundo ela, já tinham pouco conhecimento da língua), provavelmente, teriam nascido no começo do século XX. As proibições de se falar o alemão só foram impostas em território brasileiro a partir do ano de 1937, com o Estado Novo.

Alguns autores defendem que a Primeira Guerra Mundial, que teve início no ano de 1918, já teria sido o suficiente para começar o processo de erradicação do uso do alemão padrão na cidade. Para Roberto Dilly³², Presidente do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly, a publicação do jornal *Diário Mercantil*, datada de 1917 (ANEXO 01), comprova que a perseguição aos descendentes de alemães realmente existiu na cidade de Juiz de Fora. Para ele, essa situação piorou com a Segunda Guerra Mundial. No entanto, conforme acreditamos, e baseando-nos nas entrevistas realizadas, nem todas as famílias – principalmente as mais humildes que não possuíam bens na “cidade”, e que eram maioria –, sentiram o reflexo desses problemas já na época da Primeira Guerra Mundial. Com uma vida basicamente rural, isolados, de certa forma, no território da antiga colônia e alheios às motivações da “cidade”, muitos desses descendentes continuaram com sua rotina habitual. Segundo H. Brandel (84), o caminho antigamente conhecido como “Carlos Monteiro”, por onde os colonos passavam para ter acesso ao centro da cidade, só podia ser seguido à pé ou em carroças. Além disso, em suas próprias palavras, “quando chuvia a gente tinha até que agarrar nos mato pra poder subir” (entrevista (013/2012), linhas 62-63). M. C. Damasceno (84) confirma essa história no seguinte fragmento:

³² Disponível em http://www.jfempauta.com/?page_id=20744&preview=true, acesso em 09 jul. 2012.

Quadro (10): Entrevista (014) – Fragmento de narrativa (1)

201	Pesquisadora	e pra chegar lá na cidade era muito difícil
202	M. C. Damasceno	era porque a gente ia à pé
203	Pesquisadora	é mesmo
204	M. C. Damasceno	à pé (.) com criança (.) depois de a gente
205		casado mesmo eu já fui muito à pé na cidade
206		aqui não tinha o carro que tinha aqui em são
207		pedro era do meu padrinho aí um ford uma
208		caminhonete azul
209	Pesquisadora	mas isso bem mais tarde né
210	M. C. Damasceno	é
211	Pesquisadora	quando a senhora era pequena era só à pé
212		mesmo né
213	M. C. Damasceno	só (.) à pé que a gente ia pra todo lugar
214	Pesquisadora	era muito barro muita coisa assim
215	M. C. Damasceno	barro em quantidade a gente levava nem era
216		bolsa que a gente tinha não era um bernal
217		botava um pedaço de pano véi [dentro do
218		bornal
219	Pesquisadora	[alguém me falou que tinha até que segurar
220		nos matos pra descer é isso mesmo [era tudo
221		barranco assim
222	M. C. Damasceno	[era escorregava porque naquele morro tinha
223		muita pedra naquele morro lá pra baixo ali
224		antes de chegar no carlos monteiro tinha uma
225		pedra enorme ali quando armava muita chuva a
226		gente escondia lá debaixo acho que aquela
227		pedra ainda existe lá
228	Pesquisadora	não tinha estrada nenhuma nenhuma né
229	M. C. Damasceno	não era só pedra pedra e água essa mina
230		d'água que tem ali na universidade toda vida
231		a gente usou aquela mina d'água ali a gente
232		parava ali pra beber água e tinha um trilho
233		que a gente saía pelo caminho da serrinha e o
234		outro que a gente saía pelo carlos monteiro
235		saía na padre café e chegava lá em baixo nas
236		bica d'água onde as dona tava lavando roupa a
237		gente lavava o pé calçava o tamanco ou o
238		sapato que tinha que calçar e descia a padre
239		café tomava o bonde pra não dizer que ia à pé
240		ia de bonde [[risos]]

Na entrevista (003), D D. Zigler (83) afirmou que sua família experienciou a perseguição aos descendentes de alemães na época da Segunda Guerra, e que seu pai teve que queimar todos os documentos escritos na língua alemã. No entanto, esse morava numa região mais central de Juiz de Fora naquele período. Conforme acreditamos, as pessoas que conviviam mais no centro da cidade presenciaram alguns fatos que provavelmente não chegaram à comunidade do bairro São Pedro. Ainda, por

sua idade, o informante nasceu em 1936, e não chegou a participar da época da primeira guerra.

Além disso, há registros do uso do alemão padrão em documentos oficiais até pelo menos 1932 (ANEXOS 02 e 03) e, por isso, a afirmação de que a perseguição da época da primeira guerra teria sido motivo para o desaparecimento da língua não nos parece procedente. No que diz respeito a esses documentos, o anexo 02 é um livreto bilíngue (em português e alemão padrão) publicado em 1932, em comemoração aos 60 anos da Sociedade Beneficente Alemã de Juiz de Fora. Já o anexo 03 é uma publicação do jornal *Diário das 11* em alemão padrão, datada de 1924. É relevante destacar que, nas duas últimas páginas do jornal (anexo 03, 3ª e 4ª páginas), estão presentes propagandas de estabelecimentos juizforanos (cujos proprietários eram descendentes de alemães ou não) em *code-switching*³³. No entanto, nelas o português padrão acaba sendo predominante, o que é interessante para ilustrarmos o quanto a língua portuguesa estava presente na comunidade alemã de Juiz de Fora, bem como sua posição de *língua hipercêntrica*, conforme discutiremos no Capítulo 5.

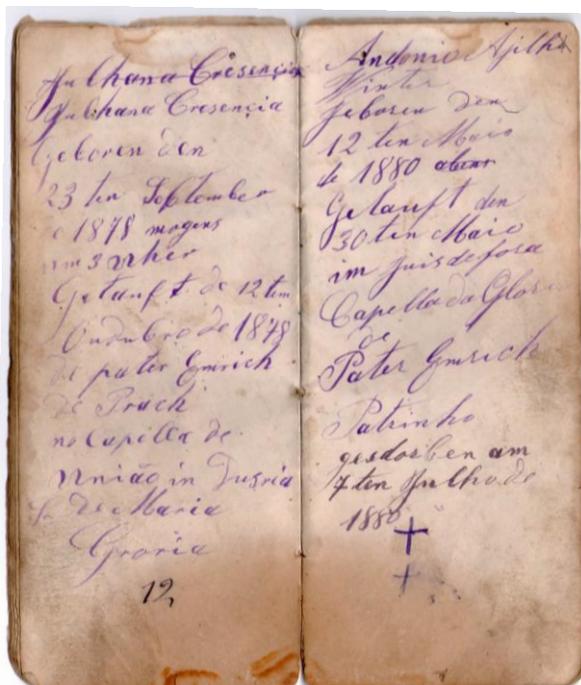
Destacamos, ainda, que não duvidamos que tenha havido algum tipo de perseguição aos descendentes de alemães em Juiz de Fora (conforme discutimos na seção 5.6), uma vez que vários documentos podem comprová-la. No entanto, o que defendemos é que o processo de desaparecimento da língua alemã na cidade foi anterior a esse período. Tal fato pode ser verificado especialmente a partir de um livreto que permaneceu no arquivo pessoal da família Gerheim até os dias de hoje, elaborado por Frederico Winter³⁴ (ANEXO

³³ Não há um consenso, na literatura, no que se refere a uma definição padrão pré-estabelecida em termos de *code-switching*. No entanto, entendemo-lo como um fenômeno linguístico randômico, uma vez que há a presença de elementos motivacionais discursivos e/ou de natureza sócio-pragmática na realização dos enunciados híbridos (em duas ou mais línguas). Isso quer dizer que o *code-switching* pode ser utilizado em contextos sociais para a transmissão de significados sutis – como identificação étnica e cultural, papéis/hierarquia dos participantes da interação, valores sociais e situacionais etc. (SOARES, M. S.; DORNAS, J. B.; COSTA, A. D., p. 7, 2013).

³⁴ É possível encontrar algumas pistas de quem é o autor do texto no livreto em questão. Na primeira página, por exemplo, o autor diz “meu pai nasceu 1810 in janero alemanha a mãe 1810 marzo Eliza [] / meu sogro João Paltener sua mulher Margarita [] nascidos in alemanha”. A primeira mulher de Frederico Winter foi Elisabeta Paltener, justamente a filha de João Paltener. No entanto, ela faleceu em 1884, e em 1886 (p. 17), ele se casou novamente com Catharina Guilhaer. Além disso, há a inscrição “Dinheiro que dei a meu filho Frederico Júnior” (p. 16). Também há a informação “Nasceu nossa filha Ana Catarina em 30 de agosto de 1888” (p. 17). Portanto, o autor da primeira parte do livreto é Frederico Winter (1839-1918), da primeira

04), natural da Alemanha e, portanto, da primeira geração de colonos. Através do documento, pode-se perceber o quanto era forte a presença da língua portuguesa em meio à comunidade alemã de Juiz de Fora, uma vez o texto está em formato de rascunho – o que sugere que foi escrito para ser lido apenas pelo próprio autor –, e esse era alemão e casado com uma alemã. No que se refere à mistura de línguas, em um trecho da página (16), por exemplo, o autor escreve “Antonio Winter geboren 12 ten Maio de 1880 gelangt den 30 ten Maio im juis de fora Capella da Gloria Pater Gemrich Patrinho gestorben am 7 ten julho de 1880³⁵”.

Figura (9): Livreto bilíngue família Winter (século XIX)



Pode-se perceber, desse modo, que mesmo utilizando termos em alemão (os mesmos que, a partir da página 17, o autor passa a utilizar somente em português, como “nasceu” e “faleceu”), uma parte deles está em português. Isso quer dizer que havia a presença da língua portuguesa no repertório

geração de imigrantes, nascido na Alemanha. Ele teria imigrado para Petrópolis/RJ e veio para Juiz de Fora apenas por volta de 1866. O autor da segunda parte do livreto, que apresenta grafia diferente e está apenas em língua portuguesa, ainda permanece desconhecido. Conforme acreditamos, esse deve ser da segunda geração.

³⁵ Antonio Winter nasceu 12 de Maio de 1880 chegou em 30 de Maio em Juiz de Fora Capella da Gloria Padre Gemrich Padrinho morreu em 7 de julho de 1880. [tradução nossa]

linguístico até mesmo da primeira geração de imigrantes, ainda em meados do século XVIII.

É claro que a perseguição política pode ter colaborado para o desaparecimento dos últimos resquícios de uso da língua – pois, assim como D. D. Zigler (83) declara, a bíblia utilizada na igreja Luterana era a de Martinho Lutero e, portanto, era “obrigatório” ter uma noção da língua alemã para o conhecimento da pauta da igreja³⁶ – e, portanto, no Capítulo 5, analisaremos esse aspecto como um fator ecológico que pode ter influenciado esse processo de apagamento, mas não como o único fator possível.

Quanto à visão generalizada que a informante I. B. Schepper (73) apresenta de que os filhos de alemães que nasceram no Brasil não teriam tido muito contato com a língua alemã, parece ser fato verídico na cidade, mas não necessariamente em todos os contextos de imigração do país. O que acreditamos, no entanto, é que por terem nascido no começo do século XX, muito da língua já havia se perdido e, por isso, os pais da informante conheciam pouco dela, principalmente por não utilizarem-na com a mesma frequência do português em suas relações sociais e nas mesmas situações comunicativas.

Essa ideia de que apenas os idosos falavam a língua alemã também está presente em outras entrevistas. M. C. Damasceno (84), por exemplo, faz os seguintes comentários:

³⁶ O conhecimento da língua alemã, sendo “obrigatório” neste contexto, demonstra que a essa não era utilizada para a comunicação interpessoal, mas apenas para a leitura da bíblia. Se a língua fosse utilizada dentro da família ou da comunidade naquela época, não precisaria ser considerada “obrigatória”, já que sua aquisição se daria por um processo natural.

Quadro (11): Entrevista (014) – Fragmento de narrativa (2)

03	Pesquisadora	deixa eu perguntar para a senhora (0.5) a
04		senhora ouvia muito falar alemão quando a
05		senhora era pequena (.) como é que era
06	M. C. Damasceno	elas falava ma- elas falava muito (0.5) e não
07		deixava a gente ficar perto não [mandava nós
08		ir brincá
09	Pesquisadora	[quem que conversava
10	M. C. Damasceno	[ah elas
11	Pesquisadora	[sua mãe sua avó assim
12	M. C. Damasceno	não a mamãe [não conversava
13	Pesquisadora	[não
14	M. C. Damasceno	[nem a minha avó julia não conversava em
15		alemão (-) só a vó véia a vó mila (0.5) a vó
16		mila é que conversava demais (.) aquele
17		saiote embaixo né (.) andava com um tamancão
18		(.) [ela morreu com oitenta e seis ano
19	Pesquisadora	[aí elas conversava na rua assim mesmo
20	M. C. Damasceno	ah quando encontrava
21	Pesquisadora	é só alemão
22	M. C. Damasceno	só em alemão que elas conversava (.)as amiga
23		lá (0.5) aí quando era no no dia do domingo
24		de ramo eu - nós ia com a vovó na igreja são
25		mateus benze ramo tinha que levá aqueles
26		pedaço de ramo grande não podia ser pequeno
27		não minha vó sempre era exagerada né

De acordo com o fragmento de narrativa de M. C. Damasceno (84), somente sua bisavó utilizava uma variedade de língua alemã para se comunicar com as amigas (que também eram idosas). É relevante também destacar que outros informantes disseram que os parentes que falavam a língua alemã não gostavam ou incentivavam a participação das crianças em suas conversas, o que acaba servindo como argumento para aqueles que defendem que o único fator impulsionador do desaparecimento da língua alemã teria sido o medo da perseguição da guerra. No entanto, considerando que a informante nasceu em 1928, e que, em 1937 (ano em que foi proibido o uso do alemão no Brasil), ela já teria 9 anos, tal ideia não nos parece procedente³⁷. Isso é ainda mais patente quando se fala de A. Agostinho (93), que em 1937 já tinha 18 anos, e de M. G. Dilly (97), que já tinha 22 anos de idade. A última, no entanto, afirma:

³⁷ De acordo com De Heredia (1989, p. 183), o principal período de aquisição de linguagem é de 0 a 5 anos de idade.

Quadro (12): Entrevista (004) – Fragmento de narrativa (1)

05	Pesquisadora	[é?, conversavam em casa, e ensinaram pra a
06		sinhora, a sinhora sabe alguma coisa,
07	M. G. Dilly	não sei não
08	Pesquisadora	[não, ?
09	M. G. Dilly	[uma palavra ou outra né,
10	Pesquisadora	[é (.) olha só (.) e então seus [pais
11	M. G. Dilly	eu lembro (.) quando elas queriam conversar
12		uma coisa que a gente não podia ouvir (.)
13		queria (.) não podia ouvir (.) elas
14		conversavam em alemão [né,
05	Pesquisadora	espertas né,? dona glória,
06		
07	M. G. Dilly	o segredo delas (.) entre elas né,
08	Pesquisadora	e a sinhora num já:: (.) num entendia [não
09	M. G. Dilly	num entendia nada

Neste fragmento, M. G. Dilly (97), que diz saber “uma palavra ou outra” em língua alemã, afirma que não compreendia o que a avó e a mãe conversavam, entre si, na língua. Por isso, face às evidências, acreditamos que a opção por privilegiar a língua portuguesa, e não ensinar a língua alemã para as crianças que tinham ascendência alemã, pode ter sido um tipo de “escolha”, ou seja, uma questão relacionada à “política linguística familiar”. Essa escolha, possivelmente, teria sido motivada não por medo de perseguições, como muitos acreditam, mas pela ideia de que a língua portuguesa já fazia o trabalho social (MYERS-SCOTTON, 2006, p.9) de que as crianças precisavam naquele momento histórico. A língua alemã já não teria tanta utilidade, nem mesmo em meio à comunidade de descendentes alemães, uma vez que todos (ou a grande maioria, talvez com exceção de alguns poucos idosos) utilizavam a língua portuguesa para se comunicar, o que inclui a escola e a igreja.

De acordo com De Herédia (1989, p. 191), da mesma forma que um país faz suas próprias escolhas em relação às línguas que serão utilizadas para a comunicação, i.e., que serão permitidas, ensinadas ou oficializadas em seu território, uma família também toma esse tipo de decisões. Ainda para a autora,

As famílias imigradas perguntam-se com frequência o que convém à criança: falar-lhe na língua materna, a dos pais, dos avós, da família no seu país, aquela que eles dominam melhor e que, para eles, transmite as relações afetivas, simboliza e concretiza sua identidade cultural? Ou, numa preocupação de integração e num anseio de êxito escolar e promoção social, falar-lhe na língua do país de residência e da escola? (DE HERÉDIA, 1989, p. 191)

A partir dessa mesma ideia, destacamos o fragmento abaixo da entrevista com H. Brandel (84):

Quadro (13): Entrevista (013) – Fragmento de narrativa (1)

15	Pesquisadora	e a senhora sabe falar alguma coisa↓
16	H. Brandel	não (.) nada nada [[risos]]
17	Pesquisadora	<u>ihh então tá igual eu dona h (.) também nada</u>
18		<u>nada nada</u> [[risos]]
19	H. Brandel	mas agora nem nas aula não↓ você não fala↓
20	Pesquisadora	to tentando dona h (.) mas ta difícil é de
21		ter tempo pra fazer [[risos]]
22	H. Brandel	quem sabia falar alguma coisa de alemão já
23		foi tudo né?

A frase “quem sabia falar alguma coisa de alemão já foi tudo” evidencia que, se considerarmos os depoimentos coletados, os poucos indivíduos que tinham algum conhecimento e utilizavam a língua alemã de alguma forma em seu meio social, eram da geração anterior ou igual à de H. Brandel (84). Da mesma forma, A. Dilly (80) defende:

Quadro (14): Entrevista (005) – Fragmento de narrativa (1)

09	Pesquisadora	é é praticamente né↓ (0.5) mais eu queria
10		perguntar pra o senhor (0.5) se o senhor
11		ouvia muito (.) falar <u>alemão</u> (0.5) na sua
12		casa↓
13	A. Dilly	não (.) é que eu te falei aquilo quando
14		elas tinham interesse (.) que a gente não
15		soubesse do assunto
16	Pesquisadora	[aham
17	A. Dilly	né↓] (.) elas falavam em alemão
18	Pesquisadora	mais a sua mãe falava em alemão↓
19	A. Dilly	não muito né↓ (.) mais a vovó falava mais
20		[né↓
21	Pesquisadora	e ela] (.) a sua avó conseguia manter
22		conversa né↓
23	A. Dilly	é:: acho que sim:: (.) pelo tempo que a
24		gente naquele tempo ainda não era muito::
25		né↓ na ativa ainda (0.5) mais eu acho que
26		elas falavam sim [né↓
27	Pesquisadora	é] (.) e na sua vizinhança (0.5) na sua
28		ru::a tinha muita gente que falava↓
29	A. Dilly	é aqui:: como você sabe era uma colônia
30		alemã [né↓
31	Pesquisadora	aham]
32	A. Dilly	então tinha muita gente os mais antigos
33		sempre conversavam [alguma coisa
34	Pesquisadora	sempre conversavam] (.) é
35	A. Dilly	né↓ (0.5) mais depois também entre as
36		outras família acho que foi acontecendo a
37		mesma coisa
38	Pesquisadora	aham

39 40	A. Dilly	os da minha época pra cá não sabe praticamente né↓
----------	----------	--

Considerando que o informante é da terceira geração, quando ele afirma “os mais antigos sempre conversavam” e “os da minha época pra cá não sabe praticamente nada”, a ideia de que de sua geração em diante os descendentes de alemães têm pouco ou nenhum conhecimento da língua alemã é reforçada. M. C. Damasceno (84) também discute o assunto no seguinte fragmento:

Quadro (15): Entrevista (014) – Fragmento de narrativa (3)

164 165 166	Pesquisadora	naquela época quem falava alemão eram só os mais velhos ou a senhora acha que tinha gente nova que falava também
167 168	M. C. Damasceno	só os mais velho hoje em dia é que tem aula e se precisa aprende né
169 170 171	Pesquisadora	porque a gente não vê ninguém mais falar né (0.5) por que que a senhora acha que sumiu [a língua
172 173 174 175 176 177 178 179 180 181	M. C. Damasceno	[porque os antigo foram tudo morrendo né essa gente dos munga [[sobrenome original munck]] lá tudo era alemã né tudo conversava né em alemão mas foram tudo acabando tudo morrendo sumiu o pessoal o pessoal do stefan do stefano [[sobrenome original stephan]] aquela gente uns morreram outros sumiram pouca gente aqui em são pedro a gente conhece porque aqui não tem mais essa gente antiga acabou tudo né (...)

Nesse caso, a informante ainda cita sobrenomes de famílias em que as pessoas mais velhas que falavam a língua alemã faleceram. Pode-se perceber, ainda, que a pronúncia dos sobrenomes alemães “Munck” e “Stephan” foi aportuguesada. É relevante destacar que a maioria dos descendentes de alemães do bairro São Pedro (com algumas exceções, é claro) utilizam essa mesma pronúncia. O sobrenome “Gerheim”, por exemplo, é pronunciado pela população do bairro, em geral, como /gerin/ em oposição a /gexaim/; o sobrenome “Schuchter” é pronunciado /ʃuster/ em oposição a /ʃur:ter/ (pronúncia original). Isso reforça ainda mais a ideia de que a língua alemã não sobreviveu ao processo de adaptação em meio à comunidade alemã de Juiz de Fora.

4.1.2.2. A cultura alemã em meio aos descendentes de alemães nos dias de hoje

Nesta seção, através da análise de alguns fragmentos de narrativa dos descendentes de imigrantes alemães de Juiz de Fora, temos por objetivo refletir, especialmente, sobre a seguinte questão:

- (i) Qual é a atual situação da cultura alemã na cidade de Juiz de Fora, no que concerne a comidas típicas, celebrações religiosas em língua alemã, ensino de língua alemã e conhecimento da história e da origem dos antepassados?

Nesse sentido, pode-se dizer que alguns traços da culinária alemã estão ainda presentes na *Festa Alemã do Borboleta*, uma vez que a intenção é justamente a de recuperação da cultura. No entanto, o que constatamos nas entrevistas realizadas, e a partir das observações da pesquisadora em campo, é que esses traços não estão presentes no dia a dia dos descendentes de alemães de Juiz de Fora. Alguns entrevistados não conhecem as receitas, muito menos as fazem em casa. Outros entrevistados conhecem algumas receitas que, com o tempo e as necessidades, acabaram ganhando características brasileiras, como o “vinho de laranja”, por exemplo. Os alemães, acostumados, em suas regiões de origem, a fazerem o vinho verdadeiro, vieram para a cidade e, ao encontrarem abundância de frutas tropicais, como a laranja, e escassez de uva, adaptaram a receita à matéria-prima disponível.

Na entrevista (011), A. Agostinho (93) e E. G. Keller (63) falam das comidas típicas alemãs que conhecem. A. Agostinho (93), por ser também descendente de italianos, associa, equivocadamente, o prato “macarronada” a sua ascendência alemã.

Quadro (16): Entrevista (011) – Fragmento de narrativa (1)

105	Pesquisadora	que legal↑ vou fazer isso com a minha
106		filhinha ela vai adorar procurar ovinho
107		[[risos]] a senhora sabe fazer alguma
108		comida típica lá da alemanha↓
109	A. Agostinho	a gente costumava fazer assim macarronada
110		né↓ fazia a massa e depois abria sabe↓
111	Pesquisadora	ahã (.) chucrute assim não↓
112	A. Agostinho	não
113	Pesquisadora	vinho↓
114	A. Agostinho	quem fazia muito vinho era o meu pai né↓
115		fazia muito vinho de laranja
116	Pesquisadora	devia ser bom né↓
117	A. Agostinho	antigamente quando a gente morava lá em
118		cima tinha uma chácara muito grande (.)
119		então eles panhava um saco de laranja
120		pegava uma tina pregava uns preguinho
121		comprava aquele açúcar escuro
122	Pesquisadora	[[mascavo↓
123	E.G. Keller	[[mascavo
124	A. Agostinho	mascavo né↓ mas eu não sei como é que faz
125		não (.) mas demorava uns dia né↓ não sei
126		quantos dia não
127	E.G. Keller	eu e a minha irmã nós fazemos almoço alemão
128		todo ano
129	Pesquisadora	vocês fazem↓
130	E.G. Keller	nós fazemos (.) porque a minha sobrinha ela
131		é casada e ela tem uns amigos sabe↓ os
132		amigo dela é doido nessas comida aí (.)
133		todo ano eu e a minha irmã faz (0.5) eles
134		compra os barril de chope vem pra cá (.) a
135		minha irmã vem pra cá [[na quinta-feira
136	Pesquisadora	[[o que que vocês fazem↓
137	E.G. Keller	a gente fala - eu não sei muito bem alemão
138		também não (.) eu falo assim comum né↓ mas
139		a gente faz Joelho de porco (.) a gente faz
140		salada de batata

Neste mesmo fragmento, A. Agostinho (93) fala do “vinho de laranja” que era feito por seu pai. Além disso, E. G. Keller (63) fala do “almoço alemão” que faz todos os anos, citando como comidas típicas o Joelho de porco e a salada de batata. Como acreditamos, essas comidas já ganharam características brasileiras, principalmente no que concerne aos temperos utilizados. A informante ainda utiliza as sentenças “eu não sei muito bem alemão também não (.) eu falo assim comum né↓”, que indicam que os pratos ditos típicos alemães são tratados por nomes no português, e já perderam seus títulos na língua de origem. Assim, nem mesmo no campo da culinária a língua alemã

permanece em Juiz de Fora, considerando que o fato se repete até mesmo na Festa Alemã.

No Quadro (17), M. G. Dilly (97) fala das comidas alemãs que eram feitas por sua mãe. Ela inclui o chucrute, dizendo que a mãe fazia “umas comidas diferentes”. Nesse sentido, o termo “diferentes” sugere a não familiaridade com a culinária alemã.

Quadro (17): Entrevista (004) – Fragmento de narrativa (2)

164	Pesquisadora	[era né↓ e a senhora teve muito contato com
165		cumida lá da alemanha (.) a sua mãe fazia (.)
166		essas coisa assim↓
167	A. L. Schuchter	pão né↓ ((também é descendente de alemães e
168		entra na entrevista. Já estava escutando))
169	M. G. Dilly	o chucrute que é salada de
170	Pesquisadora	fazia↓ (.) a senhora gosta↓ (.) chucrute
171	M. G. Dilly	é (.) a mãe fazia umas cumida diferente
172	A. L. Schuchter	lebra né dona glória↓ (.) a lebra também era
173		alemã né↓ (.) lebra de porco
174	M. G. Dilly	[chouriço

Assim, pode-se dizer que, hoje em dia, algumas receitas ainda são conhecidas, mas raramente utilizadas em casa, limitando-se à época, e à comercialização, nas festas tradicionais.

No que se refere às celebrações religiosas, atualmente, as igrejas católicas e as igrejas luteranas da cidade de Juiz de Fora não celebram missas ou cultos em língua alemã, nem mesmo nos bairros São Pedro e Borboleta.

Poucos entrevistados afirmaram ter assistido cultos/missas em língua alemã quando eram crianças. Somente D. D. Zigler (83) e I. B. Schepper (74) afirmaram ter assistido cultos em alemão em uma Igreja Luterana de Juiz de Fora. No que se refere à Igreja Católica, nenhum entrevistado disse ter assistido a missas com pregações em língua alemã.

Nesse contexto, I. B. Schepper (74) faz a seguinte narrativa:

Quadro (18): Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (3)

107	Pesquisadora	você chegou a assistir algum cu::lto alguma
108		missa em alemão↓
109	I. B. Schepper	tinha de primeiro a:: nas missa ((cultos))
110		quando fazia na festa luterana aqui (.) as
111		primeiras missa era (.) era em (.) em alemão
112	Pesquisadora	era↓ (0.5) e você lembra↓
113	I. B. Schepper	eu lembro [mais
114	Pesquisadora	num entendia nada↓
115	I. B. Schepper	num] (.) num pegava nada né↓ (0.5) a gente
116		tava ali por [tá
117	Pesquisadora	[aham
118	I. B. Schepper	mais num [pegava nada não
119	Pesquisadora	você tinha] quantos anos mais ou menos↓
120	I. B. Schepper	[ah::
121	Pesquisadora	você lembra] ↓
122	I. B. Schepper	tinha uns seis se::te mais ou menos nem-
123	Pesquisadora	aí depois foi acabando↓
124	I. B. Schepper	é até acho que eu creio que até uns o::ito
125		anos era assim depois (0.5) é porque os
126		pastor falava bem né↓ (.)em em alemão né↓
127	Pesquisadora	[uhum
128	I. B. Schepper	[principalmente esse que a gente foi (0.5)
129		criado praticamente com ele esse era alemão
130		mais alemãoção memo né↓

É interessante destacar o fragmento das linhas (131-132) “num pegava nada né↓ (0.5) a gente tava ali por tá”, porque esse mostra o quanto as crianças, naquele período, estavam alheias à língua dos pais e avós. I. B. Schepper (74) afirma que tinha, nessa época, em torno de seis anos, e que as pregações foram até em torno de seus oito anos de idade. Isso quer dizer que as pregações em língua alemã perduraram, na igreja luterana, até depois das proibições feitas pelo Estado Novo. No entanto, discutiremos mais essa questão no Capítulo 5.

No que se refere ao ensino de língua alemã na cidade, nenhum entrevistado afirmou ter estudado a língua em qualquer escola dos bairros São Pedro e Borboleta. D. D. Zigler (83), no entanto, chegou a estudar na Escola Evangélica Allemã (sobre a qual falaremos no Capítulo 5) até o terceiro ano, sendo encaminhado, depois, para o Grupo Antônio Carlos, onde não havia ensino de língua alemã. Assim, segundo ele:

Quadro (19): Entrevista (003) – Fragmento de narrativa (1)

155	Pesquisadora	[mais lá vocês tinham aula em alemão (.) ou
156		só tinha <u>aula::</u> (.) por exemplo (.) o senhor
157		aprendia <u>matemática</u> em alemão;
158	D. D. Zigler	[também
159	Pesquisadora	[tinha;
160	D. D. Zigler	começou (.) tanto é que eu tenho uma certa
161		dificuldade em alemão que quando eu fui pra a
162		escola alemã eu - a minha mãe tinha me
163		ensinado (.) eu escrevia fluente com uma
164		letrinha (.) escrevia meia:: mais eu escrevia
165		e lia fluentemente né; e eu fui pra lá (0.5)
166		quando entrei (.) a professora falou (.)
167		começou lá a passar b a ba b e be aquele
168		negócio de - e foi passando palavras e tudo
169		eu lia (.) tudo direto (.) e ela pegou e
170		falou com o pastor falou (.) oh esse menino
171		não pode ficar no primeiro ano não que ele já
172		tá - e fui pra o segundo (0.5) ai comecei a
173		ter dificuldade porque as aulas eram dadas do
174		segundo ano e eu tinha - estava acompanhando
175		(.) e nunca tinha tido aula de aritmética em
176		alemão né; [era perguntado quanto era dois
177		mais quatro
178	Pesquisadora	[ah entendi (.) então tinha história tinha
179		geografia (.) tudo em alemão?
180	D. D. Zigler	não (0.5) é:: tinha tinha as aulas é:: do
181		idioma alemão e as outras aulas eram dadas em
182		português né; mais aritmética era dada em
183		alemão () [então eu
184	Pesquisadora	[o senhor teve dificuldade
185	D. D. Zigler	eu comecei a ficar atrasado em aritmética por
186		causa disso né; [mais tinha aula também com a
187	Pesquisadora	[porque o senhor usava muito mais o português
188		no seu dia a dia né;
189	D. D. Zigler	[é (.) eu só sabia em português (.) mais eu
190		nunca::

Na Escola Evangélica Alemã, algumas matérias eram ensinadas em língua alemã pelos professores, como aritmética, por exemplo, conforme afirma D. D. Zigler (83). No entanto, essa escola foi fechada na época da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, muitas crianças não tinham condições de frequentar colégios por vários motivos, sendo um deles a distância do bairro São Pedro, tal como afirma I. B. Schepper (74):

Quadro (20): Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (4)

37	I. B. Schepper	uhum (0.5) então a minha mãe quando ela::
38		(0.5) tinha assim uma idade mais ou menos
39		até ela ia fazer uma escola alemã (.) pra
40		aprender sabe (0.5) <u>só que era lá no do na</u>
41		<u>na rua dom pedro segundo né↓ [lá na cidade</u>
42		<u>e::</u>
43	Pesquisadora	lá longe né↓]
44	I. B. Schepper	[e num tinha condução (.) ela::
45	Pesquisadora	na igreja luterana num era↓
46	I. B. Schepper	<u>ela che-</u>] <u>é ela</u> chegou a ir uns dias
47		mais(.) depois [nu::m
48	Pesquisadora	entendi
49	I. B. Schepper	num dava pra ir [mais

Assim, segundo a informante, sua mãe chegou a frequentar a escola por alguns dias, mas como era bastante longe e não havia transporte, ela acabou desistindo. A mesma informante ainda afirma:

Quadro (21): Entrevista (006) – Fragmento de narrativa (5)

135	Pesquisadora	alfredo} u::m (.)e você:: (0.5) como é que é
136		(.) cê chegou a estudar em alguma escola::
137		(.) dona () aqui↓
138	I. B. Schepper	aqui no são pedro né
139	Pesquisadora	estudou aqui↓
140	I. B. Schepper	na naquela escolinha ali
141	Pesquisadora	onde que é o ademar rezende↓
142	I. B. Schepper	é no ademar
143	Pesquisadora	é (.) e lá te ensinava <u>alemão não↓</u>
144	I. B. Schepper	não[não
145	Pesquisadora	não]
146	I. B. Schepper	não a professora não num era (.) [ensinava
147		alemão não
148	Pesquisadora	e:: você só] estudou ali então
149	I. B. Schepper	só até a terceira série né↓ porque ali só
150		dava (.) fazia até a terceira série (0.5)
151		depois se quisesse continuar tinha que ir
152		pra a cidade né↓
153	Pesquisadora	entendi
154	I. B. Schepper	aí já era difícil porque(0.5)num tinha
155		ônibus num tinha nada [era tudo longe
156	Pesquisadora	nenhum recurso] nenhum né↓
157	I. B. Schepper	tudo a pé mesmo (.) e criança também
158		(0.5)sozinho né↓

Dessa forma, muitas crianças deixaram de estudar por causa da distância do bairro até o centro da cidade. É verdade que, no bairro São Pedro, havia escolas que ofereciam até o 3º ano primário, mas nenhuma delas ensinava a língua alemã, apesar de estarem localizadas dentro de uma ex-colônia alemã. Segundo a informante, quem quisesse continuar os estudos

deveria se matricular numa escola no centro. Nesse sentido, M. G. Dilly (97) ainda afirma:

Quadro (22): Entrevista (004) – Fragmento de narrativa (2)

134	M. G. Dilly	aí papai queria que eu continuasse a estudar
135		e eu não queria né, naquele tempo era difícil
136		(.) num tinha condução (.) num [tinha ônibus
137		né,
138	Pesquisadora	[ah imagino
139	M. G. Dilly	e eu tinha doze anos quando eu tirei a
140		[quarta série
141	Pesquisadora	[a senhora tinha que ir andando né,
142	M. G. Dilly	tinha que ir andando né, (0.5) aí o papai
143		chegou até a ir no colégio são josé que tinha
144		antigamente (.) era em frente à santa casa
145		(.) o colégio são josé na esquina da doutor
146		romualdo onde tem o posto de gasolina ali (.)
147		o posto de gasolina é de um lado o colégio
148		são josé era do outro (.) e eu num fui não
149		quis ir teimei com ele não fui de jeito
150		nenhum (.) aí parei
151	Pesquisadora	e eram muito caras as escolas dona glória, as
152		escolas eram muito caras,
153	M. G. Dilly	o colégio santa catarina não era muito caro
154		[não né,
155	Pesquisadora	[não, essa escola
156	M. G. Dilly	naquela época era caro né, porque era difícil
157		né,
158	Pesquisadora	era difícil de pagar né, (.) e a senhora
159		chegou a estudar alemão na escola,
160	M. G. Dilly	não
161	Pesquisadora	não né, não tinha não,
162	M. G. Dilly	nem em santa catarina que era () era
163		descendente dos alemães [né,
164	Pesquisadora	[era né, e a senhora teve muito contato com
165		cumida lá da alemanha (.) a sua mãe fazia (.)
166		essas coisa assim,

Segundo a informante, naquela época, era difícil de pagar as escolas particulares. Além disso, nem mesmo o Colégio Santa Catarina, que tinha uma ligação com os alemães, oferecia o ensino de língua alemã.

No Capítulo 5, retomaremos esse mesmo assunto, apresentando as escolas fundadas para os filhos de imigrantes em Juiz de Fora. No entanto, é relevante destacar que a maior parte dessas escolas é bem anterior à data de nascimento das pessoas entrevistadas nesta pesquisa.

No que se refere ao possível conhecimento da história e da origem de seus antepassados por parte dos descendentes de alemães de Juiz de Fora, o que se percebe é que poucos têm informações. O. L. Scheffer (66), por exemplo, responde à pergunta da pesquisadora da seguinte maneira:

Quadro (23): Entrevista (012) – Fragmento de narrativa (2)

80	Pesquisadora	e a senhora sabe de que região de lá que eles vieram↓
81		
82	O. L. Scheffer	foi de uma encosta que tinha (0.5) que foi na época que teve a:: uma guerra (.) então eles vieram refugiados de lá pra cá [entendeu↓
83		
84		

A verdade é que parece ter ficado no imaginário popular da cidade de Juiz de Fora que esses imigrantes alemães saíram de sua região de origem por causa da guerra, como refugiados, sem passaporte ou autorização do país. No entanto, essa migração em massa para o Brasil foi bem anterior a esse período, datando de 1858, enquanto a Primeira Guerra Mundial foi apenas no começo do século seguinte. É verdade que esses imigrantes fugiam de problemas sociais, como a miséria, mas não de conflitos armados. Muitos entrevistados associam a saída de seus antepassados de sua região de origem aos problemas com o nazismo.

No que se refere às histórias contadas pelos antepassados, notamos que a maior parte dos entrevistados destacou os mesmos fatos, o que inclui as dificuldades da viagem, em que os imigrantes ficaram em torno de seis meses no mar, ou a construção da Capela de Sant'Anna em agradecimento pela chegada. C. Hagler (81), por exemplo, conta:

Quadro (24): Entrevista (007) – Fragmento de narrativa (1)

182	Pesquisadora	eu também num conheço nada (.) minha mãe a vó também já num conhecia nada (.) engraçado né↓
183		
184		(0.5) e a sinhora ouvia muita história assim (.) dos seus antepassa::dos das pessoas que chegaram <u>aqui</u> que vieram da alemanha <u>pra cá</u> ↓
185		
186		
187		
188	C. Hagler	a isso a:: a a minha avó (.) veio
189	Pesquisadora	[sua avó aham
190	C. Hagler	a minha avó] é a mãe da () a minha avó veio (0.5) aí ela contava que:: (.) ficou seis meses num navio
191		
192		
193	Pesquisadora	uhum
194	C. Hagler	e quando o vento - era a vela - o vento [ficava pra <u>lá</u>
195		
196	Pesquisadora	a sua avó mesmo que te contou↓
197	C. Hagler	ia e voltava] né↓
198	Pesquisadora	a sua avó mesmo que te contou↓
199	C. Hagler	é (0.5) aí acho que ela teve uma criança dentro do navio (.) num tinha como enterrar parece que jogou no mar
200		
201		
202	Pesquisadora	morreu↓
203	C. Hagler	a criança morreu e:: você vê lugar sem recurso

204		né↓
205	Pesquisadora	uhum num tinha recurso nenhum né↓
206	C. Hagler	aí teve que jogar no mar (.) isso era o que
207		ela contava

Dessa forma, é fato que os entrevistados conhecem apenas histórias a partir do embarque no navio que vinha para o Brasil, e não anteriores a isso, relacionadas à região de origem de seus antepassados.

Nesse contexto, na próxima seção, apresentaremos algumas reminiscências da cultura alemã em Juiz de Fora, no que se refere, especialmente, à arquitetura, aos estabelecimentos comerciais e aos sobrenomes dos descendentes.

4.2. Algumas reminiscências da língua/cultura alemã na cidade de Juiz de Fora

Como se pode perceber, poucos traços da(s) espécie(s) linguística(s) e da cultura alemã sobreviveram ao processo de adaptação pelo qual passaram seus hospedeiros. No entanto, apresentamos, nesta seção, algumas poucas reminiscências da cultura alemã relacionadas à arquitetura, aos nomes de ruas e aos estabelecimentos comerciais. É significativo perceber o quanto esses traços da(s) identidade(s) alemã(s) foram apagadas, considerando que o contingente de colonos foi bem grande em relação à população da cidade naquela época (conforme discutido no Capítulo 3). Pode-se até afirmar, frente aos poucos vestígios que restaram desses povos, que o que se estabelece aqui é um processo de pulverização de identidades.

É bem verdade que a influência dos imigrantes germânicos na economia da cidade foi bastante acentuada e que, até hoje, conservam-se estabelecimentos comerciais fundados e/ou ainda mantidos por eles e seus descendentes. No entanto, reiteramos que a mesma atuação não se repetiu no que diz respeito à cultura/língua.

No que tange ao comércio, podemos citar a Cervejaria Barbante, localizada à Avenida Senhor dos Passos, no bairro São Pedro. Essa foi a primeira cervejaria de Juiz de Fora, criada em 1861, pelo imigrante Sebastian

Kunz³⁸, proveniente do Estado de *Baden*. Em 2009, quase 120 anos depois, Pedro Peters, tataraneto de Kunz, retomou a produção artesanal³⁹.

Figura (10): Cervejaria Barbante (2012)



Já em relação à arquitetura, destacamos a casa construída no final do século XIX por Sebastião Peters, dentro da Colônia D. Pedro II (e que hoje está localizada na praça Terezinha Fleury da Cruz, entre a rua José Lourenço e a Avenida Senhor dos Passos, no bairro São Pedro), restaurada no ano de 2008 com o apoio da *Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura*. Hoje, ela abriga a *Sede da Associação de Moradores e Amigos do Bairro São Pedro*, o *Centro Cultural Terezinha Fleury da Cruz* e a primeira *Biblioteca Comunitária Dr. Carmelo Distante*. Na entrada da casa, há uma placa pendurada com a seguinte inscrição: *Das Haus 41 (Casa 41)*. As Figuras (11) e (12), abaixo, ilustram essa reminiscência da cultura alemã.

³⁸ Sebastian Kunz veio para o Brasil em 17 de maio de 1858, com 28 anos, no navio *Gessner*. Foi registrado como agricultor (CLEMENTE, 2008, p. 256).

³⁹ Disponível em <http://cervejariabarbante.blogspot.com/>, acesso em 01 de março de 2012.

Figura (11): Casa construída, no final do século XIX, por Sebastião Peters (2012)



Figura (12): Placa pendurada na casa construída por Sebastião Peters (2012)



Outro traço da cultura germânica no bairro São Pedro é a igreja Luterana (Figura (14)), localizada à Avenida Senhor dos Passos, número 1330. Segundo Kappel (2002, p. 48), essa foi fundada em 30 de junho de 1935, e é a capela mais antiga conservada até o momento. O terreno onde foi construída teria sido doado por João Antônio Lawall.

Figura (13): Capela Evangélica Alemã – 1935 (Kappel, 2002, p. 49)



Figura (14): Igreja Luterana do Bairro São Pedro (ano de 2012)



Quanto aos nomes de ruas com traços alemães (conforme já mencionado na introdução deste trabalho), há apenas ocorrências de nomes dos imigrantes ou de seus descendentes. Essas ruas estão especialmente localizadas nos bairros São Pedro e Borboleta. Assim, foram contabilizadas 93 ruas com antroponímia alemã, em um total de 4.300 ruas existentes na

cidade, a partir de um levantamento realizado através da Lista Telefônica da cidade de Juiz de Fora, disponibilizada pela Guiatel S/A.

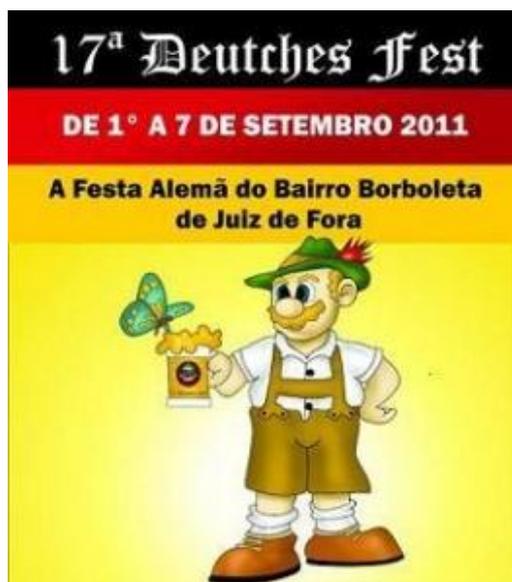
Há, ainda, em Juiz de Fora, algumas tentativas de recuperação de alguns aspectos culturais / identitários do povo germânico. Um exemplo disso é a fundação do Centro Folclórico Teuto-Brasileiro, em 27 de agosto de 1967, que criou a *Festa Alemã do bairro Borboleta* (realizada geralmente na Rua Tenente de Paulo Maria Delage, nos arredores da igreja de São Vicente de Paulo, no bairro Borboleta), iniciada somente no ano de 1969, mais de 110 anos após o movimento migratório. Nesse momento, muito da(s) cultura(s) alemã(s) já havia se perdido na cidade de Juiz de Fora, devido a vários fatores ecológicos, alguns dos quais discutiremos no Capítulo 5. Nesse contexto, nota-se que a festa é, na verdade, fruto de uma “cultura imaginada”⁴⁰ (BAMBA, 2006, p.50) – uma vez que as danças e as músicas, entre outros elementos culturais, não faziam verdadeiramente parte da(s) cultura(s)/identidade(s) dos imigrantes alemães que vieram em 1858, sendo necessário buscar informações de fora da cidade para a montagem das apresentações. Segundo a vice-presidente da Associação Cultural e Recreativa Brasil-Alemanha (ACRBA)⁴¹, *Vera Lúcia Schäfer Kirchmaier*, as coreografias para as apresentações da festa têm origem na Casa da Juventude, em Gramado, Rio Grande do Sul, aonde um representante de Juiz de fora vai duas vezes ao ano e volta trazendo os CDs e DVDs para transmitir aos demais⁴².

⁴⁰ Assim, a “comunidade alemã” de Juiz de Fora pode ser considerada como uma comunidade simbólica que tem o “poder para gerar um sentimento de identidade” (BAMBA, 2006, p.50).

⁴¹ A partir do ano de 1995, a festa alemã do bairro Borboleta passou a ser produzida pela Associação Cultural e Recreativa Brasil-Alemanha, fundada em 27 de abril de 1993.

⁴² ROSSINI, P.; VIEIRA, V. Festa Alemã do bairro Borboleta: 15 anos de história. Out. 2009. Disponível em <http://juizdeforaonline.wordpress.com/2009/10/07/festa-alema-do-bairro-borboleta-15-anos-de-historia>. Acesso em 14 nov. 2012.

Figura (15): Cartaz de divulgação da 17ª Festa Alemã do bairro Borboleta (2011)⁴³



Dessa forma, defendemos a ideia de que se estabelece, na cidade de Juiz de Fora/MG, um processo de pulverização da identidade alemã, se não concluído, bem perto disso. Nesse contexto, por identidade pode-se compreender a fonte de significado e de experiência de um povo. Assim, ela seria concebida como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados” (CASTELLS, 2006, p. 23).

Segundo Moita Lopes (2002, p. 138-139), “as pessoas que são identificadas como tendo uma identidade social não têm uma essência comum a ser revelada, como se pudessem ser separadas por características, experiências e interesses comuns”. Na verdade, as identidades sociais são fragmentadas, i.e., dependendo das relações de poder exercidas em práticas sociais particulares, o mesmo indivíduo pode estar posicionado em identidades sociais contraditórias. Essas identidades estão sempre sendo (re)construídas através de esforços de construção de significado nos quais nos engajamos.

Um exemplo desse esforço de reconstrução de identidade está no trabalho de Carneiro (2004, p. 85):

⁴³ Disponível em <http://www.juizdeforaconvention.com.br>. Acesso em 14 nov. 2012.

No dia 30 de setembro de 1905, no “Hotel Hespanhol”, situado a poucas centenas de metros da sede da antiga Cia. União e Indústria, jantavam diversas pessoas entre as quais o baiano Antonio dos Santos Silva e o teuto-descendente Christiano Kappel, este último barbeiro de profissão. De acordo com algumas testemunhas, sempre que se encontravam por ocasião das refeições, Silva e Kappel, “pela intimidade que se estabelecia entre os comerciais”, dirigiam brincadeiras um ao outro sem que, até então, haver por este motivo ocorrido alguma desavença entre eles. Contudo, no dia 30, Silva, em meio aos gracejos que trocava com o Kappel, chamando-o de alemão, disse que ele não era brasileiro. Contrariado, o barbeiro, terminando sua refeição, retirou-se para a sala contígua, antiga loja de barbearia, e buscou sua garrucha, com a qual efetuou disparos contra Silva, ocasionando-lhe a morte.

Esse exemplo, retirado pelo autor de um processo criminal por homicídio da cidade de Juiz de Fora/MG, ilustra a tentativa do descendente de imigrantes alemães de reorganizar sua identidade, bem como esse sentimento de pertencimento ao Brasil. Assim, dizer que *Kappel* não era brasileiro era roubar algo que lhe era caro: o direito de posicionar-se em relação a sua identidade pessoal, a sua história de vida, as suas memórias, a sua ideia sobre si mesmo como agente social.

Desse modo, o que os imigrantes alemães e seus descendentes fizeram foi justamente deixar para trás, ao longo do tempo, suas heranças linguístico-culturais. Isso quer dizer que aquela identidade antiga, construída numa Alemanha ainda não politicamente unificada, acabou desaparecendo e dando lugar a um novo processo de (res)significação.

Ainda neste contexto, após apresentarmos algumas informações sobre a atual situação ecológica da língua/cultura alemã em Juiz de Fora, discutiremos, no próximo capítulo, a situação ecológica do contato entre as variedades de língua alemã na cidade no século XIX, com o intuito de refletirmos acerca de alguns possíveis motivos para o seu desaparecimento.

CAPÍTULO 5

A SITUAÇÃO ECOLÓGICA DO CONTATO ENTRE AS VARIEDADES DE LÍNGUA ALEMÃ EM JUIZ DE FORA NO SÉC. XIX: ALGUNS POSSÍVEIS MOTIVOS PARA O SEU APAGAMENTO

Nesta seção, trataremos de alguns dados de pesquisa relacionados a fatores ecolinguísticos que podem ter contribuído para a seleção da língua portuguesa como lexicadora⁴⁴ em Juiz de Fora, e para com o conseqüente apagamento das variedades de língua alemã na região. Nesse contexto, teria sido necessária uma tentativa de *adaptação* dos falantes das variedades de língua alemã, considerando que a seleção natural de formas linguísticas depende das necessidades de comunicação estabelecidas pelas inter-relações com o meio ambiente e com o outro. Assim, reforça-se a ideia de que os parasitas (ou espécies linguísticas) modificam a conduta de seus hospedeiros (que, no caso dos alemães, acabaram optando pelo uso do português em suas relações humanas, considerando os benefícios que essa escolha poderia trazer-lhes), ao mesmo tempo em que essas línguas se adaptam às respostas comportamentais deles.

Se antes poderíamos imaginar que algumas colocações desses descendentes pudessem estar equivocadas – quando afirmavam que a língua não foi passada de pai para filho por “falta de interesse” ou porque houve um tipo de “mistura” de raças/línguas, uma vez que a única explicação oficialmente aceita é a perseguição política na época da guerra –, agora, após as entrevistas e a pesquisa documental, confirmamos o apagamento dos traços linguísticos e culturais como em processo a partir da chegada desses imigrantes.

Ao percebermos que tais respostas, mesmo sem fundamento científico, eram frequentes nas entrevistas (ao mesmo tempo em que poucos citaram a

⁴⁴ Língua lexicadora, segundo Mufwene (2008, p. 3), é aquela da qual outra variedade herda a maior parte de seu vocabulário. Assim, geralmente é a língua do grupo de maior prestígio. No entanto, incluímos nesse conceito, ainda, os aspectos gramaticais, morfológicos e fonéticos.

guerra como um dos motivos, e a maioria nem se lembra dessa época, mesmo que já estivesse numa idade mais madura), e por acreditarmos que o desaparecimento da língua/cultura alemã foi parte de um processo de adaptação ocasionado por diversos fatores ecológicos ao longo de tempo, optamos por buscar novas respostas para essa problemática. Como acreditamos, a sabedoria das pessoas que viveram em épocas remotas deve ser valorizada, uma vez que os fatos históricos foram experienciados por elas. Isso quer dizer que não estamos simplesmente lendo um livro cujas páginas contêm datas e documentos comprobatórios, mas sim, estamos analisando narrativas baseadas em vivências reais.

Antes, porém, torna-se relevante dizer que, segundo evidências, o processo de atrição das variedades de língua alemã na cidade de Juiz de Fora ocorreu antes mesmo das consequências das proibições do governo brasileiro com o Estado Novo, em 1937. Destacamos, ainda, que em entrevista com o austríaco F. J. Hochleitner (97), natural da cidade de *Salzburg* (Entrevista 001/2011), demonstrou-se que, no ano de 1948, quando ele chegou à cidade e instalou-se no bairro São Pedro, já não encontrou pessoas que usassem em seu cotidiano variedades de língua alemã.

Nesse contexto, discutiremos alguns aspectos da ecologia presente no contato entre as variedades de língua alemã e a língua portuguesa, a última que foi dominante na região. Assim, no Quadro (25), estão distribuídos os aspectos ecológicos que consideramos neste trabalho, entretanto, não necessariamente nesta ordem de análise. Na verdade, já discutimos alguns deles em capítulos anteriores (conforme especificaremos no quadro), uma vez que, em qualquer situação ecológica, esses fatores estão imbricados e, por isso, nem sempre é possível separá-los no processo de argumentação.

Assim, para uma melhor visualização desses aspectos ecológicos envolvidos no apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora, dividimos o quadro em *aspectos políticos, aspectos linguísticos, aspectos sócio-comportamentais, aspectos educacionais e aspectos religiosos*.

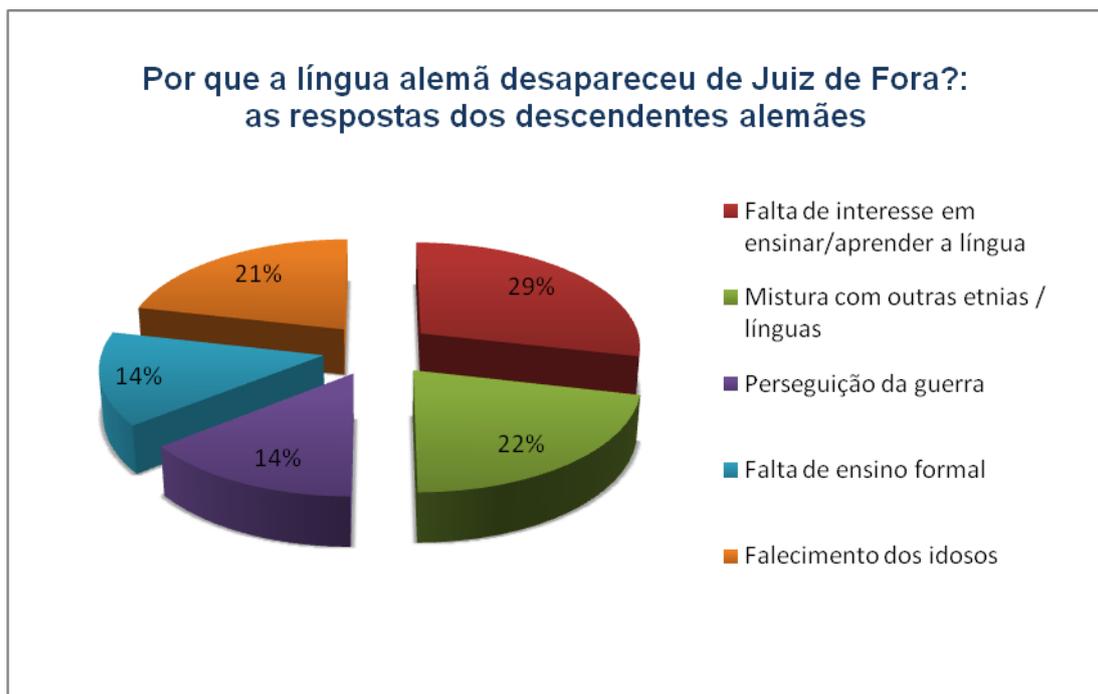
Quadro (25): Fatores ecológicos que influenciaram o apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora/MG

FATORES ECOLÓGICOS QUE FIZERAM PARTE DO PROCESSO DE APAGAMENTO DAS VARIEDADES DE LÍNGUA ALEMÃ EM JUIZ DE FORA	
Aspectos políticos	<ul style="list-style-type: none"> • A política de acolhimento e assentamento dos imigrantes - (<i>vide</i> Cap. 3, seção 2.4.1) • Os reflexos da Primeira Guerra Mundial na cidade de Juiz de Fora
Aspectos linguísticos	<ul style="list-style-type: none"> • A hegemonia da língua portuguesa • A falta de um “trabalho social” para as variedades de língua alemã • A política linguística familiar > a escolha da língua que será passada para as gerações futuras - (<i>vide</i> Cap. 4, seção 4.1.2.1)
Aspectos sócio-comportamentais	<ul style="list-style-type: none"> • A multiculturalidade dos imigrantes (<i>vide</i> Cap. 2, seção 2.5) • A não identificação coletiva entre os imigrantes
Aspectos educacionais	<ul style="list-style-type: none"> • A falta de escolas para os filhos de imigrantes
Aspectos religiosos	<ul style="list-style-type: none"> • A falta de assistência religiosa aos imigrantes

5.1. Por que a língua alemã desapareceu de Juiz de Fora?: algumas respostas dos descendentes de alemães

Conforme destacamos na introdução deste capítulo, algumas de nossas reflexões a respeito do processo de apagamento das variedades e da cultura alemã em Juiz de Fora foram surgindo após a realização das entrevistas com alguns descendentes de alemães da cidade. Isso porque a seguinte pergunta: “Por que a língua alemã desapareceu da cidade de Juiz de Fora?”, foi respondida como demonstra o gráfico da Figura (16) apresentado abaixo:

Figura (16): respostas dos descendentes de alemães à pergunta “Por que a língua alemã desapareceu da cidade de Juiz de Fora?”



Pode-se perceber que a maior parte dos entrevistados, somando 29%, acredita que o motivo foi a “falta de interesse” em ensinar ou aprender a língua. Em segundo lugar, somando 22%, está a “mistura” com outras etnias e, conseqüentemente, com outras línguas. Em terceiro lugar, com 21%, está o “falecimento dos idosos”. Somente em quarto lugar estão empatados a perseguição na época da guerra e a falta de ensino formal da língua.

Esse gráfico corrobora tudo aquilo que defendemos neste trabalho, uma vez que, como acreditamos, o desaparecimento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora foi um processo de adaptação lento e gradual, que se deu por diversos fatores ecológicos, e não apenas pela perseguição política. Dentre esses fatores, como veremos no decorrer deste capítulo, está o intenso contato com outras línguas, principalmente com o português; a falta de educação formal para os filhos de imigrantes, bem como a política linguística familiar (da qual falamos no Capítulo 4) e a falta de um trabalho social para a língua. Neste contexto, a língua alemã acabou sendo ainda conhecida, em certo momento histórico, apenas pelos descendentes mais idosos e, por isso, foi apagada com o falecimento da maior parte deles.

O que se pode perceber é que poucas pessoas citaram a perseguição política na época da guerra como um dos motivos para o desaparecimento das variedades de língua alemã na cidade. Na verdade, a maior parte dos entrevistados nem se lembra dessa época, mesmo aqueles que já estavam numa idade mais madura. Um exemplo é a informante M. G. Dilly (88), que ao final da Segunda Guerra Mundial (quando deveria ser o auge da perseguição aos descendentes de alemães), tinha em torno de 20 anos de idade.

Então, ressaltamos, nesse contexto, alguns fragmentos da entrevista (004/2012), realizada com as informantes M. G. Dilly (88) e A. L. Schuchter (63):

Quadro (26): Entrevista (004) – Narrativa (3)

279	Pesquisadora	aí ele tinha uma venda ele vendia (.) coisa
280		de <u>comer</u> (.) <u>era</u> (0.5) e:: a senhora lembra
281		da fase da segunda guerra↓
282	M. G. Dilly	de quê↓
283	Pesquisadora	da segunda guerra lembra↓ ((glória faz gesto
284		positivo com a cabeça)) (0.5) e foi muito
285		<u>difícil</u> (.) foram perseguidos aqui↓
286	M. G. Dilly	meu pai (.) uma ocasião falaram (quinta
287		coluna) né↓ (.) diz que falaram com papai <u>tão</u>
288		<u>te procurando</u> (.) os alemão os descendente
289		dos alemães aí (.) cuidado hein↓ mais num
290		chegaram a [ir
291	Pesquisadora	não↓
292	M. G. Dilly	até o] papai não (.) graças a deus não
293	Pesquisadora	e seu pai escondeu as coisas que tinha de
294		escrito↓
295	M. G. Dilly	tinha o quê↓
296	Pesquisadora	coisa <u>escrita</u> em [alemão↓
297	A. L. Schuchter	em alemão↓ ele escondeu↓
298	M. G. Dilly	não
299	Pesquisadora	não↓ num precisou não↓ (.) entendi (.) e:: e
300		a senhora - assim (.) o que a gente vê aqui
301		é que a língua sumiu (.) a língua alemã(.)
302		ninguém vê mais né↓ (.) ninguém fala (0.5) a
303		senhora imagina por quê que sumiu↓
304	M. G. Dilly	ah eu acho que foi falta de interesse né↓
305	Pesquisadora	a senhora acha que foi↓
306	M. G. Dilly	num desejaram [muito trabalhar alemão
307	A. L. Schuchter	acho que foi a mistura também né↓
308	Pesquisadora	acha que num passaram] pra a frente não né↓
309	M. G. Dilly	hoje é muito é inglês né↓
310	Pesquisadora	é (.) uhum (.) acabou que os pais num
311		passaram pra os filhos [não né↓
312	M. G. Dilly	[num passaram não (.) os meus pais num
313		passaram pra nós não (.) mais os meus avós
314		passaram pra os filhos deles né↓ mais eles
315		num passaram pra nós não né↓

Nesse fragmento da entrevista, M. G. Dilly (88) afirma que não houve uma perseguição concreta a sua família na época da Segunda Guerra Mundial. Ao contrário do que afirmou D. D. Zigler (83) sobre sua própria família (como demonstraremos a seguir), os pais da informante não precisaram esconder ou queimar os objetos que tinham relação com o uso da língua alemã.

Ao ser indagada sobre o porquê de seus pais e avós não terem lhe ensinado a língua alemã, A. L. Schuchter (63) defende que teria sido por “falta de interesse”. Já M. G. Dilly (88) diz que acredita ter sido “a mistura”. Concordamos com ambas as ideias. No entanto, o “termo falta de interesse” encerra a ideia de que o que parece ter interferido nesse processo, na verdade, foi a falta de um trabalho social (MYERS-SCOTTON, 2006, p.9) que a língua alemã desempenhasse nesse meio. Isso quer dizer que cada língua deve fazer um trabalho social, no sentido de que deve ser útil na comunidade do falante ou em outra comunidade à qual se junte. Se isso não acontece, o que possivelmente ocorreu em Juiz de Fora, a língua deixa de ser interessante e as gerações futuras acabam deixando de ser bilíngues. Além disso, há a questão da política linguística familiar (DE HERÉDIA, 1989, p. 191), em que os próprios pais optam pela língua que será passada para os filhos motivados pela utilidade da língua naquelas circunstâncias sociais.

Já no que diz respeito à “mistura”, podemos entendê-la sob duas perspectivas: (i) o contato com o português da Vila de Santo Antônio do Paraibuna resultou em um processo de adaptação linguística por parte dos falantes, que acabaram selecionando o português como língua lexicadora. Neste contexto, falar o português significaria o reconhecimento como interlocutor diante do poder hegemônico; (ii) a mistura entre colonos de várias regiões do Reich promoveu a não identificação coletiva, tanto no que se refere às diferenças culturais quanto às competições linguísticas e, conseqüentemente, a negação da identidade do outro e o não reconhecimento de si mesmo como um igual (o que discutiremos na seção 5.3).

Em entrevista, M. C. Damasceno (84), que tinha em torno de 17 anos de idade ao final da Segunda Guerra Mundial, também afirma:

Quadro (27): Entrevista (014) – Narrativa (4)

256	Pesquisadora	a senhora lembra se na época da guerra teve
257		muita perseguição aos alemães aqui
258	M. C. Damasceno	se eu lembro eu lembro que na época da guerra
259		o meu irmão o zé era pequenininho e então -
260		até que um comandante lá deu uma medalhinha
261		de são josé pra ele (0.5) eu lembro que papai
262		saiu aí de madrugada com ele pra caçar gente
263		por aí pra levar para a guerra agora dessa
264		segunda guerra aí que teve o meu marido ia
265		pra guerra ele já tinha dado baixa mas foi
266		chamado pra ir na guerra mas sei que chegou
267		na hora e ele foi só até são joão del rey e
268		voltou não sei por quê não foi preciso ir não
269	Pesquisadora	ufa que alívio hein mas não vinha aqui
270		soldado na casa dos alemães pra ver
271	M. C. Damasceno	não nem passou aqui em casa não
272	Pesquisadora	não veio não
273	M. C. Damasceno	não não passou aqui em casa não

M. C. Damasceno (84) diz que não passaram em sua casa para averiguação naquela época. Além disso, demonstrou, em seu discurso, que sua família tinha uma boa relação com o exército brasileiro. Portanto, não acreditamos ser possível que esses descendentes de alemães não se lembrassem das perseguições se elas realmente tivessem existido em tão grande escala.

No entanto, D. D. Zigler (83) afirma o contrário:

Quadro (28): Entrevista (003) – Narrativa (2)

01	Pesquisadora	na época que o senhor era menor (.) assim (.)
02		o senhor escutava muito falar <u>alemão?</u> , assim
03		(.) ou na sua casa (.) ou perto da sua casa
04		como que era!
06	D. D. Zigler	os meus avós (.) os pais do papai né! avós
07		paternos (.) eles falavam alemão né! eu não
08		tinha convívio com isso porque eu convivia
09		mais com o lado dos meus avós maternos que
10		eram franceses (0.5) então eu escutava mais
11		francês do que alemão né! mais depois (.) com
12		sete anos (.) quando eu fui pra a escola
13		alemã (.) aí eu passei a conviver mais com o
14		lado alemão né! mais quando:: com a ocasião
15		da guerra houve a proibição (0.5) inclusive o
16		pastor que era o da igreja pastor da igreja e
17		diretor do colégio né! ele foi preso (.) a
18		igreja foi interditada (.) uma série de
19		fatores com a ocasião da guerra né! e aí (.)
20		depois disso (.) o papai queimou livro
21		caderno tudo o que tinha em casa (.) porque
22		era perseguido quem tinha nome tinha alguma
23		coisa de alemão na época né! então tive que

24		fazer uma parada bastante grande em relação à
25		[língua alemã né]
26	Pesquisadora	[uhum
27	D. D. Zigler	depois (.) mais tarde (.) eu procurei - nos
28		anos 70 (.) quase 1970 (.) eu fui estudar no
29		instituto goethe (.) numa sala do instituto
30		brasil-estados unidos né] estudei um pouco lá
31		mais depois tive que parar porque fui fazer um
32		curso técnico no granbery (.) aí parei com a
33		aula de alemão né] () tem muito material (.)
34		aí eu sou mais com autodidatismo (.) mais não
35		tenho condições de manter uma conversação (.)
36		mais tenho um vocabulário bastante bom (.)
37		então acho que se fosse preciso (.) uma
38		emergência eu me virava

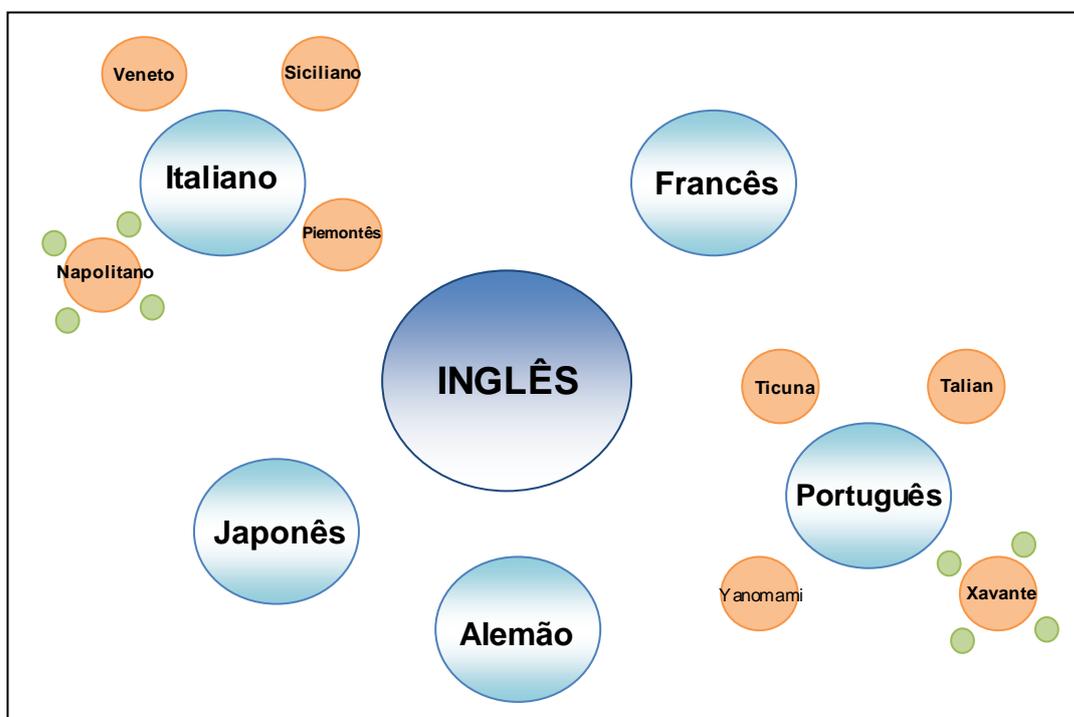
Dessa forma, o que constatamos é que pode ter havido uma diferença de perspectiva dos descendentes de alemães da cidade no que se refere à perseguição política, naquela época, devido à localização de suas moradias. Isso porque, como D. D. Zigler (83) mesmo afirma, ele morava em uma região mais central da cidade, no bairro Mariano Procópio, enquanto M. G. Dilly (88) e M. C. Damasceno (84), assim como a maior parte dos descendentes de alemães, residiam na região do bairro São Pedro, que ficava em torno de uma hora (à pé ou de carroça, por estradas de terra e bastante precárias) do centro da cidade. Assim, nessa região mais isolada, havia menos fiscalização do governo e menos perseguição do resto da população, o que possibilitou a esses descendentes de alemães continuarem com sua rotina habitual. O que parece é que os únicos reflexos da guerra chegavam através de boatos a respeito da perseguição.

Assim sendo, com o intuito de refletirmos sobre os principais fatores que fizeram parte do processo de apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora, apresentamos, na próxima seção, uma possível organização gravitacional (baseada no Modelo Gravitacional de Calvet (1999)) do contato linguístico entre as variedades de língua alemã e o português na cidade no século XIX, o que permitirá uma melhor visualização das relações de poder que aqui se estabeleciam.

5.2. Uma possível organização gravitacional do contato linguístico entre as variedades de língua alemã e o português em Juiz de Fora no século XIX

Segundo Calvet (1999), o modelo gravitacional (que explicamos no Capítulo 1) pode variar de acordo com a variabilidade das necessidades e das funções linguísticas em um determinado meio, impedindo a elaboração de uma lei geral. Portanto, utilizá-lo-emos para ilustrar as relações de poder que se estabeleceram entre as diferentes línguas, na cidade de Juiz de Fora, durante o século XIX.

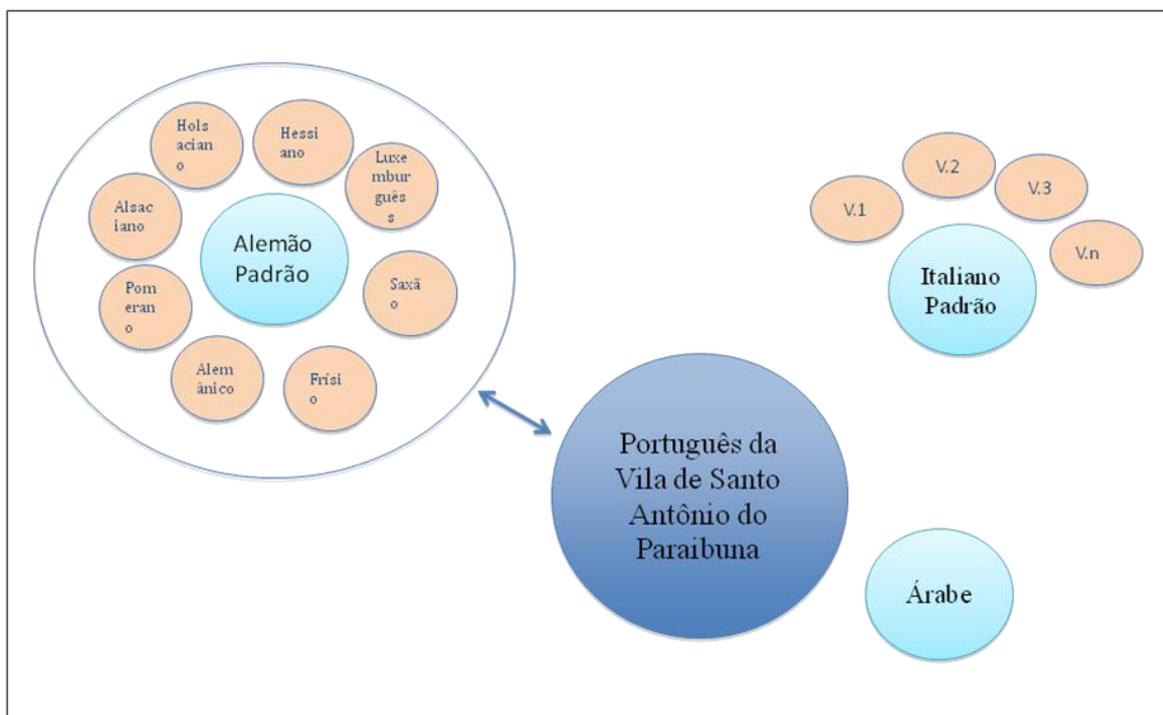
Figura (17): O modelo gravitacional de Calvet (1999)



Nesse sentido, considerando esse aspecto dinâmico do modelo, sugerimos, aqui, uma possível organização gravitacional – ou uma pequena “constelação” diante dessa grande galáxia formada pelas relações entre as diversas línguas do mundo – para as variedades de língua alemã e a para língua portuguesa em Juiz de Fora, no século XIX. Assim, é importante destacar que uma mesma língua pode ocupar posições diferentes em sistemas gravitacionais distintos, voltados para situações de bilinguismo diversas.

Dessa forma, na Figura (17), é possível visualizar a seguinte organização gravitacional:

Figura (18): A organização gravitacional das línguas em Juiz de Fora no século XIX



Como se pode verificar nessa possível organização gravitacional, a *língua portuguesa da Vila de Santo Antônio do Paraibuna* ocupava a posição de língua *supercentral* (já que, nesse contexto, propomos que a língua *hipercentral* ainda seria o português padrão, utilizado especialmente em escritos oficiais), considerada hegemônica nas relações de poder que se estabeleciam na região. Chamamo-lo de *português da Vila de Santo Antônio do Paraibuna* porque, como acreditamos, essa variedade se diferenciava do português falado em outras regiões do país, devido, principalmente, aos intensos contatos linguísticos, tal como evidencia a pesquisa de Cunha Lacerda (2009), relacionada às línguas africanas em Juiz de Fora. No entanto, mesmo sofrendo influências de outras línguas, acreditamos que os indivíduos falantes desse português, especialmente aqueles de classes mais altas, ainda tendiam ao monolinguismo.

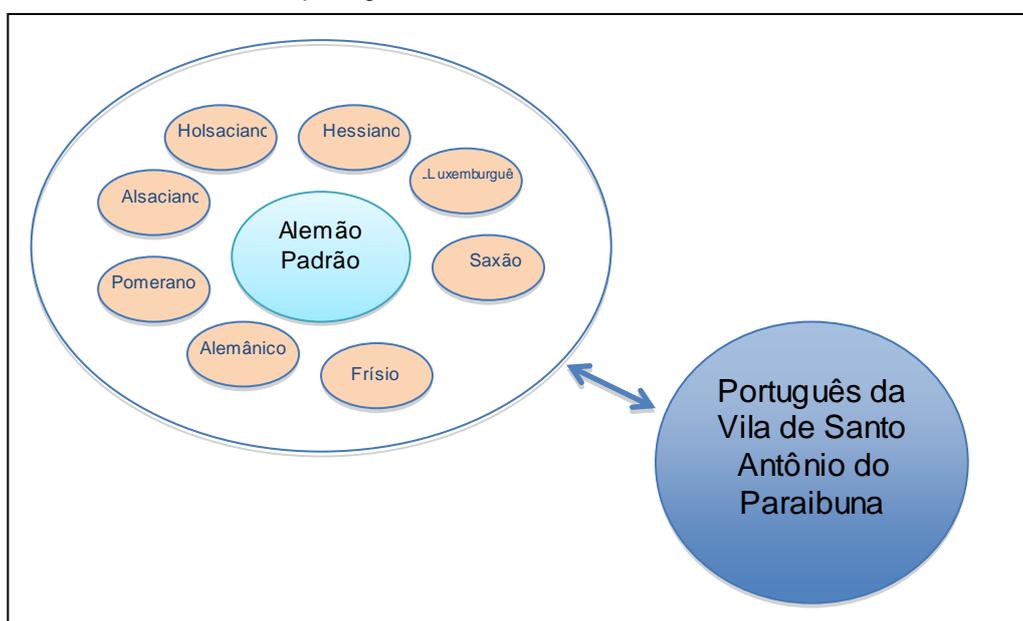
No que se refere ao alemão padrão – utilizado especialmente em documentos oficiais –, ocupava a posição de língua *central*, gravitando ao redor

da língua *supercentral*, juntamente com outras como o italiano padrão e o árabe, também trazidos por imigrantes para a Vila de Santo Antônio do Paraibuna. Seus falantes tendiam ao bilinguismo, já que precisavam de outras línguas para as relações interpessoais e profissionais.

Um aspecto relevante nesse contexto é que, conforme destaca Oliveira (1991), os alemães que trabalhavam na construção da Estrada União Indústria tiveram intenso contato com os escravos, convivendo lado a lado nos afazeres diários. Conforme acreditamos, nessa época, uma significativa parcela desses escravos era de falantes do português, ou até do português da Vila de Santo Antônio do Paraibuna. Oliveira (1991) ainda ressalta que eles teriam sido emprestados de algumas regiões de Minas Gerais e até mesmo do Rio de Janeiro.

Destacamos, assim, na Figura (18), somente a organização gravitacional das variedades de língua alemã para posterior descrição.

Figura (19): A organização gravitacional das variedades de língua alemã e do português em Juiz de Fora no século XIX



Ao redor da língua *central* alemão padrão, gravitariam as outras variedades de língua alemã, ou por assim dizer, as variedades características das diferentes regiões de origem dos imigrantes, tais como o alsaciano, o pomerano, o suábio, o alemânico, o luxemburguês, o saxão, o hessiano, o

vestifaliano, o bávaro, o prussiano, o tirolês etc., considerados como línguas *periféricas*. Seus falantes provavelmente eram, como proposto por Calvet (2005), plurilíngues: num processo de plurilinguismo horizontal, quando falavam sua própria variedade e a(s) de outro(s) grupos(s) de imigrantes; e num processo vertical, quando a essa(s) sua(s) variedade(s) também incorporaram o alemão padrão e o português.

Acreditamos, portanto, que essa organização gravitacional fosse provável na Vila de Santo Antônio do Paraibuna, conforme apontam as evidências. Contudo, é preciso considerar que as dificuldades de pesquisa são muito grandes, e que há lacunas documentais na história de Juiz de Fora, tal como corrobora Martins (no prelo). Para ele, o tempo parece uma criança que espalha partes de um quebra-cabeça pelos cantos da vida. Isso quer dizer que algumas respostas estarão irremediavelmente perdidas, enquanto outras serão possíveis ou hipotéticas. Nesse sentido, o que apresentamos aqui é justamente essa resposta possível de que fala o autor, teoricamente embasada, para a questão das variedades de língua alemã em contato com o português na cidade.

5.2.1. A hegemonia da língua portuguesa

Independentemente das muitas variedades linguísticas faladas por todo o Brasil – como, por exemplo, as línguas indígenas e outras variedades linguísticas que receberam influência direta das variedades de língua alemã (os chamados *Brasildeutsch*, *Hunsrückisch* e Pomerano), o português é considerado a língua histórica do país. Desse modo, de acordo com César e Cavalcanti (2007), o que se constata, desde tempos remotos, é uma constante tensão entre os interesses da nação hegemônica e das sociedades minoritárias que convivem no mesmo território.

Assim, o mito da *nação monolíngue* deve ser politicamente mantido, interna e externamente, o que tornam invisíveis as minorias linguísticas e socioculturais do país. Nesse contexto é que se instalam o prestígio de determinada norma da língua portuguesa e o processo de extinção das línguas alóctones, uma vez que eleger o português como a “língua brasileira” tende a

sufocar a autonomia dos falantes de outras línguas. Dessa forma, falar o português significaria o reconhecimento como interlocutor diante do poder hegemônico, além do atendimento às expectativas do outro sobre o seu próprio desempenho linguístico.

É nesse sentido que a língua portuguesa, nas suas formas prestigiadas, aparece como um ideal de língua a se dominar, a partir da crença de que seja possível estabelecer o contato mais simétrico com o outro que se coloca nesses espaços de poder da cultura hegemônica.

Portanto, apesar de o Brasil sempre ter sido um país plurilíngue, o reconhecimento oficial desse fato ocorreu apenas em 09 de dezembro de 2010, através do Decreto nº 7387:

Art. 1º Fica instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Desse modo, reconhecendo a co-existência de outras variedades linguísticas no território brasileiro e, conseqüentemente, deixando de lado a noção de fronteiras linguísticas⁴⁵, reconhecemos, também, a importância dos estudos sobre línguas em/de contato.

5.3. A multiculturalidade dos imigrantes alemães e a não identificação coletiva

Na seção 2.5, apresentamos os Quadros (1) e (2) com dados referentes à região de origem e às possíveis variedades linguísticas faladas pelos imigrantes alemães. Neles, verificamos que, para a cidade, vieram indivíduos

⁴⁵ De acordo com Guisan (2009), a representação que se tem hoje e em dia da distribuição das línguas, com áreas delimitadas dentro de fronteiras nítidas, se fundamenta em mudanças recentes e pode ser apenas um epifenômeno transitório na história das línguas e das relações que mantêm entre elas. Tal imagem não deixa de ser o produto de uma ilusão, a do imobilismo fotográfico. Para ele, as variantes linguísticas são muito menos geográficas e se superpõem cada vez mais no mesmo espaço.

de treze regiões diferentes dos Estados do Reich, que falavam em torno de dezoito variedades de língua alemã. Aqui, portanto, discutiremos o quanto essa heterogeneidade cultural pode ter influenciado no apagamento dessas variedades.

Nesse contexto, além da competição entre diferentes formas no nível das variedades, é possível afirmar que as distinções linguísticas eram muito maiores, considerando-se a inserção dos indivíduos em diferentes comunidades de fala dentro de uma mesma cidade/região, as diferenças linguístico-culturais entre as famílias, bem como aspectos como classe social, diferentes graus de escolaridade etc., sem falar das variações no nível dos idioletos. Desse modo, apesar da existência de uma mobilização dos povos alemães para a defesa de seus interesses econômicos diante da sociedade juizforana, um dos fatores que provavelmente contribuiu para com o apagamento dos traços língua-cultura-identidade desses povos foi a não identificação coletiva, tanto no que se refere às diferenças culturais quanto às competições linguísticas e, conseqüentemente, a negação da identidade do outro e o não-reconhecimento de si mesmo como um igual, possuidor de uma mesma identidade. Isso quer dizer que, nesse ecossistema, a diversidade linguística pode não ter sido benéfica para a vitalidade da língua alemã, mas, pelo contrário, acabou resultando na falta de identificação entre os colonos.

Nesse sentido, é possível sugerir que os imigrantes alemães tiveram que se adaptar ao novo meio ambiente e aos outros colonos, encontrando formas alternativas para a comunicação e a inter-relação com os outros imigrantes (dada a tamanha diversidade linguístico-cultural e a possível recusa em utilizar uma variedade linguística que não a sua), bem como com os falantes do português, o que pode ter implicado a formação de uma *língua franca* (MUFWENE, 2008) para, posteriormente, resultar na seleção da língua portuguesa como lexicadora e, conseqüentemente, na morte das variedades de língua alemã em Juiz de Fora/MG.

De acordo com Myers-Scotton (2006, p.9), tornar-se bilíngue pode ser o primeiro passo para a perda da primeira língua (no caso dos imigrantes, as variedades de língua alemã. No entanto, para ela, aprender uma segunda língua (aqui o português) não significa perder rapidamente a primeira. Se um grupo de imigrantes é grande o bastante ou se há uma rede de contatos sociais

ativa, a primeira língua pode ser mantida por anos. No entanto, em outros casos, as gerações futuras acabam deixando de ser bilíngues. Isso porque, segundo ela, cada língua deve fazer um “trabalho social” para seus falantes, o que quer dizer que deve ser útil na comunidade do falante ou em outra comunidade à qual se junte. No caso dos imigrantes alemães de Juiz de Fora, é possível que eles tenham abandonado suas variedades linguísticas porque essas não desempenhavam um trabalho social. Além disso, a maioria dos aprendizes de uma segunda língua esperam se beneficiar materialmente dela. Mas que benefício um falante do suábio teria em aprender o saxão, por exemplo? O benefício, nesse caso, estava apenas em aprender o português, que era a língua usada na maior parte das relações políticas e comerciais.

Nesse contexto se inserem as teorias de Castells (2006). Para ele, a noção de identidade pode ser concebida como a fonte de significado e de experiência de um povo. Por assim dizer, a identidade seria concebida como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados” (CASTELLS, 2006, p. 23). Desse modo, o processo de estabelecimento de identidades ocorreria por meio da matéria prima fornecida pela história, pela geografia, pela biologia, pelas instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, pelas revelações de cunho religioso etc. A partir de tais considerações, pode-se dizer que a língua, nosso real objeto de estudo, constitui-se enquanto matéria-prima estabelecida por fatores sócio-histórico-culturais, bem como geográficos e biológicos próprios de cada comunidade linguística de imigrantes alemães (ou seja, por fatores ecológicos). Por isso, mostra-se importante para esses imigrantes a preservação de sua identidade étnica e a afirmação das diferenças que se processam através da língua. Assim, de acordo com Calhoun (1994, p. 9), “não se tem conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja instituída”. Essas diferenças podem ser entendidas como resultado da evolução que se apresenta através do processo de seleção natural específico a cada ecossistema e a cada variedade linguística (MUFWENE, 2001, 2008; COUTO, 2007, 2009).

Retomando Castells (2006, p. 23), todos os materiais fornecidos pela história, geografia etc. [i.e., pelo ecossistema], “são processados pelos

indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e espaço”. É o caso dos alemães em Juiz de Fora que, ao longo do tempo, reorganizaram sua identidade a partir de todo tipo de influências, fossem naturais ou impostas pela sociedade. Assim, estabeleceu-se um processo de ressignificação a partir do contato com o outro que, por muito tempo, sofreu resistência por parte dos próprios colonos.

Considerando o aspecto dinâmico da identidade, por estar sempre em movimento, Castells (2006, p. 24-25) propõe três tipos de construção de identidades: (i) identidade legitimadora, (ii) identidade de resistência e (iii) identidade de projeto. “A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil”, i.e., àquela que é constituída por uma série de organizações e instituições, tais como a(s) Igrejas(s), os sindicatos, os partidos, as cooperativas, as entidades cívicas etc. Assim, a identidade legitimadora é introduzida pelas instituições/organizações dominantes na sociedade, a fim de expandir sua dominação e racionalização em relação aos atores sociais.

Já a identidade de resistências leva à formação de comunidades. Isso porque dela fazem parte as diversas formas de resistência coletiva diante de um tipo de opressão. Assim, essa identidade é criada por atores sociais que se encontram em condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, o que faz com que seja criada uma resistência com base em princípios diferentes ou opostos daqueles que permeiam as instituições sociais.

Entendemos, dessa forma, que o caso dos povos alemães em Juiz de Fora foi o da *identidade de projeto*, i.e., “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social”. Assim, a construção de identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida. Esse processo de construção de identidades produz “sujeitos”, aqueles que anseiam por criar uma história pessoal, atribuindo significado a todo um conjunto de experiências da vida individual.

Ao se conceber a possível existência de uma língua franca entre os colonos, pode-se imaginar que, para esses imigrantes alemães, desenvolver uma variedade linguística comum a todos era uma tarefa difícil. A língua padrão

(*Hochdeutsch*) era utilizada em algumas situações, como nas duas escolas fundadas dentro da Colônia D. Pedro II e em documentos oficiais, até o começo do séc. XX; no entanto, essa variedade era a “língua de ninguém”, não tinha significado em termos de identidade. Nesse sentido, utilizar-se de vocábulos ou traços linguísticos holandeses, por exemplo, seria admitir que todos os imigrantes eram igualmente holandeses, exatamente o que não queriam ser perante os olhos dos nativos da cidade, a fim de preservarem sua identidade. Isso porque, como dito anteriormente, por mais que se saiba que uma identidade étnica não está estritamente associada à língua, como defende Maher (1998), é impossível negar o valor que a posse e o reconhecimento dela encerram para os diferentes povos.

5.4. A falta de educação formal bilíngue para os filhos de imigrantes

De acordo com Martins (no prelo), é fato que boa parte da documentação da Cia União e Indústria foi perdida a partir de seu fechamento. Portanto, junto a esses documentos, se perderam muitas informações sobre as escolas da Colônia D. Pedro II. O que se sabe, no entanto, é que em janeiro de 1861, três anos após a chegada dos imigrantes à Vila de Santo Antônio do Paraibuna, a Companhia União e Indústria instalou duas escolas étnicas na colônia D. Pedro II – uma católica e outra protestante – que deram assistência a cerca de 124 crianças de ambos os sexos. Havia, nelas, um casal católico e um professor protestante (ao qual era pago quase a metade do salário dos outros dois) para ministrarem as aulas. Esses professores eram alemães, vindos de Petrópolis.

Stehling (1979, p. 220-1) transcreve um trecho do Diário do Imperador D. Pedro II, em que esse avalia as escolas da colônia em sua visita à cidade de Juiz de Fora, no ano de 1869:

(...) Depois fui à escola dos colonos, em que há promiscuidade de sexos, separando-se em duas repartições de principiantes e de já um pouco adiantado. Aprendem a ler, escrever e aritmética, com o professor Klaeser, e as meninas trabalhos de agulha com a mulher do professor, o qual parece-me

inteligente. Os meninos lêem bem o alemão, porém o português sem o entenderem e com o sotaque alemão. Letra em geral má e pouco adiantamento em aritmética. A escola foi aberta em janeiro. O professor explica em alemão. No fim os alunos cantaram em coro. (Transcrição do trecho de Diário do Imperador *apud* STEHLING, 1979, p. 228).

Essas escolas, no entanto, não eram reconhecidas como instituições de ensino pelo governo da província, e havia forte oposição ao seu funcionamento. Não há documentos que o comprovem, porém, conforme acreditamos, o ensino bilíngue deixou de ser oferecido até pelo menos 1883 (ano em que se deu a “questão alemã”, afetando as instituições que estavam sob direção do Culto Católico Mariano Procópio, sobre o qual falaremos na próxima seção).

Em 1869, foi fundada por Mariano Procópio uma instituição de ensino voltada para receber os filhos dos imigrantes: a chamada Escola agrícola. Durante o tempo em que funcionou, a escola ensinava apenas técnicas agrícolas (YAZBECK, 2003, p. 100) em um curso intensivo de três anos, sem qualquer preocupação com o ensino curricular e/ou de língua alemã. Segundo Oliveira (1953, p. 59), para ser admitido como aluno, o candidato deveria provar que era órfão de pai e mãe ou desprovido de recursos financeiros e, nestas condições, tinham preferência os filhos da colônia de imigrantes. Ainda assim, os alunos deveriam contribuir com duzentos mil réis por semestre, para as despesas de manutenção. Mas a verdade é que a escola não passou de uma experiência de curta duração, uma vez que suas atividades teriam sido encerradas devido a pouca procura.

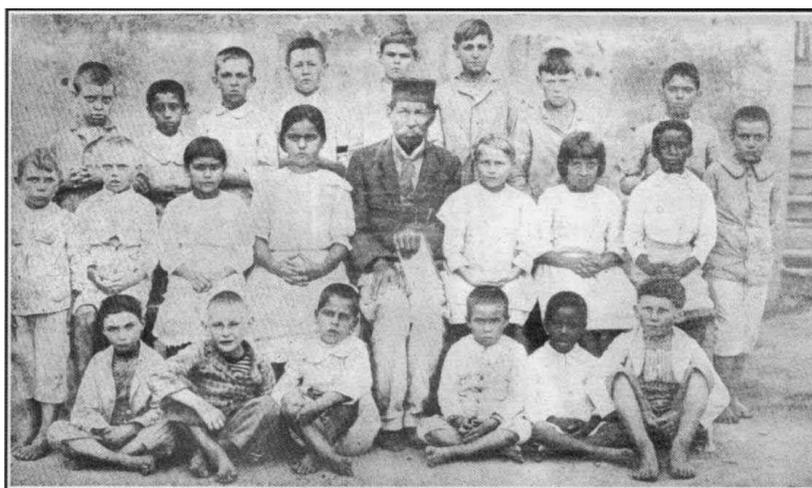
Outras escolas foram fundadas na cidade, como o *Colégio do Cônego Roussin* que, datada de 1860, é considerada a primeira instituição de ensino da cidade. Há também registros da instituição “Professor Sampaio”, criada antes do estabelecimento do Município. No entanto, não se sabe ao certo qual a data de sua fundação (YAZBECK, 2003, p. 100). O que se sabe é que essas escolas não tinham interesse em receber os filhos dos imigrantes.

Nos anos seguintes, várias instituições de ensino básico e médio foram estabelecidas em Juiz de Fora, porém, em sua maioria, ofereciam ensino particular; apenas alguns poucos grupos escolares eram pertencentes ao poder público. Na verdade, ainda segundo Yazbeck (2003, p. 101), “até 1890, Juiz de

Fora reproduzia na educação o perfil corrente no Império, durante o qual predominava, em todo o país, o ensino particular”.

As condições do ensino em Juiz de Fora evidenciam que os filhos de imigrantes só tiveram acesso ao ensino formal no início do século XX. Abaixo, vemos uma foto do Grupo de alunos da Escola Municipal da Borboleta, tirada por volta de 1914:

Figura (20): Grupo de alunos da Escola Municipal da Borboleta (ESTEVES, 2008, p 274)



A partir da visualização da Figura (19), percebe-se que todas as crianças têm os pés descalços, o que sugere que os imigrantes, mesmo no século XX, ainda passavam por dificuldades econômicas.

Quanto à *Escola Evangelica Allemã*, fundada em 1888, que funcionava na igreja Luterana, localizada na atual região do bairro Fábrica, essa era regida pelo Pastor Fritz Bliedner e oferecia ensino particular (o que quer dizer que também era para uma minoria, assim como as outras). De acordo com o ex-aluno D. D. Ziegler (83), membro da terceira geração de descendentes alemães e residente no atual bairro Borboleta, localizado na cidade de Juiz de Fora, a escola Luterana, particular, onde estudou por três anos e da qual ainda conserva um boletim do ano de 1938, entre outros documentos, oferecia aulas de língua alemã. Além disso, um de seus professores ministrava aulas de aritmética na língua. No entanto, o português ainda era a língua mais utilizada para a interação entre os alunos e entre os alunos e os professores, ocupando o espaço em todas as outras aulas e no convívio extraclasse.

Figura (21): Boletim de D. D. Zigler (83) - arquivo pessoal, 1938

ESCOLA EVANGELICA ALLEMÃ
JUIZ DE FORA

BOLETIM TRIMENSAL

IIIº Trimestre de 1938
de 14 de Agosto a 24 de Novembro

Aluno: Dircena Zigler

Faltas: 2 dias

Classe 3 Série

Média:

Comportamento: 9
Aplicação: 10

A informante T. N. Lawall (77), viúva de um integrante já falecido da terceira geração de descendentes alemães, o qual também foi aluno da *Escola Evangelica Allemã*, ratifica em entrevista (Entrevista 002/2011), que, na escola, havia as horas do português e as horas do alemão padrão; no entanto, os alunos acabavam aprendendo mais o português.

Assim, sendo um contexto bilíngue, pode-se dizer que os alunos apresentavam graus de bilinguagem⁴⁶ maiores no português já que essa era a língua que mais utilizavam na maior parte das situações. Isso inclui até mesmo no convívio familiar. Nesse sentido, a língua alemã já era, de certa forma, para muitos jovens, a possível “língua dos avós” (ou talvez nem mesmo isso) da qual tinham algum conhecimento, mas que pouco utilizavam em seu dia-a-dia. Além disso, a “língua alemã” que conheciam já não era a variedade trazida por seus avós ou bisavós, mas sim a variedade padrão, aquela adquirida/aprendida no contexto formal de educação. Isso quer dizer que,

⁴⁶ Para Savedra (1994), *bilinguismo* é a situação social na qual duas ou mais línguas estão em contato e *bilinguagem* é a expressão individual do bilinguismo. Esses conceitos permitem considerar que cada indivíduo apresenta seu próprio grau de bilinguagem, esse que é mutável e dinâmico de acordo com as situações de bilinguismo que lhe são apresentadas (SALGADO, 2008, p. 27). Isso quer dizer que a manifestação da bilinguagem está diretamente relacionada às necessidades que surgem dos contextos de interação). Ainda, para Myers-Scotton (2006, p. 38), os bilíngues raramente têm o mesmo controle sobre duas línguas, porque dificilmente as utilizam nas mesmas situações. Assim, provavelmente as crianças que aprenderem duas línguas não manterão a mesma qualidade em ambas ao longo da vida; isso vai depender da história de vida delas e do uso que fizerem dessas diferentes variedades.

provavelmente, essa variedade não representava mais aspectos de uma identidade própria para os jovens.

5.5. A assistência religiosa e as variedades linguísticas

Conforme sugerem os documentos encontrados nesta pesquisa, a assistência religiosa aos imigrantes alemães foi bastante precária, sendo oferecida tardiamente e/ou não atingindo a todos os colonos, por motivo de distância ou mesmo pela escolha da língua a ser utilizada.

Alguns historiadores afirmam que, antes disso, eram feitas periodicamente pequenas reuniões para oração nas diferentes casas dos colonos, sem que as autoridades das igrejas as presidissem.

Dessa forma, na primeira subseção, trataremos da assistência religiosa católica, e na segunda subseção, falaremos da assistência religiosa luterana aos colonos alemães no século XIX.

5.5.1. Os Católicos

Em relação à Igreja Católica, apenas em torno de 1878 – cerca de vinte anos após a chegada dos colonos à cidade – iniciaram-se as pregações em uma das variedades de língua alemã, declaradas nos registros como “alemão”, na Capela do Morro da Glória. Acreditamos, contudo, que tal variedade seja o holandês, uma vez que os padres redentoristas que vieram para Juiz de Fora, cujos nomes eram *Pd. Matias Tulkens* e *Pd. Francisco Lohmeyer*, eram genuinamente holandeses. Neste contexto, não se pode dizer que a utilização de apenas uma variedade de língua alemã nas pregações fosse realmente eficaz, dado o plurilinguismo existente em meio à colônia. Além disso, uma pequena parte, ao final da pregação, ainda ficava reservada para a utilização do português.

Entretanto, a celebração em “alemão” acabou fazendo com que os brasileiros e os italianos parassem de frequentar a igreja. Um trecho de uma

carta escrita pelo *Pd. Lohmeyer* ao provincial da Holanda, datada de 01 de julho de 1885⁴⁷, evidencia isso: “Nossa igreja não está sendo procurada. É uma igreja alemã: sermão em alemão, terço e catecismo em alemão. Tudo isso faz com que os brasileiros e os italianos fujam da nossa igreja (...)”.

Além disso, na mesma carta, *Pd. Lohmeyer* afirma que poucas pessoas ainda entendem o “alemão” e aproveitam efetivamente a missa.

Aqui no Morro [da Glória] apenas 600 pessoas aproveitam a nossa presença (...) devemos acabar com a pregação em alemão [porque] de 50 anos para baixo e todos os homens (até de 50 para cima) falam português. Portanto, quase todos entendem o sermão feito em português.

Considerando tais registros, pode-se inferir que poucas pessoas ainda entendiam e falavam unicamente uma variedade de língua alemã, e que o português já ocupava seu espaço como lexificador, em meio à colônia.

Em 1878, a Companhia União e Indústria doou ao Culto Católico Mariano Procópio⁴⁸ (um culto católico dos alemães, não reconhecido como instituição pela Igreja Católica) um terreno, no Morro da Gratidão, para a construção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Glória. A construção da capela foi financiada pelos próprios alemães, através de doações.

De acordo com Oliveira (2009, p. 117), em finais do século XIX e começo do século XX, os redentoristas holandeses entraram em conflito tanto com membros da colônia alemã, como da colônia italiana. Essas tensões tinham origem na disputa pelo controle dos patrimônios chamados “eclesiásticos” e nas divergências étnicas e educacionais. A intenção da Igreja Católica era afirmar o movimento da reforma católica, consolidar a autonomia da igreja diante do estado e manter o controle sobre todas as expressões de fé típicas do povo brasileiro.

Assim, em 1883, nesse contexto da Reforma Católica, os padres redentoristas decidiram assumir o Curato da Glória. Ainda segundo Oliveira

⁴⁷ Arquivo Congregação Redentorista - Província do Rio - FJ26 – documento O casamento de D. Pedro I e a vinda dos Redentoristas, p. 56.

⁴⁸ O nome dado ao Culto Católico foi em homenagem a Mariano Procópio. No entanto, não houve envolvimento do comendador neste grupo, uma vez que ele faleceu em 1872, seis anos antes da doação do terreno da capela da Glória aos colonos alemães.

(2009, p. 117), as controvérsias estavam centradas em questões de patrimônio e de nacionalidade. Os alemães queriam preservar sua língua de origem, mas os holandeses não o compreendiam. Os colonos alemães consideravam-se donos da igreja e da escola, remunerando os clérigos e os professores para que ministrassem os serviços religiosos e educacionais. Os redentoristas, por sua vez, julgavam-se os legítimos donos do Culto e do espaço onde se ministrava a religião católica, e entendiam que era seu direito ditar as regras. Por isso, nesse momento, a capela virou objeto de disputa judicial, uma vez que o Culto Católico de Mariano Procópio não queria abrir mão de seu patrimônio para os Redentoristas.

Em 15 de novembro de 1897 (ANEXO 05), uma carta foi escrita pelo Pd. Matias Tulkens ao Padre Provincial⁴⁹, relatando um pouco dessa “questão alemã”.

Existe uma oposição de alguns padres contra o uso da língua alemã numa das missas dominicais. Antes da benção do Ssmo. Sacramento da tarde, há uma hora de catecismo em alemão que é pouco frequentado pelos adultos. O desentendimento com os alemães começou quando do púlpito foi dado um aviso (muito contra a vontade do autor desta carta que fez tudo para que se cancelasse este aviso que seriam abolidos a leitura do Evangelho em alemão e também o sermão na mesma língua e as três Ave-Marias após a S missa. **No domingo depois deste aviso, houve a ameaça do grupo alemão de não contribuir mais para o sustento dos Padres (150 mil réis, mensalmente).** (...) então realizou-se uma reunião dos alemães e foi resolvido: **se não se fizer mais sermões em alemão, os Padres não receberão mais nada da Comissão e a Igreja, que pertence aos alemães, será fechada.** (...) Evitei os contatos com a Companhia Alemã, **mas aqui entre nós, durante o recreio, se zomba publicamente dos sermões em alemão e dos alemães e isto facilmente se torna público e irrita mais ainda.**

Dessa forma, pode-se perceber, no fragmento citado, que há uma disputa política entre o Culto Católico e os Padres Redentoristas. A questão já não é mais somente étnica e/ou de uso da língua. Essa acabou se tornando uma questão de disputa por poder. O Culto Católico queria impor sua autoridade sobre os Redentoristas, uma vez que pagavam pelos serviços dos

⁴⁹ Arquivo Congregação Redentorista - Província do Rio - FJ26 – documento Carta de Pd. Tulkens ao Padre Provincial (15.11.1897).

clérigos e não queriam abrir mão da posse do território da capela. Isso significava não ceder diante do outro, não aceitando a exclusão de sua língua e de suas tradições das atividades da igreja (por mais que a grande maioria já falasse e entendesse o português). Essa parece ter se tornado, ainda, uma disputa identitária, ou até mesmo uma questão de “honra” por parte dos alemães, uma vez que, no fragmento da carta, diz-se que “durante o recreio, se zomba publicamente dos sermões em alemão e dos alemães e isto facilmente se torna público e irrita [os alemães] mais ainda”.

Em uma carta escrita em 12 de janeiro de 1885 (ANEXO 06), pelos colonos Francisco Rechner e Frederico Winter, entre outros representantes do Culto Católico, fala-se de uma reunião sobre a aceitação ou não do Padre Américo como capelão da Capela da Glória. No fragmento citado abaixo, pode-se perceber o quanto o relacionamento dos colonos alemães com os padres católicos era tumultuado e o quanto o comportamento de ambas as partes era hostil durante as reuniões.

(...) infelizmente não se pôde chegar a um accordo, pois que logo depois da prestação de contas da actual commissão, azedou-se a discussão de modo que em breve tomou-se tumultuosa e forçaz e foi encerrar os trabalhos ficando tudo de nenhum effeito e bem avizado andou o Presidente da meza, pois logo depois chegou o Inspector respectivo assalariado do Rev.^{do} P.^e Americo com os praças da Policia e Deus sabe que scenas teriamos hoje de deplorar se a força chega no momento tumultuário da reunião. (...) Perdoe-nos V. Ex.^a por importunal-o mais uma vez com esta incandescente questão, más não podemos deixar de fazel-o nas circunstancias anormais em que nos achamos.

Neste fragmento, fala-se até mesmo do inspetor de polícia que chegou para tomar as devidas providências dado o andamento da reunião, e os colonos católicos chamam a querela de “incandescente questão” e “circunstâncias anormais”.

A política também está presente em carta datada de 13 de maio de 1901 (ANEXO 07), escrita pelos representantes do Culto Católico Mariano Procópio ao Bispo Diocesano D. Silvério Gomes Pimenta⁵⁰.

⁵⁰ Essa carta foi transcrita conforme o original do Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora - documento Carta do Culto Católico Mariano Procópio ao Bispo Diocesano D. Silvério Gomes Pimenta (13.05.1901).

A Directoria da sociedade “Culto Catholico de Marianno Procopio”, por seus membros abaixo assignados, como representantes da ex Colonia Catholica D. Pedro II vem á presença de V. Ex^{ia} Rev.^{mo} solicitar providencias no sentido de se restabelecerem na Igreja da Gloria as praticas em allemão, como tem sido costume até ha pouco. A reclamação é justa, não só porque muitos allemães não entendem o portuguez, como porque **o Rev.^{mo} Cura da Gloria é o Capellão da Colonia, e desta recebe a mensalidade de 150\$000.** Assim é conveniente e **justo** que, além da pratica em portuguez, haja uma pratica em allemão. Outrossim, a Imagem de N. S. da Gloria , padroeira da Capella, foi retirada do Altar e collocada no Convento das RR. Redemptoristas, com geral desagrado da Colonia e da população.

Nesta carta, a questão da língua parece estar em segundo plano. O que se deseja, na verdade, é realizar um tipo de “cobrança”, já que o Culto Católico pagava uma mensalidade ao Capelão da Colônia, não apenas para prestar serviços à comunidade alemã, mas, também, para manter, de certa forma, alguns traços identitários alemães em suas celebrações. Isso porque, à medida que a “língua alemã” (ou uma determinada língua franca com traços das variedades de língua alemã), principal aspecto identitário daquele povo (que já tinha deixado para trás muito de sua cultura), fosse retirada da igreja, os colonos alemães acabariam, hora ou outra, perdendo seu espaço. Além disso, acreditamos que, pretendiam-se, através da religião, amenizar a perda linguístico-cultural que já estava em processo dentro da colônia e marcar território diante dos Padres Redentoristas. Isso fica bem claro com a frase do Padre Lohmeyer: “de 50 anos para baixo e todos os homens (até de 50 para cima) falam portuguez”⁵¹.

Quanto a esses “muitos allemães [que] não entendem o portuguez”, acreditamos que apenas os mais idosos, conforme defendemos no Capítulo 4, ainda tivessem algumas dificuldades com a língua portuguesa. No entanto, também não acreditamos que esses não fossem capazes de compreender pelo menos um pouco da pregação na língua, já que tinham que conviver e se relacionar com falantes do portuguez dentro de sua própria colônia.

Apesar das tentativas de manter o patrimônio e o poder sobre a capela da Glória, o Culto Católico Mariano Procópio acabou perdendo a disputa para

⁵¹ Idem (31).

os Padres Redentoristas. E com o tempo, a frequência das pregações em “alemão” diminuiu até acabarem definitivamente, no início da segunda década do século XX.

5.5.2. Os protestantes

O primeiro templo da Igreja Luterana, em Juiz de Fora, foi construído somente no ano de 1886, quase vinte e oito anos após a chegada dos imigrantes alemães na cidade. Esse mesmo templo era bem distante da Colônia D. Pedro II (localizado na atual rua General Gomes Carneiro, no bairro Fábrica) e, por isso, os colonos tinham dificuldades de chegar até ele para participar dos cultos.

A dificuldade era tanta que, segundo Kappel (2002, p. 51), após inaugurado o segundo ponto de pregação, que foi a Capela Evangélica de São Pedro, localizada dentro da colônia, o pastor, que morava em casa à rua General Gomes Carneiro, por falta de condução, tinha que ir a pé para celebrar os cultos. Além da grande distância, “quando não chovia a poeira era insuportável; quando chovia o barro era quase intransponível”, a ponto de ter que tirar o sapato e colocar o pé na lama (KAPPEL, 2002, p. 51). O pastor ainda tinha que trocar de roupa, para vestir o *Talar*, na casa do colono mais próxima da Capela.

A Capela Evangélica Alemã do bairro São Pedro foi fundada apenas em 30 de junho de 1935. A iniciativa de construí-la se deu, principalmente, devido à dispersão dos membros da igreja Luterana para a fé católica.

No que se refere aos cultos celebrados em alemão, esses perduraram por mais tempo do que na igreja católica. D. D. Zigler (83) e I. B. Schepper (74), por exemplo, afirmam que assistiram cultos em língua alemã quando eram crianças. D. D. Zigler (83) ainda diz que:

Quadro (29): Entrevista (003) – Narrativa (3)

191	Pesquisadora	na igreja (.) tinha pregação em <u>alemão</u> ou mais
192		em português↓
193	D. D. Zigler	tinha português e tinha em alemão (.) era
194		alternado né↓ que as pessoas [tinham
195	Pesquisadora	[de vez em quando tinha culto em <u>alemão</u> ↓ ou
196		era misturado↓
197	D. D. Zigler	agora (.) não não (.) misturado não (.) era
198		separado né↓ tinha culto alemão e culto
199		português (.) porque a - tanto é que isso nos
200		prejudicou na parte da igreja porque ficou
201		com a peça (.) assim (.) igreja dos alemães
202		(0.5) então muitos brasileiros não foi (.)
203		não vai porque continuou aquele negócio a (.)
204		[aquela igreja (.) ainda mais são pedro por
205		exemplo
206	Pesquisadora	<u>que só fala alemão</u>
207	D. D. Zigler	são pedro (.) por exemplo (.) tinha aquela
208		parte (.) famílias alemãs que frequentava (.)
209		os brasileiro tinha aquela coisa assim (.)
210		pur que que num - então lá tinha curso de
211		alemão (.) não sabia se falava português ou
212		falava alemão
213	Pesquisadora	[achava que num podia ir que não ia:::
214	D. D. Zigler	[é (.) justamente a pessoa sentia como se
215		fosse (.) tivesse uma discriminação né↓ não
216		era isso (.) mais passou a ser em função
217		dessa questão da língua ser aplicada

Segundo o informante, o fato de a igreja luterana ficar conhecida como “a igreja dos alemães”, devido às pregações em língua alemã, foi prejudicial à religião, já que os brasileiros deixavam de frequentar os cultos. No entanto, havia as pregações em língua alemã e em português, sendo essa, portanto, uma igreja bilíngue por algum tempo. Dessa forma, não se privilegiava somente a língua alemã (ou uma variedade dela) naquele contexto.

Como citamos no Capítulo 4, o mesmo informante diz que era “obrigatório” saber um pouco da língua alemã para ler a bíblia luterana. No entanto, com o passar dos anos, provavelmente, o uso do alemão passou a ser indesejável, uma vez que as novas gerações já não tinham conhecimento da língua de origem de seus antepassados. Além disso, com a Segunda Guerra Mundial, a língua teve que deixar de ser usada até mesmo dentro da igreja.

5.6. Os conflitos entre Brasil e Alemanha na época da Primeira Guerra Mundial e seus reflexos em Juiz de Fora

Nesta seção, trataremos de como repercutiram para os imigrantes alemães em Juiz de Fora os conflitos que envolveram a Alemanha no século XX. O que essa pesquisa nos mostrou foi que realmente muito antes da proibição do uso da língua alemã durante o Estado Novo (1937), os imigrantes alemães de Juiz de Fora e seus descendentes já buscavam recursos para se adaptarem à nova terra, inclusive através da língua.

Para isso, baseamo-nos no trabalho de Couto (2008), intitulado “150 anos da Imigração Germânica em Juiz de Fora: a imprensa local e sua relação com os colonos e descendentes”. Nele, a autora apresenta algumas reportagens de jornais publicadas naquele período, especificamente sobre os alemães e os problemas enfrentados por eles na cidade.

A primeira reportagem, cujo título é “Rompimento de relações?”, do Diário Mercantil, datada de 1917, tem por intuito esclarecer um boato sobre a confisco dos bens dos alemães na cidade, que se daria como consequência do torpedeamento de um navio da frota mercante Brasileira pela marinha alemã. No subtítulo já está escrito: “não serão confiscados os bens dos allemães – boatos e mais boatos”. Nesse momento, corria um outro boato por todo o Brasil dizendo que o vice-consul alemão havia recebido um telegrama do ministro da Alemanha no Brasil comunicando que o governo brasileiro rompia relações diplomáticas com a Alemanha (o que aconteceu algum tempo depois). No entanto, o jornal tranquilizava os alemães da cidade.

Em uma segunda reportagem, publicada no mesmo ano pelo Jornal do Comércio (edição de Juiz de Fora), defendia-se que os alemães em muito teriam contribuído com a cidade e que, por isso, não precisavam se preocupar com possíveis ataques por parte da população.

Os allemães aqui domiciliados e que tanto têm contribuído para o nosso progresso, poderão ficar tranquilos e com elles seu digno cônsul, mesmo no caso de ruptura de relações diplomáticas, porquanto a culta população de Juiz de Fora saberá conservar-se nesta dolorosa emergência, à altura de seu adeantamento e civilização. (Diário Mercantil, 10 abr. 1917, p. 1 *apud* Couto, 2008, p. 62).

Ou seja, isso quer dizer que a imprensa local defendia a paz entre os demais juizforanos e os descendentes de alemães.

Quem mais participou dos problemas gerados pelos conflitos com a Alemanha foram os descendentes de alemães que residiam ou eram proprietários de estabelecimentos comerciais ou fabris na área central de Juiz de Fora ou na parte da colônia denominada *Villagem* (localizada na atual Rua Bernardo Mascarenhas, centro de Juiz de Fora). Isso porque, assim como Couto (2008, p. 33) mesma defende, a Colônia do Meio (hoje bairro Borboleta) e a Colônia de Cima (hoje bairro São Pedro) eram tão isoladas que, até a década de 1960, algumas pessoas ainda se referiam à região central de Juiz de Fora por “cidade”. No entanto, percebemos, durante o trabalho de campo dessa nossa pesquisa, que a utilização desse termo ainda é recorrente entre vários descendentes de alemães que residem no bairro São Pedro, como herança do passado de isolamento.

Ainda segundo Couto (2008, p. 62), em 11 de abril de 1917, foram rompidas as relações diplomáticas brasileiras com a Alemanha. A partir de então, formaram-se grupos nacionalistas na cidade e algumas manifestações começaram a aparecer na imprensa. A autora cita a publicação do “Hino Nacional Brasileiro”, no Diário Mercantil, no dia 14 de abril.

Além disso, alguns estabelecimentos comerciais e fabris cujos nomes faziam referência à Alemanha tiveram que mudar seus nomes, como a Cervejaria Germânia, que virou Cervejaria Americana, e o *Turnerschaft Club*, que passou a Club Gymnastico de Juiz de Fora (COUTO, 2008, p. 63-64), mesmo com a defesa incessante dos alemães por parte da imprensa juizforana.

(...) em 29 de outubro de 1917, poucos dias após a entrada do Brasil na guerra, a colônia alemã de Juiz de Fora sofreu ataques por parte da população, principalmente nos estabelecimentos comerciais, que tiveram seu funcionamento suspenso por um período para a reparação dos danos causados (COUTO, 2008, p. 68).

O Diário Mercantil (30 out. 1917, p. 1 *apud* Couto, 2008, p. 68-70) dedicou, no dia seguinte, boa parte da primeira página a um relato dos acontecimentos:

Um grupo de patriotas mais exaltados, porém aos “morras á Allemanha”, agitou a ideia, logo aceita de se atacar as casas dos súbditos allemães. A polícia quiz impedir que se levasse a efeito tal resolução. (...) A multidão, annullando os esforços empregados pela polícia, em breve galgava a ladeira que conduz á Academia de Commercio. Em frente ao edificio daquelle estabelecimento, os soldados quizeram reagir, havendo então, um início de motim (...) o edificio foi, ahi, apedrejado. As janellas e portas dos andares inferiores ficaram completamente desprovidas de seus vidros. (...) A massa popular desceu, em seguida, a rua Halfeld, prossequindo na tarefa que se impuzera. Na nossa principal artéria, assim, foram apedrejadas as casas allemãs dos srs. Otto Loeffler e Christiano Horn, estabelecimentos com fábricas de balas; Hubert & Comp., photographia e Bartels & C., casa de couros. (...) O grupo esteve ainda na fábrica de carros e carroças Faulhaber, á rua Marechal Deodoro, sendo ali também consideráveis os danos causados e bem assim no Collegio Santa Catharina, cujo edificio foi apedrejado. (Diário Mercantil, 30 out. 1917, p. 1 *apud* Couto, 2008, p. 68-70)

Várias casas comerciais ou fabris de posse dos descendentes de alemães, localizadas na região central de Juiz de Fora, foram atacadas na cidade nesta mesma data. No entanto, o grupo de nacionalistas exaltados não avançou além da colônia *Villagem*. Os descendentes de imigrantes que residiam na Colônia do Meio e na Colônia de Cima não participaram efetivamente de tais acontecimentos, e tiveram suas propriedades preservadas. Depois desse fato, a polícia da cidade passou a guardar esses estabelecimentos e a tranquilidade voltou à região central da cidade.

De acordo com Couto (2008, p. 74), depois disso, “valendo-se do espaço oferecido pela imprensa, principalmente da coluna “A Pedidos”, alguns alemães e teuto-brasileiros enviaram mensagens aos juizforanos defendendo sua nacionalidade brasileira e seu amor à Pátria”. Essas mensagens eram principalmente enviadas por empresários que queriam manter seus lucros, como o Sr. João Surerus e Henrique Surerus (da firma Surerus & Irmão), os sócios da firma “Viúva Antonio Meurer & Filhos”, Romão Otto e Germano Otto (proprietários da Officina Central), George Grande, Willy Grande e Carlos Grande (proprietários da Mechanica George Grande) e os proprietários da oficina de fundição de ferro F. J. Kascher & Irmão.

Cerca de uma semana depois dos ataques, as casas comerciais e industriais voltaram a funcionar e a comunidade alemã não sofreu mais ataques diretos. No entanto, segundo Couto (2008, p. 80), alguns panfletos que incentivavam o patriotismo e a cautela contra os alemães continuaram circulando pela cidade. Além disso, foi exigido que os alemães maiores de 21 anos procurassem a delegacia para receberem um documento de identificação, que significava que o portador se reconhecia como alemão, mas nada tinha contra o Brasil. Segundo ela, há registros de 171 colonos que se apresentaram na delegacia.

Tais acontecimentos certamente influenciaram em uma possível mudança de comportamento por parte dos descendentes de alemães da cidade. Se, conforme acreditamos, as variedades de língua alemã originais dos imigrantes já não eram utilizadas para a comunicação face-a-face na comunidade, devido a esses conflitos, a população de imigrantes e descendentes foi aos poucos deixando de lado marcas linguísticas e culturais que, de certa forma, os identificariam como não brasileiros. A variedade padrão da língua alemã ainda continuou sendo usada em alguns poucos documentos oficiais até pelo menos a década de 1930, mas logo em seguida, um novo conflito armado – a Segunda Grande Guerra – vem para ser o “ponto final” de uma possível “identidade alemã”, ou do que havia restado dela, na cidade de Juiz de Fora.

Considerações finais:

Antes de tecermos as considerações finais deste trabalho, destacamos as dificuldades encontradas para a realização do mesmo por entendermos que tais dificuldades corroboram a realidade de corrosão da memória linguístico-cultural da imigração alemã na cidade de Juiz de Fora. É verdade que outros trabalhos já publicados resgatam a história socioeconômica dessa imigração (COUTO, 2008; BORGES, 2000; STEHLING, 1979; OLIVEIRA, 1953), mas esses não focalizam os aspectos culturais e linguísticos.

A primeira dificuldade encontrada foi de acesso a documentos escritos que fazem sabidamente parte dos acervos de Museus da cidade. Uma segunda dificuldade, paradoxalmente, foi encontrar um falante de língua alemã ou de quaisquer de suas variedades. Essa segunda dificuldade aponta para a consequência do apagamento dos traços linguístico-culturais, enquanto a primeira se soma às causas desse apagamento.

Por isso, neste trabalho, consideramos especialmente a perspectiva ecolinguística acerca das línguas enquanto espécies, para tentar explicar a evolução delas em condições ecológicas distintas – sem que isso demande qualquer tipo de “melhoria”, mas apenas uma mudança. Nesse processo de adaptação de uma língua a um novo meio ambiente – caso das variedades de língua alemã no contexto juizforano –, pode haver a coocorrência ou o surgimento de construções, ou até mesmo o completo apagamento de uma variedade.

É relevante destacar que outras pesquisas relacionadas à variedade linguística juizforana já foram realizadas, como é o caso do estudo sobre as influências das línguas africanas – em especial, das línguas bantu –, realizado por Cunha Lacerda (2009), que assume ser indissociável o estudo da língua do estudo da estrutura social, e sobre o apagamento dos traços da língua italiana (GAIO, 2013). No que se refere às influências das línguas bantu na variedade da região, foram encontrados, através de análise de corpora, traços fonéticos como o alteamento da vogal pretônica (/puliciais/), a monotongação de ditongos (/poco/) e a ditongação diante de sibilante (/treis/).

Assim, buscamos refletir sobre por que o português, na forma da variedade linguística juizforana, não sofreu influências das variedades de

língua alemã, como o luxemburguês, o alsaciano, o pomerano, o suábio, o bávaro, o prussiano, o alemânico, entre outras, que teriam imigrado em grande quantidade para a cidade de Juiz de Fora. Nesse sentido, é possível sugerir que os imigrantes alemães, que acabaram tendo que se adaptar ao novo meio ambiente, tiveram que encontrar formas alternativas para a comunicação e a inter-relação com os outros imigrantes, bem como com os falantes do português, o que pode ter, hipoteticamente, implicado, como acreditamos, a formação de uma língua franca (MUFWENE, 2008) para, posteriormente, resultar na seleção da língua portuguesa como lexificadora. Isso porque o português era a língua hipercentral naquele contexto sócio-político-econômico e, portanto, utilizá-la significava o reconhecimento como interlocutor diante do poder hegemônico, além do atendimento às expectativas do outro sobre o seu próprio desempenho linguístico.

Assim, tendo em vista uma contribuição para com o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, que visa à “memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010), realizamos aqui uma pesquisa linguística exploratória e reflexiva acerca do processo de apagamento das variedades de língua alemã e da obsolescência dos traços cultura-identidade alemães em Juiz de Fora/MG, levando em conta os aspectos ecolinguísticos envolvidos nele. O que acreditamos e buscamos demonstrar é que esse apagamento se deu através de um processo longo e gradual, influenciado por vários fatores ecológicos, e não somente pelo fator guerra – com a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais – como parece estar no imaginário popular da cidade. Dentre esses fatores, estariam incluídos a multiculturalidade e a não identificação coletiva, a ausência de políticas públicas para o assentamento dos imigrantes, a falta de assistência no que se refere ao ensino formal bilíngue e à religião, a política linguística familiar e a falta de um trabalho social para a língua alemã, bem como o prestígio da língua portuguesa em detrimento das línguas/variedades alóctones.

Outra coisa que parece ter ficado no imaginário popular da cidade é que esses imigrantes alemães teriam saído de sua região de origem por causa da guerra e dos problemas com o nazismo, como refugiados, sem passaporte ou autorização do país. No entanto, essa migração em massa para o Brasil foi

bem anterior a esse período, datando de 1858, enquanto a Primeira Guerra Mundial foi apenas no começo do século seguinte. É verdade que a maioria desses imigrantes fugia de problemas sociais, tais como a miséria e a exploração do regime feudal, mas não somente de conflitos armados.

Portanto, é possível destacar que há um processo de pulverização da identidade alemã em Juiz de Fora, se hoje não concluído, bem perto disso. Afinal, o que os imigrantes alemães e seus descendentes fizeram foi justamente (re)construir suas identidades em meio à sociedade juizforana, deixando para trás, ao longo do tempo, suas origens e, conseqüentemente, suas heranças linguístico-culturais. Isso quer dizer que aquela identidade antiga, construída numa Alemanha ainda não politicamente unificada, acabou desaparecendo e dando lugar a um novo processo de (res)significação. Esse processo de construção de identidades produz “sujeitos”, aqueles que anseiam criar uma história pessoal, atribuindo significado a todo um conjunto de experiências da vida individual.

Referências:

AGOSTINHO, A. & KELLER, E.G. Depoimento [jun. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (17 min), estéreo. Entrevista 011/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

AGOSTINHO, M. A. Depoimento [maio 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (10 min), estéreo. Entrevista 010/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora - documento Carta do Culto Católico Mariano Procópio ao Bispo Diocesano (12.01.1885).

Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora - documento Carta do Culto Católico Mariano Procópio ao Bispo Diocesano (12.05.1901).

Arquivo Congregação Redentorista - Província do Rio - FJ26 – documento O casamento de D. Pedro I e a vinda dos Redentoristas.

Arquivo do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly - Museu de Crédito Real – Juiz de Fora – documento Publicação do jornal Diário Mercantil (30.10.1917).

Arquivo do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly - Museu de Crédito Real – Juiz de Fora – documento Livreto da Sociedade Beneficente Alemã de Juiz de Fora (1932).

Arquivo do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly - Museu de Crédito Real – Juiz de Fora – documento Publicação do jornal Diário das 11 (31.12.1924).

Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF) - documento Carta Padre Matias Tulkens ao Padre Provincial (15.11.1897).

Arquivo pessoal da família Gerheim - documento Livreto bilíngue do final do século XIX escrito pelo imigrante Frederico Winter.

BAMBA, M. O rap africano: uma forma de re-ligação com a diáspora?. In: **Encontro Internacional Brasil- França-Alemanha**, 1., 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: Editora FIB, 2007. p.46-59.

Blog da Cervejaria Barbante [Internet]. Juiz de Fora. Set. 2009. Disponível em <http://cervejariabarbante.blogspot.com/>, acesso em 01 de março de 2012.

BORGES, C. M. **Solidariedades e conflitos**: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

BORSTEL, C.V. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. 176 p.

BRANDEL, H. & MACHADO, A. M. Depoimento [jul. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (06 min), estéreo. Entrevista 013/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

BRIGHT, W. (org.). **Sociolinguistics**. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, La Haye, Paris, Mouton, 1966.

CALHOUN, C. J. **Social theory and the politics of identity**. Oxford: Blackwell, 1994.

CALVET, L. **Pour une écologie des langues du monde**. Paris: Plon, 1999.

_____. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. p. 35 - 63.

CARNEIRO, D. F. **Conflitos, crimes e resistência: uma análise dos alemães e teuto-descendentes através de processos criminais (Juiz de Fora – 1858/1921)**. 2004. 222 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2., 5. ed., 2006.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CÉSAR, A. L., CAVALCANTI, M. C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 45 - 64 p.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. **Knowledge of Language: its nature, origin, and use**. New York: Praeger, 1986.

_____. **New horizons in the study of language and mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. 1957. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, vol. 13. n. especial, São Paulo: PUCSP/LAEL. Aug. 1997.

CLEMENTE, V. P. Os alemães e a Borboleta. **Juiz de Fora: Funalfa, 2008**.

COUTO, H. H. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Threasures, 2007.

_____. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas.** São Paulo: Contexto, 2009.

COUTO, R. C. L. **150 anos da imigração germânica em Juiz de Fora: a imprensa local e sua relação com os colonos e descendentes.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2008. 104 f.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. **A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira.** Relatório (Pós-doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

DAMASCENO, M. C. Depoimento [jul. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (56 min), estéreo. Entrevista 014/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

DAMKE, C. A (re)construção da identidade dos imigrantes alemães através de músicas populares alemãs. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem, 2., 2010, Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2010. 1-11 p.

DE HERÉDIA, C. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G & BOUTET, J. **Multilinguismo.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. Traduzido por Celene M. Cruz *et.al.*

DECRETO Nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010, da Presidência da República, publicado no DOU de 10.12.2010.

Denison, N. A Linguistic Ecology for Europe. In: FILL, A. & MUHLHÄUSLER, P. (Orgs.). **The Ecolinguistics Reader.** New York: Continuum, 2001 [1998].

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: Entering the Field of Qualitative Research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN (Orgs.). **Handbook of Qualitative Research.** California: SAGE Publications, 1994.

DILLY, A. Depoimento [abril 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (17 min), estéreo. Entrevista 005/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

DILLY, M. G. & SCHUCHTER, A. L. Depoimento [abril 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012, 1 arquivo (23 min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n. 115, p. 139 – 154, mar. 2002.

ESTEVEES, A. **Álbum do Município de Juiz de Fora.** Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

FILL, A. Ecolinguistics: State of the Art 1998, In: FILL, A. & MUHLHÄUSLER, P. (Orgs.). **The Ecolinguistics Reader**. New York: Continuum, 2001 [1998].

FISHMAN, J. A. *American Anthropologist*, Volume 75, Issue 4, 1973. Article first published online: 28 OCT 2009. Disponível em onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1973.75.4.02a01140/pdf. Acesso em set. 2012.

FRITZEN, M. P. Línguas em contato/conflito: em foco uma escola rural em zona de imigração alemã no Sul do Brasil. In: VIII Encontro do Círculo de estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), 08, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. In: **Veredas** – Revista de Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Juiz de Fora. V. 6, n. 2, jul/dez 2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003 (pp. 89-113).

GAIO, M. M. **Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação. 2013.** Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

GERHEIM, P. I. Depoimento [jul. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (18 min), estéreo. Entrevista 015/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**: São Paulo, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995, p. 57-63.

GROSJEAN, F. **Bilingual: Life and reality**. Boston, USA: Harvard University Press, 2010.

GUISAN, P. Língua: a ambiguidade do conceito. In: **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 17 – 27.

GUMPERZ, J. J. **Language in social groups**. Stanford, USA: Stanford University Press, 1971.

HAGLER, C. Depoimento [maio 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (18 min), estéreo. Entrevista 007/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

HAGLER, M. P. Depoimento [maio 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (23 min), estéreo. Entrevista 008/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography: Principles in Practice**. London: Tavistock, 1983.

- HAUGEN, E. The Ecology of Language. In: ANWAR, S. Dill (org). **Essays by Einar Haugen**. California: Stanford University Press, 1972.
- HERK, G. V. **What is Sociolinguistics?** Chicester, Grã-Bretanha: Wiley-Blackwell, 2012.
- HOCHLEITNER, F. J. Depoimento [maio 2011]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2011. 1 arquivo (13 min), estéreo. Entrevista 001/2011 concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.
- HÖHMANN, B. Manutenção e planificação linguística numa comunidade pomerana do Espírito Santo: um estudo sócio-linguístico. In: **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 191-201.
- KAPPEL, O. **Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Juiz de Fora: 140 anos de história**. Juiz de Fora: Editar, 2002.
- KELMER, A. S. Depoimento [ago. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012, 1 arquivo (18 min), estéreo. Entrevista 017/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.
- LAWALL, T & ZIGLER, D. D. Depoimento [out. 2011]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2011. 1 arquivo (38 min), estéreo. Entrevista 002/2011 concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.
- LE PLAY, F. **Les ouvriers européens**. USA: Editora Nabu Press, 2000 [1855]
- LINDE, C. **Narrative as a resource for the social constitution of the self**. Trabalho apresentado na American Anthropological Society, Institute for Research on Learning, Califórnia, mimeo, 1989.
- LISTA TELEFÔNICA (Juiz de Fora). 10 ed. Juiz de Fora: Guiatel S/A, 2011. p. 168 - 308.
- MACKEY, W. F. The Ecology of Language Shift. In: NELD, P.H. (Org). **Sprachkontakt und Sprachkonflikt**. Wiesbaden: Steiner Verlag, 1980. pp. 35-41.
- MAHER, T. M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI (org). **Lingua(gem) e identidade**. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: FAPESP, FAEP/ Unicamp, Mercado de Letras, 1998.
- MANÉ, D. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae**: Anápolis, v. 4, n. 1, jan./jun. 2012. p. 39-51. Disponível em: www2.unucseh.ueg.br/vialitterae. Acesso em 17 nov. 2012.

MARTINS, M. A. C. No prelo. **As escolas da Colônia D. Pedro II em Juiz de Fora e acesso à educação primária em Juiz de Fora-MG na transição do Império à República.** Juiz de Fora.

MAYHEW, H. **London Labour and the London Poor.** USA: Dover Publications, 1968 [1951].

MEURER, J. L. O Trabalho de Leitura Crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. In: TOMITCH, L. M. B (org.). **Ilha do Desterro.** Florianópolis: Editora da UFSC, n. 38, p. 155-173. 2000.

MEYER, M. **Deitsch ou Deutsch?** Macroanálise pluridimensional da variação do hunsrueckisch rio-grandense em contato com o português. 2009. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MOITA LOPES, L. P da. **Identidades fragmentadas:** a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MUFWENE, S. S. **Languages don't kill languages:** speakers do. (2001) Disponível em: <http://magazine.uchicago.edu/0012/features/mufwene.html>. Acesso em 17 nov. 2012.

_____. **The ecology of language evolution.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Multiple Voices:** an introduction to bilingualism. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, n. 3, p. 1-5, jul. 1996.

NICHOLS, J. **Linguistic diversity in space and time.** Chicago: University of Chicago Press, 1994.

OLIVEIRA, M. R. **Imigração e Industrialização:** os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920). Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1991.

_____. **Negócios de famílias:** mercado, terra, e poder na formação da cafeicultura mineira - 1780-1870. Tese de doutorado. Niterói: UFF. 1999.

OLIVEIRA, M. R.; CRISTO, M. C. V. **Juiz de Fora:** vivendo a História. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

OLIVEIRA, P. **História de Juiz de Fora.** Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso S. A., 1953.

PEREIRA, M. A imigração alemã em Blumenau e a situação de bilinguismo. **Estudos Linguísticos XXXIV**, 2005, p. 189-194.

RAJAGOPALAN, K. A ideologia de homogeneização: reflexões concernentes à questão de heterogeneidade na lingüística. **Revista do Mestrado em Letras da UFS**, jan./ jun, 1997.

REVISTA PLANETA. Línguas em Perigo. São Paulo: Três, n. 440, maio 2009. Disponível em <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/440>, acesso em 01 de mar. 2012.

RIBEIRO, G. Luta pela autonomia e pelo território: Geografia e os estados alemães e francês na virada do século XIX e ao século XX. **Revista Mercator**, v. 8, n. 15, jan./abr. 2009. p. 19-28.

RYMES, B. Classroom Discourse Analysis: A Focus on Communicative Repertoires. In: **Sociolinguistics and Language Education**. HORNBERGER, N. H. & MCKAY, S. L. (Orgs.). Nova York, EUA: Multilingual Matters, 2010. p. 528 - 546.

SALGADO, Ana Claudia Peters. **Medidas de Bilingualidade**: uma proposta. 2008. 140 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAVEDRA, M. M. G. **Bilingüismo e Bilingualidade: o tempo passado no discurso em Língua Portuguesa e Língua Alemã**. UFRJ, Faculdade de Letras, Tese de Doutorado, inédita, 1994.

SCHAEFER, P. V. Depoimento [ago. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (14 min), estéreo. Entrevista 016/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

SCHEFER, M. G. & WEISS, D. Depoimento [maio 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (12 min), estéreo. Entrevista 009/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

SCHEFFER, O. L. Depoimento [jul. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012. 1 arquivo (14 min), estéreo. Entrevista 012/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

SCHEPPER, I. B. Depoimento [maio 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012, 1 arquivo (20 min), estéreo. Entrevista 006/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

SEYFERTH, G. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, N. A. (org.) **Etnia e Educação**: a escola alemã e estudos congêneres. Florianópolis: UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003, p. 21-62.

SOARES, M. S. **Cervejaria Barbante**. 2012. 01 foto: color; 15 x 10 cm.

_____. **Casa construída, no final do século XIX, por Sebastião Peters.** 2012. 01 foto: color,; 15 x 10 cm.

_____. **Igreja Luterana do Bairro São Pedro.** 2012. 01 foto: color,; 15 x 10 cm.

_____. **Placa de Identificação da Avenida Jacob Lawall, no bairro Borboleta.** 2012. 01 foto: color,; 15 x 10 cm.

_____. **Placa pendurada na casa construída por Sebastião Peters.** 2012. 01 foto: color,; 15 x 10 cm.

SOARES, M. S.; DORNAS, J. B., COSTA, A. D.; SALGADO, A. C. P. A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências lingüísticas. **Revista Gatilho**, n. 15, p. 1-14, nov. 2012.

SPINASSÉ, K. P. O hunsruckisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Revista Espaço Plural**, n. 19, p. 117-126, jun. / dez 2008.

STEHLING, L. J. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os alemães.** Juiz de Fora: Funalfa, 1979.

TAYLOR, A. J. P. **The Course of German History.** New York, USA: Capricorn Books, 1962.

THOMASON, S. G; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization and genetic Linguistics.** Oxford: University of California Press, 1991.

TRUDGIL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction to language and society.** London: Penguin Books, 2000 [1974].

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Qualitative Methods: Their History in Sociology and Antropology. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN (Orgs.). **Handbook of Qualitative Research.** California: SAGE Publications, 1994.

WEINREICH, U. **Languages in contact: findings and problems.** Paris: Seventh Printing, 1967 [1970].

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. Formando os bons trabalhadores: os primeiros grupos escolares em Juiz de Fora, Minas Gerais. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 2, p. 99-105, jan./dez. 2003.

ZIGLER, D. D. Depoimento [mar. 2012]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2012, 1 arquivo (20 min), estéreo. Entrevista 003/2012 concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.



DIÁRIO MERCANTIL

JORNAL DE GRANDE CIRCULAÇÃO

Direcção politica do deputado João Penido — Direcção geral de "A Transoceânica"

ANNO VI Juiz de Fóra - Terça-feira, 30 de outubro de 1917 - MINAS GERAIS NUM. 1.876

O momento Nacional OS GRAVES ACONTECIMENTOS DE HONTEM

Depois de um "meeting" patriótico, grande massa popular apedrejou e damnificou grandemente innumerables estabelecimentos industriais e comerciais alemães

A acção da policia - Um telegramma do sr. presidente da Camara Palavras de hoje

Honrem, por volta das 4 horas, era profusamente expulso pela cidade em hoteis, restaurantes e por fora, em "meeting" patriótico no parque Hailhof.

Presidência, de 6 horas e 30 minutos, preside uma de duas mil pessoas, caridosas e patriotas, e a oratória de Senador Vidal, que encerra com termos vibrantes e emocionantes os trabalhos da sessão.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

A acção da policia - Um telegramma do sr. presidente da Camara Palavras de hoje

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

As autoridades policiaes fizeram publicar hi-jos seguintes editais:

"A policia desta cidade, no intuito de impedir a propagação dos acontecimentos de hontem, prohibe ao publico em geral que as casas que foram assaltadas ou as que por ventura possam soffrer aggressão se encontrem guardadas por praças embaladas, e que a ordem publica seja mantida a todo transe.

Delegacia de policia de Juiz de Fóra, 30 de outubro de 1917

JOSE RIBEIRO DE ABRU, ARTHUR TAVARES CURIA, 1. tenente delegado especial."

Também se propoz que não mais fossem admitidos estrangeiros para trabalhar em indústrias e estabelecimentos comerciais de Juiz de Fora.

Os srs. drs. Procopio Teixeira e Delim Moreira trocam telegrammas

O sr. dr. José Procopio Teixeira, deputado da Camara e chefe do partido de Juiz de Fora, recebeu um telegramma do sr. dr. Delim Moreira, deputado da Camara e chefe do partido de Belo Horizonte.

Arrecadação de apls e mensagens - Dia e noite, milhares de telegrammas e mensagens foram recebidas pelo sr. dr. Delim Moreira, deputado da Camara e chefe do partido de Belo Horizonte.

Em nome da república e em nome do povo - O sr. dr. Delim Moreira, deputado da Camara e chefe do partido de Belo Horizonte, fez um discurso em nome da república e em nome do povo.

Em nome da república e em nome do povo - O sr. dr. Delim Moreira, deputado da Camara e chefe do partido de Belo Horizonte, fez um discurso em nome da república e em nome do povo.

Em nome da república e em nome do povo - O sr. dr. Delim Moreira, deputado da Camara e chefe do partido de Belo Horizonte, fez um discurso em nome da república e em nome do povo.

Em nome da república e em nome do povo - O sr. dr. Delim Moreira, deputado da Camara e chefe do partido de Belo Horizonte, fez um discurso em nome da república e em nome do povo.

O capitão Torquato Bicalho offerece os seus serviços à Patria

O capitão Torquato Bicalho, que serviu voluntariamente na guerra de 1911, offerece os seus serviços à Patria.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

Depois, virando o local, o povo fez a manifestação da fé em Deus e em São Francisco de Assis, e em seguida, a oração da noite.

A GUERRA

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

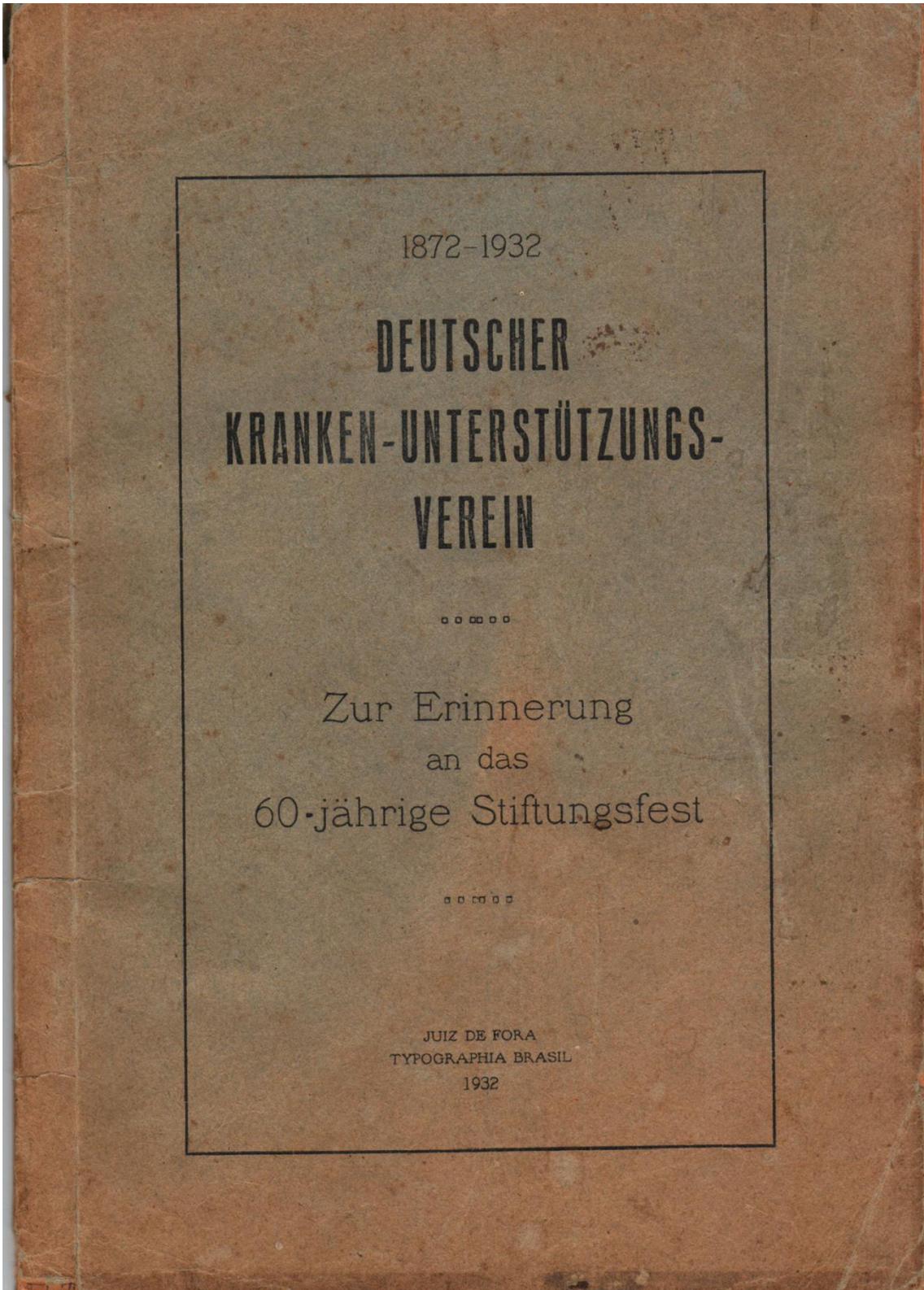
Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

Est. Itália. O desenvolvimento da guerra de 1917, a favor da Itália, tem sido muito favorável.

ANEXO 02

Capa e páginas 6,7, 12 e 13 do livreto bilíngue publicado em comemoração aos 60 anos da Sociedade Beneficente Alemã de Juiz de Fora (1932)



J. Albuquerque Bello e senhora
 João Silverio Noronha — Pela S. B. de Beneficencia
 Alvaro Fontes — « « « « «
 Christiano Franck — « « « « «
 José A. Costa — Pelo Kegelclub J. Fóra
 Christiano Ribeiro — Presidente da S. B. Juiz de Fóra
 Luiz Antonio de Almeida por si e por João Weitzel
 Orville Derby A. Dutra por si e pelo «O Lynce»
 Avany Dorothea Charlier Nunes
 Wilhelmina Krambeck Surerus
 Karl Mayen
 Paulo Surerus
 Adolpho de Carvalho
 Felipe Griesse
 Eduardo Schlaucher
 Hans Stumm
 Oscar Surerus
 Elza M. Surerus
 Willy Rüdiger
 Guilherme Franck
 Henrique Kelmer
 Fernando Pongetti
 Paulo Teigeler
 Luiz Schelgthor
 Francisco Ludwig Kascher
 Pedro Hansen
 Bolivar G. Duque
 G. Sybertz
 Carlos Schubert
 Lindolpho Alvim de Menezes
 João Scheffer Filho
 José de Campos Maranhas
 Nicolau Scoralick
 Carlos Surerus
 Hermann Erhardt
 J. F. Borovick
 Antonio P. Corrêa Vargues
 Carlos Grande
 Henrique Quick
 Luiz Eberle
 Rodolpho Kelmer

Henrique Zorn
 João Ch. Krambeck
 Christina Griesse Krambeck
 Alida Krambeck
 Carlos Reimers
 Balthazar Scoralick
 Maria Scoralick
 Dulce Scoralick
 Judith Scoralick
 Luiza Krambeck Griesse
 Carolina Griesse Nunes
 João Werner
 Anna Werner
 Tosca Werner
 Henriqueta Kremer
 Clara de Castro Alves
 Francisco Heider S.
 Antonio Mitterhofer
 Pedro Weckmüller
 Maria Elisa Surerus
 Natalina Surerus
 Kurt Kluge
 Martha Kluge Ferreira
 Willy Kluge
 Helene Kluge
 Johanna Kluge
 Isaura Kaetler
 Pheippina Kaehler
 Martha Kaehler
 Anna Surerus Weckmüller
 Margarida Scoralick
 Valentin Dilly

FEIER

des 60-jährigen Bestehens des Deutschen
 Kranken-Unterstützungs-Vereins und
 Jubiläumsfeier.

stattgefunden am Abend des 21. Mai 1932, im Saale
 des Deutsch-Evang. Frauenvereins in der
 Avenida D. Pedro II n. 46

Das 60-jährige Stiftungsfest des Deutschen Kranken-Unterstützungs-Vereins fand in der Festversammlung in Gegenwart der in diesem Buche eingetragenen Ehrengäste und Gäste, gegen 140 an der Zahl, am Abend des 21. Mai 1932 statt.

Die Vorbereitung für die Festtage zur Erinnerung an die Gründung des Deutschen Kranken-Unterstützungs-Vereins zu Juiz de Fóra wurde schon in der am 24. Januar 1932 stattgefundenen Generalversammlung durch Antrag des Herrn Philipp Griesse, 2. Vorsitzender, der Versammlung kundgegeben. Der Antrag wurde mit Begeisterung der Versammlung begrüßt und angenommen. Der Vorsitzende, Herr Valentin Dilly, ersuchte die Versammlung um die Ernennung einer Festkommission, welche den Vorstand bei der Organisation der Festlichkeiten unterstützen soll, damit alles glänzend verlaufe und das 60-jährige Jubiläum des Vereins auch fernerhin im Gedächtnis der Mitglieder verweilen soll.

Herr Philipp Kaehler stellte den Antrag, dass der Vorsitzende sofort die Personen für die Festkommission bestimmen möge und möglichst von allen Bezirken, um besser mit sämtlichen Mitgliedern in Kontakt zu kommen.

Der Vorsitzende ernannte die Herren Konsul Karl Hugo Becker, Philipp Kaehler, Adolf Buck, Franz Dose, Johann Schäfer, Lindolf Mitterhofer und Heinrich Kirchmair. Später wurde diese Kommission noch vergrößert

stand vertreten. Auch Lob diesen Herren. Dank gebührt immer wieder den Kassenrevisoren Herren Becker, Kluge, Erhardt, Zahn und schon genannte Herren.

Auch ist unseres alten Präsidenten zu gedenken, sein Wesen erlaubt es nicht im Verein hervorzutreten, um so mehr ist es ihm eine Freude zu sehen, wie seine Mitarbeiter als Stützen des Vereins gelten, aber auch wir Deutschen Brasilianer freuen uns, ihn als Berater unserer Vaterstadt zu sehen. Das Banner des Vereins trägt den Wahlspruch des vor 100 Jahren zur ewigen Ruhe getragenen ganz grossen deutschen Dichters Göthe: "Edel sei der Mensch, hilfreich und gut!" Beherzigen wir immer diesen herrlichen Spruch und halten wir fest, was uns unsere Vorfahren geschaffen haben, so werden wir unser Ziel erreichen.

Liebe Vereinsmitglieder! Wir sind heute hier Gast unseres Frauenvereins. Dank, herzlichen Dank spreche ich auch diesem hierfür aus. Auch bitte die lieben Damen, leihen auch Sie uns Ihre grosse Stütze, denn uns trennen keine Ziele, es hat uns bis heute ein Bindeglied gefehlt. Wo wir hier zur Feier vereint sind, hoffe ich, hat sich dieses gefunden.

Nun, hochverehrte Festversammlung, bitte ich Sie, unser Jubiläumsverein, er lebe hoch!...

Punkt 3 — Musik.

Punkt 4 — Festrede in portugiesischer Sprache gehalten von Herrn Dr. Odilon Alves und lautet:

Exmo. Snr. Ministro da Alemanha, Exmo. Snr. Prefeito e altas Autoridades de Juiz de Fóra. Minhas Senhoras e meus Senhores.

Foi com grande prazer que recebi o convite para falar em nome da Sociedade Alemã de Beneficencia e descrever de passagem os factos interessantes que condizem com a sua fundação, sua vida e seu desenvolvimento.

Antes de entrar no assumpto, venho lembrar que a fundação da Colonia Alemã nesta cidade que precedeu e deu motivo á existencia dessa Benemerita Sociedade, realçou-se em 1856 pelo saudoso Comendador Mariano Procopio, sob auspicio do nosso Imperador D. Pedro II, tomando o nome de Colonia D. Pedro II.

Foi por intermedio da Companhia União Industria, que se firmou o contracto em Hamburgo com os primeiros officiaes allemães em 1855.

Em 1879 foi dissolvida a Companhia União Industria e em 1885 os Snrs. Dr. João Honorio Ribeiro e Comendador João Mello Franco fizeram distribuição de terrenos para escola, igreja e cemiterio.

Naquelle tempo a Companhia Industrial Mineira prestou relevantes serviços, collocando muitos, evitando que os demais se dispersassem e houvesse desanimo no seio da Colonia.

Foi assim que se iniciaram os primeiros passos para a Colonização Alemã no Estado de Minas Geraes onde começaram a trabalhar os vossos dignos ascendentes.

Em 1872 foi fundada nesta cidade a Sociedade Alemã de Beneficencia, a mais antiga das existentes, por um grupo de 13 pioneiros já fallecidos e que estão ainda em memoria, cujos nomes passo a mencionar: Augusto Kremer, Antonio Scoralick, Jacob Scoralick, Henrique Griesse, Frederico Dose, Jacob Dore, Julio Waltenberg, João Hees, Jacob Hees, Valentin Mechler, Henrique Löwenstein e Francisco Rechner.

Completa hoje seu sexagesimo anniversario de existencia, prestando aos seus associados os mais relevantes serviços.

Entre outros benemeritos convem citar o Dr. Alfredo F. Lage.

Em 1898 a Sociedade pericitava e por essa occasião prestava serviço gratuitamente o humanitario medico Dr. João d'Avila. Outros elementos de destaque convém lembrar: Eduardo Weis, Germano Stigert e Christiano Griesse, presidente em 1898, epocha em que houve reabilitação da Sociedade. Presentemente encontram-se 4 socios que estão impossibilitados de trabalhar e que recebem pensão.

O quadro social attinge a quasi 200 socios e com o correr do tempo tende augmentar dada á boa vontade que a Sociedade encontra nos seus elementos bem formados.

E' pois uma Sociedade que não se isola e não se afasta dos seus fins, trazendo um alívio a cada soffrimto, e uma palavra a cada gemido. Essa obra nasceu, cresceu e pulverizou-se em beneficios, e as suas raizes tornaram-

11 Uhr-Abendblatt

Juiz de Fóra, 31. Dezember 1924

Unverantwortlicher Redacteur MOSES

Druck: Typographia Brasil

Li Hung Tschang in Juiz de Fóra

Wir erhielten gestern den Besuch des Vizekönigs Li Hung Tschang, der sich auf der Durchreise nach Goyaz befindet, und waren sehr angenehm überrascht, dass Se. Kgl. Hoheit auch im Kreise der Deutschen Kolonie einige Zeit verbrachte.

Als Dolmetscher des Vizekönigs war Herr Hermann Erhardt tätig, der durch seinen Seidenpapierhandel langjährige Beziehungen zu China unterhält. Li Hung Tschang spricht, wie mir Herr Erhardt versichert, das Chinesische mit einem feinen Accent, nur macht sich bei ihm, als Folge seines längeren Aufenthalts in Berlin die Neigung bemerkbar, das «g» wie «j» auszusprechen. Bei einem Rundgang durch die Stadt besichtigte er kopfschüttelnd die neuen Gebäude, dagegen gefielen ihm die Wirtschaften, und er bemerkte, dass keine Einrichtung in Juiz de Fóra so dauerhaft, so für die Ewigkeit berechnet wäre wie diese.

Am oberen Ende der Rua Halfeld blieb der köstliche Ruhepunkt seines Auges auf der Fabrica de Balas von Christiano Horn haften. Da Herr Horn gerade vor der Türe stand, liess er seine Sänfte halten und rief ein über das andere mal: «To-ipo-Tig-top.» das heisst: Gerade wie bei uns. Darauf klopfte er den Besitzer, der ihm wegen seines ehrwürdigen Aussehens zu gefallen schien, liebevoll auf den Bauch und forderte ihn auf, mit seiner ganzen Bude nach Ticutsin überzusiedeln, wo er ihn zum Vizeköniglichen Hoflieferanten machen wolle.

Nur für 100 Contos in die la main, erwiderte Snr. Christiano.

Nachdem das Innere der Stadt besichtigt war, lud Herr Hermann Erhardt Se. Kgl. Hoheit mit Gefolge zu einer Flasche Cax-ambú im Restaurant do Turco, Rua 15 ein, damit sich die Herrschaften zu einer Excursion nach den Suburbios stär-

ken konnten. Herr Erhardt schien etwas gedrückt zu sein, wie gerne hätte er gesehen, wenn Hohelt ihm, anstatt Christian Horn, ein Angebot gemacht hätte, mit seiner Bude nach China abzusegeln.

In Bota-na-agua, auf dem Wege nach Hartmannsdorf, stolperte ein Träger der Sänfte über eines jener tiefen Löcher, sodass der hohe Gast beinahe auf die Strasse geflogen wäre. Unser ehemalige Konsul, Herr Anton Stiebler, entschuldigte sich vielmals und wies darauf hin, dass die hiesige Grossindustrie sehr notleidend sei und die Stadt deshalb wegen der geringen Einnahmen leider nicht in der Lage wäre, die Strassen in Ordnung zu halten. (Hat sich aber seitdem merklich gebessert. Anmerkung des Setzers.) Um Se. Hoheit vollends zu beruhigen, offerierte Herr Stieb' er ihm 6 Flaschen Schwarzbier Marke Pup-A...-Knall, da gerade die Marke Bavaria ausgegangen war.

In Hartmannsdorf erwarteten Se. Exc. grosse Ovationen. Gleich hinter der kleinen Brücke hatten unter Führung des Gefreiten Gustav Warweg die Ehrenjungfrauen Aufstellung genommen. Die Absperrungsmassnahmen wurden unter dem Kommando des Gendamerlewachtmeisters Kurt Enders u. seines Adjutanten Anker durchgeführt. Dieses war unbedingt erforderlich, da sich, wie bekannt, in jener dunklen Gegend viel bolchivistisch angehauchtes Gesindel aufhalten soll. Als die älteste Ehrenjungfrau den obligatorischen Blumenstrauss mit gesetzten Worten der Begrüssung in russischer Sprache überreicht hatte, begab man sich nach dem Palais des Vertreters und ausserordentlichen Bevollmächtigten der Tcecko-Slowakei Herrn Franta Jintra, wo ein echter böhmischer Korn gereicht wurde. Inzwischen hatte sich unter den schattigen Bäumen des ausgedehnten Parkes der Gesandtschaft

männergesangverein gruppiert und küsste Se. Hoheit mit dem Liede «In schönem Land Chinesien, lebt ein schönes Wesien». Hoheit war so gerührt, dass ihm die Tränen die Backen herunter kollerten.

Darauf überreichte Se. Kgl. Hoheit dem Dirigenten Herrn Anton Friedrich Stadler den blauen Drachenorden am Bande zu tragen und das Patent eines Obermusikmeisters der Landwehr I. Aufgebots der chinesischen Gebirgsmarine. Was die Schnucki dazu gesagt hat, ist bei Schluss der Redaktion noch nicht bekannt geworden.

Se. Excellenz, durch die dedizierten Flaschen Stiebler-Schwarz einmal Blut geleckt, äusserte den Wunsch, eine jener grossen Bierfabriken in Juiz de Fóra kennen zu lernen. Grosse Rührung rief bei den Augenzeugen sein Benehmen hervor, als er auf dem Wege nach Mariano den langen uudurchdringlichen Wall der Leopoldina passieren musste. Tränen stürzten aus seinen Augen bei diesem Anblick. Er kniete nieder, küsste inbrünstig den Boden und rief mit schluchzender Stimme immer wieder: Wenli-Tscho-Tschang-Thing. Wie die chinesische Mauer in der Heimat genannt wird.

Herr Carlos Hugo Becker empfing den Vizekönig mit dem ihm eignen feinen diplomatischen Manieren, durch die er sich immer vor anderen Braugewaltigen vorteilhaft auszeichnet.

Er führte Se. Hoheit durch die Fabrik und erklärte eingehend, dass man heute von dem alten deutschen Brauche, Bier aus Malz und Hopfen herzustellen, ganz abgekommen sei. Man habe sich den orientalischen Lehren zugewandt und fabriziere Bier aus Reis und Mais. Als Hopfen werden die Spitzen des Bambus vorteilhaft verwandt. Als Herr Erhardt dieses übersetzte, machte er ein Gesicht als wenn er sich auf den hohlen Zahn gebissen hätte. Se. Hoheit, Geschäftsmann durch und durch, bat Herrn Becker, ihm zur Einleitung eines Handelsvertrages mit Brasilien behülflich zu sein, Reis für Brauereizwecke zollfrei einzuführen. Herrn Becker lachte das Herz im Leibe und stellte bereitwilligst seinen Einfluss in den Dienst der guten Sache.

In der Cortume Krambeck Irmãos zeigte und erklärte Herr João Krambeck die neuesten Verfahren der Ledergerberei. Hoheit bestaunte sehr die eigenartigen maschinellen Einrichtungen und meinte, dass in China den Leuten auf viel einfachere Art und Weise das Fell gegerbt würde. Nachdem der Helfershelfer und

Adjutant des Herrn Krambeck, Herr Friedrich Lienhopp einen eingehenden Vortrag über modernen Dampfkessel- und Dampfmaschinenbetrieb und seiner wirtschaftlichen Auswertung gehalten hat, begaben sich die Herrschaften nach der Stadt zurück.

Doch der Weg ist weit, und wenn man noch dazu unterwegs in einen Wassergraben fällt, muss man sich irgendwo trocken, wenn man keinen Schnupfen davontragen will. Se. Hoheit schien die Gerberei nicht recht bekommen zu haben und verlangte nach einem Glase Bier.

Da der Unfallstelle das Gemeindehaus am nächsten lag, wurde dort Einkehr gehalten.

Herr Karl Dähne, der in seiner Jugend einmal etwas chinesisches gelernt hatte, kam ganz aus dem Häuschen. Er fing an, die Sprache zu verwechseln, sprach «Herr Jesus» im schönsten leipziger Steinstreiter-Dialekt und redete immer von einem Strick, welcher beim Patentschieben schon gute Dienste geleistet haben soll. Hoheit war über diese neue Art der chinesischen Sprache ganz perplex, aber der Orador Official, Herr Albino Kluge, klärte ihn darüber auf, dass hier sowas öfter vorkomme, ohne dass jemand im Laufe der Zeit etwas dabei denke. Die Verhältnisse, wie er sich ausdrückte, brächten das mit sich.

Se. Hoheit hatte überhaupt kein Glück mehr. In der Fabrica Suissa wurde er von einem vierschrotigen Schweizer empfangen, welcher ihm rundweg erklärte, dass der Eintritt für Fremde verboten sei, und zwar auf Befehl seines Chefs. Er hätte sogar schon einmal das Kunststück fertig gebracht, einen Journalisten abzuweisen, und würde mit einem Chinesen auch noch fertig werden. Auf diese Art der Fremdenbehandlung war Se. Kgl. Hoheit nicht vorbereitet. Er machte aber als weiser Orientale gute Miene zu bösem Spiel und empfahl sich mit Götz von Berlichingen.

Als die Sänfte Se. Hoheit durch die Rua 15 zurückkehrte, so sah er ein kleines niedliches Häuschen, an dem zu lesen war: «A Chave de Ouro». Aha, dachte er sich. Hier wird Loterie gespielt, versuche es einmal mit einem Los. Ein älterer ehrwürdiger Herr sass vor der Türe und erkundigte sich nach seinen Wünschen. Als er vernahm, sein Haus wäre eine Loteriebude, ergriff er einen zölligen Schraubenschlüssel und begleitete in nicht misszuverstehender Weise den Fremdling bis auf die Strasse.

Vor dem Assyrio-Club angekommen

verabschiedete sich Se. Kgl. Hoheit be-
trübten Sinnes von seinen Gastgebern.
Er hatte noch einen Wunsch auf dem
Herzen, aber er fand nicht mehr den Mut
ihn auszudrücken. Herr Erhardt kam ihm
zur Hilfe und nach einigem Hin und Her
äusserte er den Wunsch, die berühmte
deutsche Treue und Einigkeit zu sehen,
Diesem Wunsche konnte leider auch nicht
entsprochen werden. Se. stagnierende
Excellenz war nicht wenig verwundert,
als er vernahm, diese altmodische Eigen-
schaft sei in Juiz de Fóra ausser Gebrauch
gekommen und habe bereits seit länge-
rer Zeit der weit praktischeren Schlick-
enfängerei Platz gemacht.

Hierauf zog sich Hoheit mit einigen
Vertrauten, die wir nicht nennen können,
in das Clublokal zurück.

MOSES.

Aphorismen

Oh, Kritiker, du bist mein Freund
Weil Kritik stets mit Kunst sieh ein,
Doch wer dies Ding verbrochen hat,
Er kennt die Leute in der Stadt.

Justav.

Im Wein liegt die Wahrheit, sagte der
Weinpantscher, und weil die Menschen
die Wahrheit nicht vertragen können,
goss er Wasser zu.

Moses.

Christian: Moses Sie haben mich ges-
tern in Ihrem Abendblatt wieder ange-
ekelt. Ich verbitte mir das!

Was geht mich das an? Ich lese prin-
cipiell nicht das Tageblatt.

Anton Friedrich: Was? Sie sind doch
der verantwortliche Redacteur?

Christiano: Ja gerade, weil er der ver-
antwortliche Redacteur ist, liest er sein
Blatt nicht, denn wenn er's lesen würde,
könnte er es doch nicht verantworten.

Gewissensfrage

Ein Frosch, welcher in selbstmörderi-
scher Absicht ins Wasser hopst, würden
Sie diesem nachspringen um sein Leben
zu retten und dabei Ihr eigenes riskieren?

Dieser Artikel: Eine Abhandlung über
die Unsterblichkeit der Maikäfer wurde
wegen seines politischen Inhaltes von
der Zensur gestrichen.

**CASA OUVIDOR
E. C. DE ASSIS**

**Especialidade em doces e bonbons
finos, conservas, bebidas,
queijos, etc., etc.**

**Fructas frescas e seccas, charcuterie,
sementes, miudezas, etc., etc.**

Als Spezialität:

Gebratene Elefantenrüssel
Panierte Elefantenschnitzel
Junge Hunde mit Erdbeeren
Nachtigallen-Zungen
für Sänger.

Magnifico BAR

Comidas frias, etc.

Rua Halfeld, 615

Phone, 280

JUIZ DE FORA — Minas

PADARIA RIACHUELO

Avenida Rio Branco, 2261

*Frios, bebidas finas, vinhos
liguosos e conservas*

Especialidade em vinhos portuguezes

Importação directa de sua
casa Matriz

Os deliciosos pães
da PAZ e de PETROPOLIS
e seu apreciavel pão de forma
ALLEMÃO

FABRICA DE BALLAS

Cristiano Horn

RUA HALFELD

*Ballas e bonbons finos,
propria fabricação*

Grande movimento de
brinquedos estrangeiros

Todo mundo bebe

BAVARIA

VIUVA STIEBLER & FILHOS

Telephone 118

Culmbach

Pilsen

Germania

AS MARCAS DA MODA

CERVEJARIA AMERICANA

Telephone 228

NEU DOPPELFLINTE

Cal. 15/765 Marke Diana, Drilling

Crup 16/765

AUTOMATISCA PISTOLEN, 7,65

Hotel Rio de Janeiro

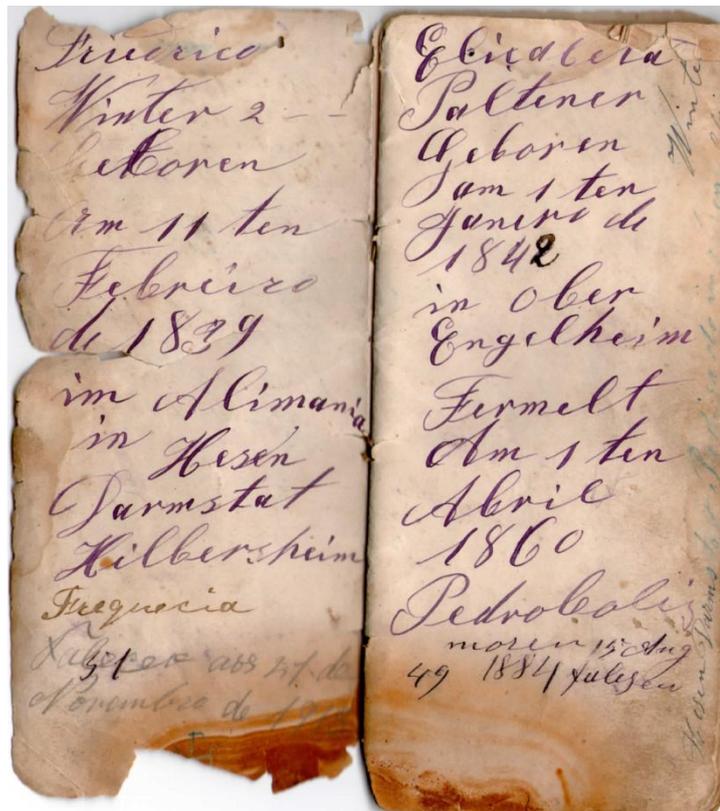
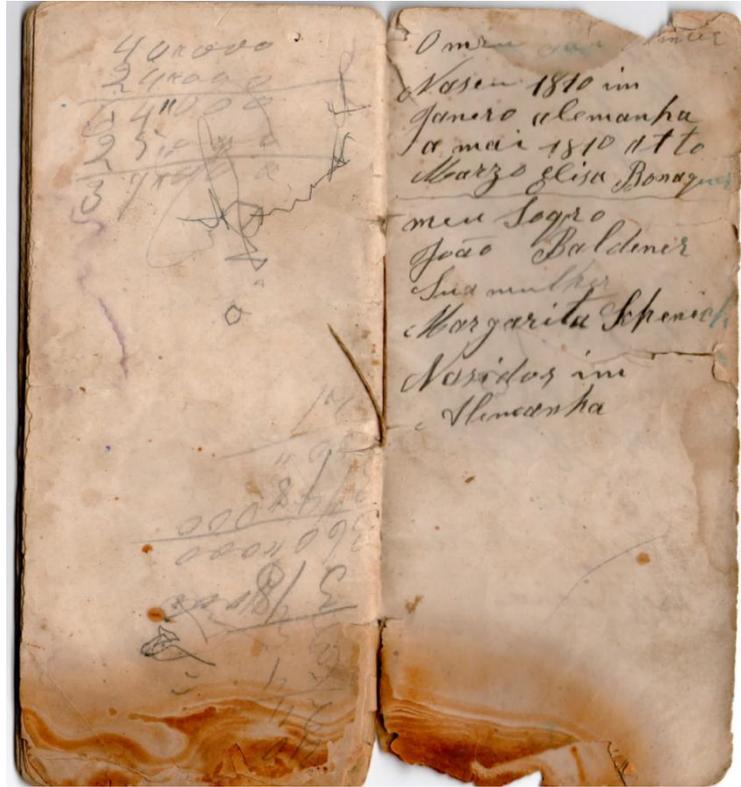
QUARTO 8

Cal Lembek, Ing. - R. Garmongel, 198

Bello Horizonte

ANEXO 04

Livreto bilíngue escrito por Frederico Winter no final do século XIX (Arquivo pessoal da família Gerheim) - 22 f.



<p>Dinero que colli o meu Filho Frederico Junior para o Pai u dinero R\$ 40.000 dinero R\$ 20.000 para Ropos R\$ 80.000 Salario - - 5.000 Com d'apenas 1000 Somos <u>178.000</u></p> <hr/> <p>Elisa Winter Nasceu em 14 de Agosto de 1887 Sebedada da No lia 15</p>	<p>Frederico Winter Pai Cato em 26 de Novembro de 1887 Com Catharina Guilherme Telematis Nasceu no Filho Ana Catharina em 30 de Agosto de 1888 Padrisado do Padre Alemão Capella da Gloria Anna Catharina Junos Ana Catharina Winter</p> <p style="text-align: right; font-size: small;">13 de Setembro</p>
---	---

<p>Juliana Crescencia Juliana Crescencia Geboren am 23 ten September e 1878 magens im 3. wker Getauft d. 12 ten Oktobro de 1878 de pater Gmrich de Trock no Capella de Uniao in Iusria S. de Maria Gloria 12</p>	<p>Antonio Apilto Winter Geboren den 12 ten Maio de 1880 abar Getauft den 30 ten Maio im quis de fora Capella da Glori de Peter Gmrich Patinho geschrieben am 7 ten Julho de 1888 +</p>
--	---

ANEXO 05

Carta escrita pelo Pd. Matias Tulkens ao Padre Provincial
em 15 de novembro de 1897 (Arquivo Congregação Redentorista
- Província do Rio)

Arch. Prov.
Coll. C. ss. R

Cartas dos fundadores e primeiros
missionários.

A K I.

Juiz de Fora- 15-11- 1897

Revmo. Pe Provincial,

Conforme a opinião de um médico da cidade, a metade da cidade de Juiz de Fora consiste em Italianos. Poucos têm noção dos seus deveres religiosos e trabalham aos Domingos. É difícil haver uma boa ~~xxxxxxxx~~ comunicação com este povo, principalmente quando não se entende a língua italiana. Eles dispõe de duas escolas italianas, mas os Alemães (católicos) não têm nenhuma. Com muito barulho festejaram a tomada de Roma e todos os jornais daqui exaltaram até as nuvens este ato glorioso dos Italianos. Muitos deixaram a sua esposa na Itália e vivem aqui como casados. Uma vez que alguns Padres ficam insistindo , como se a aceitação da Paróquia fosse um fato e como se o nosso futuro dependesse disso, devo ir comunicar esta circunstância."

A questão alemã (Resumo)-Existe uma opposição de alguns Padres contra o uso da língua alemã numa das missas dominicais. Antes de Bênção do Ssmo. Sacramento da tarde, há uma hora de catecismo em alemão que é pouco frequentado pelos adultos. O desentendimento com os Alemães começou quando do púlpito foi dado um aviso (muito contra a vontade do autor desta carta que fez tudo para que se cancelasse este aviso) que seriam abolidos a leitura do Evangelho em alemão e também o sermão na mesma língua e as três Ave-Marias após a S Missa. No Domingo depois deste aviso, houve a ameaça do grupo alemão de não contribuir mais para o sustento dos Padres (150 mil reis, mensalmente). Fiz tudo para acalmar o ânimo do povo e procurei satisfazer ambas as partes. Mas então realizou-se uma reunião dos Alemães e foi resolvido : Se não se fizer mais sermões em alemão, os Padres não receberão mais nada da Comissão e a Igreja , que pertence aos Alemães, será fechada. Lamentar-se sempre a nossa atitude pela qual os ofendemos voluntariamente e sem motivo. Evitei os contatos com a Companhia Alemã, mas aqui entre nós, durante o recreio, se zomba publicamente dos sermões em Alemão e dos Alemães e isto facilmente se torna público e irrita mais ainda. O Irmão Gregório tem na sua oficina um rapaz alemão que ganha 4 mil reis por mês. Além de fazer nada, conversa demais com o Irmão que não sabe ficar calado. O Pe Reitor queria aumentar o salário do moço com 300 reis por dia, mas eu não o queria nem de ~~xxxxxxxx~~ graça.

Da Holanda chegaram três caixotes. O Pe Reitor ficou em pânico, pois temos de pagar ao Alfândega 825 mil reis.

Ass. Pe Matias Tulkens C. ss. R.

ANEXO 06

Carta ao Bispo Diocesano enviada pelos colonos do Culto Católico Mariano Procópio em 12 de janeiro de 1885 - transcrita como no original (Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora)

Il.^{mo} Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo Diocesano

A commissão zeladôra da capella de N. S. da Gloria erecta na ex-collonia de D. Pedro II em Juiz de Fora, abaixo assignada, pezarosa e contristada leva ao conhecimento de V. Ex.^a Rev.^{ma} que o Padre Americo de Praga, por seus intermediários obteve de nós que se convocasse uma reunião de collonos catholicos e que a maioria descedisse sobre á acceitação ou recuza do Rev.^{do} Padre Americo como Capellão da referida Capella.

Previamente acceitas pela commissão as condicções propostas pelo Rev.^{do} P.^e Americo, como seja indenizar a Capella da quantia de Rs 152.500 que despendeu-se com a questão e limitar a sua gerencia aos magisteres de sua profissão marcou-se dia e hora para haver a reunião e com effeito teve lugar as 10 horas do dia de hontem na mesma Capella; mas infelizmente não se pôde chegar a um accordo, pois que logo depois da prestação de contas da actual commissão, azedou-se a discussão de modo que em breve tomou-se tumultuoza e forcaz e foi encerrar os trabalhos ficando tudo de nenhum effeito e bem avizado andou o Prezidente da meza, pois logo depois chegou o Inspector respectivo assalariado do Rev.^{do} P.^e Americo com os praças da Policia e Deus sabe que scenas teriamos hoje de deplorar se a força chega no momento tumultuário da reunião.

Em vista do exposto a commissão aguarda tranquila o dia em que o Padre Americo rezolva levantar os embargos feitos por nós perante o Juiz competente e termos occasiões de provar o que allegamos, dando d'este modo cumprimento do despacho de V.Ex.^a de 11 do mês findo, na repprezentação que fizemos subir do exclarecido critheris (crithesis) de V. Ex.^a contra o Padre Americo de Praga.

Perdoe-nos V. Ex.^a por importunal-o mais uma vez com esta incandescente questão, más não podemos deixar de fazel-o nas circunstancias annormais em que nos achamos.

De V. Ex.^a

Umildes servos

Juiz de Fora, 12 de jan.^o de 1885

Francisco Rechner
Frederico Winter
[ilegível]

ANEXO 07

Carta ao Bispo Diocesano D. Silvério Gomes Pimenta enviada pelos colonos do Culto Católico Mariano Procópio em 13 de maio de 1901 – transcrita como no original (Arquivo Arquidiocesano de Juiz de Fora)

Ex.^{mo} E Rev.^{mo} Senr.

A Directoria da sociedade “Culto Catholico de Marianno Procopio”, por seus membros abaixo assignados, como representantes da ex Colonia Catholica D. Pedro II vem á presença de V. Ex.^{ia} Rev.^{mo} solicitar providencias no sentido de se restabelecerem na Igreja da Gloria as praticas em allemão, como tem sido costume até ha pouco.

A reclamação é justa, não só porque muitos allemães não entendem o portugûês, como porque o Rev.^{mo} Cura da Gloria é o Capellão da Colonia, e desta recebe a mensalidade de 150\$000.

Assim é conveniente e justo que, além da pratica em portugûês, haja uma pratica em allemão.

Outrossim, a Imagem de N. S. da Gloria , padroeira da Capella, foi retirada do Altar e collocada no Convento das RR. Redemptoristas, com geral desagrado da Colonia e da população.

A doadora dessa Imagem, Ex.^{ma}. Snra. D. Amelia Ferreira Lage, viuva do pranteado mineiro Com.^{dor} Mariano Procópio Ferreira Lage, descontente com esse facto, levou a Imagem para seu palacete; mas está prompta a restitui-la, desde que seja collocada de novo na Capella.

São estas as medidas que imploramos de V. Ex.^{ia} Rev.^{ma}, cujo annel reverentemente beijamos.

Deus guarde a V. Ex.^{ia} Rev.^{ma}

Juiz de Fora, 13 de Maio de 1901.

Ex.^{mo} Rev.^{mo} Senr. D. Silverio Gomes Pimenta,
D. D. Bispo Diocesano.

A Directoria
[ininteligível] - Presidente
Jacob Heez – Vice-presidente
Capitão João Rechmen – Secretario
Luiz Dilly – Thesoureiro
Theodoro Franck – Procurador
João Weitzel – Mesario
Francisco Karcha - Idem

ANEXO 08

F. J. Hochleitner (97), Entrevista 001, 16/05/2011

01	Pesquisadora	então (.) professor (.) <por que você veio aqui pra cá>
02		
03	F. J. Hochleitner	eu veio aqui para lidar uma indústria em juiz de fora (.) que um amigo (.) um amigo me chamou (.) que veio em 48 e:: eu fiquei estabelecido aqui e depois (.) eu me dediquei a:: ao ensino e (.) eu fiquei cinco anos como professor universitário (.) aqui em juiz de fora
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10	Pesquisadora	e por que será (.) professor (.) que seu amigo escolheu juiz de fora
11		
12	F. J. Hochleitner	hã?
13	Pesquisadora	<por que será (.) que seu amigo escolheu juiz de fora> (0.5) o senhor sabe
14		
15	F. J. Hochleitner	ele:: ele fugiu do hitler e:: e se estabeleceu aqui (.) em juiz de fora.
16		
17	Pesquisadora	e o senhor veio em que ano pra cá
18	F. J. Hochleitner	hã
19	Pesquisadora	o senhor veio em que ano pra cá
20	F. J. Hochleitner	1948.
21	Pesquisadora	48 a::hn
22	F. J. Hochleitner	e eu sou naturalizado brasileiro (.) desde 1956 (.) e:: e to vivendo [ainda
23		
24	Pesquisadora	[graças à deus
25	F. J. Hochleitner	e:: eu teve um derrame (.) em 1999 (.) então (.) então fica paralisado essa parte aqui (.) essa parte direita (.) do corpo
26		
27		
28	Pesquisadora	ah, mas o senhor ta muito [bem
29	F. J. Hochleitner	[né eu queria te perguntar também (.) se a sua cidade (.) lá em salzburg (.) se era uma cidade grande - se era uma cidade menor. como que era lá
30		
31		
32		
33	F. J. Hochleitner	era uma cidade grande [e::
34	Pesquisadora	[grande na época
35	F. J. Hochleitner	salzburg é famoso pelo (.) pelo componista (0.5)
36		
37	Pesquisadora	pelo mozart
38	F. J. Hochleitner	mozart (.) é
39	Pesquisadora	uhm:: e o senhor viajava muito (.) quando o senhor era menor (0.5) quando o senhor ainda morava lá (.) o senhor chegou a ir para outras cidades assim
40		
41		
42		
43	F. J. Hochleitner	não (0.5) depois da guerra eu conheço toda a França (0.5) e:: eu fiquei estacionado na (.) na (norvega) (.) em (kirkenes) (.) durante 13 meses e:: lá depois me chamaram para:: (.) para dirigir uma companhia contra os russos
44		
45		
46		
47		
48	Pesquisadora	uhum. (0.5) e professor (.) o senhor sabe se tinha muita diferença na língua de um lugar para o [outro
49		
50		
51	F. J. Hochleitner	[tinha.
52	Pesquisadora	de uma cidade para a outra (0.5) tanto na áustria quanto na Alemanha
53		
54	F. J. Hochleitner	não (0.5) na áustria fala alemão (.) e depois eu aprendi em inglês e em francês na escola
55		

56		(0.5) e depois eu aprendi o russo (.) falei
57		perfeitamente russo e::
58	Pesquisadora	que bom hein↓ muitas línguas né [professor↓
59	F. J. Hochleitner	[é.
60	Pesquisadora	e tinha muita diferença do alemão de uma
61		cidade para outra↓
62	F. J. Hochleitner	não tem.
63	Pesquisadora	não↓
64	F. J. Hochleitner	não tem.
65	Pesquisadora	bem parecido↓
66	F. J. Hochleitner	ahã.
67	Pesquisadora	hum:: e quando o senhor veio pra cá (.) o
68		senhor encontrou gente que falava alemão
69		também↓
70	F. J. Hochleitner	[muito pouco.
71	Pesquisadora	[gente que já morava aqui↓
72	F. J. Hochleitner	muito pouca gente (0.5) quem me chamou que o
73		doutor hermann bergen (.) que:: fugiu de
74		hitler e que:: fez uma (.) fez uma indústria
75		(.) em 90 de:: produção de::(0.5)
76	Pesquisadora	de quê↓
77	F. J. Hochleitner	de trabalhos sanitários
78	Pesquisadora	ah tá. (0.5) e gente que morava aqui não
79		falava já alemão então↓ (.)
80	F. J. Hochleitner	[sim
81	Pesquisadora	[muito difícil↓ (0.5) e a língua (0.5) assim
82		(.) que o senhor aprendeu (.)é:: falando com
83		a sua família na época era diferente da
84		língua que o senhor aprendia na escola lá↓
85		(0.5) <como que era↓ (.) era diferente↓ (0.5)
86		o senhor aprendia que língua na escola↓>
87	F. J. Hochleitner	eu aprendi na na escola francês e:: francês
88		e:: e inglês e::
89	Pesquisadora	mas aprendia alemão também↓ não↓
90	F. J. Hochleitner	eu aprendi alemão
91	Pesquisadora	também?,
92	F. J. Hochleitner	também.
93	Pesquisadora	e com que idade (.) que o senhor aprendeu
94		português↓ (0.5) foi só quando o senhor veio
95		pra cá↓
96	F. J. Hochleitner	foi uma língua nova para mim e:: depois de
97		cinco anos eu lecionei na universidade
98	Pesquisadora	aí o senhor já sabia falar (.) bastante
99		assim.
100	F. J. Hochleitner	é
101	Pesquisadora	né↓
102	F. J. Hochleitner	é
103	Pesquisadora	mas o senhor aprendeu quando veio pra cá↓
104	F. J. Hochleitner	é (.) falei português aqui (.) no brasil (.)
105		e depois aprendi um pouco de:: um pouco de
106		espanhol também
107	Pesquisadora	então quantas línguas que o senhor fala↓ <u>um</u>
108		monte (.) não é↓
109	F. J. Hochleitner	é. e depois e depois eu:: (.) (para)
110		matriculei para direito (.) eu precisava
111		falar (.)o:: para fazer a prova do:: do latim
112		(.) então eu falei (.)falei(.) latim muito
113		bem (.) muito bem
114	Pesquisadora	ah <u>que legal</u> e o senhor fez a prova e deu
115		certinho↓

116	F. J. Hochleitner	é
117	Pesquisadora	<u>olha que legal</u> e:: e o senhor gostou da
118		cidade quando o senhor veio pra cá
119	F. J. Hochleitner	a cidade era muito bacana eu fico muito bem
120		recebido (0.5) e:: os alunos gostaram muito
121		de mim
122	Pesquisadora	mas a cidade ainda era bem pequena não era
123	F. J. Hochleitner	é a cidade era bem pequena
124	Pesquisadora	e tinha muito:: o senhor sabe se tinha muitos
125		descendentes já
126	F. J. Hochleitner	<u>hã?</u> ,
127	Pesquisadora	tinha muitas pessoas que tinham ascendência
128		alemã (.) ou austríaca
129	F. J. Hochleitner	não (.) ainda não.
130	Pesquisadora	não
131	F. J. Hochleitner	não
132	Pesquisadora	tinha poucas ainda ah, tá. - então professor
133		(.) acho que é só isso (.) eu acho (.) já me
134		ajudou <u>muito</u>
135	F. J. Hochleitner	já basta
136	Pesquisadora	acho que sim (0.5) <u>obrigada</u>

ANEXO 09

T. N. Lawall (74) & D. D. Zigler (83), Entrevista 002, 20/06/2011

01	Pesquisadora	<dona t o seu marido falava alemão né↓
02	T. N. Lawall	é (.) falava
03	Pesquisadora	e tinha uma escola alemã aqui↑
04	T. N. Lawall	a escola alemã era ali na rua dom pedro (.)
05		tem a igreja luterana (.) eu sei falar muito
06		sobre igreja luterana (.) porque foi fundada
07		na alemanha
08	Pesquisadora	ahã
09	T. N. Lawall	então (.)
10	Pesquisadora	a senhora é luterana↓
11	T. N. Lawall	sou (.) desde que me casei (0.5) faz 60 anos
12	Pesquisadora	[o::lha
13	T. N. Lawall	[que eu frequento a igreja luterana (0.5)
14		então ali tem o salão de festas então ali
15		funcionava a escola alemã
16	Pesquisadora	entendi
17	T. N. Lawall	então ele falava alguma coisa né alemão
18	Pesquisadora	<u>ele frequentou desde pequeno a escola</u>
19	T. N. Lawall	como por exemplo (.) café ele dizia
20		(cafetrim)
21	Pesquisadora	então ele misturava muito o português com o
22		alemão↓
23	T. N. Lawall	é (.) porco por exemplo era (vult)
24	Pesquisadora	ahã
25	T. N. Lawall	então (.) é difícil a língua alemã pra gente
26		falar né ↓ então (.) a gente (.) muitas
27		muitas coisas ele falava (.) mais não ensinou
28		ninguém (0.5) também não tinha tempo (.) quem
29		trabalha fora não tem tempo
30	Pesquisadora	e sua sogra também falava↓
31	T. N. Lawall	minha sogra também (.)ela falava lá ela
32		temperava a língua lá (.) mais eu não sei
33		falar nada que ela falava
34	Pesquisadora	é né↓ mais ela misturava o português com o
35		alemão↓ ou ela só falava o alemão↓
36		ela falava bem o português
37	Pesquisadora	é↑
38	T. N. Lawall	é mais o alemão era ela enrolava a língua lá
39		mais eu não sei falar nada em alemão não↓
40	Pesquisadora	ahã mais tinha que se comunicar ne↓ então
41		misturava
42	T. N. Lawall	é
43	Pesquisadora	entendi
44	T. N. Lawall	mais meus filhos nenhum sabe (0.5)nem a
45		língua italiana que meus pais eram natos eu
46		num sei falar (0.5) muito pouca coisa em em
47		italiano
48	Pesquisadora	eu também sou descendente de alemães e eu não
49		sei uma palavra da língua↓
50	T. N. Lawall	mais é o mau deles né↓ que eles não ensinam a
51		gente↓
52	Pesquisadora	não ensinavam né↓ meu avô também sabia falar
53		ma::s
54	T. N. Lawall	mais sobre a culinária alemã que você tá
55		falando aí (.) eu tô por dentro↑

56	Pesquisadora	a::h então tá bom
57	T. N. Lawall	nas festas da colheita em são pedro (0.5)
58		aquela grande festa que tem lá que você deve
59		conhecer (.) né↓ (0.5) sempre no mês de
60		agosto↓
61	Pesquisadora	ahã (.) sei↓
62	T. N. Lawall	a gente sempre faz pão (0.5) as alemãs de mar
63		de espanha fazem um doce de leite que é uma
64		delícia (0.5) torta alemã (0.5) o tal do
65		chucrute
66	Pesquisadora	a senhora já comeu↓
67	T. N. Lawall	eu não gosto não
68	Pesquisadora	você fazem muitos pratos aqui (.) alemães↓
69	T. N. Lawall	não (0.5) se eu falar que fazemos eu to
70		mentindo (.) nós fazemos mais italianos né↓
71	Pesquisadora	ah tá (0.5) <então (.) d. t. n. lawall > (.)
72		seu marido trabalhava em quê?
73	T. N. Lawall	mecânico
74	Pesquisadora	mecânico↓
75	T. N. Lawall	encarregado na fima (.) fábrica de fornos
76		elétricos e máquinas alimentícias (0.5) ela
77		era ali em frente onde é o bretão hoje (.)
78		sabe↓ a fab - a oficina era ali (0.5) mais
79		depois que ele morreu acabou↓
80	Pesquisadora	entendi↓ e a senhora sabe quem da família
81		dele veio da alemanha↓ foi sua sogra não né↓
82	T. N. Lawall	foram os pais da minha sogra e do meu sogro
83		(0.5) o sobrenome era lawall com w e dois ls
84	Pesquisadora	mais tem laval aqui na cidade com v (.) não
85		tem↓
86	T. N. Lawall	já o meu cunhado (.) que era lawall (.) por
87		causa daqueles negócios da alemanha
88	Pesquisadora	guerra né↓
89	T. N. Lawall	que talvez você nem fica sabendo porque foi
90		do meu tempo (.)que eu era criança
91	Pesquisadora	que proibiu falar alemão (.) essas coisas né↓
92	T. N. Lawall	é:: então (.) ele assinava laval com v
93	Pesquisadora	a senhora lembra como era a primeira festa
94		alemã↓
95	T. N. Lawall	a primeira festa que teve aqui na borboleta
96		(.) meu cunhado arrecadou das casas de
97		alemães as fotos antigas sabe.
98	Pesquisadora	ahã
99	T. N. Lawall	foi exposto muito (.)teve muito chope.
100	Pesquisadora	é mesmo↑ aí pegavam carro de chope↓ como é
101		que era↓
102	T. N. Lawall	ele encomendou o chope (.) na época (.) do
103		josé weiss né↓ e então veio uns barris.
104	Pesquisadora	um monte de barris de chope↑
105	T. N. Lawall	aí cada um comprava o seu copo e tomava chope
106		o quanto quisesse (0.5) não pagava não
107	Pesquisadora	<entendi> mais era festa pequena né↓
108	T. N. Lawall	era.
109	Pesquisadora	a senhora lembra o nome da escola alemã↓
110	T. N. Lawall	(kindar)
111	Pesquisadora	e lá ensinava alemão mesmo↓
112	T. N. Lawall	lá ensinava a língua alemã (0.5) o professor
113		era alemão.
114	Pesquisadora	olha só
115	T. N. Lawall	[aí tinha as horas

116	Pesquisadora	[mais ensinavam outras coisas também né]
117	T. N. Lawall	tinha as horas do alemão e tinha as horas do
118		português
119	Pesquisadora	<ah:: entendi>
120	T. N. Lawall	no entanto (.) aprenderam mais o português
121		(.) é claro né]
122	Pesquisadora	mais era uma escola mais pra evangelizar (.)
123		assim (.) ou não?, era uma escola de
124	T. N. Lawall	também era da igreja (.) da igreja luterana
125	Pesquisadora	mais ensinava matéria (.) assim (.) história
126		(.) geografia (.) essas coisas também]
127	T. N. Lawall	<ah filha> ensinava (.) porque o meu marido
128		era um crânio (0.5) o que você perguntasse
129		ele te respondia.
130	Pesquisadora	é]
131	T. N. Lawall	ele lia muito (0.5) ele gostava muito de
132		leitura (0.5) <aí o homem] (.) aí o compadre]
133		(.) você tá com muita pressa de chegar em
134		<u>casa]</u> ((sr. d. d. zigler passa em frente à
135		casa de dona t. n. lawall e é chamado))
136	D. D. Zigler	não
137	T. N. Lawall	porque nós tamos precisando fazer uma
138		pesquisa sobre a alemanha (.) e eu pensei em
139		você.
140	D. D. Zigler	mais eu não sei nada da alemanha]
141	Pesquisadora	e da alemanha aqui de juiz de fora] o senhor
142		sabe]
143	T. N. Lawall	chega aí compadre] ((o sr. d. d. zigler
144		entra na casa))
145	Pesquisadora	tudo bem com o senhor]
146	D. D. Zigler	tudo bem.
147	T. N. Lawall	eu ia te ligar ontem (.) mais eu pensei (0.5)
148		amanhã ele deve ir no cemitério?
149	D. D. Zigler	mais meu pai é que era um arquivo vivo né]
150	Pesquisadora	tem muitos anos que ele morreu]
151	D. D. Zigler	tem dez anos.
152	Pesquisadora	dez anos (0.5) e o senhor sabe falar alguma
153		coisa de alemão]
154	D. D. Zigler	<olha só.> (0.5) eu não sei manter
155		conversação não (.) mais eu tenho alguma
156		noção (.) porque eu estudei - em 1937 (.) fui
157		pra a escola alemã (0.5) mais depois de 39
158		veio aquele problema da::
159	Pesquisadora	[a escola alemã (.) aquela da igreja luterana
160		né]
161	T. N. Lawall	<que chamava (kindar)>
162	D. D. Zigler	não (.) kinder era a escola infantil (0.5)
163		>era deutsch schule (.) deutsch schule (.)
164		escola alemã (.)< e depois veio o problema da
165		guerra e o papai queimou tudo o que a gente
166		tinha em casa de de:: livro (.) caderno (.)
167		essas coisas (.) tudo né] não podia falar (.)
168		nem ouvir rádio podia (0.5) foi muito sério
169		né]
170	Pesquisadora	o senhor sabe mais ou menos em que ano que
171		foi fundada essa escola]
172	D. D. Zigler	não. eu sei que em 39 eu saí de lá (.) porque
173		lá (.) na época 9.) era assim (.) essas
174		escolas particulares só dava até o terceiro
175		ano (.) e o quarto ano tinha que ser feito

176		numa escola institucional (0.5) um grupo né↓
177		do estado.
178	Pesquisadora	ahã
179	D. D. Zigler	então (.) eu fiz até o terceiro ano (.) e o
180		quarto ano eu fui pro grupo antônio carlos
181	Pesquisadora	<entendi>
182	D. D. Zigler	aí (.) era só (0.5) não podia falar nada de
183		alemão (.) nem podia falar que era parente
184		né↓
185	Pesquisadora	ah é (.) dava problema.
186	D. D. Zigler	muita gente mudou até nome né↓ mudava nome↓
187		(0.5) tinha um pessoal que eu conheci (.) que
188		chama tomaselli (.) passou a chamar tomás (.)
189		cortou o l italiano (.) é horrível (.) o
190		italiano
191	Pesquisadora	mais por causa da guerra mesmo (.) né↓
192	D. D. Zigler	é:: tudo foi tudo perseguido por - o pessoal
193		aí (.) os krambeck ali (.) foi tudo
194		apedrejado né↓
195	Pesquisadora	é mesmo↓
196	D. D. Zigler	é (.) o pessoal que teve - é:: que tinha mais
197		família alemã né↓ [ali no morro da glória.
198	Pesquisadora	[aqui em juiz de fora chegaram até a
199		apedrejar (.) então↓
200	D. D. Zigler	ali no morro da glória 9.) onde é o colégio
201		universo. (.) ali tinha uma cervejaria que
202		era de alemães (0.5) também (.) ali (.) foi
203		apedrejado também.
204	Pesquisadora	o senhor conhecia muita gente que falava a
205		língua ainda↓
206	D. D. Zigler	<não eu conheci bastante pessoas. inclusive
207		no no:: tinha tinha tinha:: o coral da igreja
208		(.) que era formado por pessoas que falavam
209		alemão (0.5) hoje (.) ainda (.) tem uma:: uma
210		senhora que é que é amiga nossa (.) que era
211		da igreja (.) hoje ela nem tem ido na igreja
212		porque ela tá com 86 anos e () diabete
213		(0.5) e depois se casou (0.5) a hilda é do
214		tempo da alemanha e ela foi inclusive
215		professora de alguns (.) e alguma coisa eu
216		também aprendi com ela (.) e ela teve um tio
217		que mora na alemanha (.) que mandou passagem
218		(.) e ela foi passar um período lá com ele
219		(.) e ela fala bem.
220	Pesquisadora	mais os pais não costumavam ensinar não né↓
221	T. N. Lawall	não ensinavam não.
222	D. D. Zigler	meu avô falava é:: muito bem o alemão (0.5)
223		inclusive (.) ele fazia correspondência pra
224		outras pessoas da:: da alemanha.
225	Pesquisadora	o senhor sabe quem da sua família que veio
226		direto da alemanha↓
227	D. D. Zigler	não (.) não (.) meu meu meus bisavós que são
228		alemães
229	Pesquisadora	que vieram de lá↓
230	D. D. Zigler	meus avós paternos é:: que são descendentes
231		de alemães (.) meus bisavós são paternos (.)
232		alemães (0.5) meus bisavós maternos são
233		franceses
234	Pesquisadora	qual que é:: qual que é:: o sobrenome do
235		senhor?

236	T. N. Lawall	é um nome muito bonito o dele
237	Pesquisadora	é::↓
238	D. D. Zigler	zigler. (0.5) () é francês.
239	Pesquisadora	d zigler (.) né isso↓ lindo né↓
240	T. N. Lawall	é::
241	Pesquisadora	o meu é schuchter
242	D. D. Zigler	schuchter↓
243	Pesquisadora	e seu zigler (.) eu não falo uma palavra de
244		alemão (.) não aprendi (.) não me ensinaram
245		(.)
246	T. N. Lawall	se tivesse aprendido (.) hoje (.) cê faria a
247		pesquisa sozinha
248	Pesquisadora	não é↓
249	D. D. Zigler	eu tive umas () na rua:: tanto tempo que eu
250		não vou lá que me falha a cabeça (.) onde tem
251		o brasil-estados unidos.
252	Pesquisadora	na braz bernardino↓
253	D. D. Zigler	na braz. isso. la tinha uma sala (.) o
254		instituto goethe (.) que dava aula de alemão.
255		eu fiquei dois meses ali (.) mais depois eu
256		quis fazer um curso de eletrotécnica no
257		granbery (.) então eu parei. foi uma pena (.)
258		eu podia ter continuado lá em vez de fazer
259		esse curso que não me deu vantagem alguma (.)
260		e:: poderia ter dado sequência (0.5) mais fui
261		fazer opção e optei errado né↓ isso acontece
262		na vida né↓
263	Pesquisadora	<é:: isso acontece mesmo>
264	D. D. Zigler	mais:: eu não tenho assim (.) condição de
265		manter conversação (.) porque eu não tive
266		essa (.) esse prolongamento né↓ mais eu tenho
267		u::m (.) eu tenho um vocabulário bem bom de
268		de:: de alemão
269	Pesquisadora	que bom hein↓
270	D. D. Zigler	vocabulário (.) agora (.) [na hora de fazer o
271	Pesquisadora	[ainda tem gente aqui que fala um pouquinho
272		(.) que conhece um pouquinho da língua↓
273	D. D. Zigler	não não (.) nessa rua aqui acho que não tem
274		ninguém não.
275	Pesquisadora	não↓
276	D. D. Zigler	tinha o seu albino (0.5) era o único que
277		ainda tinha uma noção aqui (.) albino lawall
278		(.) era o único que ainda tinha uma noção (.)
279		mais já se foi também.
280	Pesquisadora	e quem aprendeu (.) aprendeu mais na escola
281		nessa escola né↓
282	D. D. Zigler	é (.) mais depois disso:: essa questão da
283		guerra derrubou mesmo a:: [o pessoal entendeu
284		que falava alemão
285	Pesquisadora	[derrubou tudo né (.) imagino
286	D. D. Zigler	o meu pai que:: falava por causa do meu avô
287		(0.5) e eles falavam em casa mesmo (.) com
288		ele ele:: conversava (.) mais depois com o
289		negócio da:: da proibição de falar (.) e se
290		alguém soubesse.
291	Pesquisadora	eles conversavam em casa então. alemão↓
292	D. D. Zigler	é (.) em casa eles conversavam (.) mais não
293		comigo (.) no meu tempo né↓ (0.5) é anterior
294		isso (.) por causa da minha idade (.) por
295		causa da guerra né↓ (.) que eu já tinha uns

296		dez anos (.) doze anos
297	Pesquisadora	quando teve a guerra o senhor tinha uns dez
298		anos↓
299	D. D. Zigler	até que o pastor da igreja luterana foi preso
300		e foi proibido de () dos cultos (.) e aí
301		então (.) quando começou novamente os cultos
302		lá na rua alves carneiro (.) naquela rua do
303		quartel ali (.) décimo ali (.) você chegava
304		lá (.) tinha que deixar o carro lá na rua (.)
305		tinha que deixar identidade com o soldado ali
306		(.) [cheio de::
307	Pesquisadora	[mais até os dez anos assim (.) o senhor
308		ouvia a língua na:: na casa↓
309	D. D. Zigler	não.
310	Pesquisadora	nem ouvia mais↓
311	D. D. Zigler	não (.) não falava muito não (.) porque minha
312		mãe não falava nada né↓ minha mãe falava
313		francês né↓ mais mamãe não falava nada de
314		alemão (.) então papai e ela não tinham essa
315		conversa (.) e eles moravam separado dos meus
316		avós né↓ (0.5) então não tinha como (0.5) e
317		eu fui dos meus irmãos (.) fui o único que me
318		interessei por ter estudado na escola alemã
319		(.) eu era mais novo né↓ então eu aprendi
320		alguma coisa.
321	Pesquisadora	mais o senhor conhecia (.) assim (.) gente
322		que falava alemão em casa (.) naquela época
323		(.) antes da guerra↓
324	D. D. Zigler	não. (.) só conhecia esse pessoal dessa
325		família da dona hilda
326	Pesquisadora	era mais na escola mesmo também né↓
327	D. D. Zigler	era. e na na:: na igreja alemã tinha (0.5) na
328		na:: escola da igreja luterana tinha cultos
329		em alemão (.) mais eu não participava (.) e
330		depois pararam né↓ <u>lógico</u> (.) por causa da
331		guerra (0.5) mais até determinada data tinha
332		culto em alemão (.) toda semana tinha o
333		culto.
334	Pesquisadora	até na época da guerra tinha culto em alemão↓
335	D. D. Zigler	<tinha tinha tinha (0.5) e tinha os hinos
336		cantados em alemão (.) () em alemão aqui em
337		são pedro mesmo (.) tinha uma bíblia que era
338		aberta (.) em alemão (.) e quando deu aquele
339		negócio da da:: proibição (.) aí veio um
340		investigador aí em cima e::
341	Pesquisadora	= pegou
342	D. D. Zigler	ia levar tudo (0.5) levaram (.) que aquilo
343		ali devia ser um livro né↓ (.) de propaganda
344		nazista né↓
345	Pesquisadora	<u>é::</u> no::ssa (.) que absurdo né↓
346	D. D. Zigler	o pastor não deixava levar (.) e ele disse
347		que ia levar o livro (.) e o <u>senhor vai</u>
348		<u>também né</u> (0.5) era uma situação difícil
349		naquela época (.) né↓ alemão (.) japonês (.)
350		e italiano na na::
351	Pesquisadora	passaram aperto né↓ (0.5) então (.) acho que
352		é só isso (.) seu d d zigler . <u>brigada</u>
353	D. D. Zigler	<u>de nada</u>
354	Pesquisadora	<u>e brigada também (.) dona t n lawall</u>
355	T. N. Lawall	de nada querida

ANEXO 10

D. D. Zigler (83), Entrevista 003, 25/03/2012

01	Pesquisadora	na época que o senhor era menor (.) assim (.)
02		o senhor escutava muito falar <u>alemão?</u> , assim
03		(.) ou na sua casa (.) ou perto da sua casa
04		como que era↓
06	D. D. Zigler	os meus avós (.) os pais do papai né↓ avós
07		paternos (.) eles falavam alemão né↓ eu não
08		tinha convívio com isso porque eu convivía
09		mais com o lado dos meus avós maternos que
10		eram franceses (0.5) então eu escutava mais
11		francês do que alemão né↓ mais depois (.) com
12		sete anos (.) quando eu fui pra a escola
13		alemã (.) aí eu passei a conviver mais com o
14		lado alemão né↓ mais quando:: com a ocasião
15		da guerra houve a proibição (0.5) inclusive o
16		pastor que era o da igreja pastor da igreja e
17		diretor do colégio né↓ ele foi preso (.) a
18		igreja foi interditada (.) uma série de
19		fatores com a ocasião da guerra né↓ e aí (.)
20		depois disso (.) o papai queimou livro
21		caderno tudo o que tinha em casa (.) porque
22		era perseguido quem tinha nome tinha alguma
23		coisa de alemão na época né↓ então tive que
24		fazer uma parada bastante grande em relação à
25		[língua alemã né↓
26	Pesquisadora	[uhum
27	D. D. Zigler	depois (.) mais tarde (.) eu procurei - nos
28		anos 70 (.) quase 1970 (.) eu fui estudar no
29		instituto goethe (.) numa sala do instituto
30		brasil-estados unidos né↓ estudei um pouco lá
31		mais depois tive que parar porque fui fazer um
32		curso técnico no granbery (.) aí parei com a
33		aula de alemão né↓ () tem muito material (.)
34		aí eu sou mais com autodidatismo (.) mais não
35		tenho condições de manter uma conversação (.)
36		mais tenho um vocabulário bastante bom (.)
37		então acho que se fosse preciso (.) uma
38		emergência eu me virava
39	Pesquisadora	mais então (.) quem falava alemão na sua
40		família (.) assim (.) dentro de casa↓ seus
41		bisavós↓
42	D. D. Zigler	meus bisavós e avós né↓ minha avó [ainda
43		falava
45	Pesquisadora	[foram seus bisavós que vieram de lá né↓ (.)
46		ah entendi (.) e seus pais falavam um
47		pouquinho↓
48	D. D. Zigler	o meu pai falava (.) compreendia e falava bem
49		o alemão (.) minha mãe (.) já o lado dela era
50		o francês
51	Pesquisadora	e seu pai chegou a te ensinar alguma coisa na
52		época↓
53	D. D. Zigler	não (.) e::u às vezes (.) com ele (.) em casa
54		(.) falava alguma coisa né↓ até no dia que
55		ele morreu nós fomos lá no são pedro tirar
56		umas - são pedro não (.) passamos por são
57		pedro e fomos lá no hospital (0.5) passamos
58		por são pedro é:: lá no monte sinai (.) não é

59		monte sinai (.) fomos tirar uma radiografia
60		que ele estava com pneumonia (.) e então ele
61		tinha um pouquinho de defeito de audição (.)
62		então eu falava com ele (.) mandava ele
63		sentar e levantar (.) e [falava em alemão
64	Pesquisadora	[falava em alemão
65	D. D. Zigler	mais com um tom mais agressivo
66	Pesquisadora	[que era mais familiar pra ele do que o
67		português]
68	D. D. Zigler	e ele ainda conversou bastante lá com um
69		senhor também que apareceu lá (.) conversou
70		em alemão também (.) é ele falava (.) papai
71		falava relativamente bem (.) embora ficou um
72		tempo muito grande também sem antagonismo
73		[porque num tinha
74	Pesquisadora	[sem usar né] num podia né]
75	D. D. Zigler	e num tinha [com quem falar
76	Pesquisadora	[ah entendi (.) não tinha com quem falar né]
77	D. D. Zigler	sacrificou muito a gente né] mais o meu filho
78		mais velho (.) que chegou a fazer também a
79		cultura inglesa (.) e fez a cultura também no
80		goethe (.) esse que mora em belo horizonte
81		(.) que é engenheiro (.) esse tem uma noção
82		muita boa (.) que ele gosta muito de línguas
83	Pesquisadora	é bom quando vai passando [assim.
84	D. D. Zigler	[é (.) e ele fala muito bem o inglês (.) que
85		ele trabalha só com questão de informática
86		(.) então é obrigatório (.) praticamente
87		[saber né]
88	Pesquisadora	[tem que ter né]
89	D. D. Zigler	então ele fala muito bem (.) e tem uma boa
90		noção de - chegou até a estudar russo e
91		aposentou (.) que ele é fissurado em línguas
92		né]
93	Pesquisadora	ah então tem que incentivar <u>né]</u> e quando (.)
94		assim (.) mais ou menos que o senhor estudou
95		na escola alemã]
96	D. D. Zigler	quando que eu estudei ali - tem inclusive
97		[uma data ((mostrando a data em sua prova da
98		escola alemã))
99	Pesquisadora	[ah tem a data (.) é verdade
100	D. D. Zigler	aquela prova ali é de 1937 (0.5) depois de 37
101		(.) por volta de 39 (.) eu estava no:: - sai
102		pra [ir pro grupo
103	Pesquisadora	[e ela era naquela rua ali que hoje é o
104		batalhão [não é]
105	D. D. Zigler	[rua dom pedro segundo
106	Pesquisadora	dom pedro segundo] já era lá]
107	D. D. Zigler	é (.) ali chamava (0.5) é (.) tinha o:: onde
108		é a igreja hoje (.) naquela esquina tem a
109		igreja luterana né] a igreja luterana era lá
110		na rua geraldo gomes carneiro (.) a igreja
111		era na rua geraldo gomes carneiro (.) perto
112		da rua bernardo mascarenhas né] era lá (.) a
113		igreja lá (.) mais a escola era
114	Pesquisadora	[mais a escola já era lá na dom pedro?,
115	D. D. Zigler	[a escola já funcionava (.) que ali era o
116		prédio (.) a igreja tinha um pátio muito
117		grande (.) tinha ali quadra de vôlei quadra
118		de esporte era ali (.) e praticava muito

119		esporte quando o pastor () que ele era além
120		de pastor era um atleta (.) fazia aquele
121		negócio de barras paralela e fazia coisa -
122		tinha remo no rio paraibuna (.) nós tínhamos
123		prova de corrida de fundo (.) corrida de
124		salto de obstáculo (.) e fazia muita coisa
125		assim (.) dentro de quase que um regime (.)
126		quase uma coisa meio assim que:: depois (.)
127		mais tarde (.) a gente vai notando que tinha
128		uma coisa assim (.) meio:: tipo militar né↓
129		de treinamento né↓ nós tínhamos inclusive
130		uniforme (0.5) nosso uniforme era caqui (.)
131		igual o do da juventude alemã
132	Pesquisadora	[tinha alguma coisa assim que lembrava↓
133	D. D. Zigler	[tinha é (.) o uniforme lembrava (.) e ele
134		também usava ele (.) só pra pregar aos
135		domingos nos culto ele usava o (talar) que
136		era a roupa eclesiástica né↓ e normalmente lá
137		ele usava aquela roupa caqui também (.) que
138		era tipo o uniforme da alemanha (.) e eu
139		gostava muito daquele tipo de coisa (.) e
140		tinha premiação tinha umas - ganhava umas
141		coisinhas feitas até com umas folhinhas (.)
142		de como se fosse aquelas folhas de carvalho
143		(.) aquele prêmio mesmo né↓ (.) tinha essas
144		coisas assim (.) a gente ganhava muito
145		folhazinha de louro (.) incentivo né↓ e tinha
146		os mais velhos e eles acampavam (.) iam pra
147		algum lugar (.) ficavam até cinco oito dias
148		acampados em determinado lugar (.) com
149		excursões né↓ e acampamento (.) essas coisas
150		tudo tinha muito e era um incentivo muito
151		grande na igreja (.) mais depois com essa
152		questão da guerra aí as coisas passaram a -
153		só podia dar aula em português [mesmo assim
154		tem uma senhora
155	Pesquisadora	[mais lá vocês tinham aula em alemão (.) ou
156		só tinha <u>aula::</u> (.) por exemplo (.) o senhor
157		aprendia matemática em alemão↓
158	D. D. Zigler	[também
159	Pesquisadora	[tinha↓
160	D. D. Zigler	começou (.) tanto é que eu tenho uma certa
161		dificuldade em alemão que quando eu fui pra a
162		escola alemã eu - a minha mãe tinha me
163		ensinado (.) eu escrevia fluente com uma
164		letrinha (.) escrevia meia:: mais eu escrevia
165		e lia fluentemente né↓ e eu fui pra lá (0.5)
166		quando entrei (.) a professora falou (.)
167		começou lá a passar b a ba b e be aquele
168		negócio de - e foi passando palavras e tudo
169		eu lia (.) tudo direto (.) e ela pegou e
170		falou com o pastor falou (.) oh esse menino
171		não pode ficar no primeiro ano não que ele já
172		tá - e fui pra o segundo (0.5) ai comecei a
173		ter dificuldade porque as aulas eram dadas do
174		segundo ano e eu tinha - estava acompanhando
175		(.) e nunca tinha tido aula de aritmética em
176		alemão né↓ [era perguntado quanto era dois
177		mais quatro
178	Pesquisadora	[ah entendi (.) então tinha história tinha
179		geografia (.) tudo em alemão?

180	D. D. Zigler	não (0.5) é:: tinha tinha as aulas é:: do
181		idioma alemão e as outras aulas eram dadas em
182		português né↓ mais aritmética era dada em
183		alemão () [então eu
184	Pesquisadora	[o senhor teve dificuldade
185	D. D. Zigler	eu comecei a ficar atrasado em aritmética por
186		causa disso né↓ [mais tinha aula também com a
187	Pesquisadora	[porque o senhor usava muito mais o português
188		no seu dia a dia né↓
189	D. D. Zigler	[é (.) eu só sabia em português (.) mais eu
190		nunca::
191	Pesquisadora	na igreja (.)tinha pregação em <u>alemão</u> ou mais
192		em português↓
193	D. D. Zigler	tinha português e tinha em alemão (.) era
194		alternado né↓ que as pessoas [tinham
195	Pesquisadora	[de vez em quando tinha culto em <u>alemão</u> ↓ ou
196		era misturado↓
197	D. D. Zigler	agora (.) não não (.) misturado não (.) era
198		separado né↓ tinha culto alemão e culto
199		português (.) porque a - tanto é que isso nos
200		prejudicou na parte da igreja porque ficou
201		com a peça (.) assim (.) igreja dos alemães
202		(0.5) então muitos brasileiros não foi (.)
203		não vai porque continuou aquele negócio a (.)
204		[aquela igreja (.) ainda mais são pedro por
205		exemplo
206	Pesquisadora	<u>que só fala alemão</u>
207	D. D. Zigler	são pedro (.) por exemplo (.) tinha aquela
208		parte (.) famílias alemãs que frequentava (.)
209		os brasileiro tinha aquela coisa assim (.)
210		pur que que num - então lá tinha curso de
211		alemão (.) não sabia se falava português ou
212		falava alemão
213	Pesquisadora	[achava que num podia ir que não ia::
214	D. D. Zigler	[é (.) justamente a pessoa sentia como se
215		fosse (.) tivesse uma discriminação né↓ não
216		era isso (.) mais passou a ser em função
217		dessa questão da língua ser aplicada
218	Pesquisadora	e o senhor morava onde↓ sempre aqui no
219		borboleta↓
220	D. D. Zigler	eu morei (.) eu morei (.) nasci aqui na
221		borboleta (.) ali naquela onde tem aquele
222		pico ali (.) pra são pedro (.) onde tem
223		aquela rotatória ali (.) e até tem uma
224		casinha que parece desmancharam ali (.) hoje
225		eles estão fazendo(.) fizeram um galpão ali
226		(.) daquele lavatório de carro um negócio
227		assim (.) eu nasci ali (0.5) depois eu meus
228		pais mudaram mais pra cima (.) num sítio na
229		borboleta (.) depois com sete anos quando eu
230		- ai nós mudamos pra ali (.) no mariano (.)
231		em frente o qg (.)onde hoje tem aqueles
232		prédio ali (.) onde a rua a rua antigamente
233		passava ali por traz (.) onde passa hoje (.)
234		e ali na frente eram casas que davam com a
235		frente lá pra a central do brasil (.) ali eu
236		fiquei até quatorze quinze anos (0.5) depois
237		mudei lá pra - tive morando lá no alto serro
238		azul (.) onde hoje ali é o (.) ali tem um
239		clube logo ali (.) na entrada ali tinha o::
240		(.) chalé da ferreira guimarães (.) embaixo

241		uma casa grande (.) e tem um clube que eu
242		esqueci o nome agora (0.5) é antigamente
243		tinha um lago ali] então eu morei ali morei
244		ali uns tempos ali depois fui morando no
245		mariano procópio manoel honório morei depois
246		trinta anos na rua benjamim constant ali na
247		(.) atrás de onde era o jardim da infância
248		ali casa antiga ali morei trinta anos ali
249		depois morei oito anos na avenida rio branco
250		lá em cima é próximo ao bahamas onde é o
251		bahamas hoje
252	Pesquisadora	sei (.) o senhor morou pra todo lado né, [na
253		cidade
254	D. D. Zigler	[é (.) é e aí agora estou aqui há vinte anos
255		(.) fiz essa casinha aqui vim morar aqui meus
256		pais moravam aqui do lado esse terreno era de
257		papai essa parte aqui depois cedeu aqui pra
258		mim e pra os meus irmãos (.) pedimos aqui e
259		fizemos casa (.) vinte anos fez agora dia
260		trinta e um de dezembro (.) vinte anos que eu
261		moro aqui
262	Pesquisadora	o senhor lembra o nome da professora de
263		<u>alemão</u> ou do professor de aritmética lá da
264		escola?
265	D. D. Zigler	o professor de:: de alemão era o próprio
266		pastor () e a professora primeira professora
267		que eu tive lá foi dona maria aparecida (.) e
268		tem a outra professora que dava aula de
269		aritmética (.) dava em português (.) que era
270		a dona sofia weiss de menezes (.) que era
271		essa família também weiss da cervejaria do
272		senhor josé weiss (.) então ela era da
273		família do josé weiss (.) e tinha dona
274		carminha que dava aula de:: não sei se era
275		ginástica ou canto (.) eu não tenho assim
276		muito [mais noção né?
277	Pesquisadora	[muito tempo também né,?
278	D. D. Zigler	é:: são setenta e [tantos anos né?
279	Pesquisadora	[na casa do senhor eles faziam comidas
280		típicas?
281	D. D. Zigler	não (.) até que mais era do lado da minha mãe
282		que tinha mais uma comida era [francesa né?
283	Pesquisadora	[do lado do francês né? entendi
284	D. D. Zigler	mais do [alemão não
285	Pesquisadora	[alemão não
286	D. D. Zigler	não (.) num me lembro não (.) sempre a gente
287		gostava muito de carne de porco né? criava
288		porco em casa (.) aqueles negócio
289	Pesquisadora	e seus pais trabalhavam em quê,?
290	D. D. Zigler	meu pai era torneiro mecânico e eu segui a
291		profissão dele (.) também fui torneiro
292		mecânico até determinado tempo (.) depois fui
293		lá pra a fábrica santa cruz e lá fui
294		encarregado da mecânica geral e da manutenção
295		geral da fábrica
296	Pesquisadora	<ah entendi> (.) e assim (.) o que eu vejo
297		aqui (.) em juiz de fora (.) é que aqui a
298		gente não tem uma comunidade que fale alemão
299		igual se formou no sul né?
300	D. D. Zigler	não aqui [chegou

301	Pesquisadora	[chegou a ter]
302	D. D. Zigler	o princípio da coisa era (.) tanto é que lá
303		na escola a escola alemã a primeira escola
304		alemã onde meus pais estudaram era na rua lá
305		(.) na rua:: geraldo gomes carneiro (.)
306		depois (.) é que a não sei o ano (.) [que
307		passou
308	Pesquisadora	e pur que que o senhor acha que a língua
309		desapareceu assim?
310	D. D. Zigler	o (.) meu modo de ver (.) o que cortou mais a
311		coisa - porque nós tínhamos na na igreja
312		luterana nós tínhamos nós (0.5) existe uma
313		época de doutrina chamada preparação da
314		confirmação que é a comunhão (.) a primeira
315		comunhão dos católicos né, então é a
316		confirmação do batismo (.) então os meninos
317		aos doze treze anos eles eles entram pra
318		fazer esse estudo que é o estudo da bíblia
319		essas coisas todas (.) a bíblia de martinho
320		lutero etc etc (.) então pra conhecimento da
321		pauta da igreja e tudo (.) e isso era dado em
322		alemão (0.5) dois anos antes de eu fazer a
323		minha confirmação os as pessoas da igreja
324		faziam isso em alemão (.) então é:: obrigava
325		[a::
326	Pesquisadora	[ah entendi
327	D. D. Zigler	a pessoa a [aprender alemão né,
328	Pesquisadora	[a aprender
329	D. D. Zigler	então tinha o seu henrique que tinha pouca
330		diferença minha de idade (.) <u>ele aprendeu</u> (.)
331		quando chegou a ocasião de ir pra o exército
332		ele chegou até a entrar pelo quadro de
333		intérprete (.) porque se a pessoa soubesse um
334		pouquinho né,? já facilitava
335	Pesquisadora	[ahã
336	D. D. Zigler	[mais então que eu (.) eu julgo que o que
337		atrapalhou mais essa questão da da (.)
338		continuidade da língua foi justamente a
339		guerra (.) porque a guerra que tolheu [essa::
340	Pesquisadora	[até essas coisas que tinham
341	D. D. Zigler	[é (.) foi meu pai (.) queimou tudo o que
342		tinha em casa como eu falei (0.5) livro (.)
343		caderno (.) tudo (.) não podia ouvir rádio em
344		casa (.) até rádio não podia ouvir (0.5)quem
345		tinha rádio tinha que ter rádio registrado no
346		correio
347	Pesquisadora	ah entendi
348	D. D. Zigler	pra quem tinha sobrenome alemão (.) italiano
349		(.) [japonês
350	Pesquisadora	[foi muito perseguido né,
351	D. D. Zigler	[é (.) era complicado (.) tudo complicado (.)
352		e meu pai tinha muito receio de acontecer
353		alguma coisa com a família né,
354	Pesquisadora	mais até a época da guerra ainda falavam um
355		pouquinho de alemão na igreja luterana né,
356	D. D. Zigler	houve uma época após isso (.) com a vinda da
357		<u>mercedes</u> (.) teve bastante pessoal bastante
358		pessoas da do quadro da mercedes que eram
359		luteranas (.) e conseqüentemente alemãs (.) e
360		faziam cultos à noite na rua dom pedro (.) é

361		os técnicos da área da montagem (.) então
362		eles tinham culto aos domingos lá
363	Pesquisadora	<u>que legal</u> (0.5) é (.) então é isso <u>né,</u> (.)
364		<u>brigada tá,?</u>
365	D. D. Zigler	não (.) qualquer coisa que eu puder colaborar
366	Pesquisadora	então tá. brigada!

ANEXO 11

M. G. Dilly (88) e A. L. Schuchter (63), Entrevista 004, 12/04/2012

01	Pesquisadora	quando a senhora era pequena (.) a senhora
02		ouvia muito falar alemão na sua casa!
03	M. G. Dilly	a minha avó e minha mãe era sempre -
04		temperava a língua delas [lá né!
05	Pesquisadora	[é?, conversavam em casa! e ensinaram pra a
06		senhora! a senhora sabe alguma coisa!
07	M. G. Dilly	não sei não
08	Pesquisadora	[não,?
09	M. G. Dilly	[uma palavra ou outra né!
10	Pesquisadora	[é (.) olha só (.) e então seus [pais
11	M. G. Dilly	eu lembro (.) quando elas queriam conversar
12		uma coisa que a gente não podia ouvir (.)
13		queria (.) não podia ouvir (.) elas
14		conversavam em alemão [né!
15	Pesquisadora	espertas né,? dona glória!
16	M. G. Dilly	o segredo delas (.) entre elas né!
17	Pesquisadora	e a senhora num já:: (.) num entendia [não
18	M. G. Dilly	num entendia nada
19	Pesquisadora	[não né! então sua mãe falava (.) era sua mãe
20		que [falava!
21	M. G. Dilly	[falava
22	Pesquisadora	e a sua avó!
23	M. G. Dilly	vovó falava.
24	Pesquisadora	é (.) e pai e vô falavam <u>também</u> ! seu pai e
25		seu avô!
26	M. G. Dilly	eles falavam alemão.
27	Pesquisadora	<u>falavam</u> (.) é:: então a senhora é descendente
28		das duas partes (.) da mãe e do pai!
29	M. G. Dilly	[é
30	Pesquisadora	[é! <u>olha só</u> (.) e:: e qual que era a religião
31		- qual que é a religião da senhora?
32	M. G. Dilly	católica né!
33	Pesquisadora	é! sempre foi!
34	M. G. Dilly	sempre foi.
35	Pesquisadora	sempre foi (.) e seus pais também né!
36	M. G. Dilly	é
37	Pesquisadora	e a senhora ia muito na igreja!
38	M. G. Dilly	tem sentimento que não posso ir mais (.) vou
39		de vez em quando (.) quando tem alguma coisa
40		especial [né!
41	Pesquisadora	[aham (.) aí a senhora vai
42	M. G. Dilly	ai eu vou né! mais com quatorze anos (.) eu já
43		comecei a ajudar a arrumar a igreja (.) que
44		era a lucinha (.) ela que arrumava (.) depois
45		ela queria pra- porque mudou de padre (.)
46		mudou a comissão da igreja (.) aí ela falou
47		(.) <u>ah eu também vou prar de arrumar a igreja</u>
48		(.) <u>mais ai o papai estava no meio né!</u> ai
49		falou não né! eu mando a gloria vir te ajudar
50		(0.5) ai eu fui lá ajudar ela arrumar a
51		igreja né! aí eu arrumei (.) ajudei (.)
52		arrumei até casar (.) quando eu casei que eu
53		parei
54	Lucia	aí dona glória a igreja num era assim não né!

55		era diferente né, era quase que uma capela
56		né,
57	M. G. Dilly	é
58	Pesquisadora	era aqui na:: onde é a santana,
59	M. G. Dilly	não (.) são pedro
60	Pesquisadora	não, era em são pedro,
61	M. G. Dilly	isso (0.5) era ali (.) tinha missa só uma vez
62		por mês só [né,
63	Pesquisadora	[é, e a senhora chegou a assistir alguma
64		missa em alemão,
65	M. G. Dilly	não.
66	Pesquisadora	num tinha não né, era em latim não era dona
67		glória,
68	M. G. Dilly	era em latim
69	Pesquisadora	é num tinha português não né, (.) só latim,
70	M. G. Dilly	é (.) português é de uns quarenta anos pra cá
71		né,
72	Pesquisadora	é né, (.) e era muito difícil chegar na
73		igreja, ou era fácil,
74	M. G. Dilly	ah tinha uns (.) quando chovia dava uns
75		atoleiro né, que num era nada calçado né,
76	Pesquisadora	ah entendi. era mais terra mesmo né,
77	M. G. Dilly	ainda mais pra chegar ali na igreja era muito
78		brejo né, (.) muito úmido ali (.) chovia (.)
79		a água empoçava (.) dava aqueles atoleiro né,
80		(.) aí tinha que - passava os filho na
81		beirada do caminho né,
82	Pesquisadora	uhum (0.5) e na sua rua dona glória (.) tinha
83		muita gente que falava alemão,
84	M. G. Dilly	aqui,
85	Pesquisadora	é (.) a senhora sempre morou aqui né,
86	M. G. Dilly	ah num sei (.) a dona tida acho que falava
87		né,
88	A. L. Schuchter	eu acho que falava né,
89	Pesquisadora	mais conversava na rua,
90	M. G. Dilly	mais num ensinou os filhos também não.
91	Pesquisadora	não, mais num conversava na rua (.) assim (.)
92		também não né, era mais [português mesmo
93	M. G. Dilly	[é era. português.
94	Pesquisadora	e a senhora - em que escola que a senhora
95		estudou,
96	M. G. Dilly	como é que é,
97	Pesquisadora	a senhora chegou a estudar em escola,
98	M. G. Dilly	porque antigamente quem tivesse até a quarta
99		série tinha muito [estudo né,
100	Pesquisadora	[aham (.) era
101	M. G. Dilly	aí eu fui - comecei em são pedro (.) mais a
102		professora (.) eu fui até - a primeira escola
103		que eu fui foi particular (.) a que foi
104		professora da minha mãe morava na escola (.)
105		you já ouviu falar da dona isabelinha,
106	Pesquisadora	não
107	M. G. Dilly	não, foi professora da minha mãe (0.5) ai eu
108		- ela me matriculou na escola dela (.) ai ela
109		dava aula nos fundos lá (.) escola particular
110		(.) aí comecei lá (.) depois morreu a mãe
111		dela morreu (.) ela tinha uma irmã que morava
112		em são paulo (.) levaram ela embora pra são
113		paulo (.) ai eu passei pra a escola da
114		prefeitura né, era a escola mista de são

115		pedro
116	Pesquisadora	mista de são pedro!
117	M. G. Dilly	é que era onde é o [ademar agora né!
118	Pesquisadora	[ah onde é o ademar rezende
119	M. G. Dilly	onde é o ademar ali (.) eu fui (.) mais
120		depois a professora era muito velha (.)
121		estava segurando vaga pra a sobrinha dela (.)
122		que estava estudando pra professora (.) aí
123		meu pai não gostou daquilo (.) um dia ela
124		vinha (.) outro dia num vinha (.) pegou e me
125		matriculou lá no colégio santa catarina
126	Pesquisadora	ah tá
127	M. G. Dilly	aí eu fui dois anos no colégio santa catarina
128		(0.5) mais depois a minha colega (.) que era
129		a marta parou de estudar (.) aí eu fiquei sem
130		companhia (.) aí papai me matriculou no
131		fernando lobo (.) tirei a quarta série no
132		fernando lobo
133	Pesquisadora	aham
134	M. G. Dilly	aí papai queria que eu continuasse a estudar
135		e eu não queria né! naquele tempo era difícil
136		(.) num tinha condução (.) num [tinha ônibus
137		né!
138	Pesquisadora	[ah imagino
139	M. G. Dilly	e eu tinha doze anos quando eu tirei a
140		[quarta série
141	Pesquisadora	[a senhora tinha que ir andando né!
142	M. G. Dilly	tinha que ir andando né! (0.5) aí o papai
143		chegou até a ir no colégio são josé que tinha
144		antigamente (.) era em frente à santa casa
145		(.) o colégio são josé na esquina da doutor
146		romualdo onde tem o posto de gasolina ali (.)
147		o posto de gasolina é de um lado o colégio
148		são josé era do outro (.) e eu num fui não
149		quis ir teimei com ele não fui de jeito
150		nenhum (.) aí parei
151	Pesquisadora	e eram muito caras as escolas dona glória! as
152		escolas eram muito caras!
153	M. G. Dilly	o colégio santa catarina não era muito caro
154		[não né!
155	Pesquisadora	[não! essa escola
156	M. G. Dilly	naquela época era caro né! porque era difícil
157		né!
158	Pesquisadora	era difícil de pagar né! (.) e a senhora
159		chegou a estudar alemão na escola!
160	M. G. Dilly	não
161	Pesquisadora	não né! não tinha não!
162	M. G. Dilly	nem em santa catarina que era () era
163		descendente dos alemães [né!
164	Pesquisadora	[era né! e a senhora teve muito contato com
165		cumida lá da alemanha (.) a sua mãe fazia (.)
166		essas coisa assim!
167	A. L. Schuchter	pão né!((também é descendente de alemães e
168		entra na entrevista. já estava escutando))
169	M. G. Dilly	o chucrute que é salada de
170	Pesquisadora	fazia! (.) a senhora gosta! (.) chucrute
171	M. G. Dilly	é (.) a mãe fazia umas cumida diferente
172	A. L. Schuchter	lebra né dona glória! (.) a lebra também era
173		alemã né! (.) lebra de porco
174	M. G. Dilly	[chouriço

175	A. L. Schuchter	[tinha chouriço e tinha lebra (.) mais o
176		nosso era a lebra que era alemã (.) que os
177		brasileiros não sabia fazer não
178	M. G. Dilly	os brasileiro costuma fazer só o sangue né↓
179		(.) põe uns [pedaço de toucinho lá dentro
180	A. L. Schuchter	[é o chouriço o chouriço mais nós fazia a
181		lebra também (.) que é uma bra- mais branca
182		que fazia [cum
183	M. G. Dilly	pele né↓
184	A. L. Schuchter	[cum as coisa mais macia do porco né↓
185	M. G. Dilly	é (.) e o chouriço fazia (.) a mãe fazia com
186		as coisa mais gorda né↓
187	A. L. Schuchter	é (.) e a e a - o chucrute (.) pão alemão né↓
188	M. G. Dilly	é (.) e eu falei tenho saudade até hoje (.)
189		no sábado era sagrado fazer o pão pão de casa
190		né↓ pão alemão
191	A. L. Schuchter	a senhora - fez muitos anos né↓
192	Pesquisadora	a senhora sabe cozinhar então↓ coisa::
193	M. G. Dilly	heim↓
194	Pesquisadora	a senhora sabe cozinhar essas coisas↓
195	M. G. Dilly	cozinhar↓
196	Pesquisadora	é (.) sabe↓
197	M. G. Dilly	o chucrute era::
198	A. L. Schuchter	repolho
199	M. G. Dilly	picava o repolho (.) punha numa vasilha (.)
200		punha sal (.) socava né↓
201	A. L. Schuchter	deixava [de molho
202	M. G. Dilly	[deixava fermentar né↓
203	A. L. Schuchter	depois que ele estava bem passado é que nós
204		comia né↓ (.) <u>ô coisa boa</u>
205	Pesquisadora	a senhora (.) então (.) sabe algumas palavras
206		em alemão dona glória↓ difícil de lembrar né↓
207	M. G. Dilly	mutter gottes (.) <u>mãe de deus</u>
208	Pesquisadora	<u>mãe de deus</u> ah que bonito!
209	M. G. Dilly	schlechten Geruch é cheiro ruim ((risos))
210	Pesquisadora	e a senhora [usava?
211	M. G. Dilly	bi- bicho papão era buhmann a minha vovozinha
212		era cuidado que o buhmann te pega (.) o bicho
213		papão ((risos))
214	Pesquisadora	ah o bicho papão (.) então acabava que a
215		senhora usava umas palavrinhas também né↓ (.)
216		usava com ela assim né↓ (0.5) é legal né dona
217		glória lembrar dessas coisas né↓
218	M. G. Dilly	é (.) mais saber falar eu num sei não
219	Pesquisadora	ah mais a senhora sabe umas palavras né↓
220	M. G. Dilly	uma ou outra
221	Pesquisadora	e a senhora e seus pais trabalhavam em quê
222		dona glória↓
223	M. G. Dilly	quando eu era criança (0.5) no colégio santa
224		catarina (.) eu cheguei até a levar almoço
225		pra ele (.) saia de casa oito e meia da manhã
226		(.) a aula era onze horas (0.5) aí ele
227		trabalhava na igreja da glória (.) você já
228		viu onde é o jardim glória (.) o bairro santa
229		catarina↓
230	Pesquisadora	sei
231	M. G. Dilly	tinha um trilho que ficava entre o terreno da
232		industrial mineira e o cemitério da glória

233		(.) ali tinha um trilho que a gente entrava
234		ali [onde é::
235	Pesquisadora	[ah eu sei qual que é (.) ainda tem não tem?
236	M. G. Dilly	ainda tem↓
237	Pesquisadora	tem sim
238	M. G. Dilly	eu sei que é entre o jardim glória e o bairro
239		santa catarina
240	Pesquisadora	é isso mesmo (.) uhum (.) e ele trabalhava
241		ali?
242	M. G. Dilly	é (.) aí é os padres antigos tinham uma
243		oficina de carpintaria (.) ele trabalhou
244		muito de carpinteiro né↓
245	Pesquisadora	<ah tá>
246	M. G. Dilly	e aí ele trabalhou lá na igreja da glória (.)
247		e ele trabalhou (.) fez muito criado mudo
248		essas peças que precisava pro colégio santa
249		catarina (.) ele fez (.) ele e o josé morava
250		em frente o nossa senhora de fátima ali (.)
251		ele e o papai trabalharam ali muitos anos né↓
252	Pesquisadora	ah que legal né↓
253	M. G. Dilly	e na ocasião que eu ia na escola eu levava lá
254		almoço pra ele né↓
255	Pesquisadora	e é longe né,? dona g↓ e andando heim↓ e o
256		seu (.) o seu avô↓ a senhora lembra em quê
257		que ele trabalhava?
258	M. G. Dilly	meu avô pai do meu pai que era (.)
259		carpinteiro também (.) e marceneiro né↓
260	Pesquisadora	e ele trabalhava <u>muito</u> (.) a senhora viu [um
261		pouco
262	M. G. Dilly	[meu avô num trabalhava não (.) que ele
263		sofia muito de reumatismo
264	Pesquisadora	aí ele parou né↓
265	M. G. Dilly	é ele parou (.) que até entrevou as perna
266		andava com uma bengala também
267	Pesquisadora	uhum (.) mais o seu pai trabalhava [muito
268	M. G. Dilly	[que destravava o meu avô () sei só que ele
269		trabalhou de faxineiro também né↓ (.) mais o
270		tempo que ele trabalhou eu num lembro não
271	Pesquisadora	e seu pai trabalhava muito↓ o dia inteiro↓
272	M. G. Dilly	trabalhava (.) depois ele ainda foi pra a
273		venda né↓ (.) de mercearia né↓
274	Pesquisadora	ah é↓
275	M. G. Dilly	em frente (.) você sabe onde é (.) em frente
276		à rede amiga ali
277	Pesquisadora	ah é <u>dele</u> (.) era dele↓
278	M. G. Dilly	é (.) eu mora - fui criada ali né↓
279	Pesquisadora	aí ele tinha uma venda ele vendia (.) coisa
280		de <u>comer</u> (.) <u>era</u> (0.5) e:: a senhora lembra
281		da fase da segunda guerra↓
282	M. G. Dilly	de quê↓
283	Pesquisadora	da segunda guerra lembra↓ ((glória faz gesto
284		positivo com a cabeça)) (0.5) e foi muito
285		difícil (.) foram <u>perseguidos</u> aqui↓
286	M. G. Dilly	meu pai (.) uma ocasião falaram (quinta
287		coluna) né↓ (.) diz que falaram com papai <u>tão</u>
288		<u>te procurando</u> (.) os alemão os descendente
289		dos alemães aí (.) cuidado hein↓ mais num
290		chegaram a [ir
291	Pesquisadora	não↓
292	M. G. Dilly	até o] papai não (.) graças a deus não

293	Pesquisadora	e seu pai escondeu as coisas que tinha de escrito↓
294		
295	M. G. Dilly	tinha o quê↓
296	Pesquisadora	coisa <u>escrita</u> em [alemão↓
297	A. L. Schuchter	em alemão↓ ele escondeu↓
298	M. G. Dilly	não.
299	Pesquisadora	não↓ num precisou não↓ (.) entendi (.) e:: e
300		a senhora - assim (.) o que a gente vê aqui
301		é que a língua sumiu (.) a língua alemã(.
302		ninguém vê mais né↓ (.) ninguém fala (0.5) a
303		senhora imagina por quê que sumiu↓
304	M. G. Dilly	ah eu acho que foi falta de interesse né↓
305	Pesquisadora	a senhora acha que foi↓
306	M. G. Dilly	num desejaram [muito trabalhar alemão
307	A. L. Schuchter	acho que foi a mistura também né↓
308	Pesquisadora	acha que num passaram] pra a frente não né↓
309	M. G. Dilly	hoje é muito é inglês né↓
310	Pesquisadora	é (.) uhum (.) acabou que os pais num
311		passaram pra os filhos [não né↓
312	M. G. Dilly	[num passaram não (.) os meus pais num
313		passaram pra nós não (.) mais os meus avós
314		passaram pra os filhos deles né↓ mais eles
315		num passaram pra nós não né↓
316	A. L. Schuchter	uma pena né↓
317	M. G. Dilly	sua mãe também↓ sua mãe falava em alemão↓
318		((se dirigindo à a l schuchter))
319	A. L. Schuchter	não.
320	M. G. Dilly	sua mãe não. sua avó.
321	A. L. Schuchter	a vovó ciana falava
322	M. G. Dilly	em alemão (.) e ela a avó dela era prima do
323		meu pai
324	Pesquisadora	e ela num passou nem pra a avó mercedes né↓
325	A. L. Schuchter	não (.) eles tinha vergonha
326	M. G. Dilly	é (.) parece né↓
327	A. L. Schuchter	eles tinha vergonha sabe <u>pur</u> <u>quê</u> (.) que a
328		senhora lembra que o aniversário do tio
329		martim e do tio jão eiter ((eiterer)) era no
330		mesmo dia sete de setembro
331	M. G. Dilly	ah é (.) eu num lembro não
332	A. L. Schuchter	sete de setembro
333	M. G. Dilly	sete de setembro (.) ah agora eu [lembrei
334	A. L. Schuchter	[aí aí eles então marcava (.) cada ano eles
335		ia pra casa de um pra jogar o tal de solo que
336		é um jogo alemão (.) e aí o pai sabia (.) tio
337		juca sabia
338	M. G. Dilly	dos alemães (.) eu lembro desse jogo
339	A. L. Schuchter	é (.) e aí quem sabia era o lú o pai o tio
340		juca o tio martins o tio joão eiter(.) eu sei
341		que dava uas seis pessoa (.) então tinha um
342		ano que foi lá na dona lalá (.) aí a dona
343		lalá teve que dar o almoço eles (.) aí eles
344		fechava a porta pra ninguém vê
345	Pesquisadora	mais eles conversava alemão↓
346	A. L. Schuchter	só alemão (.) o jogo é alemão
347	Pesquisadora	mais isso era que época (.) vocês lembram
348		mais ou menos↓
349	A. L. Schuchter	ah eu era uma menininha de uns doze ano mais
350		ou menos (.) né↓
351	Pesquisadora	hum
352	A. L. Schuchter	eles fechava a porta a gente só escutava eles

353		(.) quando (badona) um negócio lá que dava
354		certo (.) eles gritava e (badona) na mesa (.)
355		mais eu não entendia nada (.) tudo de porta
356		fechada pra gente não vê (.) aí um dia foi na
357		dona nila né! do tio jão eiter [outra vez
358	Pesquisadora	[mais a senhora acha que era vergonha!
359	A. L. Schuchter	ah era (.) vergonha (0.5) que eles tinha da
360		gente ficar vendo (.) o pai era (.) o pai
361		[tinha vergonha
362	Pesquisadora	[não podia ser medo não!
363	A. L. Schuchter	o pai falava muita coisa em alemão mais ele
364		tinha vergonha
365	Pesquisadora	mais então a senhora acha que não era medo
366		não!
367	A. L. Schuchter	não era medo não (.) era vergonha
368	Pesquisadora	não!
369	A. L. Schuchter	não (.) aí já tinha passado dessa fase ((da
370		guerra))(0.5) né tia glória! o marido da dona
371		nena era poeta (.) ele gostava muito de
372		escrever poesia né!
373	M. G. Dilly	quem!
374	A. L. Schuchter	o eduardo (.) marido da dona nena
375	M. G. Dilly	ele:: eu acho que sabia falar em alemão
376	A. L. Schuchter	sabia (.) então ele ficou tão apertado que
377		ele enterrou os livros dele de poesia (.) que
378		diz que ele tinha poesias linda escrita (.)
379		de medo ele enterrou
380	M. G. Dilly	ah e que ignorância [gente
381	A. L. Schuchter	[não dona glória (.) mais eles tava sendo
382		perseguido (.) se [eles pegasse ele
383	Pesquisadora	[a polícia tava atrás né dona glória,?
384	A. L. Schuchter	eles ia ser pego né!
385	Pesquisadora	dona glória quem da sua família que veio da
386		alemanha!
387	M. G. Dilly	heim!
388	Pesquisadora	quem da sua família que veio da <u>alemanha</u> ! a
389		senhora sabe! [seu bisavô!
390	M. G. Dilly	[minha bisavó (.) minha mãe falava né! (.)
391		que ela casou lá na alemanha () e embarcaram
392		pra o brasil (.) vieram fazer a lua de mel no
393		brasil [mais ela::
394	Pesquisadora	[chegaram aqui
395	M. G. Dilly	no tempo da vó zélia ela contava né!
396	Pesquisadora	contava como é que foi quando eles chegaram!
397	M. G. Dilly	contava:: naquele tempo o navio era tocado a
398		vento né! (.) e às vezes (.) quando tava
399		<u>quase chegando no porto</u> dava um vento e
400		levava eles de volta
401	Pesquisadora	<u>aaah!</u>
402	M. G. Dilly	levava uns noventa cem dias pra chegar em
403		casa
404	Pesquisadora	no brasil
405	M. G. Dilly	aí vieram (.) compraram do dom pedro segundo
406		né!
407	Pesquisadora	aham
408	M. G. Dilly	vovó comprou ali onde ela ficou com meu pai
409		(.) que a minha avó () morreu (.) e ficou
410		com os filho e ele falou (.) chamou ela (.)
411		tinha cinco filhos (.) aí chamou os filhos
412		falou (.) agora quem quiser tomar conta de

413		mim e de meus dois filhos que eu tenho que é
414		solteiro (.) eu deixo o terreno pra ele (.)
415		aí papai (.) ninguém quis (.) papai falou
416		pode deixar eu fico com a senhora aí ficou
417		com ela e o tio florenço pai do naldo () e
418		meu pai tomou conta da minha avó até ela
419		morrer (.) aí ela antigamente eles num ligava
420		pra nada né (.) todo mundo aceitô do papai
421		ficar com ela
422	Pesquisadora	e qual que é o nome todo da senhora (.)
423		glória?
424	M. G. Dilly	m g dilly dilly schuchter - dilly é do meu
425		pai e schuchter é do meu marido né; (0.5) a
426		minha mãe o pai dela era espanhol aquele
427		tempo ele foi [soldado
428	Pesquisadora	aaah (.) ele era espanhol
429	M. G. Dilly	serviu no exército] na espanha (0.5) diz que
430		ele deu um jeito (.) fugiu e veio embora pra
431		o brasil (.) ele serviu o exército lá (.)
432		veio embora pra o brasil (.) aí conheceu
433		minha avó materna casou com ela até que () é
434		ribas né; ele era ribas
435	Pesquisadora	ah entendi (.) e o sobrenome da sua avó;
436	M. G. Dilly	e a minha avó era mitterhoffer (.) eu só
437		peguei do meu pai o dilly e o schuchter é do
438		meu marido né;
439	Pesquisadora	e o primeiro nome da sua avó você lembra; (.)
440		o primeiro nome dela; (.) que era o sobrenome
441		era mitterhoffer não é isso; [e o::
442	M. G. Dilly	a minha avó mãe da minha mãe era zenafrida
443	Pesquisadora	zenafrida oh que bonito né dona glória; (.)
444	M. G. Dilly	[é (.) zenafrida casou com josé ribas que era
445		espanhol né; e eu sou misturada com alemão
446		espanhol brasileiro
447	Pesquisadora	<u>oh que legal dona glória (.) muito legal</u>
448		(0.5) é dona glória (.) acho que é só isso
449		né; (.) depois se eu lembrar de alguma coisa
450		posso voltar pra perguntar a senhora;
451	M. G. Dilly	<u>pode</u>
452	Pesquisadora	pode; (.) então tá (.) qualquer coisa eu ligo
453		pra a senhora (.) <u>brigada tá;</u>

ANEXO 12

A. Dilly (80), Entrevista 005, 15/04/2012

01	Pesquisadora	a minha pesquisa é assim (.) por quê que
02		apagou né↓ (0.5) por quê que eu não falo
03		alemão:: nem o senhor né↓ (.) no sul tem
04		tanta comunidade que fala [né↓
05	A. Dilly	tem:: tem::
06	Pesquisadora	[só alemão né↓
07	A. Dilly	santa catarina parece que é:: mesmo uma
08		colônia [alemã lá
09	Pesquisadora	é é praticamente né↓ (0.5) mais eu queria
10		perguntar pra o senhor (0.5) se o senhor
11		ouvia muito (.) falar <u>alemão</u> (0.5) na sua
12		casa↓
13	A. Dilly	não (.) é que eu te falei aquilo quando elas
14		tinham interesse (.) que a gente não soubesse
15		do assunto
16	Pesquisadora	[aham
17	A. Dilly	né↓] (.) elas falavam em alemão
18	Pesquisadora	mais a sua mãe falava em alemão↓
19	A. Dilly	não muito né↓ (.) mais a vovó falava mais
20		[né↓
21	Pesquisadora	e ela] (.) a sua avó conseguia manter
22		conversa né↓
23	A. Dilly	é:: acho que sim:: (.) pelo tempo que a gente
24		naquele tempo ainda não era muito:: né↓ na
25		ativa ainda (0.5) mais eu acho que elas
26		falavam sim [né↓
27	Pesquisadora	é] (.) e na sua vizinhança (0.5) na sua ru::a
28		tinha muita gente que falava↓
29	A. Dilly	é aqui:: como você sabe era uma colônia alemã
30		[né↓
31	Pesquisadora	aham]
32	A. Dilly	então tinha muita gente os mais antigos
33		sempre conversavam [alguma coisa
34	Pesquisadora	sempre conversavam] (.) é
35	A. Dilly	né↓ (0.5) mais depois também entre as outras
36		família acho que foi acontecendo a mesma
37		coisa
38	Pesquisadora	aham
39	A. Dilly	os da minha época pra cá não sabe
40		praticamente né↓
41	Pesquisadora	e:: (.) qual que é a religião do senhor é
42		católica né↓↓
43	A. Dilly	minha religião é católica
44	Pesquisadora	é (.) e dos seus pais também era↓
45	A. Dilly	papai mamãe vovô vovó:: (.) vovô o bisavô que
46		veio da alemanha era católico né↓
47	Pesquisadora	o senhor chegou:: a assistir alguma missa (.)
48		em alemão↓
49	A. Dilly	é interessante num sei se ouviu:: aqui (0.5)
50		o padre:: miguel (0.5) miguel ângelo (0.5)
51		ele uma vez na festa de são pedro ele
52		celebrou uma missa (.) em alemão
53	Pesquisadora	<u>olha</u>
54	A. Dilly	mais a gente [num
55	Pesquisadora	mais quando] era peque::no o senhor [não

56		ouvia não↓
57	A. Dilly	nã::o] não a única foi essa que eu te falei
58		com o padre (.) que tem [o quê uns
59	Pesquisadora	que foi agora recente
60	A. Dilly	seis oito] anos dez anos uma coisa assim
61	Pesquisadora	e o senhor chegou a estudar:: em alguma
62		esco::la↓
63	A. Dilly	(0.5) eu estudei sim mais não o alemão né↓
64	Pesquisadora	aham
65	A. Dilly	é [e::u
66	Pesquisadora	na sua escola] não ensinava alemão né↓
67	A. Dilly	em:: dezessete de fevereiro (.) de mil
68		novecentos() quarenta e quatro
69	Pesquisadora	aham
70	A. Dilly	eu fui pra o seminário de congonghas
71	Pesquisadora	a:: tá
72	A. Dilly	cê cê conhece congonghas
73	Pesquisadora	conheço congonghas
74	A. Dilly	você já foi lá
75	Pesquisadora	no seminário não mais [em congonghas já
76	A. Dilly	na na] cidade já
77	Pesquisadora	já
78	A. Dilly	o santuário a matriz um morro outro morro (.)
79		e o santu o:: seminário era atrás do
80		santuário (0.5) e eu fiquei lá de quarenta e
81		quatro a quarenta e nove
82	Pesquisadora	aham
83	A. Dilly	e seria:: já fui pra lá com o primário (.)
84		que a gente o meu tempo vamo pro meu tempo o
85		primá::rio que a gente aprendia (.) era o:: a
86		primeira fase né↓ (.) do ensino (0.5) [e::
87		até
88	Pesquisadora	o primário o senhor fez aqui↓
89	A. Dilly	até posso] destacar uma coisa aqui (0.5) o::
90		primeiro ano (.) eu fiz aqui em são pedro
91		mesmo [nessa
92	Pesquisadora	aham]
93	A. Dilly	escola ademar rezende andra::de (.) mais não
94		era ademar rezende (0.5) era es é:: escola
95		rural mista da colônia de são pedro
96	Pesquisadora	[a:: tá
97	A. Dilly	assim que ela] chamava (0.5) eu fiz o
98		primeiro aninho tem até uma foto se depois se
99		tiver jeito eu te [mostro
100	Pesquisadora	aham]
101	A. Dilly	[eu até separei
102	Pesquisadora	a:: eu quero]
103	A. Dilly	e:: então:: eu fiz o primeiro ano com a dona
104		adelaide (0.5) mais lá pelo meado do ano
105		mais ou menos (.) ela aposentou e veio dona
106		berenice (0.5) mais o segundo ano (.) eu
107		fu::i (.) pra o grupo fernando lobo em são
108		mateus
109	Pesquisadora	a:: tá aham
110	A. Dilly	e lá eu cursei os outros três (.) consegui o
111		diploma né↓ (.) no quarto ano
112	Pesquisadora	aham (0.5) mais o senhor nunca teve alemão na
113		escola↓
114	A. Dilly	não em alemão nunca (.) nunca (.) nunca (0.5)
115		a gente só brinca (.) eu só sei falar (iah

116		iah iah) () (0.5) é e:: pra estudar (.) no
117		caso aqui era <u>fácil</u> porque é <u>pertinho</u> (0.5)
118		ma::s ali no grupo são mateus (.) a gente ia
119		a pé (0.5) não tinha ônibus naquela época né]
120	Pesquisadora	uhum
121	A. Dilly	ia a pé (.) saía de casa seis horas por aí
122		assim da manhã (.) pra sete horas estar lá no
123		colégio no no grupo (0.5) até onze horas onze
124		horas a gente saía vinha embora pra casa su
125		passando(.) onde hoje é a universidade
126	Pesquisadora	sei
127	A. Dilly	tinha aquele trilho que ainda existe (.) mais
128		era um atalho que saía na ou na serrinha ou
129		na padre café o [dom bosco né]
130	Pesquisadora	a:: tá]
131	A. Dilly	serrinha dom bosco (0.5) ou na padre café
132		(0.5) e quando passava pela padre café ainda
133		tinha um curral de vacas a gente ficava com
134		um medo medonho de passar no meio dessas vaca
135		(0.5) <u>mais</u> foi aí os três anos (.) consegui o
136		diploma (.) [né]
137	Pesquisadora	e foi] pra o seminário né]
138	A. Dilly	hum]
139	Pesquisadora	e aí foi pra o seminário
140	A. Dilly	é (0.5) aí fiquei talvez um ano um ano e
141		pouco por aqui
142	Pesquisadora	aham
143	A. Dilly	aí surgiu esse assunto de seminário (.) não é
144		bem dizer que eu tivesse talvez assim sentido
145		aquela vocação especial de ser seminarista
146		pra (.) um dia me tornar padre (0.5) mais
147		devido à convivência (.) achavam que talvez
148		eu pudesse né] (0.5) mais fiquei lá então
149		nesse seminário que correspondia praticamente
150		(.) ao ginásio naquela época [né]
151	Pesquisadora	a:: tá]
152	A. Dilly	e era muito bem feito que os padres [lá eram
153	Pesquisadora	imagino]
154	A. Dilly	<u>enérgicos</u> ensinando bem e tal (0.5) e valeu
155		pra mim esse:: pouco que eu aprendi
156	Pesquisadora	foi bom]
157	A. Dilly	mais chegou em quarenta e nove em maio de
158		quarenta e nove (.) eu voltei
159	Pesquisadora	[aham
160	A. Dilly	né] (0.5) fiquei isso é importante (0.5) eu
161		fiquei lá <u>direto</u> praticamente esses cinco
162		anos [né]
163	Pesquisadora	aham]
164	A. Dilly	só vim em casa uma vez (.) na bodas de prata
165		de casamento (.) do papai e mamãe isso foi em
166		quarenta e sete
167	Pesquisadora	aham
168	A. Dilly	mais vim na sexta feira (.) e voltei (.) na
169		segunda quer dizer só vim mesmo pra a
170		festinha (0.5) era como eles falavam
171		antigamente quase que um tipo clausura né]
172		(0.5) que agora parece que essas clausuras
173		tão acabando [né]
174	Pesquisadora	hum] e:: seu dilly essa escola daqui (.) que
175		era ademar rezende (.) ela da prefeitura?

176	A. Dilly	era da prefeitura(.)sempre foi né↓ (.) de
177		desde os tempos (.) mais dos meus irmãos mais
178		idosos que eu um pouco (.) já estudaram aqui
179		também
180	Pesquisadora	o senhor teve contato (.) com comida típica↓
181	A. Dilly	é:: alguma vez assim:: não esporadicamente
182		numa festa numa:: (.) comemoração de [alguma
183		coisa
184	Pesquisadora	em casa] (.) sua mãe num fazia nao
185	A. Dilly	é não em casa não é:: assim [tipicamente não
186	Pesquisadora	e vocês têm costu::me não né↓
187	A. Dilly	fazia] assim (.) almoço e jantar mais ou
188		menos conservando alguma coisa né↓
189	Pesquisadora	alguma coisa
190	A. Dilly	coisa que eu gostava muito
191	Pesquisadora	ham (.) pode falar (.) [fica à vontade
192	A. Dilly	coisa que eu] gostava muito (0.5) a mamãe
193		cozinhas feijão (.) e às vezes punha lá
194		dentro pe::le de feijão (.) às vezes punha
195		mocotó (0.5) ô:: mais que coisa gosto::sa
196		então quer dizer não é necessariamente que
197		ela cozinhas [tipicamente
198	Pesquisadora	típica mais tinha uma característica
199	A. Dilly	mais esporadicamente::] saía alguma coisa
200		[né↓
201	Pesquisadora	a:: entendi o:: que legal (0.5) e:: o senhor
202		sabe fazer (.) alguma comida↓ (.) não
203	A. Dilly	é saber:: quer dizer se:: for preciso eu num
204		morro de fome não (.) [ma::s é::
205	Pesquisadora	mais] comida alemã não né↓
206	A. Dilly	eu eu:: fabrique::i muitas vezes aqui em casa
207		que de primeiro fabricava o pão alemão
208	Pesquisadora	aham
209	A. Dilly	a mamãe fazia (0.5) depois me casei e a minha
210		sogra fazia (.) mais depois com o tempo ela
211		vai foi ficando idosa e tal (.) acabou eu
212		aprendi [com ela
213	Pesquisadora	a é (.)ó::]
214	A. Dilly	e fiz bastante vezes o pão alemão (.) e num
215		era jogado fora não
216	Pesquisadora	aham (.) que tava bom (0.5) o senhor ouvia
217		(.) muita história (.) das pessoas que vieram
218		da lá da alemanha (.) sobre os emigrantes↓
219	A. Dilly	é histórias () história necessariamente não
220		mais comentários né↓
221	Pesquisadora	aham
222	A. Dilly	comentários (.) e:: às vezes falavam de
223		fulano de ta::l e beltra::no e sicra::no e
224		tal mais (0.5) [é::
225	Pesquisadora	de como que eles vieram de lá::↓ não né↓
226	A. Dilly	assim mais uma coisa] (.) de passagem não era
227		[be::m uma
228	Pesquisadora	entendi] sentar pra contar não né↓
229	A. Dilly	não não
230	Pesquisadora	entendi (0.5) mais (.) os seus pais
231		trabalhavam em quê seu dilly↓
232	A. Dilly	o papai:: era pau pra toda obra (0.5) ele
233		era:: comerciante (.) ele era marceneiro (.)
234		ele era motorista de praça já foi na praça da
235		[estação

236	Pesquisadora	ó:: aham]
237	A. Dilly	que era o carro dele era lá o ponto (0.5)
238		então ele:: e precisava de uma coisinha ele
239		mexia dava certo outra e::
240	Pesquisadora	aham
241	A. Dilly	e eu herdei um pouquinho disso dele eu mexo
242		mexo mexo no [fim dá certo
243	Pesquisadora	é:: ó] (.) bom né↓
244	A. Dilly	é não com as outras assim de precisão né↓
245		mais as coisas
246	Pesquisadora	do dia a [dia né↓
247	A. Dilly	ainda outro dia (.) só porque eu me lembrei
248		outro dia mexendo na caixinha do correio
249		(0.5) tinha lá um:: (.) um uma
250		propagandazinha um papel (0.5) é:: dizendo
251		que às vezes você em casa precisa consertar
252		um torneira precisa de:: (.) pôr um cabo na
253		panela (.) precisa de mexer num sei o quê (.)
254		então ele se oferecendo essa pessoa
255	Pesquisadora	aham
256	A. Dilly	e eu ainda brinquei com a minha filha num sei
257		se você conhece trabalha no posto de saúde
258	Pesquisadora	não
259	A. Dilly	é:: ainda brinquei com ela assim falei assim
260		aqui em casa ele num vai ter serviço não (.)
261		tem quem quebra o galho
262	Pesquisadora	aham (.) [bom né↓
263	A. Dilly	então a gente sempre aprendeu né↓
264	Pesquisadora	e e:: (0.5) o senhor conhece palavra em
265		alemão↓
266	A. Dilly	não não [não
267	Pesquisadora	não] (0.5) [muito pouco né↓
268	A. Dilly	muito perdida] () umais coisa [assim
269	Pesquisadora	aham] (.) umais coisas assim (0.5)
270	A. Dilly	num num dá pra-
271	Pesquisadora	como que o senhor define (.) o seu contato
272		com o alemão (.) por exemplo (0.5) o senhor
273		ouvia muito (.) o senhor ouvia pouco (0.5) de
274		um a dez (.) como que foi o contato do
275		senhor↓
276	A. Dilly	e::u
277	Pesquisadora	dá uma nota (0.5) de escutar mesmo
278	A. Dilly	de escutar (.) a língua alemã (0.5) eu achava
279		só interessante porque é tão diferente do
280		português e:: eles falando se entendiam (0.5)
281		mais eu mesmo ficava por fora porque né↓
282	Pesquisadora	e eles falavam [muito
283	A. Dilly	então só] é (.) quanto a essa língua alemã
284	Pesquisadora	hum
285	A. Dilly	eu go gostaria (.) como eu já comentei antes
286		com você (0.5) que eles tivessem (0.5)
287		passado isso pra a gente eu acho que seria
288		[maravilhoso né↓
289	Pesquisadora	por que que o senhor acha que eles não
290		passaram↓
291	A. Dilly	agora quem sabe (.) <u>eu te daria umais</u>
292		<u>respostas em alemão</u> (0.5) que você não ia
293		entender
294	Pesquisadora	é:: não
295	A. Dilly	pelo que você falou (0.5) mais eu brincando

296		falaria né↓ (0.5) mais num tem condições
297		disso
298	Pesquisadora	[verdade
299	A. Dilly	então] (0.5) quer dizer eu só acho isso eles
300		deviam ter <u>passado</u> pra a gente
301	Pesquisadora	por que que o senhor acha que eles não
302		passaram↓
303	A. Dilly	eu acho que só mesmo um:: num é falta de
304		oportunidade não foi porque a gente tava
305		junto
306	Pesquisadora	uhum
307	A. Dilly	mais uma falta às vezes de um pouquinho de
308		vontade
309	Pesquisadora	aham
310	A. Dilly	e era também aquelas épocas de guerra de
311		tanta coisa (0.5) entrava um pouco de <u>medo</u>
312		(.) né↓ (0.5) no alemão o alemã::o guerra (.)
313		aquela guerra de trinta e nove a quarenta e
314		cinco né↓ (0.5) aquela fo::i (.) [fogo
315	Pesquisadora	foi]
316	A. Dilly	aquela foi mesmo forte (.) entã::o (.) os
317		alemães tinham os japoneses também foram
318		muito perseguido que alemanha e o japão eram
319		aliados né↓
320	Pesquisadora	aham
321	A. Dilly	é o japonês muito amigo do papai na época
322		depois que veio pra são pedro (0.5) mais
323		tinham antes (.) pastelaria numa galeria na
324		cidade na rua halfeld lá numa daquelas
325		galerias (0.5) e foram lá uma vez ouvi dizer
326		nu::m assisti nem vi (.) que quebraram
327		atacaram a já sabe (0.5) e assim também
328		então o alemão ficava [com medo
329	Pesquisadora	com medo
330	A. Dilly	né↓] e:: talvez esse medo não deixo::u
331	Pesquisadora	passar
332	A. Dilly	num é (.) também atrapalho::u e::ssa passagem
333		de alemão pra a gente
334	Pesquisadora	pode ser mesmo (.) e::
335	A. Dilly	que te::ve eu tive também no seminário (.)
336		num são alemães mais são holandeses
337		praticamente o (0.5) vizinhos lá na alemanha
338		e (.) holanda são vizinhos
339	Pesquisadora	são
340	A. Dilly	então tinha bastante:: (0.5) coisa assim
341		nesse estilo:: (.) germânico vamos dizer
342		assim né↓
343	Pesquisadora	germânico é
344	A. Dilly	germânico num é↓
345	Pesquisadora	é
346	A. Dilly	e:: então no seminário (.) dou graças a deus
347		que tinha os (.) diretores holandeses (.)
348		professores holandeses
349	Pesquisadora	olha só (.) e eles falavam em [português↓
350	A. Dilly	e:: ma::s é e] eu num aprendi também o
351		holandês mais houve uns seminaristas <u>mais</u>
352		<u>antigos</u> (0.5) que devido à necessidade (.)
353		u::m até de um grande amigo meu o padre joão
354		batista miqueloto (.) que até fez o nosso
355		casamento

356	Pesquisadora	aham
357	A. Dilly	ele:: foi pra holanda (.) pra fazer o giná-
358		o:: seminário maior (0.5) que aqui não tinha
359		depois teve em tietê são paulo (.) aí os
360		padres daqui iam pra lá pra a formatura (0.5)
361		a final [né↓
362	Pesquisadora	uhum]
363	A. Dilly	teologia filosofia (0.5) então esses padres
364		que (.) tive com eles lá em congonghas (0.5)
365		deste quarenta e quatro a quarenta e nove (.)
366		a gente aprendeu muito honestidade (.)
367		sinceridade (.) então isso eu carrego comigo
368		graças a deus
369	Pesquisadora	bom né↓ (0.5) qual que é o nome todo do
370		senhor
371	A. Dilly	meu nome é a di::lly
372	Pesquisadora	a dilly dilly
373	A. Dilly	só isso↓
374	Pesquisadora	só (.) e quantos anos que o senhor tem agora↓
375	A. Dilly	eu:: fiz o:: bom fiz ano passado em junho
376		oitenta mais agora em junho dia quatorze de
377		junho (0.5) deus me dando força do jeito que
378		tá até lá (.) vem o oitenta e um
379	Pesquisadora	oitenta e um↓ (0.5) então é isso seu dilly
380		(.) brigada

ANEXO 13

I. B. Schepper (74), Entrevista 006, 10/05/2012

01	Pesquisadora	você ouvia muito falar alemão (.) na sua casa↓
02	I. B. Schepper	não quem falava mais alemão mesmo era só minha
03		vó né↓
04	Pesquisadora	era sua avó↓
05	I. B. Schepper	é era minha avó
06	Pesquisadora	e ela conversava↓
07	I. B. Schepper	não ela conversava sim [em alemão né↓
08	Pesquisadora	com quem que] ela conversava↓
09	I. B. Schepper	ah ela conversava com os ma- com aquelas velha
10		mais [velha
11	Pesquisadora	da (.) da] rua assim do bairro [né↓
12	I. B. Schepper	é]
13	Pesquisadora	ã:: (0.5) então na vizinha tinha <u>muita gente</u>
14		(.)que falava (0.5) ou era pouco↓
15	I. B. Schepper	não que eu lembro era o pessoal da:: (0.5) da
16		maria da (queta) chamava:: maria:: pavão (.) a
17		(queta) também falava muito em alemão [né↓
18	Pesquisadora	a:: tá
19	I. B. Schepper	e o::s (pardinho) né↓ do pessoal do (pardinho)
20		também falava muito [em alemão
21	Pesquisadora	mais sua mãe] seu pai
22	I. B. Schepper	falava mais pouco [né↓
23	Pesquisadora	pouquinho↓]
24	I. B. Schepper	já falava pouco (.) [porque
25	Pesquisadora	umas palavras] só assim
26	I. B. Schepper	heim↓
27	Pesquisadora	umas palavras só↓
30	I. B. Schepper	é só uma algumas coisas né↓ [porque::
31	Pesquisadora	entendi] [conversar num conversava não
32	I. B. Schepper	que eles já moram mesmo eles já nasceu (.) aqui
33		e num tinha muito contato né↓
34	Pesquisadora	então quem veio de lá foi sua vó né↓
35	I. B. Schepper	é
36	Pesquisadora	seu vô e sua vó↓
37	I. B. Schepper	uhum (0.5) então a minha mãe quando ela:: (0.5)
38		tinha assim uma idade mais ou menos até ela ia
39		fazer uma escola alemã (.) pra aprender sabe
40		(0.5) <u>só que era lá no do na na rua dom pedro</u>
41		<u>segundo</u> né↓ [<u>lá na cidade</u> e::
42		
43	Pesquisadora	lá longe né↓]
44	I. B. Schepper	[e num tinha condução (.) ela::
45	Pesquisadora	na igreja luterana num era↓
46	I. B. Schepper	<u>ela che-</u>] <u>é ela</u> chegou a ir uns dias mais(.)
47		depois [nu::m
48	Pesquisadora	entendi
49	I. B. Schepper	num dava pra ir [mais
50	Pesquisadora	e era] particular também num era↓
51	I. B. Schepper	era particular
52	Pesquisadora	era muito caro↓
53	I. B. Schepper	num sei isso eu num lembro [né↓
54	Pesquisadora	não↓
55	I. B. Schepper	não (.) num lembro
56	Pesquisadora	e e:: qual que era sua religião↓ (.) na época↓
57		

58	I. B. Schepper	é:: (.) luterana
59	Pesquisadora	era luterana (0.5)e aí hoje em dia você é
60		católica né↓
61	I. B. Schepper	é
62	Pesquisadora	pur quê↓
63	I. B. Schepper	heim↓
64	Pesquisadora	pur que (0.5) que mudou↓
65	I. B. Schepper	não porque pra casar com o bastião eu tive -
66		teve que
67	Pesquisadora	a:: entendi
68	I. B. Schepper	tive que casar é:: (.) assim (0.5) tomar uma
69		decisão né↓
70	Pesquisadora	aham (.) [entendi
71	I. B. Schepper	bem católico ou bem evangélico porque:: né↓
72		(0.5) ã:: foi o:: meu pai mesmo que falava
73		assim bem uma coisa bem outra e:: geralmente a
74		mulher é (0.5) que [segue o homem
75	Pesquisadora	que acompanhava né]
76	I. B. Schepper	porque o meu pai era assim (.) ele num era -
77		falou não cê cê casa mais tem que ficar nessa -
78		ele não meu pai num era assim não(0.5) ele falou
79		cê tem que seguir o marido né↓ (0.5) então como
80		a gente casou católico né↓
81		
82	Pesquisadora	aham
83	I. B. Schepper	eu fui em [seguida
84	Pesquisadora	na época que a senhora era luterana era difícil
85		ter acesso à igreja↓ (0.5) que a igreja era lá
86		embaixo num era↓
87	I. B. Schepper	não a::qui tinha (.) são pedro já tinha
88	Pesquisadora	aqui já tinha né↓ [a:: tá
89	I. B. Schepper	aquela ali] era antiga né↓ (.) era muito antiga
90		(0.5) só que pra fazer a primeira comunhão (.)
91		tinha que fazer a catequese lá embaixo [né↓
92		porque não tinha::
93	Pesquisadora	a:: [entendi
94	I. B. Schepper	assim] porque tinha que ser direto com o pastor
95		né↓ (.)então tinha que fazer lá
96	Pesquisadora	e daqui pra chegar naquela igreja ali era
97		tranquilo↓ (0.5) nessa luterana↓
98	I. B. Schepper	uai a gente ia por monte castelo porque era ali
99		perto daquele quartel do (0.5) do doze ali na::
100		pra a gente fazer primeira comunhão tinha que ir
101		lá no::
102	Pesquisadora	lá longe né↓
103	I. B. Schepper	lá na na rua dom p- na:: (.) nem sei como é que
104		chama aquela lá no perto do quartel né↓
105	Pesquisadora	aham (.) que hoje tem uma igreja lá [né↓
106	I. B. Schepper	é] (0.5) então a gente tinha que ir
107	Pesquisadora	você chegou a assistir algum cu::lto alguma
108		missa em alemão↓
109	I. B. Schepper	tinha de primeiro a:: nas missa quando fazia na
110		festa luterana aqui (.) as primeiras missa era
111		(.) era em (.) em alemão
112	Pesquisadora	era↓ (0.5) e você lembra↓
113	I. B. Schepper	eu lembro [mais
114	Pesquisadora	num entendia nada↓
115	I. B. Schepper	num] (.) num pegava nada né↓ (0.5) a gente tava
116		ali por tá
117	Pesquisadora	aham

118	I. B. Schepper	mais num [pegava nada não
119	Pesquisadora	você tinha] quantos anos mais ou menos↓
120	I. B. Schepper	[ah::
121	Pesquisadora	você lembra] ↓
122	I. B. Schepper	tinha uns seis se::te mais ou menos nem
123	Pesquisadora	ai depois foi acabando↓
124	I. B. Schepper	é até acho que eu creio que até uns o::ito anos
125		era assim depois (0.5) é porque os pastor falava
126		bem né↓ (.)em em alemão né↓
127	Pesquisadora	uhum
128	I. B. Schepper	principalmente esse que a gente foi (0.5)
129		criado praticamente com ele esse era alemão mais
130		alemãozão mesmo né↓
131	Pesquisadora	a:: é u::m
132	I. B. Schepper	então a gente foi::
133	Pesquisadora	qual que era o nome dele você lembra↓
134	I. B. Schepper	alfredo (bucher) (.) alfredo [(bucher)
135	Pesquisadora	alfredo] u::m (.)e você:: (0.5) como é que é (.)
136		cê chegou a estudar em alguma escola:: (.) dona
137		() aqui↓
138	I. B. Schepper	aqui no são pedro né
139	Pesquisadora	estudou aqui↓
140	I. B. Schepper	na naquela escolinha ali
141	Pesquisadora	onde que é o ademar rezende↓
142	I. B. Schepper	é no ademar
143	Pesquisadora	é (.) e lá te ensinava <u>alemão</u> não↓
144	I. B. Schepper	não[não
145	Pesquisadora	não]
146	I. B. Schepper	não a professora não num era (.) [ensinava
147		alemão não
148	Pesquisadora	e:: você só] estudou ali então
149	I. B. Schepper	só até a terceira série né↓ porque ali só dava
150		(.) fazia até a terceira série (0.5) depois se
151		quisesse continuar tinha que ir pra a cidade né↓
152		
153	Pesquisadora	entendi
154	I. B. Schepper	ai já era difícil porque(0.5)num tinha ônibus
155		num tinha nada [era tudo longe
156	Pesquisadora	nenhum recurso] nenhum né↓
157	I. B. Schepper	tudo a pé mesmo (.) e criança também
158		(0.5)sozinho né↓
159	Pesquisadora	uhum
160	I. B. Schepper	porque se fosse mesmo estudar tinha que ter uma
161		pessoa pra levar né↓
162	Pesquisadora	e você:: teve muito contato assim com comi::da
163		(.)tí::pica (0.5)de lá↓
164	I. B. Schepper	as comida (.)não as comida que a gente fazia era
165		comida simples (.) num tinha muita::
166	Pesquisadora	chucru::te [vocês faziam↓
167	I. B. Schepper	não] isso [tinha
168	Pesquisadora	tinha↓]
169	I. B. Schepper	era (.) era chucru::te minha avó gostava de
170		fazer muito doce de abó::bora de (.) lara::nja
171		com aquela trabaiera né [porque não é igual
172		hoje né↓
173	Pesquisadora	nossa imagino]
174	I. B. Schepper	e:: também de goia::ba porque a gente já colhia
175		as goiaba em casa e então fazia né↓
176	Pesquisadora	aham

177	I. B. Schepper	laranja também tinha uns pé de laranja [da terra
178		né]
179	Pesquisadora	aham (.) um:: bom né]
180	I. B. Schepper	que era laranja] da terra que chamava né] (0.5)
181		pê::ssegó né então tudo isso a gente colhia e a
182		vó da gente fazia aquelas [tachada né]
183		
184	Pesquisadora	uhum (.) pã::o] alemã::o]
185	I. B. Schepper	pão [alemão
186	Pesquisadora	fazia]
187	I. B. Schepper	fazia muito
188	Pesquisadora	you sabe fazer dona () alguma coisa
189	I. B. Schepper	a:: eu eu num sei fazer muito bem não
190	Pesquisadora	chucru::te assim não né
191	I. B. Schepper	não o chucrute o bastião chegou até a fazer
192		[muitos aqui né
193	Pesquisadora	é:: ó]
194	I. B. Schepper	mais o chucrute num tem mistério não né ele é::
195		só:: o repolho e o sal né
196	Pesquisadora	aham
197	I. B. Schepper	só que:: tem aquele processo de:: de um dia sim
198		um dia não [lava::r
199	Pesquisadora	fermentar né
200	I. B. Schepper	e tornar por} sa::l e né (.) e:: porque:: se não
201		ele apodrece e num num conserva né porque ele
202		tem que virar uma [conserva né
203	Pesquisadora	a entendei]
204	I. B. Schepper	então era muito gostoso né
205	Pesquisadora	e:: you ouvia muita histó::ria assim da sua
206		famí::lia (.) sobre os seus antepassados que
207		chegaram aqui::
208	I. B. Schepper	não pois é o que eu ouvia era isso da minha avó
209		né que eles vinha:: dentro de navi::o né
210	Pesquisadora	uhum
211	I. B. Schepper	e:: (.) demorou muito a chegar aqui
212	Pesquisadora	foi sua avó que veio então
213	I. B. Schepper	é veio assim com ela ela era pequena né
214	Pesquisadora	uhum
215	I. B. Schepper	porque aí já vieram com os
216	Pesquisadora	a:: entendi
217	I. B. Schepper	meus bisavós né (.) e:: (0.5) igual eu to te
218		contando ela:: diz que morria muita ge::nte no
219		navi::o né porque adoecia ou (.) ou já saía de
220		lá doente e num tinha o que fazer jogava [pra o
221		mar né
222	Pesquisadora	e:: a viagem era difí::cil] (.) assim (.)ela
223		contava]
224	I. B. Schepper	parece que era o barco à ve::la sei lá ela
225		falava que tantos dia andava pra lá depois vinha
226		o vento andava pra cá e diz que aquilo num
227		[chegava nunca né
228	Pesquisadora	imagino] (0.5)e lá dentro do navio ela chegou a
229		contar como é que era]
230	I. B. Schepper	não isso eu num num [lembro
231	Pesquisadora	não né
232	I. B. Schepper	não num lembro não eu lembro só disso dessa
233		parte mesmo
234	Pesquisadora	e e:: em quê que seus pais trabalhavam]
235	I. B. Schepper	a minha mãe sempre foi é lavadeira né doméstica
236		né sempre lavou muita roupa né

237	Pesquisadora	aham
238	I. B. Schepper	porque a maioria da:: (.) das mulher aqui de são
239		pedro era (0.5) lavava roupa porque tinha
240		aquelas carroça grande né
241	Pesquisadora	aham (.) [que levava
242	I. B. Schepper	que levava] as roupa né! e::
243	Pesquisadora	e seu pai!
244	I. B. Schepper	o meu pai ele é trabalhava em curtume né!
245	Pesquisadora	quê que é isso!
246	I. B. Schepper	<u>curtu::me</u> (.) ele:: trabalhava em curtir curtir
247		couro
248	Pesquisadora	a:: entendi
249	I. B. Schepper	curtir couro (0.5) aqueles couro de va::ca sabe
250		ia fresquinho ai trabalhava com punha numais
251		má::quina (0.5) numais co::isa ali e ali ficava
252		de mo::lho depois daquilo raspa::va aquilo
253		
254	Pesquisadora	nossa devia dar um trabalho né
255	I. B. Schepper	curti faço ideia né! eu [imagino né!
256	Pesquisadora	nossa senhora]
257	I. B. Schepper	aí fazia aqueles rolo né! (.) de [de couro
258	Pesquisadora	de couro]
259	I. B. Schepper	né porque ai vendia pra as (0.5) sei lá pra as
260		(.) pra fazer coisa [aquelas coisa]
261	Pesquisadora	negócio de tecido né] de fábrica né!
262	I. B. Schepper	é
263	Pesquisadora	e:: e como que era a condição financeira de
264		vocês era boa ou vocês passavam aperto na época!
265		
266	I. B. Schepper	a:: passava né!
267	Pesquisadora	passava!
268	I. B. Schepper	passava assim mais (.) mais como se diz a mãe da
269		gente sempre (.) ajudando aí
270	Pesquisadora	[aham
271	I. B. Schepper	né (0.5)] mais se fosse assim pra dizer que tem
272		dinheiro aí num
273	Pesquisadora	não né
274	I. B. Schepper	num tinha mesmo né (0.5) e que eu falo pra o
275		peçoal de - aqui de são pedro os mais antigo
276		mesmo (0.5) o:: peçoal igual aconteceu com a
277		dona alice mãe do () foi matada né (.) pensaram
278		que tinha muito dinheiro né mais num era eles
279		tinha muita terra mais pra ter as coisa eles
280		tinha que [lutar porque::
281		
282	Pesquisadora	dinheiro mesmo num tinha] (.) então vocês
283		passavam aperto assim
284	I. B. Schepper	passava aperto todo mundo tinha que trabalhar né
285		com tanto quando eu tinha dez anos eu fui (.)
286		sai de casa pra [trabalhar
287	Pesquisadora	trabalhou] onde que você trabalhou!
288	I. B. Schepper	lá na rua joão pinheiro na rua da:: (.) na rua é
289		na [rua joão pinheiro
290	Pesquisadora	aí a cê limpava casa]
291	I. B. Schepper	na casa da:: (0.5) estela halfeld (.) duma
292		halfeld () [já era alemã
293	Pesquisadora	a:: tá halfeld] já era rico né
294	I. B. Schepper	não coitada essa era pobre demais
295	Pesquisadora	é mesmo!
296	I. B. Schepper	essa era coitada essa tinha (0.5) num nasceu com

297		a coisa pra a lua não né
298	Pesquisadora	deu azar né
299	I. B. Schepper	nossa senhora ela era uma coitada gente (0.5)
300		comia porque os filho que pagava pensão aí eles
301		tinha que ir buscar (.) a comida (.) então a
302		gente buscava comida pra uma pessoa e comia três
303		né (0.5) isso era no emprego imagina né
304		
305	Pesquisadora	eu imagino (0.5) aí chegava a faltar comida
306		assim em casa (.) na época
307	I. B. Schepper	não <u>chegar a faltar</u> graças a deus nunca faltou
308		não porque:: né:: ele a gente plantava muita a
309		gente não meu pai plantava muito em casa era
310		inha::me (.) mandio::ca (.) bata::ta né (0.5)
311		então isso tudo a gente:: (0.5) né fazia a mãe
312		quando assim não tinha nada mesmo a mãe fazia
313		aquelas panelada de mingau de fubá (.) e a gente
314		comia à [vontade né
315		
316	Pesquisadora	aha::m (0.5) então muita coisa era no
317	I. B. Schepper	mais (.) só num tinha] coisa diferente [só:: né
318		
319	Pesquisadora	aha::m]
320	I. B. Schepper	e fazia também era muito biscoito né os alemão
321		gostava de fazer muito bisco::ito né
322	Pesquisadora	aham
323	I. B. Schepper	pão do::ce né
324	Pesquisadora	fru::ta assim tinha também aqui né (.) [pé de
325		fru::ta
326	I. B. Schepper	tinha também] (.) é tinha as fruta
327	Pesquisadora	e e você:: (0.5) você conhece assim alguma
328		palavra em <u>alemão</u> (0.5) hoje em dia]
329	I. B. Schepper	ah muito pouco né
330	Pesquisadora	é:: (0.5) sumiu tudo né dona ()]
331	I. B. Schepper	é:: não e some também da cabeça também some da
332		cabeça também
333	Pesquisadora	[é porque num usa né
334	I. B. Schepper	porque a minha mãe a minha avó falava assim
335		(0.5) pega o (stur) pra mim (0.5) (stur) quer
336		dizer que é um tamburete
337	Pesquisadora	hu::m
338	I. B. Schepper	aqueles de quatro pézinho aquela aquela
339		banquetinha era o [(stur)
340	Pesquisadora	uhum
341	I. B. Schepper	pega uma panela no (chrang) vou falar metade em
342		alemão metade em (0.5) e é no (chrang) o
343		(chrang) era o armário era aquele armarião
344		grandão que os [antigo tinha
345	Pesquisadora	uhum]
346	I. B. Schepper	e mais o quê que eu lembro(0.5) e uma coisa
347		quando chegava vinha assim uma pessoa preta eles
348		falava assim vem um (chuat squievo) ali (0.5)
349		(chuat squievo) era pessoa assim escura [né
350		preta
351	Pesquisadora	uhum
352	I. B. Schepper	então quando vinha um branco e uma preta falava
353		() tem um branco e uma preta né um (.) um
354		branco e o (chuat squievo) né
355	Pesquisadora	o::lha só
356	I. B. Schepper	() deve ser meu deus né (.) eu num sabia o quê

357		que era eu sei que e::u escutava eles falar isso
358		né (0.5) então isso é o que mais a gente
359		escutava falar [né
360	Pesquisadora	uhum] (0.5) e:: vai perdendo tudo né
361	I. B. Schepper	vai perdendo [vai perdendo
362	Pesquisadora	eu num sei] uma palavra em alemão
363	I. B. Schepper	nada nada [nada né
364	Pesquisadora	na::da nada (0.5) e e você imagina assim pur quê
365		que a língua desapareceu (.) pur que que a
366		língua alemã sumiu (0.5) quê que você acha]
367		
368	I. B. Schepper	eu acho [que (.)
369	Pesquisadora	pur que que eles não passaram pra a gente]
370	I. B. Schepper	pois é eu acho que] os antigos mesmo que falava
371		mesmo foi com a gente num foi (0.5) às vezes não
372		né (.) num igual assim a gente tá falando
373		precisava ser mesmo uma aula né]
374	Pesquisadora	é [podia ter passado né]
375	I. B. Schepper	porque aí minha] mãe falava eles escrevia em
376		cima (.) em alemão e embaixo (0.5) é igual assim
377		um desenho põe o desenho põe o nome daquele
378		desenho embaixo né]
379	Pesquisadora	entendi
380	I. B. Schepper	só que o alemão era diferente a pessoa achava a
381		palavra em alemão em cima (.) e o português
382		(0.5) [embaixo né]
383	Pesquisadora	embaixo]
384	I. B. Schepper	então ali que ia pegando alguma coisa mais ela
385		(.) num num deu pra (.) pra ir muito né] e:: e a
386		minha vó quando morreu também eu tava com::
387		(0.5) eu tava com dez ano num deu de aprender
388		nada [não né]
389	Pesquisadora	num deu]
390	I. B. Schepper	que a minha avó morreu muito cedo]também né
391	Pesquisadora	aí (.) você acha que (.) isso aí quando você
392		tinha uns dez anos (0.5) ainda não tava na época
393		da guerra não né]
394	I. B. Schepper	não não num [tava não
395	Pesquisadora	não né]] (0.5) a guerra foi depois]
396	I. B. Schepper	a guerra]
397	Pesquisadora	bem depois né]
398	I. B. Schepper	ah foi bem depois a guerra (0.5) a não a guerra
399		num - perai
400	Pesquisadora	foi em 39 a guerra né]
401	I. B. Schepper	é eu tinha cinco anos né quando teve a guerra
402		mesmo porque eu tinha um primo que foi né] (.)
403		então nossa a minha vó chorava muito que ela
404		gostava muito dele um tal de vivaldo né] (.)
405		então ela chorava muito
406	Pesquisadora	e e:: aí você tinha uns cinco anos né]
407	I. B. Schepper	é na na guerra era (.)cinco anos
408	Pesquisadora	e em que ano que você nasceu]
409	I. B. Schepper	quarenta
410	Pesquisadora	quarenta (0.5) e hoje você tá com quantos anos]
411		
412	I. B. Schepper	setenta e dois
413	Pesquisadora	e:: (0.5) seus avós (.) você lembra em quê que
414		eles trabalhavam]
415	I. B. Schepper	ah era sempre plantação em casa mesmo né]
416	Pesquisadora	plantação né]

417	I. B. Schepper	é porque eu lembro que minha mãe [minha avó
418	Pesquisadora	mais num vendia] não né! (0.5) as coisa (.) você
419		lembra!
420	I. B. Schepper	eu acho que eles era igual a aqueles tempo dos
421		primeiro cristão acho que eles (0.5) trocava as
422		[coisa né!
423	Pesquisadora	a:: entendi]
424	I. B. Schepper	assim um tinha uma mandioca outro tinha uma
425		fruta
426	Pesquisadora	[eles trocavam
427	I. B. Schepper	aí eles trocava] umais coisa assim né!
428	Pesquisadora	mais plantava pouca coisa
429	I. B. Schepper	a:: lá em casa plantava bastante (.) né agora lá
430		em casa ali dava mais era com flor né
431		
432	Pesquisadora	é:: ↓
433	I. B. Schepper	flor e tinha horta também mais mais era flor
434		porque (0.5) a meu pai fornecia flor copo-de-
435		leite pra florária né
436	Pesquisadora	entendi
437	I. B. Schepper	então tinha que
438	Pesquisadora	e essa época da guerra dona () você lembra
439		vocês foram muito perseguido aqui!
440	I. B. Schepper	olha eu mesmo num lembro muito não (.) eu era
441		muito pequena (.) num lembro muito não (0.5)
442		mais parece que meu tio escondia umais co::isa
443		assim nos fo::rro assim umais coisa assim (0.5)
444		a gente ouvia falar né
445	Pesquisadora	aham
446	I. B. Schepper	porque a minhas prima já era maior e falava com
447		a gente né (0.5) tava tava num podia falar não
448		mais
449	Pesquisadora	num podia nem contar
450	I. B. Schepper	mais eles falava né (.) agora acho que era
451		()porque parece que era ne negócio de comunista
452		essas coisa umais coisa assim né
453	Pesquisadora	aham
454	I. B. Schepper	isso eu lembro (.) que elas [falava né
455	Pesquisadora	mais as] e aí parou de falar alemão depois
456		disso!
457	I. B. Schepper	é:: depois parou de (.) parou de falar
458	Pesquisadora	entendi
459	I. B. Schepper	porque aí eu num num deu pra pegar mais nada né
460		(0.5) pouco a gente aprende muito pouquinho
461		mesmo
462	Pesquisadora	e aí sua avó morreu quando você tava com dez
463		anos (.) e aí que num pegou mesmo né
464	I. B. Schepper	é num num pegou nada não
465	Pesquisadora	sua mãe num sua mãe e seu pai num tinham costume
466		de conversar [dentro de casa em alemão não
467		
468	I. B. Schepper	não num falava não](.) não num falava não (0.5)
469		só tinha uma oraçozinha que ele ensinava em
470		alemão
471	Pesquisadora	é:: ↓
472	I. B. Schepper	também eu num sei o quê que era eu sei
473	Pesquisadora	você num lembra não!
474	I. B. Schepper	não eu lembro mais ou menos dela (0.5) mais eu
475		num sei o quê que era
476	Pesquisadora	entendi num sabe o quê que significa

477	I. B. Schepper	é ela falava assim (ininteligível) amém
478	Pesquisadora	amém (0.5) amém eu sei o que significa (0.5)
479		mais tá rezando tá bom né
480	I. B. Schepper	era rezando então a gente deitava com ele na
481		cama né (0.5) e:: e ele:: ensinava pai nosso o o
482		cre::do né (.) [e a gente ia rezando
483	Pesquisadora	aham (.)mais aí já era em português]
484	I. B. Schepper	e no final ele man]
485	Pesquisadora	[vocês rezava essa
486	I. B. Schepper	[falava pra a gente rezar essa que essa era mais
487		pequeninha né
488	Pesquisadora	aham
489	I. B. Schepper	eu sei que isso aí eu lembro mais eu num sei quê
490		que era isso (0.5) porque (.) num deu pra né
491		(0.5) porque a gente vai crescendo mais a gente
492		tem aquela curiosidade de falar mais o quê que é
493		isso né mais
494	Pesquisadora	é:: (.) mais num deu tempo né
495	I. B. Schepper	num deu tempo a gente aí
496	Pesquisadora	e seus pais morreram quando dona ()↓
497	I. B. Schepper	meu pai
498	Pesquisadora	faz muitos anos↓
499	I. B. Schepper	a minha mãe tem (0.5) vinte (.) acho que é
500		vinte e sete (0.5) vinte e sete anos meu pai
501		deve [ter uns trinta
502	Pesquisadora	num tem tanto] não tem↓
503	I. B. Schepper	não num tem muito não (0.5) pois é mais é igual
504		eu falei eles mesmo num falava muito não
505		
506	Pesquisadora	falava não
507	I. B. Schepper	agora a minha avó todas as duas tanto a paterna
508		como a materna elas
509	Pesquisadora	falavam
510	I. B. Schepper	a::s duas quando começava era um problema
511	Pesquisadora	ia direto
512	I. B. Schepper	então quando eles num queria que a gente (.)
513		pegasse o que eles ia falar eles falava em
514		alemão né
515	Pesquisadora	aí que falava [mesmo
516	I. B. Schepper	porque a] minha avó era parteira então ela
517		conversava muita coisa que a gente num podia
518		escutar né
519	Pesquisadora	aham
520	I. B. Schepper	então a::s muié véia lá começava tudo a
521		conversar em alemão (0.5) aí a gente num pegava
522		nada né
523	Pesquisadora	que beleza né cema
524	I. B. Schepper	que tempo bom né (.) era muito bom né
525	Pesquisadora	eu eu que num vivi tenho saudade (0.5) porque eu
526		acho que devia ser bom né
527	I. B. Schepper	não a gente adorava escutar [eles
528	Pesquisadora	num tinha] muito recurso (.) mais a qualidade de
529		vida era muito maior
530	I. B. Schepper	é verdade
531	Pesquisadora	brigada viu↓
532	I. B. Schepper	de nada

ANEXO 14

C. Hagler (88), Entrevista 007, 12/05/2012

01	Pesquisadora	quando a senhora era pequena (.) a senhora
02		ouvia muito falar alemão (.) assim na sua
03		ca::sa ou na sua ru::a↓
04	C. Hagler	eu só via o meu pai e minha mãe falar
05	Pesquisadora	seu pai e sua mãe conversavam↓
06	C. Hagler	é
07	Pesquisadora	dentro de casa [mesmo↓
08	C. Hagler	os dois] é
09	Pesquisadora	olha só (.) e a senhora num intendia nada↓
11	C. Hagler	não
12	Pesquisadora	e quando eles queria falar alguma que cê num
13		intendia eles aproveitava pra falar alemão↓
14	C. Hagler	eles - lembro do meu ajoelhado assim pra
15		rezar (0.5) ele tinha muita fé com nossa
16		senhora do perpéto socorro
17	Pesquisadora	aham
18	C. Hagler	intão ele ajoelhava assim e rezava eu sei que
19		ele falava assim (.) santa maria era (.) mãe
20		de deus era (.) () sei lá um negócio assim
21	Pesquisadora	uhum (.)
22	C. Hagler	rezava em alemão
23	Pesquisadora	olha que legal (0.5) e quantos anos que a
24		senhora tá agora↓
25	C. Hagler	eu↓
26	Pesquisadora	é
27	C. Hagler	oitenta e oito
28	Pesquisadora	oitenta e oito↓
29	C. Hagler	é
30	Pesquisadora	e:: a senhora na sua rua assim na sua (.)
31		vizinhança também tinha muita gente que
		falava
32	C. Hagler	olha tinha a minha avó carlota (.) era vó da
33		dalva também
34	Pesquisadora	mais os vizinho assim não
35	C. Hagler	não
36	Pesquisadora	não↓
37	C. Hagler	não
38	Pesquisadora	olha só (.) e:: a senhora sempre morou <u>aqui</u>
39		(.) [em são pedro
40	C. Hagler	eu eu] nasci sabe onde↓
41	Pesquisadora	ã:: ↓
42	C. Hagler	lá no tupã <u>lá naquela altura</u>
43	Pesquisadora	é mesmo↓
44	C. Hagler	no meio do mato
45	Pesquisadora	imagino (.) naquela época [divia ter só mato
46	C. Hagler	só tinha uma casa (.) matagal tudo em volta
47		(0.5) lá tinha chácara - meu pai tinha uma
48		chácara muito boa
49	Pesquisadora	ó (.) mais divia ser até [gostoso né dona
		cecília↓
50	C. Hagler	pé de abacate (.) pé de manga
51	Pesquisadora	pois é (.) essas coisa que a gente num tem
		mais né↓
52	C. Hagler	não
53	Pesquisadora	difícil de achar (.) criava bicho com tudo

54	C. Hagler	criava
55	Pesquisadora	olha que bom
56	C. Hagler	era po::rco gali::nha (0.5) pa::to
57	Pesquisadora	aham (0.5) intão seus avós (.) eles falavam
58		alemão também↓
59	C. Hagler	falava
60	Pesquisadora	[conversava↓
61	C. Hagler	é] (.) falava
62	Pesquisadora	e qual que:: que é a sua religião agora dona
63		cecília↓
64	C. Hagler	minha religião↓
65	Pesquisadora	é
66	C. Hagler	católica
67	Pesquisadora	a senhora é católica (.) e seus pais também eram↓
68	C. Hagler	todos
69	Pesquisadora	intão foi passando né↓
70	C. Hagler	é foi foi
71	Pesquisadora	e:: e era muito difícil chegar na igreja dona
72		cecília↓ (.) onde que era a igreja↓
73	C. Hagler	olha já tinha a igreja de são pedro (.) e
74		tinha essa de santana (0.5) mais aqui em
75		santana só tinha missa uma vez (.) por m- por ano por ano
76	Pesquisadora	por ano↓ o::lha
77	C. Hagler	na santana
78	Pesquisadora	era uma capelinha pequenininha né↓
79	C. Hagler	é não a- sempre foi aquela capelinha mesmo de
80		santana (.) é aquela velha é que tem ali né↓
82	Pesquisadora	sei
83	C. Hagler	e lá em são pedro era uma vez por mês (.) no
84		terceiro domingo do mês tinha missa
85	Pesquisadora	entendi (0.5) e a senhora chegou a ouvi
86		alguma missa em alemão↓ (.) a senhora chegou a assistir↓
87	C. Hagler	não
88	Pesquisadora	não né↓ (.) na sua época já num tinha não né↓
89	C. Hagler	não
90	Pesquisadora	hum tá (.) e as - e em que escola que a
91		senhora estudava↓
92	C. Hagler	lá em são pedro (.) aquela lá dois ano
93	Pesquisadora	lá onde agora é o ademar rezende né↓
94	C. Hagler	isso
95	Pesquisadora	e aí depois a senhora foi pro fernando lobo↓
96	C. Hagler	fui (.) dois ano fui fazer lá
97	Pesquisadora	a:: tá (0.5) e:: ali num era particular não né↓
98	C. Hagler	não
99	Pesquisadora	ali era público né↓
100	C. Hagler	a professora vinha lá da rua osvaldo aranha
101		(0.5) dona adelaide (.) pra dar aula em são
102		pedro (.) e vinha a pé
103	Pesquisadora	no::ssa
104	C. Hagler	da [osvaldo aranha
105	Pesquisadora	num tinha transporte naquela época né↓
106	C. Hagler	não (0.5) ela vinha a pé
107	Pesquisadora	e a senhora chegou a aprender alemão na
108		iscola alguma vez↓
109	C. Hagler	não

110	Pesquisadora	num tinha aula não né↓
111	C. Hagler	não num tinha não
112	Pesquisadora	nem na ((escola)) daqui nem no fernando lobo
113	C. Hagler	não
114	Pesquisadora	hu::m (0.5) e a senhora teve muito contato
115		com cumi::da da alemanha (.) cumida típica de
116		lá↓ (.) chucru::te↓
117	C. Hagler	ah isso a minha mãe fazia muito né↓
118	Pesquisadora	é mesmo (0.5) é bom↓
119	C. Hagler	[repolho
120	Pesquisadora	chucrute] ↓
121	C. Hagler	é
122	Pesquisadora	é (0.5)é mesmo↓ (.) a senhora sabe fazer↓
123	C. Hagler	sei
124	Pesquisadora	sabe (.) olha só qualquer dia vou vir comer
125		chucrute aqui heim dona cecília (.) [nunca comi
126	C. Hagler	mais é é repolho que cê fala↓
127	Pesquisadora	e mais o quê que a sua mãe fazia dona
128		cecília↓ pã::o essas coisa↓
129	C. Hagler	fazia muito é (.) fazia pão fazia biscoito de
130		rapadura né↓
131	Pesquisadora	biscoito de rapadura↓
132	C. Hagler	é
133	Pesquisadora	hum deve ser gostoso heim↓
134	C. Hagler	menina você sabe que eu já tentei fazer e não
135		consegui↓ (0.5) nós ajudava a mamãe fazer e a
136		gente - (0.5) uma vez eu fiz aqui mais ficou
137		tão duro ((risos)) (0.5) [que nem cachorro
138		queria comer ((risos))
139	Pesquisadora	que num dava nem pra comer] ↓ ((risos))
140	C. Hagler	nem cachorro num queria cê credita↓ ((risos))
141	Pesquisadora	é mesmo↓
142	C. Hagler	ela fazia muito vinho de laranja
143	Pesquisadora	fazia vinho de laranja é↓
144	C. Hagler	vinho de [laranja
145	Pesquisadora	é::] (.) olha só (0.5)deve ser bom né↓ (.)
146		tudo de laranja é bom né dona cecília↓ (0.5)
147		e a senhora ainda sabe fazê um monte de coisa intão↓
148	C. Hagler	sei (.) se tiver na mão as coisa pra fazer eu faço
149	Pesquisadora	mais num faz pro dia-a-di::a assim não né↓
150	C. Hagler	não
151	Pesquisadora	e a senhora ouvia - a senhora conhece umas
152		palavri::nha assim em alemão↓
153	C. Hagler	não
154	Pesquisadora	não né↓ (.) nada nada↓
155	C. Hagler	nada nada
156	Pesquisadora	como é que apagou mesmo né dona cecília↓
157	C. Hagler	apagou
158	Pesquisadora	eu também num conheço nada (.) minha mãe a vó
159		também já num conhecia nada (.) engraçado né↓
160		(0.5) e a senhora ouvia muita história assim
161		(.) dos seus antepassa::dos das pessoas que
162		chegaram aqui que vieram da alemanha pra cá↓
163	C. Hagler	a isso a::: a a minha avó (.) veio
164	Pesquisadora	[sua avó aham
165	C. Hagler	a minha avó] é a mãe da () a minha avó veio

166		(0.5) aí ela contava que:: (.) ficou seis meses num navio
167	Pesquisadora	uhum
168	C. Hagler	e quando o vento - era a vela - o vento
169		[ficava pra lá
170	Pesquisadora	a sua avó mesmo que te contou↓
171	C. Hagler	ia e voltava] né↓
172	Pesquisadora	a sua avó mesmo que te contou↓
173	C. Hagler	é (0.5) aí acho que ela teve uma criança
174		dentro do navio (.) num tinha como enterrar
175		parece que jogou no mar
176	Pesquisadora	morreu↓
177	C. Hagler	a criança morreu e:: você vê lugar sem recurso né↓
178	Pesquisadora	uhum num tinha recurso nenhum né↓
179	C. Hagler	aí teve que jogar no mar (.) isso era o que
180		ela contava
181	Pesquisadora	e e:: (.) em quê que seus pais trabalhavam↓
182	C. Hagler	ah o meu pai fazia tijo::lo (0.5) depois no
183		final quando eu já era entendia ele tinha
184		carroça e vendia lenha
185	Pesquisadora	e seus avós (.) a senhora lembra↓
186	C. Hagler	a minha avó só lembro da minha avó porque
187		também só conheci a carlota vaz
188	Pesquisadora	a:: tá
189	C. Hagler	mãe da minha mãe (.) os outros eu num conheci
190	Pesquisadora	não↓
191	C. Hagler	porque o pai do meu pai
192	Pesquisadora	eles faleceram↓
193	C. Hagler	é eles foram morá ju - eles morava junto
194		(0.5) com o seu bisavô (.) e as tia que tomava conta deles
195	Pesquisadora	entendi::
196	C. Hagler	mais ele contava uma história engraçada ((rindo))
197	Pesquisadora	ã::
198	C. Hagler	um dia elas saíram pra ir numa festa num sei
199	Pesquisadora	aham
200	C. Hagler	e tinha feito - matado um porco (.) diz que
201		tinha uma caçamba de torresmo um balaio cheio
202		de torresmo pendurado assim em cima né↓ (0.5)
203		eles foram tirar (0.5) papai falou que tirar
204		os torresmo (.) aproveitou que elas num tava em casa ((risos))
205	Pesquisadora	hum↓
206	C. Hagler	e caiu tudo pro chão menina ((risos))
207	Pesquisadora	no::ssa ((risos)) (0.5) e o aperto↓
208	C. Hagler	eles passaro um aperto ((rindo))
209	Pesquisadora	imagino ((rindo))
210	C. Hagler	coitados ((rindo))
211	Pesquisadora	e essas mulher alemã são tudo brava [né dona
212		cecília↓
213	C. Hagler	tudo brava] menina ((risos))
214	Pesquisadora	eles devem ter passado muito [aperto
215	C. Hagler	e a tia deles] que ficou com eles porque pai
216		e mãe morreu (0.5) agora eu num sei do (.)
217		do:: seu bisavô se foi pai e mãe que morreu
218		também deve ter sido [porque né↓
219	Pesquisadora	deve ser né]

220	C. Hagler	às vezes morreu cedo e deixou os filho intão
221		as tia tomou conta
222	Pesquisadora	aí ficou morando com as tia
223	C. Hagler	é só que eles foram tirar o torresmo coitados
224		e fizeram uma ((risos))
225	Pesquisadora	fazendo arte né dona cecília↓((rindo))
226	C. Hagler	também foi deixar sozinho né↓ (.) [os dois
227		né↓ ((rindo))
228	Pesquisadora	aproveitaro né] ((risos)) (0.5) dona cecília
229		a senhora imagina assim (.) pur que que a
230		língua alemã desapareceu (0.5) a senhora tem
		alguma ideia↓
231	C. Hagler	(0.5) eu a::cho que os antigo assim num
232		interessou muito em ajudar né↓
233	Pesquisadora	cê acha↓
234	C. Hagler	eu acho
235	Pesquisadora	[num interessaram em passar não né↓
236	C. Hagler	ou a gente achou muito difícil] pra aprendê
237		né↓ (.) num sei
238	Pesquisadora	a senhora acha↓ (.) pode [ser né↓
239	C. Hagler	eu a::cho que o gabriel (.) o meu neto (.)
240		ele tem um poquinho de noção do negócio (.)
		ele - [num sei
241	Pesquisadora	é↓
242	C. Hagler	num sei aonde que ele viu mais ele (.)
243	Pesquisadora	ele deve ter tentado aprender em algum lugar]
244	C. Hagler	ele já andou falando umas palavra comigo já
245	Pesquisadora	ó:: (0.5) esperto né dona cecília
246	C. Hagler	é (0.5) mais é o único também (.) que eu sei
247	Pesquisadora	aham (0.5) olha só (0.5) e dona cecília (.)
248		a senhora:: ia intão na igreja aqui né↓
249	C. Hagler	é
250	Pesquisadora	na igreja de são pedro↓
251	C. Hagler	de são pedro
252	Pesquisadora	era muito difícil chegar lá↓
253	C. Hagler	era porque tinha que ir a pé né↓
254	Pesquisadora	tinha que ir andando né (0.5) e era muito
255		mato como é que era↓
256	C. Hagler	não era aqui nessa rua onde que (.) é essa
257		rua principal aqui
258	Pesquisadora	uhum
259	C. Hagler	era u::m caminhozinho estreito né (.) passava
260		uma carrocinha (0.5) a gente ia à missa (0.5)
261		só tinha missa aquele dia né↓ e tinha missão
262		também uma vez por ano vinha os padre e
		ficava oito dia aqui
263	Pesquisadora	ah é↓
264	C. Hagler	aí vinha gente da ro::ça vinha gente de carro
265		de [bo::i
266	Pesquisadora	aham] de todo lado
267	C. Hagler	é (.) um tal de chico lulu que gente
268		fazendeiro e morava longe (.) vinha tu::do no
269		carro de bo::i aquele () canta::ndo aquele
270	Pesquisadora	uhum (.) [carro de boi
271	C. Hagler	carro de boi] né↓ aquilo canta fininho (0.5)
272		e ficava oito dia aí
273	Pesquisadora	mais num tinha missa em alemão mesmo né dona
274		cecília↓
275	C. Hagler	não
276	Pesquisadora	dona cecília acho que é só isso (.) [se eu

277		lembrá de alguma coisa pergunto a senhora
278	C. Hagler	e aqui na santana (0.5) aqui na santana]
279	Pesquisadora	hum↓
280	C. Hagler	eu conheci uma que veio (.) ela era alemã
281		mesmo ele nem falava ela chamava (.) a mais
282		antiga daqui da serrinha (0.5) ela chamava (pazhana)
283	Pesquisadora	(pazhana)
284	C. Hagler	é (.) é nome alemão né↓ (.)
285	Pesquisadora	é
286	C. Hagler	ela devia chamar ana ela chamava (pazhana)
287		(0.5) a gente era criança (.) e tinha um
288		bucado de medo assim porque (.) os outro
289		falava que ela ia pegar a gente num ia pegar
290		nada é↓ coitadinha a mulher num tava nem ((riso))
291	Pesquisadora	porque falava em outra língua né dona cecília↓
292	C. Hagler	é mais era muita velhinha mesmo sabe (.) e
293		depois ficou a carlota (.) veio a dona
294		Josefa(clots)((provavelmente era da família
295		Göths ou Goetz, cujo nome foi
296		aportuguesado)) também (0.5) porque eles fizeram a capela de santana
297	Pesquisadora	a é [foi eles que fizeram↓
298	C. Hagler	foi] (.) foi (0.5) eles fizeram promessa né↓
299		(.) que quando chegasse aqui no brasil
301	Pesquisadora	como é que era o nome dela dona cecília ↓ josefa↓
302	C. Hagler	josefa (.) josefa (clots
303	Pesquisadora	e e:: foi mu::ito (.) assim muito antigamente
304		a senhora tem ideia de que data mais ou menos↓
305	C. Hagler	olha eu era criança eu devia ser igual a ()
306		da carlota assim uns dez anos
307	Pesquisadora	intão foi (.) a uns oitenta anos [atrais
308	C. Hagler	depois eu] fui crescendo ficando mocinha aí
309		a:: (.) a n- a neta dela é:: era minha amiga
310		chamava aninha (0.5) eu acho que ainda tem um
311		filho vivo um (.) um tal de fernando acho que ainda é vivo
312	Pesquisadora	intão dona cecília brigada
313	C. Hagler	de nada ((rindo))

ANEXO 15

M. P. Hagler (82), Entrevista 008, 20/05/2012

01	Pesquisadora	quantos anos que a senhora tá↓
02	M. P. Hagler	oitenta e dois
03	Pesquisadora	(0.5) a senhora ouvia muito <u>alemão</u> (.)
04		quando a senhora era meno::r↓
05	M. P. Hagler	ah ouvia (.) o povo aqui o povo todo era
06		(.) descendente de alemão
07	Pesquisadora	aham (.) mas a senhora ouvia muito falar
08		(.) a língua↓
09	M. P. Hagler	uhum (.) inclusive a mãe (.) da sua avó e a
10		mãe e a minha mãe (.) só conversava em
11		alemão e] meu pai com minha mãe também
12		conversava
13	Pesquisadora	e a senhora entendia alguma [coisa↓
14	M. P. Hagler	não] nada
15	Pesquisadora	nadinha
16	M. P. Hagler	nada nada
17	Pesquisadora	e:: então seus pais eles falavam em alemão
18	M. P. Hagler	falavam em alemão
19	Pesquisadora	seus avós também↓
20	M. P. Hagler	é meus avós com certeza porque eles que
21		vieram de lá né↓
22	Pesquisadora	foram eles né↓ (.) a:: tá (0.5) e e:: qual
23		que era a sua religião (.) ou é↓
24	M. P. Hagler	não (.) sempre foi a católica
25	Pesquisadora	[sempre foi a católica↓
26	M. P. Hagler	é] apostólica romana
27	Pesquisadora	aham (.) e a senhora tinha dificuldade de
28		acesso à igreja↓
29	M. P. Hagler	olha (.) tinha e num tinha porque:: (.)era
30		distante né↓ (0.5) a gente tinha que ter
31		coragem para andar
32	Pesquisadora	vocês iam na de são pedro↓
33	M. P. Hagler	ia na de são pedro uma vez por mês (0.5) a
34		reza era à noite e a missa era de manhã (.)
35		e depois (.) outros domingo a gente ia em
36		são mateus
37	Pesquisadora	uhum (.) ali na igreja de santana (.) a
38		senhora chegou a ir↓
39	M. P. Hagler	é naquela pequena
40	Pesquisadora	[é a capela
41	M. P. Hagler	ela é antiga] (.) só uma vez por ano que
42		tinha missa ali
43	Pesquisadora	é (.) uma vez por ano (0.5) e a senhora
44		chegou a assistir missa em alemão↓
45	M. P. Hagler	não
46	Pesquisadora	nã::o já num tinha nessa época↓
47	M. P. Hagler	não era só em latim né↓
48	Pesquisadora	aha::m (0.5) a:: só em latim (0.5) e a
49		humilia assim o sermão do padre num era em
50		alemão não↓
51	M. P. Hagler	não era em português
52	Pesquisadora	tudo em português↓ (.) ã::
53	M. P. Hagler	porque os antigo mesmo (.) foi acabando né↓
54	Pesquisadora	aha::m

55	M. P. Hagler	e os que ficaram
56	Pesquisadora	a senhora se (.) hoje em dia assim a
57		senhora lembra de alguma (.) pala::vra em
58		alemã::o↓ alguma coisa assim (.) ou a
59		senhora acha que num ficou nada↓
60	M. P. Hagler	ah minha filha num ficou não
61	Pesquisadora	ficou não↓ (.) sumiu mesmo né↓
62	M. P. Hagler	sumiu (0.5) é uma pena né↓
63	Pesquisadora	é uma pena né↓ (0.5) a mãe também num num
64		sabe nada não nem a vó sabia também não
65	M. P. Hagler	é nem a vó (0.5) elas conversava e num
66		falava com a gente (.) né↓
67	Pesquisadora	é né↓
68	M. P. Hagler	devia conversar em [alemão com a gente
69	Pesquisadora	e eles conversavam] na_rua assim também↓
70		(.) ou só em casa↓
71	M. P. Hagler	ah conversa::va (.) no portã::o
72	Pesquisadora	é (.) [na ve::nda
73	M. P. Hagler	sua sua avó] ficava no portão minha mãe
74		passava
75	Pesquisadora	é::
76	M. P. Hagler	batia ali (.) a gente num sabia o que elas
77		tava falando
78	Pesquisadora	e na ve::nda assi::m
79	M. P. Hagler	[cumprimentava
80	Pesquisadora	lugar de comprar as coisa falava também↓
81	M. P. Hagler	falava
82	Pesquisadora	é:: (.) [olha que legal
83	M. P. Hagler	e também] quando encontrava uma com a outra
84		assim aquelas antiga mesmo todas elas
85		usavam a roupa comprida
86	Pesquisadora	aham
87	M. P. Hagler	é (.) a minha
88	Pesquisadora	devia ser [bonito né↓
89	M. P. Hagler	a minha avó] carlota vaz (.) essa que tá
90		aqui (0.5))todo mundo usava vestido
91		comprido
92	Pesquisadora	olha só
93	M. P. Hagler	e aí elas conversava (0.5) essa minha vó
94		então
95	Pesquisadora	falava muito↓
96	M. P. Hagler	falava muito
97	Pesquisadora	ó:: que coisa boa (0.5) e::
98	M. P. Hagler	you sabe alguma coisa↓ ou não (.) [de
99		alemão↓
100	Pesquisadora	eu nada] (.) nada nada (0.5) eu comecei a
101		fazer aula né↓ (0.5) mas eu não consegui
102		ter mais tempo (.) eu vou ver se eu volto
103		(0.5) né↓ porque eu acho legal a gente
104		recuperar alguma coisa né↓
105	M. P. Hagler	é
106	Pesquisadora	e:: a senhora chegou a estudar em alguma
107		escola↓
108	M. P. Hagler	e::u entrei na aula com nove anos lá na
109		esp- lá na:: no são mateus (.) fernando
110		lobo
111	Pesquisadora	fernando lobo (.) [aham
112	M. P. Hagler	a gente ia a pé descia por aqui (.)
113		atravessava assim a universidade (.) era
114		tudo matagal (0.5) só tinha um trilho assim

115		de um me::tro que a gente passava
116	Pesquisadora	aham
117	M. P. Hagler	a gente tinha um medo minha filha
118	Pesquisadora	era longe num era↓
119	M. P. Hagler	era longe
120	Pesquisadora	[imagino
121	M. P. Hagler	a gente] ia descia lá:: naquele pasto que a
122		falava que era as mangueira e saia ou na
123		padre café (.) ou no (0.5) dom bosco
124	Pesquisadora	aham
125	M. P. Hagler	antes era a antiga serrinha (.) dali a
126		gente ia para o colégio (.) são mateus e a
127		missa também passava pelo mesmo caminho
128		(0.5) e para [ir na rua halfeld
129	Pesquisadora	devia ser fácil não] né↓
130	M. P. Hagler	para ir na rua halfeld no centro da cidade
131		tinha que passar por ali (0.5) levava uma
132		hora para lá e uma hora para cá (.) isso
133		para subir era um morro
134	Pesquisadora	e:: aqui em cima tinha escola↓
135	M. P. Hagler	tinha
136	Pesquisadora	tinha↓
137	M. P. Hagler	lá naquele ademar rezende de andrade
138	Pesquisadora	é né↓
139	M. P. Hagler	lá que foi a primeira escola (0.5) então a
140		escola de lá era só uma sala de aula (0.5)
141		e estudava primeira série segunda série e
142		terceira série
143	Pesquisadora	uhum
144	M. P. Hagler	não tinha quarta (0.5) a () mais o ()
145		que estudaram lá (.) teve que estudar
146		depois lá no fernando lobo para tirar o
147		diploma
148	Pesquisadora	entendi
149	M. P. Hagler	eu já fiquei direto lá porque já era mais
150		fácil
151	Pesquisadora	entendi (.) e:: e:: a senhora chegou a ter
152		aula de alemão alguma vez na escola↓
153	M. P. Hagler	não
154	Pesquisadora	não↓ (0.5) e:: (.) a senhora teve contato
155		assim com comida (.) da alemanha↓
156	M. P. Hagler	ah teve (.) [minha mãe fazia
157	Pesquisadora	sua mã::e] sua vó <u>fazia</u> é (0.5) o quê que
158		a senhora chegou a comer↓
159	M. P. Hagler	era chucrute né↓
160	Pesquisadora	chucru::te é bom↓
161	M. P. Hagler	é uma delícia sempre tive vontade de fazer
162		[mas cadê↓
163	Pesquisadora	eu tenho vontade de provar também mas nu::m
164		[faço nem ideia
165	M. P. Hagler	é repolho]
166	Pesquisadora	é né↓ (.) deve ser uma delícia (.) e a
167		senhora já:: já:: comeu alguma outra coisa
168		assim↓ (.) pã::o [vocês fazia↓
169	M. P. Hagler	é pão a minha mãe fazia né↓ (.) e a sua vó↓
170	Pesquisadora	eu num cheguei a comer eu aliás eu cheguei
171		só da:: (.) da zélia (.) né↓
172	M. P. Hagler	da zélia
173	Pesquisadora	é aí eu cheguei a comer mas da minha vó não
174		(.) e:: e a senhora:: sabe fazer alguma

175		coisa (.) de comida↓
176	M. P. Hagler	a:: tinha - a gente fazia também é o
177		choriço né↓
178	Pesquisadora	chouriço né↓
179	M. P. Hagler	matava porco punha [a carne lá
180	Pesquisadora	mas é aquele mais branquinho num é↓
181	M. P. Hagler	o branquinho (.) e o:: de sangue (0.5) e
182		tem uma coisa também que a gente falava
183		(chuaile) (.) é em alemão (0.5) só que eu
184		num sei explicar a palavra (.) falava
185		(chuaile)
186	Pesquisadora	uhum (.) [(chuaile)
187	M. P. Hagler	minha mãe] falava (.) hoje vou fazer
188		(chuaile)(.) então ela picava a pele (.) e
189		carne pura (.) e temperava e prensava ela e
190		a gente cortava igua::l um (0.5) é::
191		presunto é uma delícia
192	Pesquisadora	ó (.) é mesmo↓ (.) hu::m imagino (0.5) hoje
193		em dia a senhora faz alguma coisa em casa↓
194		
195	M. P. Hagler	hoje em dia não (.) não
196	Pesquisadora	porque nem dá também né↓
197	M. P. Hagler	é esse negócio (.) num tem mais como fazer
198		né↓ (0.5) coisa de carne assim num tem (.)
199		porque num pode ter mais
200	Pesquisadora	uhum
201	M. P. Hagler	a gente ainda faz o tal de (quiniz) né↓ (.)
202		(quiniz) também deve ser em alemão
203	Pesquisadora	é (.) (kiniz) (.) num sei (.) é deve ser né↓
204		
205	M. P. Hagler	é chuchu picadinho (0.5) cozinha ele (.)
206		depois pica uma folha uma folha ou duas de
207		mostarda e uma folha de couve (.) para num
208		ficar muito picante ai põe ali e faz um
209		molho branco de trigo (.) e mistura
210		
211	Pesquisadora	aham ó diferente né↓
212	M. P. Hagler	põe sal e cebolinha verde (.) aqui a gente
213		come aquilo tudo com feijão
214	Pesquisadora	ó vou fazer
215	M. P. Hagler	pergunta sua mãe se ela sabe fazer (.) [às
216		vezes ela sabe (.) é o (quiniz)
217	Pesquisadora	é vou perguntar] para ela (0.5) e a senhora
218		chegou a ouvir assim (.) histó::ria das
219		pessoas que vieram para cá:: sobre seus
220		antepassados↓
221	M. P. Hagler	é a mamãe contava muito
222	Pesquisadora	contava↓
223	M. P. Hagler	contava
224	Pesquisadora	o quê (0.5) do navi::o↓
225	M. P. Hagler	a avó dela contava que eles ficaram seis
226		meses (.) ou mais dentro do navio
227	Pesquisadora	nossa
228	M. P. Hagler	porque para onde que o vento desse na vela
229		ia (.) né↓ (0.5) inclusive a a minha avó
230		(.) a carlota (0.5) ela teve um (.) a a mãe
231		dela ela não a mãe dela teve um filho
232		dentro do navio (.) mas morreu (.) teve que
233		jogar dentro do mar (0.5) porque num tinha
234		como trazer morto

235		
236	Pesquisadora	aham (0.5) e como é que ia enterrar né! ia
237		ter que demorar muito (0.5) e e em quê que
238		seus pais trabalhavam (0.5) a sua mãe!
239		
240	M. P. Hagler	a a minha mãe era:: (.)doméstica né! (.)
241		fazia (.) ela costurava um pouco mas muito
242		pouco mais remendo né! fazia mais remendo
243		(0.5) agora costurar de verdade ela nunca
244		falou que costurava não acho que - tinha
245		uma dona lá que era da família que
246		costurava para eles
247	Pesquisadora	aham
248	M. P. Hagler	mas a (0.5) a
249	Pesquisadora	seu pai
250	M. P. Hagler	é o meu pai (.) minha mãe casou com
251		dezenove ano meu pai com trinta e um (0.5)
252		meu pai ele sabia assim assinar o nome e
253		fazer conta mas ler ele num sabia não
254	Pesquisadora	não né!
255	M. P. Hagler	nada nada (0.5) mas conta ninguém passava
256		ele não ele sabia
257	Pesquisadora	aham sabia tudo
258	M. P. Hagler	sabia (.) ele era pedreiro (0.5) e queimava
259		também tijolos que ele fazia muita casa
260		assim aquelas casinha de tijolo
261	Pesquisadora	a:: tá
262	M. P. Hagler	ele tinha olaria (.) e fazia queimação de
263		tijolos (.) ele traba chegou a trabalhar lá
264		em retiro
265	Pesquisadora	olha longe né (0.5) naquela época então
266		devia ser mais difícil né
267	M. P. Hagler	não era longe ele saía de casa três horas
268		da madrugada (.) ficava uma semana fora
269		(.) num vinha não (.) ficava lá trabalhando
270		sozinho (0.5) aí tinha que fazer os tijolos
271		tinha que ficar por conta da queimação (.)
272		com lenha (.) vigiar (.) então (.) ele até
273		conta ele tinha até uma lanterna
274	Pesquisadora	devia ser tudo escuro lá
275	M. P. Hagler	para passar no negócio do trem
276	Pesquisadora	na linha!
277	M. P. Hagler	no túnel túnel do trem ele passava no túnel
278		tem um túnel ainda aqui ó pertinho de juiz
279		de fora
280	Pesquisadora	é!
281	M. P. Hagler	acho que () ainda é usado (0.5) ele
282		acabou de passar do túnel o trem veio
283	Pesquisadora	é mesmo!
284	M. P. Hagler	diz que ele nunca deu tanta sorte na vida
285		[dele
286	Pesquisadora	no::ssa (.) imagina
287	M. P. Hagler	é que na hora que o trem pegava ele lá
288		dentro
289	Pesquisadora	porque o túnel era era só o espaço do trem
290	M. P. Hagler	só o espaço do trem (.) ele passava isso
291		sempre para a gente
292	Pesquisadora	porque num era a hora dele
293	M. P. Hagler	é e também ele contava muito que tinha
294		assim uma uma criação diferente lá dentro

295		(.) ele achava que era:: (.) gente (.)
296		naquele tempo tinha medo de lobisomem né
297	Pesquisadora	aham (.) naquela época tinha uns negócio
298		assim né
299	M. P. Hagler	é medo
300	Pesquisadora	a minha mãe conta também que o que o vô
301		beto contava umas coisa assim de saci
302		pererê::
303	M. P. Hagler	é e eles acreditava né porque (.) eu num
304		sei se existiu
305	Pesquisadora	sei lá né (0.5) por via das dúvidas
306	M. P. Hagler	então ele diz que tava assim aquele barulho
307		aquela coisa branca (.) mas ele disse que
308		teve aquela coragem de ir lá ver (.) seja o
309		que for eu tenho que ir lá ver (.) chegou
310		lá era um animal
311	Pesquisadora	tipo um lobisomem
312	M. P. Hagler	ele falou que se não fosse lá ver ia achar
313		que era um lobisomem né
314	Pesquisadora	a:: era um animal comum
315	M. P. Hagler	é um animal (.) e depois de trabalhar assim
316		(.) aí ele juntou dinheiro (.) e comprou
317		lá no tupã lá no alto onde é aqueles pasto
318	Pesquisadora	aham
319	M. P. Hagler	da sua casa pra lá pro lado de são pedro
320		(.) ali era nosso
321	Pesquisadora	a é [muita coisa
322	M. P. Hagler	um alqueire de terra] diz que a casa tá la
323		mas tem tanta casa lá que eu já num sei
324		qual que é ela mais não
325	Pesquisadora	é ó
326	M. P. Hagler	é tinha um poço (.) que fez (.) quatorze
327		metros (0.5) aí eles morava quando ele
328		casou morava atrás lá na igreja de são
329		pedro tinha uma casinha assim eles morava
330		lá depois ele comprou ali e fez a casa ali
331		sabe
332	Pesquisadora	uhum
333	M. P. Hagler	aí teve os filho tudo todo mundo nasceu lá
334		(0.5) mas dali ele comprou no sítio onde
335		que o (.) paulinho mora
336	Pesquisadora	o paulinho↓
337	M. P. Hagler	é ali no campo ali na sila a tia sila né
338	Pesquisadora	sei
339	M. P. Hagler	aí ele comprou ali (.) eu tinha nove anos
340		quando ele comprou ó já tinha comprado (.)
341		tinha feito a casa aí a gente veio morar
342		pra cá
343	Pesquisadora	a:: tá (.) a senhora le::mbra da da época
344		da guerra↓
345	M. P. Hagler	a guerra foi em 44 né
346	Pesquisadora	foi por aí né
347	M. P. Hagler	é por aí (.) lembro o é alvoroço que dava
348		né (.) as família que o pessoal tinha que
349		viajar (.) ficava muito assustada a o
350		fulano vai pra guerra e num vai voltar né
351	Pesquisadora	e negócio de perseguição vocês sofreram
352		alguma↓
353	M. P. Hagler	não
354	Pesquisadora	não né

355	M. P. Hagler	não num sofri isso não
356	Pesquisadora	e nem nem queima::r li::vro (.) queimar
357		cade::rno essas coisa não
358	M. P. Hagler	não nada disso num teve não
359	Pesquisadora	nada não né (0.5) entendi e aí todo mundo
360		continuou a falar alemão normal aqui em são
361		pedro (.) na guerra ou ou a senhora acha
362		que pararam!
364	M. P. Hagler	não a (.) eles falavam assim quando uma
365		pessoa sabia falar e encontravam a outra
366		que sabia
367	Pesquisadora	num deixaram de falar por causa da guerra
368		não!
369	M. P. Hagler	não (.) não
370	Pesquisadora	porque aqui num chegou muito não né aqui na
371		aqui em são pedro
372	M. P. Hagler	não (.) em juiz de fora acho que num tava
373		muito forte não (0.5) só levaram soldado
374		embora né
375	Pesquisadora	é né pra guerra né entendi (.) a senhora
376		imagina porque hoje em dia a gente vê que
378		ninguém fala alemão aqui mais né
380	M. P. Hagler	num fala mais
381	Pesquisadora	a senhora imagina porquê que a língua sumiu
382		porquê que pararam de falar!
383	M. P. Hagler	eu acho que é falta de (0.5) é::
384		incentivação né
385	Pesquisadora	a senhora acha
386	M. P. Hagler	a é porque os antigo num interessou em
387		ensinar em passar e os novos também num
388		teve outra oportunidade (.) os colégio
389		também num ensinaram
390	Pesquisadora	aham entendi
391	M. P. Hagler	é que nem a religião (.) se ninguém ensinar
392		vai acabar
393	Pesquisadora	a é verdade
394	M. P. Hagler	tem que ficar em cima
395	Pesquisadora	tem que passar né
396	M. P. Hagler	seja a religião que ele tiver ele tem que
397		(.) cuidar né (.) se não acaba
398	Pesquisadora	igual a língua né
399	M. P. Hagler	é assim como essa língua (.) [alemã (.)
400		acaba
401	Pesquisadora	faz sentido] porque é isso que eu to
402		pesquisando sabe porquê que a gente num
403		fala mais alemão aqui né porque lá no sul
404		tem tanta:: tem tanto bairro assim inteiro
405		que só fala alemão [né
406	M. P. Hagler	quando passa] na televisão a gente vê né
407		(.) italiano italiano e alemão
408	Pesquisadora	é italia::no alemão (.) e aqui sumiu (.) né
409		(.) teve tanto alemão aqui em cima você vê
410		olha quanto descendente que tem aqui né
411	M. P. Hagler	mas é que os antigão mesmo (.) foi embora
412		né (.) os os munk
413	Pesquisadora	os munk é::
414	M. P. Hagler	os munk era tudo alemão
415	Pesquisadora	é (0.5) tem muita gente tem muito sobrenome
416		também que sumiu né (.) porque num passou
417		[pros filho né

418	M. P. Hagler	os protestante] aqui de cima tudo era
419		alemão
420	Pesquisadora	é né
421	M. P. Hagler	até os protestante aqui fracasso
422	Pesquisadora	num tem protestante aqui em cima mais não,
423	M. P. Hagler	tem mas (.) num frequenta mais a igreja
424		deles ficam lá é na borboleta (.) lá tem
425	Pesquisadora	a no borboleta
426	M. P. Hagler	aquela filha () ela vai na missa lá dez
427		horas (.) agora num sei se ela fala em
428		alemão (.) eu acho que num fala não
429	Pesquisadora	eu num tenho encontrado pessoas que falam
430		não (.) quem fala assim sabe uma expressão
431		ou sabe uma palavra ou outra sabe
432	M. P. Hagler	é umas coisa que ficou na cabeça mas
433		precisava mesmo é de uma espécie de uma
434		(0.5) assim (0.5) os os colégio aqui num
435		interessa
436	Pesquisadora	podia ensinar né
437	M. P. Hagler	esses colégio num interessa (.) né
438	Pesquisadora	é negócio é a prefeitura né (.) que tinha
439		que fazer alguma coisa [para recuperar
440	M. P. Hagler	e particular] num tem condições né pagar
441	Pesquisadora	é (.) na época a senhora num tinha condição
442		não né de pagar essas coisa não
443	M. P. Hagler	num [tinha
444	Pesquisadora	e e::] aqui em são pe::dro tinha todo mundo
445		passava muita dificulda::de tinha gente
446		ri::ca como [é que era
447	M. P. Hagler	nossa] senhora (0.5) dificuldade da gente
448		aqui (.) tinha (.) por um lado porque era
449		tudo distante
450	Pesquisadora	aham
451	M. P. Hagler	compra pão tudo era lá da cidade (.) então
452		a profissão daqui era tudo lavadeira né (.)
453		lavadeira teve demais (.) era carroça e
454		mais carroça de roupa
455	Pesquisadora	imagino
456	M. P. Hagler	é e eu e a sua vó mesmo carregou muita
457		roupa nesse morro abaixo aí
458	Pesquisadora	é (.) nossa senhora
459	M. P. Hagler	nós levava roupa lá na rua romualdo pra mãe
460	Pesquisadora	levava na cabeça
461	M. P. Hagler	é da dona e da nora (.) aí eu ia com o
462		sebastião meu sobrinho (.) aí eu marcava
463		com a sua vó (.) a gente descia junto (.)
464		depois uma esperava a outra (.) subia o
465		morro
466	Pesquisadora	e a senhora era novinha
467	M. P. Hagler	não eu tinha dezoito anos
468	Pesquisadora	dezoito
469	M. P. Hagler	dezessete dezoito (.) porque quando eu fiz
470		dezoito anos eu fui na santa casa (.) eu
471		lembro que eu deixei a trouxa de roupa na
472		casa da dona e saí fui na santa casa pedir
473		serviço
474	Pesquisadora	a:: tá
475	M. P. Hagler	cheguei lá a dona deu (.) a a irmã
476	Pesquisadora	[aham
477	M. P. Hagler	a irmã] de caridade (.) e tinha tinha sim

478		(.) precisava mas tinha que dormir lá (.)
479		igual colégio (.) era interno
480	Pesquisadora	a:: interno
481	M. P. Hagler	aí eu falei a:: pra mim num dá porque tem
482		minha mãe e meu pai todos dois velho (.) e
483		eu que era mias assim
484	Pesquisadora	a senhora tinha que ajudar né
485	M. P. Hagler	mais eu que orientava porque outros filho
486		trabalhava (.) (angelina) era mais pequena
487		tinha onze ano dez (.) meus irmão também
488	Pesquisadora	nem aí
489	M. P. Hagler	tava nem aí homem num tá nem aí
490	Pesquisadora	é homem (.) tudo é mais fácil para eles né
491	M. P. Hagler	porque tem quem cuida então eles afasta né
492		(0.5) aí depois (.)eu num fui não (.)
493		depois meu pai adoeceu quando eu tinha
494		vinte vinte e dois anos (.) vinte e dois
495		vinte e dois ou vinte e três ele adoeceu
496		deu câncer na garganta aí ele ficou
497		internado na santa ca::sa eu que olha::va (
498) o joãozinho meu irmão também ficou fraco
499		da cabeça (.) ficava internado (.) no
500		esperança no aragão e em outro hospital em
501		juiz de fora três hospital em juiz de fora
502		que ele ficava (.) melhora de um a gente
503		punha pra outro
504	Pesquisadora	ó
505	M. P. Hagler	e pago tudo pago eu não sei de onde que
506		saía dinheiro [mas tudo pago graças a deus
507	Pesquisadora	o dinheiro] rendia né
508	M. P. Hagler	tudo em dia deus ajudou
509	Pesquisadora	essas coisa é deus (.) a gente mesmo num
510		explica né
511	M. P. Hagler	fiquei pensando como que a gente pagou (.)
512		porque meu pai
513	Pesquisadora	dinheiro aparece né
514	M. P. Hagler	a única coisa que meu pai fazia (.) era
515		cobrar quarenta reais de cada um que
516		trabalhava pra comprar mantimento (.) o
517		braz dava quarenta (.) o joãozinho dava
518		quarenta () era quarenta a () era
519		solteira dava depois ela casou aí foi
520		sumindo
521	Pesquisadora	aham
522	M. P. Hagler	e aqui a gente podia vender lenha né (.)
523		minha mãe cortava no mato (.) fazia
524		feixinho vendia (.) vendia bambu (.)
525		plantava horta saía com o balaio de verdura
526		pra rua
527	Pesquisadora	uhum
528	M. P. Hagler	desde doze anos que eu vendia verdura na
529		rua (0.5) vendia lá onde é a adutora
530		pessoal dos gerin ((gerhim)) e vendia ali ó
531		perto do rafael num homem também que
532		comprava muito (.) e nessa rua aqui a dona
533		adelaide
534	Pesquisadora	a as moças trabalhavam assim cedinho
535		naquela época né (.) de::z onze anos já ia
536		né
537	M. P. Hagler	é (.) depois aprendi corte e costura passei

538		a costurar (.) costurei muito e tirava mais
539		que o salário
540	Pesquisadora	ó (.) que bom heim (.) até hoje a senhora
541		faz↓
542	M. P. Hagler	eu fazia duas calça num dia hoje pra eu
543		fazer uma leva duas semanas ((a conversa
544		continua sobre outros assuntos que não têm
545		relação com a pesquisa. O gravador foi
546		desligado pela pesquisadora))

ANEXO 16

M. G. Scheffer (66) & D. Weiss (74), Entrevista 009, 28/05/2012

01	M. G. Scheffer	se eu souber te responder eu te respondo (.) eu to
02		te falando porque o pessoal daqui vem muito fazer
03		essa pesquisa (.) perguntar alguma coisa (.) mas
04		sinceramente eu não sei nada
05	Pesquisadora	mas eu estou querendo mostrar é justamente isso (.)
06		que a gente sabe tão pouco da nossa família né!
07	M. G. Scheffer	eu não sei nada
08	Pesquisadora	mas qual que é o nome todo da senhora!
09	M. G. Scheffer	m g scheffer
10	Pesquisadora	e qual que é a sua idade!
11	M. G. Scheffer	sessenta e seis
12	Pesquisadora	quase da idade da minha mãe (.) ela tem sessenta e
13		três (.) quando você era pequena você ouvia muito
14		falar alemão!
15	M. G. Scheffer	não
16	Pesquisadora	ou na sua casa (.) na vizinhança
17	M. G. Scheffer	não <u>nunca</u> ouvi falar (.) <u>nunca</u> (.) na minha casa
18		ninguém falava
19	Pesquisadora	ninguém falava! nem sua avó bisavó (.) nada disso!
20	M. G. Scheffer	não
21	Pesquisadora	olha só (0.5) e aqui na vizinhança! também não!
22	M. G. Scheffer	também não
23	Pesquisadora	hoje em dia então é que não fala mesmo né!
24	M. G. Scheffer	não fala mesmo (.) eu não tenho ninguém que falasse
25	Pesquisadora	<u>nossa</u> (.) e vc sabe falar alguma palavra em alemão!
26		alguma coisa assim!
27	M. G. Scheffer	<u>nada</u>
28	Pesquisadora	eu também não (0.5) você sabe d!
29	D. Weiss	eu não.
30	M. G. Scheffer	eu tinha uma vidinha muito:: assim (0.5) eu nunca
31		procurei saber dessas coisas não (.) nunca tive
32		interesse (.) e a minha mãe também não falava nada
33		não acho (.) que também não tinha muita coisa (.)
34		assim (.) se ela tinha alguma coisa eu não sei
35	Pesquisadora	não tinha aprendido nada não!
36	M. G. Scheffer	é eu não sei (.) tia () é que eu não - mas tia (
37) também - não sei se ela sabe alguma coisa também
38		não
39	D. Weiss	a aparecida também não sabe não que ela falou
40		comigo
41	M. G. Scheffer	é não sabe não (0.5) tem gente que já - tem gente
42		que assim (.) que fala a minha avó cantava alemão
43		falava alemão (.) eu sei que a gente ouve essas
44		coisa mas <u>sinceramente</u> (.) não sei mesmo
45	Pesquisador	n minha família também nada nada (.) quem sabia um
46		pouquinho ainda era meu avô mas também não passou
47		para ninguém (.) minha avó já não sabia
48	M. G. Schefer	eu não sei (.) tem gente que participa mais
49		conversa mais as coisas (.) a gente já começou
50		trabalhar cedo (0.5) ah era tudo muito corrido na
51		vida da gente também (.) sempre precisou trabalhar
52		(.) meu pai também não sabia falar nada (.) pra
53		falar a verdade meu pai só sabia assinar o nome
54		dele (.) a minha mãe não ela fez até a terceira

55		série era até muito inteligente com tabuada essas
56		coisas assim (.) podia perguntar que ela sabia tudo
57		(.) mas meu pai não (.) mas ninguém passava ele pra
58		trás
59	Pesquisadora	era esperto né, igual ao meu avô também
60	M. G. Scheffer	ele ia fazer compra sei lá como se fazia as contas
61		(.) eu não sei (.) mas ninguém passava ele pra trás
62		(.) mas ele só sabia assinar o nome dele
63	Pesquisadora	e a senhora chegou a estudar,
64	M. G. Scheffer	cheguei
65	Pesquisadora	chegou, onde que a senhora estudou,
66	M. G. Scheffer	estudei aqui (0.5) parei quando tirei a quarta
67		série (0.5) antigamente quando você tirava a quarta
68		série você tinha que trabalhar
69	D. Weiss	era mesmo
70	M. G. Scheffer	né, tiramo a quarta série você logo arrumava
71		serviço (.) você tinha que trabalhar
72	Pesquisadora	a vida era muito difícil né,
73	M. G. Scheffer	depois que aqui foi fundada a fenec que eu fui
74		estudar (.) depois de adulta mais depois né,
75	Pesquisadora	e alguma escola por onde a senhora passou ensinava
76		alemão,
77	M. G. Scheffer	não não (.) ensinava não
78	Pesquisadora	e qual é a religião da senhora,
79	M. G. Scheffer	católica
80	Pesquisadora	sempre foi,
81	M. G. Scheffer	sempre foi
82	Pesquisadora	e a senhora chegou a assistir alguma missa em
83		alemão,
84	M. G. Scheffer	não também não
85	Pesquisadora	e como que é - a senhora sempre morou aqui,
86	M. G. Scheffer	sempre
87	Pesquisadora	e como era o acesso à cidade, (.) era difícil de
88		chegar a parte central daqui de juiz de fora,
89	M. G. Scheffer	pra ir na cidade
90	Pesquisadora	é
91	M. G. Scheffer	não era muito difícil (.) a estrada que era assim
92		(.) só mato (.) ali onde tem o vale do ipê aquilo
93		ali não existia (.) aquilo ali era só mato tanto
94		para o lado de baixo quanto para o lado de cima (.)
95		tinha mais curva
96	Pesquisadora	o acesso era só a pé mesmo,
97	M. G. Scheffer	Era (0.5) a minha mãe contava que antigamente -
98		isso aí ela contava (.) que quando eles trabalhava
99		no - assim não tinha ônibus não tinha nada (.) eles
100		iam subiam num morrinho para ir (.) levavam um
101		sapato de casa pra chegar em certo lugar eles
102		tinham que trocar o sapato (.) eles faziam muito
103		isso pra trocar [quando existia ali a industrial
104		mineira ali eles trabalhava tudo ali
105	D. Weiss	[era o caso da tia () (.) da minha mãe.
106	M. G. Scheffer	então eles tinham que fazer isso? (0.5) levava um
107		sapato de casa chegava em certo lugar limpava bem
108		os pé (.) porque não tinha estrada
109	Pesquisadora	[o negócio era feio né
110	M. G. Scheffer	[é era bem - a gente andava bem a pé (.) mas
111		antigamente a gente andava né, hoje em dia não dá
112		mais (0.5) até onde é aberto cidade não dá para
113		andar mais a pé que os outro tá te::
114	Pesquisadora	é perigoso né,

115	M. G. Scheffer	é (.) mas a gente andava muito a pé né! (.) já
116		entreguei muito almoço (.) já fiz de tudo
117	Pesquisadora	e a senhora sabe fazer alguma comida típica lá da
118		alemanha!
119	M. G. Scheffer	a:: não sei não
120	Pesquisadora	eu também não faço idéia
121	M. G. Scheffer	A:: assim não (.) coisa de alemão não (.) a gente
122		faz é bolo (.) faz torta (.) faz essas coisa (.)
123		mas acho que isso aqui é coisa mais de brasileiro
124		mesmo (.) não tem muita coisa não (0.5) tem gente
125		que faz chucrute (.) eu não sei fazer
126	Pesquisadora	nem eu (.) você sabe d!
127	D. Weiss	não sei não
128	M. G. Scheffer	é um negócio de repolho (0.5) tem joelho de porco
129		que eles falam (.) mas você compra hoje ele
130		defumado e só cozinha ele e come (.) mas esse
131		negócio de chucrute (.) essas coisa (.) eu não sei
132		fazer
133	Pesquisadora	e você sabe quem da sua família que veio de lá da
134		alemanha!
135	M. G. Scheffer	não sei não
136	Pesquisadora	e você chegou a ouvir histórias de quando eles
137		vieram para cá! de lá (.) do seu pai (.) da sua avó
138		(.) da sua mãe
139	M. G. Scheffer	olha (.) eu já ouvi falar (.) assim (.) acho que
140		foi do meu pai que eu ouvi falar que eles vieram
141		(.) chegaram aqui (.) tiveram muita dificuldade
142		essas coisa toda (0.5) meu avô mesmo veio com sete
143		anos e quando ele chegou aqui eles não podiam nem
144		assinar (.) teve que por <u>Agostinho</u> (.) eles não
145		podiam por <u>agostini</u> por causa da guerra (.) essas
146		coisa toda
147	Pesquisadora	e por que que você acha que ninguém mais fala
148		alemão aqui! por que será que a língua sumiu! você
149		imagina o porquê!
150	M. G. Scheffer	ah não sei não (.) acho que nem colégio ensina né!
151	Pesquisadora	lá no sul tem bairros inteiros (.) comunidades
152		inteiras que todo mundo fala alemão né! e vieram na
153		mesma época (.) e aqui sumiu né!
154	M. G. Scheffer	teve um moço que veio ensinar alemão (.) ele tava
155		até ensinando aqui umas criança pequena aqui (.)
156		mas depois ele foi embora porque: (.) depois
157		ninguém mais quis (.) acabou então ele foi embora
158		(.) aqui ninguém aqui faz isso (.) ninguém ensina
159		alemão aqui
160	Pesquisadora	[ahã
161	M. G. Scheffer	eu até que tinha vontade assim (.) de ter
162		conversado mais sabe! (.) de te::r (.) assim né!
163	Pesquisadora	tnha!
164	M. G. Scheffer	a gente ter mais co::isa (.) mas eu acho que meu
165		pai (.) assim (.) já veio bem descendente mesmo
166		sabe! acho que ele [nem -
167	Pesquisadora	[sei
168	M. G. Scheffer	meu avô eu não sei porque eu não conheci (0.5)
169		minha avó eu até conheci (.) mas nunca ouvi falar
170		que ela falasse nada
171	Pesquisadora	não tinha nem sotaque nem nada!
172	M. G. Scheffer	Não (.) nada (.) e a outra lá da tia adelina era
173		brasileira (.) quer dizer (.) então não tinha nada
174		a ver (0.5) meu avô já tinha vindo da itália então

175		não tinha nada a ver (0.5) mas de alemão seria por
176		parte do meu pai (.) mas eu acho que também que
177		ninguém da família deles que eu saiba ninguém fala
178		nada (.) ninguém nem conhece
179	Pesquisadora	ninguém!
180	M. G. Scheffer	tem gente que tem assim (.) como é que eu vou te
181		falar (.) tem gente que lê:: (.) que procura (.)
182		que vai nas internet
183	Pesquisadora	you acha que quem sabe alguma coisa aqui é porque
184		procurou por fora! assim
185	M. G. Scheffer	ah acho que sim (.) porque aqui alemão mesmo que
186		saiba as coisa
187	Pesquisadora	não né!
188	M. G. Scheffer	não (.) tem gente que procura porque - por causa da
189		festa (.) assim (.) por causa dos negócio que tem
190		aqui (0.5) mas eu nem faço parte dessas coisa
191		porque eu nem gosto muito disso (.) de dança (.)
192		dessas coisa (.) assim (.) nem faço parte (.) quem
193		faz parte às vezes procura saber mais né! a:: eu
194		sou muito descansada eu acho
195	Pesquisadora	ficar arrumando pra cabeça não né! [[risos]] então
196		(.) obrigada dona glória (.) acho que é só isso
197		mesmo
198	M. G. Scheffer	de nada (0.5) pena eu não ter podido te ajudar
199		muito (.) porque eu realmente não sei nada
200	Pesquisadora	<u>imagina</u> a senhora ajudou muito

ANEXO 17

M. A. Agostinho (76), Entrevista 010, 30/05/2012

01	Pesquisadora	a sua idade é qual↓
02	M. A. Agostinho	minha idade↓ sete meia
03	Pesquisadora	sete meia
04	M. A. Agostinho	é
05	Pesquisadora	e a senhora ouvia muito falar alemão quando a
06		senhora era pequena↓ na sua casa↓
07	M. A. Agostinho	não
08	Pesquisadora	não↓ ninguém falava↓
09	M. A. Agostinho	aqui na minha casa não (0.5) minha avó falava
10		que sabia mas era poucas palavras (.) a gente
11		perguntava ela não respondia não falava [sabe↓
12		
13	Pesquisadora	Entendi (0.5) na vizinhança↓ [assim
14	M. A. Agostinho	[não
15	Pesquisadora	[ninguém↓ olha só engraçado né↓
16	M. A. Agostinho	por aqui não tinha ninguém (0.5) é:: a gente
17		do meu tio ninguém falava assim [igual eu to
18		te falando essas coisas de alemão tá de uns
19		pouco tempo pra cá ó (.) não tem muito tempo
20		que fala muito não boba
21	Pesquisadora	[ninguém↓ não ouvia ninguém conversando na rua
22		não↓ e você sabe falar alguma coisa alguma
23		palavra↓
24	M. A. Agostinho	não (.) não sei não
25	Pesquisadora	e você sabe cozinhar alguma comida típica
26		alemã↓
27	M. A. Agostinho	ah na::o (.) saber (.) se a pessoa me der a
28		receita eu até faço (.) mas eu não tenho
29		hábito de fazer não
30	Pesquisadora	na sua casa você não faz não↓
31	M. A. Agostinho	não
32	Pesquisadora	mas você sabe fazer alguma de cabeça↓
33	M. A. Agostinho	Não (.) de cabeça assim não
34	Pesquisadora	eu também não (.) lá em casa a gente também
35		não faz nada (0.5) e você chegou a ouvir muita
36		história do pessoal que veio da alemanha pra
37		cá (.) da sua família da sua avó↓
38		
39	M. A. Agostinho	pra ser sincera (.) se houve história (.) se
40		eles contaram a gente era criança (.) eu nem
41		lembro mais
42	Pesquisadora	e você sabe quem veio de lá da sua família↓ se
43		foi sua avó bisavó::
44	M. A. Agostinho	não sei não (.) porque a minha avó era
45		descendente mas eu nunca fiquei sabendo se ela
46		veio de lá (.) nunca perguntei (.) também
47		nunca tive interesse de perguntar boba (.)
48		porque não tocava esse assunto
49	Pesquisadora	ninguém conversava disso né↓
50	M. A. Agostinho	não ninguém conversava (.) de uns anos pra cá
51		é que ta mais assim ó (.) que o povo tá
52		interessano [né
53	Pesquisadora	[ahã:: (0.5) não tem ninguém da sua família
54		que saiba falar alemão não né↓
55	M. A. Agostinho	não

56	Pesquisadora	e você chegou a estudar↓ assim (.) chegou a
57		estudar em alguma escola↓
58	M. A. Agostinho	não
59	Pesquisadora	não né↓
60	M. A. Agostinho	e você chegou a assistir alguma missa em
61		alemão↓ ou culto (.) [você é católica↓
62	Pesquisadora	[sou (.) mas nunca cheguei a assistir não
63	M. A. Agostinho	não↓ nunca teve né↓
64	Pesquisadora	não
65	M. A. Agostinho	e como que era o acesso a cidade↓ assim (.)
66		era muito difícil de chegar↓ (.) você sempre
67		morou aqui no borboleta↓
68	Pesquisadora	É (.) porque minha mãe casou-se lá no são
69		pedro e veio direto praqui né↓ (.) ela dizia
70		que essa casa aqui era a segunda ou terceira
71		casa aqui nessa rua (.) que a única casa que
72		tinha energia elétrica aqui no borboleta era
73		essa aqui (0.5) mas era gerador né↓ não tinha
74		esses poste da cemig não (.) então ela dizia
75		que quando ela ia na casa dos pais dela eles
76		diziam (.) <u>você é muito chique hein bem↓</u> <u>você</u>
77		<u>tem luz elétrica hein↓</u> [[risos]] eles falavam
78		né↓ porque ela tinha luz elétrica aqui né↓ mas
79		nunca que a gente teve assim (.) costume de
80		conversar assim
81	M. A. Agostinho	não né↓ disso não né↓
82	Pesquisadora	não (.) eu pelo menos se eu era criança e o
83		peçoal conversava eu não lembro (.) porque a
84		minha vida sempre foi assim (.) você quer ver↓
85		(.) eu como mais velha - teve nove filhos (.)
86		eu fui ajudando a criar os filhos né↓ (.)
87		trabalhando (.) carregava almoço (.) ajudava
88		minha mãe (.) de noite ajudava a olhar (.)
89		porque um chorava outro chorava né↓ (.) e fui
90		trabalhar com catorze anos (.) aí trabalhava
91		até tarde nas fábrica pra ganhar mais pra
92		ajudar em casa né↓
93	M. A. Agostinho	[ahã:: (.) a vida era muito difícil né↓
94		[aí a vida tava sempre essa corrida (0.5) eu
95		preocupei em sair do serviço e aprender corte
96		e costura aprender bordado aprender arte
97		culinária (.) isso tudo eu aprendi (.) mas
98		ginásio continuar estudo eu não tive chance
99		(.) apesar de eu ser inteligente quando eu
100		estudava (.) <u>eu era inteligente</u> (.) tipo essa
101		idade pra aprender - porque eu fiz o quarto e
102		o quinto ano no santa catarina (.) mas na
103		paróquia sabe↓ embaixo não (.) era em cima (.)
104		não pagava (.) uma taxa só
105	Pesquisadora	e lá não tinha aula de alemão não↓
106	M. A. Agostinho	[pra mim não (.) não tinha não
107	Pesquisadora	[nessa época não né↓
108	M. A. Agostinho	não (.) mas eu não tive chance pra ficar assim
109		(.) sabe (.) procurando as coisa né↓ porque
110		era trabalhar saia do serviço às seis horas da
111		noite (.) ia fazer essas coisas depois (.)
112		vinha embora (.) a gente ia até à pé porque
113		não tinha ônibus (.) chegava em casa ia dormir
114		no outro dia cedo tinha que acordar cedo pra
115		trabalhar (.) então não tive chance né↓ (.)
116		assi::m nem de conversar [com ninguém né↓

117		
118	Pesquisadora	[<u>não era fácil hein</u> (.) aí você tinha que vir
119		à pé de lá↓
120	M. A. Agostinho	É (.) vinha umas duas três a pé
121	Pesquisadora	era muito mato↓
122	M. A. Agostinho	era tudo terra e puro mato né↓
123	Pesquisadora	<u>nossa</u>
124	M. A. Agostinho	quando eu ia estudar no santa Catarina (.)
125		<u>coitada de mim</u> (.) eu ia descalço (.) levava o
126		chinelos pra mim calçar lá porque o pé
127		empoeirava tudo (.) às vezes barro né↓ (.) aí
128		tinha um pano que a gente levava (.) um pano
129		chegava lá limpava o pé e colocava o chinelos
130		(.) porque não tinha como ir de sandália (.)
131		era muita dificuldade assim na vida né↓
132	Pesquisadora	muito barro né↓
133	M. A. Agostinho	muito barro [ma::s
134	Pesquisadora	[eu tava eu tava observando aqui em juiz de
135		fora e ninguém fala alemão mais né↓
136	M. A. Agostinho	[é
137	Pesquisadora	[eu não sei uma palavra (0.5) minha mãe também
138		(.) não minha avó não sabia (.) aí eu fiquei
139		pensando (.) por que será que sumiu né↓ (.) lá
140		no sul tem tanto bairro assim que todo mundo
141		fala né↓ (.) aí você tem alguma idéia (.) por
142		que você acha que a língua sumiu aqui↓ por que
143		que não ficou↓
144	M. A. Agostinho	eu acho que é porque misturou muito (.) [não é
145		só alemão
146	Pesquisadora	[você acha↓
147	M. A. Agostinho	lá no sul deve ser mais é alemães porque as
148		próprias famílias alemãs casam com alemães (.)
149		já ficam aquela - tudo ali (.) então fica tudo
150		ali (.) agora aqui não (.) um descendente de
151		alemão casa com um italiano casa com outro (.)
152		então foi misturando (.) ninguém esquentou a
153		cabeça
154	Pesquisadora	é verdade (.) pode ser
155	M. A. Agostinho	eu acho que é isso né↓ porque lá (.) eu acho
156		que já é colônia mesmo (.) eu sempre assisto
157		missa de - outro dia passou na televisão missa
158		lá do rio grande do sul
159	Pesquisadora	é mesmo↓
160	M. A. Agostinho	É (.) eu vejo sempre (.) então a gente vê que
161		é todo mundo assim (.) parece que é tudo
162		alemão (0.5) aqui misturou muito e foi perdendo
163		as coisa né↓ perdendo a raça né↓ foi
164		misturando muito né↓
165	Pesquisadora	é (.) olha a minha cor (.) ninguém fala que eu
166		sou descendente de alemães né↓ [[risos]] e
167		todo mundo lá em casa é moreno
168	M. A. Agostinho	meu pai por exemplo era descendente de
169		italiano e alemão (.) ele dizia que o pai dele
170		veio da itália com sete anos (.) meu avô pai
171		do meu pai que veio (.) a mãe dele grávida e
172		mais cinco ou seis criança tudo assim de navio
173		né↓ de qualquer je:::ito (.) coitados né↓ não
174		tinha nem condição de vir direito né↓ é só o
175		que eu sei deles né↓ (.) e a minha avó eu não
176		sei nem se ela nasceu aqui ou nasceu lá (.) a

177		<u>gente não sabe boba</u> (.) só se a tia adelina
178		sabe porque eu não sei não
179		mas você é descendente de italianos ou de
180		alemães↓
181		dos dois (.) porque olha só (.) do meu pai a
182		minha avó era thielman e ela casou com
183		agostini italiano (.) só que depois que eles
184		vieram de lá que:: (0.5) nacionalizar que
185		fala↓ pra mudar assim pra brasileiro↓
186		naturalizar eu acho
187		deve ser registrar (.) não sei como que fala
188		(0.5) então eles não ti- ficava muito caro (.)
189		eles não tinham dinheiro (.) então eles
190		preferiram naturalizar brasileiro (.) então
191		ficou <u>agostinho</u> (0.5) tirou o <u>tini</u> pra dizer
192		que não era italiano <u>olha só</u> (.) <u>meu avô</u>
193		ahã::
194		era muito pobre sempre com muita dificuldade
195		né↓ e era assim (.) mas então ele entendia
196		alemão com italiano (.) agora a minha avó era
197		alemã só e a minha mãe já era alemã só
198		você chegou a conhecer seu avô↓
199		ahã ele morreu eu tinha nove anos (.) caiu das
200		máquina lá da ferreira guimarães e quebrou a
201		coluna (.) era três horas da tarde (05) quando
202		foi de madrugada ele morreu
203		trabalhar nessas fábricas devia ser muito
204		perigoso porque não tinha quase equipamento de
205		segurança né↓ (0.5) bom mas acho que é isso
206		(.) obrigada
207		de nada

ANEXO 18

**A. Agostinho (84) & E.G. Keller (63), Entrevista 011,
11/06/2012**

01	Pesquisadora	quantos anos que a senhora tem↓
02	A. Agostinho	eu (.) vou fazer noventa e três
03	Pesquisadora	noventa e três↓ a senhora tá com muita saúde
04		hein dona () ↓ [graças à deus
05	A. Agostinho	[é:: vou fazer em dezembro agora noventa e
06		três (.) tô com noventa e dois
07	Pesquisadora	muita história pra contar né↓
08	A. Agostinho	[ah tem [[sorriso]]
09	Pesquisadora	[[sorriso]] [coisa boa (.) a senhora ouvia
10		dona a. agostinho
11	A. Agostinho	[hein↓
12	Pesquisadora	[a senhora che- ouvia falar alemão quando a
13		senhora era pequena↓
14	A. Agostinho	ah ouvi muito né↓ porque quando a gente era
15		moça solteira tinha uma família alemã que
16		morava assim (.) pertinho da gente né↓ (.)
17		era vizinho mesmo e a gente se dava muito (.)
18		e eles eram família alemã mesmo (.) veio da
19		alemanha (.) só falava alemão e:: então a
20		gente comunicava muito ia muito lá e:: eles
21		conversava assim - as moça já conversava
22		brasileiro né↓ mas os velho as mulher só
23		falava alemão
24	Pesquisadora	[mais velho era alemão só↓ (0.5) e na sua
25		casa↓
26	A. Agostinho	na minha casa a minha mãe era alemã né↓
27		falava alemão (.) agora meu pai era italiano
28	Pesquisadora	e quem que veio da alemanha pra cá da sua
29		família↓ a senhora sabe↓
30	A. Agostinho	da minha família que veio pra cá foi meus
31		avós
32	Pesquisadora	os avós né↓ e a sua mãe falava bem então↓
33	A. Agostinho	ela falava (.) minha mãe falava bem (.) tanto
34		que essa vizinha ela ia muito lá em casa
35		conversava muito (.) e as duas conversava
36		muito (.) tanto que a gente não intindia nada
37		né↓ porque a dona só conversava alemão (.) a
38		minha mãe conversava muito com ela né↓
39		intindia tudo né↓ mas a gente nu::m
40	Pesquisadora	a senhora sabe alguma coisa↓ assi::m alguma
41		palavra↓
42	A. Agostinho	nã::o (.) antigamente eu ainda sabia um
43		bucadinho quando eu era mais nova (.) só que
44		eu esqueci
45	Pesquisadora	mas a sua mãe não conversava com você em
46		alemão não↓
47	A. Agostinho	nã::o
48	Pesquisadora	era só português↓
49	A. Agostinho	só português (.) porque a minha mãe era
50		brasileira né↓ mas ela conversava porque os
51		pais dela - o pai dela conversava muito em
52		alemão porque ele veio da alemanha então
53	Pesquisadora	a senhora sempre morou aqui no borboleta↓
54	A. Agostinho	eu sempre morei aqui no borboleta (.) não

55		nessa casa né↓ morava lá na rua
56	Pesquisadora	mais pra lá↓
57	A. Agostinho	ahã
58	Pesquisadora	e qual que é a religião da senhora↓
59	A. Agostinho	minha religião é católica né↓
60	Pesquisadora	sempre foi↓
61	A. Agostinho	sempre foi
62	Pesquisadora	e a senhora chegou a assistir missa em
63		alemão↓
64	A. Agostinho	não
65	Pesquisadora	não↓ (.) já não tinha mais não↓
66	A. Agostinho	bom (.) ter tinha né↓ até essa família que
67		morava aqui eles iam muito (.) mas a gente
68		nunca
69	Pesquisadora	e tinha aqui no borboleta↓
70	A. Agostinho	ah aqui acho que não tinha não (.)
71		antigamente não tinha nada aqui no borboleta
72		assim de alemão não (.) tinha lá onde eles
73		faziam - lá embaixo que tinha a igreja na:: e
74		tinha o salão lá que eles falavam kinder
75		(0.5) lá onde que o pessoal trabalha (0.5)
76		como é que chama ali↓ (0.5) ali (.) eu não
77		sei se ainda - tem a igreja ali (.) que as
78		menina casaram tudo ali
79	E.G. Keller,	a:: a igreja do protestante (.) é ali na rua
80		dom pedro (.) [sabe a dom pedro↓ aquela
81		igrejona protestante↓ é ali que tinha os
82		culto alemão
83	Pesquisadora	[a:: a igreja luterana
84	A. Agostinho	e ali tinha um salão de tudo de alemão (.)
85		assim nas festa assim (.) nas páscoa eles
86		fazia muita festa e:: eles escondia -
87		antigamente usava dar muito ovinho pras
88		criança né↓
89	Pesquisadora	aqueles ovinhos pintadinhos né↓
90	A. Agostinho	pintadinho (0.5) eles escondia (0.5) eu
91		cheguei a ir naquelas festa lá (.) umas vez
92		fui com aquele pessoal lá (.) eles levavam a
93		gente né↓ eles escondia assim (.) fazia os
94		ninho e mandava as criança procurar
95	E.G. Keller	[a minha mãe fazia
96	Pesquisadora	a sua mãe fazia↓ que legal hein↓
97	A. Agostinho	eles punha balinha ali dentro né↓ e era uma
98		festa boa mesmo que eles fazia
99	E.G. Keller	a gente ia guardando as casquinha o ano
100		inteiro entendeu↓ e depois limpava direitinho
101		pra tirar aquele cheirinho de ovo (.) e
102		depois cortava paninho papelzinho colorido
103		colocava balinha naquele buraquinho e depois
104		passava cola
105	Pesquisadora	que legal↓ vou fazer isso com a minha
106		filhinha ela vai adorar procurar ovinho
107		[[risos]] a senhora sabe fazer alguma comida
108		típica lá da alemanha↓
109	A. Agostinho	a gente costumava fazer assim macarronada né↓
110		fazia a massa e depois abria sabe↓
111	Pesquisadora	ahã (.) chucrute assim não↓
112	A. Agostinho	não
113	Pesquisadora	vinho↓
114	A. Agostinho	quem fazia muito vinho era o meu pai né↓

115		fazia muito vinho de laranja
116	Pesquisadora	devia ser bom né↓
117	A. Agostinho	antigamente quando a gente morava lá em cima
118		tinha uma chácara muito grande (.) então eles
119		panhava um saco de laranja pegava uma tina
120		pregava uns preguinho comprava aquele açúcar
121		escuro
122	Pesquisadora	[[mascavo↓
123	E.G. Keller	[[mascavo
124	A. Agostinho	mascavo né↓ mas eu não sei como é que faz não
125		(.) mas demorava uns dia né↓ não sei quantos
126		dia não
127	E.G. Keller	eu e a minha irmã nós fazemos almoço alemão
128		todo ano
129	Pesquisadora	vocês fazem↓
130	E.G. Keller	nós fazemos (.) porque a minha sobrinha ela é
131		casada e ela tem uns amigos sabe↓ os amigo
132		dela é doido nessas comida aí (.) todo ano eu
133		e a minha irmã faz (0.5) eles compra os
134		barril de chope vem pra cá (.) a minha irmã
135		vem pra cá [[na quinta-feira
136	Pesquisadora	[[o que que vocês fazem↓
137	E.G. Keller	a gente fala - eu não sei muito bem alemão
138		também não (.) eu falo assim comum né↓ mas a
139		gente faz joelho de porco (.) a gente faz
140		salada de batata
141	Pesquisadora	a:: tá (0.5) a senhora chegou a estudar↓
142	A. Agostinho	eu estudei só até o quarto ano né↓
143	Pesquisadora	e qual escola que a senhora estudou↓
144	A. Agostinho	eu estudei aqui mesmo né↓ antigamente a gente
145		estudava aqui mesmo né↓ porque depois que a
146		gente fez catorze ano não tinha mais condição
147		de estudar né↓ e nem diploma a gente tirou
148		(.) só um atestado né↓ no quarto ano né↓
149		depois eu fui [trabalhar né↓
150	Pesquisadora	[tinha que trabalhar né↓
151	A. Agostinho	trabalhava na fábrica né↓ que antigamente não
152		tinha esse negócio de - mas elas ((as
153		filhas)) estudaram né↓
154	Pesquisadora	já tiveram mais oportunidade né↓
155	A. Agostinho	já tiveram mais oportunidade
156	Pesquisadora	nessa escola que a senhora estudou tinha aula
157		de português↓
158	A. Agostinho	só de português né↓
159	Pesquisadora	não tinha de alemão não↓
160	A. Agostinho	não (.) antigamente as professora que dava
161		aula aqui vinha lá de baixo né↓ dava aula
162		aqui
163	Pesquisadora	e a senhora chegou a ouvir muita história de
164		- dos seus antepassados (.) de quem veio↓
165	A. Agostinho	o quê↓
166	Pesquisadora	histórias (.) assim (.) que a sua avó contava
167		de quem veio da alemanha pra cá↓ a senhora
168		chegou a ouvir↓
169	A. Agostinho	[a::
170	Pesquisadora	[como que foi↓
171	A. Agostinho	não (.) num teve isso não (.) quem veio da
172		alemanha pra cá foi só meu avô né↓ e ele não
173		era muito assim de:: de conversar não
174	Pesquisadora	sobre isso não↓

175	A. Agostinho	não
176	Pesquisadora	acho que é só isso dona () (.) a senhora
177		me ajudou muito (.) obrigada
178	A. Agostinho	[[sorriso]]

ANEXO 19

O. L. Scheffer (66), Entrevista 012, 14/07/2012

01	Pesquisadora	e qual que é a idade da senhora↓
02	O. L. Scheffer	sessenta e seis anos
03	Pesquisadora	sessenta e seis↓ e vc ouvia muito falar alemã
04		na sua casa↓ [como é que era↓
05	O. L. Scheffer	[não (.) o meu papai que falava alemão (.)
06		mas a minha mãe não falava (.) então não
07		tinha como conversar
08	Pesquisadora	entendi
09	O. L. Scheffer	entendeu↓
10	Pesquisadora	e avô avó (.) você lembra↓
11	O. L. Scheffer	não (.) porque a minha avó quando eu comecei
12		é:: - ter uns seis anos ela morreu (.) e os
13		outros antes de eu nascer já tinha morrido
14	Pesquisadora	e na rua (.) na vizinhança assim (.) você
15		lembra de alguém que falava↓ (.) você ouvia
16		conversar↓
17	O. L. Scheffer	não não (.) muito difícil
18	Pesquisadora	não↓ e você sabe falar alguma coisa alguma
19		palavra↓
20	O. L. Scheffer	[não não (.) só português muito mal né↓
21		[[risos]]
22	Pesquisadora	então tá igual eu [[risos]] alguém da sua
23		família sabe falar↓
24	O. L. Scheffer	Não (.) ninguém da minha família sabe falar
25		não
26	Pesquisadora	não né↓ (0.5) e qual que é a religião da
27		senhora
28	O. L. Scheffer	católica
29	Pesquisadora	sempre foi↓
30	O. L. Scheffer	sempre foi (.) nascido e criado na católica
31	Pesquisadora	e a senhora chegou a assistir alguma missa em
32		alemão↓
33	O. L. Scheffer	não (.) eu assisti em em latim
34	Pesquisadora	latim↓ mas pregação em alemão [não né↓
35	O. L. Scheffer	[alemã não
36	Pesquisadora	já não tinha não↓
37	O. L. Scheffer	não (.) porque o padre antigamente eles não
38		falava pai nosso não (.) era padre nosso (.)
39		você deve ter livro na sua casa que tá
40		escrito assim (.) e o padre em vez de
41		celebrar de frente pra gente (.) celebrava de
42		costa
43	Pesquisadora	ah ta:: devia ser difícil né↓ assistir missa
44		sem entender↓
45	O. L. Scheffer	é (.) a gente não entendia nada
46	Pesquisadora	você chegou a estudar↓
47	O. L. Scheffer	eu tenho o ensino médio ué
48	Pesquisadora	e:: você estudou onde?
49	O. L. Scheffer	eu estudei até a quarta série no ademar de
50		barros (.) em são pedro [[o nome é ademar
51		rezende]] (0.5) depois eu fui pro - com
52		cinquenta anos que eu voltei pra sala de aula
53		(.) aí eu fiz a quinta a sexta a sétima e a
54		oitava no santos dumont (0.5) [aí depois eu

55		fiz o o primeiro e o segundo do ensino médio
56		no são vicente e o segundo e o terceiro no
57		dom orione junto com a minha filha (.) nós
58		formamos junto
59	Pesquisadora	[a:: que legal (.) eu admiro assim quem volta
60		a estudar (.) é tão importante né↓
61	O. L. Scheffer	aí ela tentou o vestibular e eu também tentei
62		mas os ponto foram muito poucos pro que eu
63		queria (.) que eu queria fazer medicina (.)
64		meu sonho era fazer medicina (.) ainda é
65		sabe↓ ainda é (.) eu ainda não morri
66	Pesquisadora	<u>com certeza</u> (.) você ainda tem muito tempo
67		pela frente
68	O. L. Scheffer	eu amo colégio sabe↓
69	Pesquisadora	é uma vocação né↓ e quando você estudou
70		quando era pequena (.) tinha alemão na sua
71		escola↓
72	O. L. Scheffer	não (.) não tinha não (.) eu estudava foi com
73		a nanana e com a dona didu e a do terceiro
74		ano foi a dona conceição (.) e a do quarto
75		ano foi a dona nezinha
76	Pesquisadora	e a senhora sabe quem da sua família que veio
77		da alemanha↓
78	O. L. Scheffer	foram os meus bisavós (.) já o meu avô já foi
79		nascido no brasil
80	Pesquisadora	e a senhora sabe de que região de lá que eles
81		vieram↓
82	O. L. Scheffer	foi de uma encosta que tinha (0.5) que foi na
83		época que teve a:: uma guerra (.) então eles
84		vieram refugiados de lá pra cá [entendeu↓
85	Pesquisadora	[entendi (.) e você sabe cozinhar alguma
86		coisa lá da alemanha↓ coisa típica assim de
87		lá↓
88	O. L. Scheffer	Não (.) não sei não porque a única comida que
89		a gente come é mesmo que muita gente faz
90	Pesquisadora	[de todo dia↓
91	O. L. Scheffer	de todo dia (.) porque tem muita gente que
92		faz alguns prato alemão (0.5) o pão né↓ o pão
93		até que faz mas o resto
94	Pesquisadora	o pão você sabe fazer↓
95	O. L. Scheffer	eu faço (.) mas o pão alemão mesmo é feito no
96		forno a lenha pra ele ficar mesmo o pão
97		alemão (.) aí tem que <u>ter um forno</u> (0.5) pra
98		poder fazer (.) agora você fazer no fogão a
99		gás já não fica aquele pão igual (.) pode
100		tentar que não consegue
101	Pesquisadora	e você escutava - chegou a escutar assim (.)
102		muita história de quando eles vieram de lá
103		pra cá↓ da sua família↓
104	O. L. Scheffer	eles contaram que quando vieram de lá vieram
105		três irmãos e uma irmã (.) e um irmão morreu
106		na viagem (.) porque eram quatro entendeu↓
107		(.) aí só ficaram os quatro (.) os três
108		homens e uma irmã (.) já os pais já ficou pra
109		lá não teve nem notícia nem comunicação
110	Pesquisadora	nunca mais↓
111	O. L. Scheffer	não (.) nunca mais (.) agora onde tem muito
112		alemão com a mesma assinatura da gente é em
113		santa catarina e no rio grande do sul (.) é
114		só entrar na internet que acha (.) agora eu

115		não sei se vieram depo::is (.) a gente não
116		sabe
117	Pesquisadora	olha que legal (0.5) e:: como que era o
118		acesso ao centro da cidade, à cidade mesmo
119	O. L. Scheffer	[era a pé ué
120	Pesquisadora	era muito difícil,
121	O. L. Scheffer	era mu:ito difícil (.) tinha de ir à pé pra
122		cidade e voltar (.) não tinha ônibus (.) não
123		tinha nada (.) era carroça de animal assim
124	Pesquisadora	e era muito longe,
125	O. L. Scheffer	o mesmo itinerário ué (.) saia lá de cima e
126		parava lá em baixo
127	Pesquisadora	mas não tinha estrada né,
128	O. L. Scheffer	não (.) a gente ia de ataió né, aí depois
129		começou a ter as estrada aí (.) depois quem
130		colocou o primeiro ônibus foi o João Rosa né,
131		(.) aí era de hora em hora (.) ônibus véi (.)
132		vivia só quebrado
133	Pesquisadora	mas antes disso era só à pé,
134	O. L. Scheffer	só à pé
135	Pesquisadora	e tinha muito barro, muito::
136	O. L. Scheffer	muito barro né, quando chovia era muito barro
137		(.) quando tinha seca era muita poeira né,
138	Pesquisadora	mas assim (.) o que que eu estou pesquisando
139		mesmo (0.5) porque a gente vê lá no sul (.)
140		no espírito santo também tem né, bairros
141		inteiros [que falam alemão
142	O. L. Scheffer	[é (.) lá fala (.) é
143	Pesquisadora	e aqui a gente teve tanto descendente e <u>sumiu</u>
144		(.) então eu to querendo descobrir porque que
145		essa língua sumiu (.) por que que (0.5) [por
146		que você acha,
147	O. L. Scheffer	[por esse motivo (.) porque quando o pai e a
148		mãe fala alemão os filho aprende né, qualquer
149		tipo de língua (.) mas se um fala o outro não
150		sabe nada não tem como conversar (.) e assim
151		foi ó (.) a família Munck é alemão (.) Müller
152		Schuchter é alemão (.) Hagler (.) Weiss é::
153		(.) mu::itas família alemã mas ninguém
154		progrediu por esse motivo (.) porque vão
155		supor (.) você fala alemão mas seu marido não
156		fala (.) então você vai conversar com quem,
157		não tem como (.) você tem que falar aquilo::
158	Pesquisadora	mas você acha que é porque eles casavam com
159		brasileiro, casavam com italiano, assim
160	O. L. Scheffer	é (.) casavam com brasileiro (.) porque os
161		que vieram de lá era poucos entendeu, é igual
162		na época da escravidão (.) quem vieram pra cá
163		foram os portugueses (.) com quem eles ficava,
164		com os índio (.) com as índia (.) aí depois
165		trouxeram a raça negra (.) aí já mestiçou
166		misturou as três raça (.) você pode ver que a
167		maior parte do Brasil é mestiço (0.5) você
168		[entra numa sala de aula e olha se não é
169	Pesquisadora	[todo mundo né,
170	O. L. Scheffer	é difícil você ver uma pessoa que é
171		praticamente só aquela raça (.) ou só
172		italiano ou só alemão ou só português
173	Pesquisadora	[é muito difícil
174	O. L. Scheffer	[não tem isso (.) porque sempre se tem o

175		português - igual a minha mãe por exemplo (.)
176		ela ela saiu bem alemão porque a minha mãe
177		era prima-irmã do meu pai entendeu, o meu avô
178		era irmão do meu outro avô você entendeu, e a
179		minha avó era prucker ((Brugger)) alemã e o
180		da outra avó era dilly (0.5) então era bem
181		sangue de alemão entendeu, bem sangue de
182		alemão (.) mas a maior parte já foi
183		misturando né↓
184	Pesquisadora	então você acha que é porque [misturou muito↓
185	O. L. Scheffer	[misturou (.) misturou (.) não tem como né↓ é
186		igual você chega numa sala de aula (.) você
187		tem que ir ensinando e traduzindo as coisas
188		né↓
189	Pesquisadora	entendi (0.5) então acho que é só isso mesmo
190		(.) <u>obrigada</u>
191	O. L. Scheffer	de nada

ANEXO 20

H. Brandel (84) & A. M. Machado (63), Entrevista 013, 17/06/2012

01	Pesquisadora	quantos anos que a senhora tem agora↓
02	Pesquisadora	quando a senhora era pequena a senhora escutava
03		muito falar alemão↓ (0.5) você lembra↓
04	H. Brandel	não lembro minha filha
05	Pesquisadora	não lembra↓
06	H. Brandel	porque a minha mãe não falava muito alemão né↓
07		só se os outros conversavam com ela (.) eu não
08		lembro
09	Pesquisadora	na sua casa assim (.) não falavam não↓
10	H. Brandel	não não
11	Pesquisadora	na rua↓
12	H. Brandel	não
13	Pesquisadora	não↓ também não escutava não↓
14	H. Brandel	não
15	Pesquisadora	e a senhora sabe falar alguma coisa↓
16	H. Brandel	não (.) nada nada [[risos]]
17	Pesquisadora	<u>ihh então tá igual eu dona h (.) também nada</u>
18		<u>nada nada [[risos]]</u>
19	H. Brandel	mas agora nem nas aula não↓ você não fala↓
20	Pesquisadora	to tentando (.) mas ta difícil é de ter tempo
21		dona h pra fazer [[risos]]
22	H. Brandel	quem sabia falar alguma coisa de alemão já foi
23		tudo né?
24	Pesquisadora	é dona h↓ e a senhora sabe quem da sua família
25		que veio lá da alemanha↓
26	H. Brandel	não (.) nenhum não veio [[ficou confusa]] a
27		única acho que veio acho que foi a pazhana né↓
28		a dos clotes ((göths)) né↓ não tem aquela
29		capelinha da boa viagem↓ diz que os otros que
30		fizeram promessa que ia construir ali quando
31		chegasse né↓ aquela capelinha é bem velha né↓
32	A. M. Machado	é:: quase cem ano
33	Pesquisadora	<u>nossa (.)</u> e a senhora chegou a estudar↓
34	H. Brandel	a:: estudava aí (.) na escola aí
35	Pesquisadora	estudava na escola↓
36	H. Brandel	não tinha tempo [[risos]]
37	Pesquisadora	quando dava né dona h ↓ [[sorriso]]
38	H. Brandel	não (.) porque meu pai morreu cedo né↓ a minha
39		mãe não tinha nem um inps (.) a gente que tinha
40		que trabalhar pra comer
41	Pesquisadora	mas era assim mesmo né↓ era tudo muito difícil
42		né↓ a senhora teve que trabalhar cedo
43	H. Brandel	pra fora a gente nunca trabaioi não (.) era só
44		em casa (.) lavava roupa pra fora [lavava muita
45		muita roupa
46	Pesquisadora	[entendi (.) aí ganhava um dinheirinho
47	H. Brandel	tinha vez que <u>levantava de madrugada pra passar</u>
48		<u>roupa</u>
49	A. M. Machado	e as roupas ia no cavalo
50	Pesquisadora	ia no cavalo↓
51	A. M. Machado	punha as roupa no cavalo dentro dos balaio
52	Pesquisadora	era muito difícil de chegar lá em baixo↓
53	A. M. Machado	era (.) agora é universidade ali (.) dom bosco
54		(.) mas antes era carlos monteiro que eles

55		falavam né↓
56	H. Brandel	era ali que nós passava né↓ era só aquele
57		trilho que tinha né↓
58	Pesquisadora	tinha muito barro (.) essas coisas assim↓
59	H. Brandel	nossa senhora (.) aquele que eles falam morro
60		do carlos monteiro (.) que todo mundo falava
61		né↓ aquilo quando chuvia a gente tinha até que
62		agarrar nos mato pra poder subir
63	Pesquisadora	nossa senhora
64	H. Brandel	inda levava roupa nas costas
65	Pesquisadora	a senhora (.) quando estudou (.) a senhora
66		lembra se na sua escola ensinava alemão↓
67	H. Brandel	não
68	Pesquisadora	não né↓ só português
69	H. Brandel	hein↓
70	Pesquisadora	só português↓ só a nossa língua↓ (0.5) [e qual
71		que é a religião da senhora↓
72	H. Brandel	é (.) [católica
73	Pesquisadora	católica↓ sempre foi↓
74	H. Brandel	sempre foi (.) toda a vida
75	Pesquisadora	a senhora chegou a ouvir alguma missa que o
76		padre falasse em alemão↓
77	H. Brandel	não
78	Pesquisadora	só latim né↓
79	H. Brandel	é (.) eu não lembro (.) tem muito tempo
80	Pesquisadora	tem muito tempo né dona h↓ (0.5) mas acho que é
81		só isso mesmo (.) obrigada viu↓

ANEXO 21

M. C. Damasceno (84), Entrevista 014, 19/06/2012

01	Pesquisadora	e qual que é a sua idade?
02	M. C. Damasceno	oitenta e quatro anos
03	Pesquisadora	deixa eu perguntar para a senhora (0.5) a
04		senhora ouvia muito falar alemão quando a
05		senhora era pequena? (.) como é que era?
06	M. C. Damasceno	elas falava ma- elas falava muito (0.5) e não
07		deixava a gente ficar perto não [mandava nós
08		ir brincar
09	Pesquisadora	[quem que conversava?
10	M. C. Damasceno	[ah elas
11	Pesquisadora	[sua mãe sua avó assim?
12	M. C. Damasceno	não (.) a mamãe [não conversava
13	Pesquisadora	[não?
14	M. C. Damasceno	[nem a minha avó julia não conversava em
15		alemão (-) só a vó véia a vó mila (0.5) a vó
16		mila é que conversava demais (.) aquele
17		saiote embaixo né? (.) andava com um tamancão
18		(.) [ela morreu com oitenta e seis ano
19	Pesquisadora	[aí elas conversava na rua assim?
20	M. C. Damasceno	ah quando encontrava
21	Pesquisadora	é? só alemão?
22	M. C. Damasceno	só em alemão que elas conversava(.)as amiga
23		lá (0.5) aí quando era no no dia do domingo
24		de ramo eu - nós ia com a vovó na igreja são
25		mateus benzê ramo tinha que levá aqueles
26		pedaço de ramo gra::nde não podia ser pequeno
27		não (.) minha vó sempre era exagerada né?
28	Pesquisadora	[[risos]]
29	M. C. Damasceno	lá ia nós com aquele ramo toda cheia de vida
30		(.) um tostão e duzentos réis na mão amarrado
31		no lenço (0.5)e:: chegava lá na igreja eu não
32		podia entrar na igreja <u>minha filha</u> que quando
33		o padre botava aquele incenso eu passava mal
34		(.) era abanar o incenso e eu <u>puf</u> (.)
35		desmaiava (0.5) bati no banco pra baixo - fui
36		cedo também né? (.) e era demorada a missa em
37		são mateus né? bati e deu aquele galo assim
38		na cabeça né? aí a vovó com aquela saia
39		segurando aquela saia dela (.) assim (.) me
40		levou pra fora né? aí as dona abanando né? aí
41		eu melhorei (.) mas depois não entrei mais
42		pra dentro da igreja não (.) fiquei sentada
43		lá na porta da igreja [[risos]]
44	Pesquisadora	depois desmaiava de novo né? [[risos]]
45	M. C. Damasceno	mas era eu entrar quando tinha coisa (.) [que
46		e::u
47	Pesquisadora	[tinha incenso
48	M. C. Damasceno	mas o mico era na sexta feira da paixão (0.5)
49		nós descia ali pelo martinho da câmara lá
50		ali onde é a universidade hoje né? e saia ali
51		no carlos monteiro no meio daquelas mata lá
52		(.) aí nós ia lá na santa casa ver o nosso
53		senhor morto né? então a gente levava
54		duzentos réis trocava a troco de um tostão
55		botava os duzentos réis lá nos pés do nosso
		senhor e tirava um tostão pra gente (.) todo

56		mundo fazia isso (.) diz que era pra sempre
57		ter fartura em casa né↓ mas nós morria de
58		medo porque o nosso senhor - eles botava um
59		cabelo nele assim (.) ficava com um cabelo
60		grande assim né↓ ai mas que medo de chegar
61		perto do nosso senhor [que medo que nós
62		tinha [[risos]]
63	Pesquisadora	[[risos]] pra quê aquele cabelo né↓
64	M. C. Damasceno	pra que aquele cabelo [[risos]] hoje não tem
65		mais isso que era não
66	Pesquisadora	a senhora chegou a assistir alguma missa em
67		alemão↓
68	M. C. Damasceno	olha eu já fui na missa em alemão (.) mas eu
69		não entendi nada (.) mas foi dos protestante
70	Pesquisadora	quando a senhora era pequena↓
71	M. C. Damasceno	não mesmo depois de grande eu já fui lá e::m
72		mar de espanha lá na igreja de lá de
73		protestantem(.) que eu ia com a minha cunhada
74		né↓ porque quando tinha festa de são pedro
75		depois era a de lá né↓ a festa da colheita
76		né↓ muitas vez eles conversava muito em
77		alemão
78	Pesquisadora	aqui a senhora não lembra de ter assistido
79		não↓
80	M. C. Damasceno	não
81	Pesquisadora	e a senhora não entendia nada↓
82	M. C. Damasceno	não (.) a missa antigamente era em latim né↓
83		agora nem sei mais se tem em latim
84	Pesquisadora	e a senhora sabe alguma co::isa alguma
85		palavra em alemão (.) alguma coisa assim↓
86	M. C. Damasceno	não
87	Pesquisadora	perdeu tudo né↓ eu também não sei nada
88	M. C. Damasceno	eu lembro que a vovó chegava e falava [] era
89		merda no chapéu [[risos]]e:: [guten morgen]
90		que ela cumprimentava né↓ isso eu lembro (.)
91		assim (.) mas o que que era a gente também
92		não entendia né↓
93	Pesquisadora	e rezar↓
94	M. C. Damasceno	rezar não (.) rezar era [só o português mesmo
95	Pesquisadora	[era só o português mesmo↓
96	M. C. Damasceno	pai nosso ave maria o creio em deus padre
97		salve a rainha (.) creio em nosso senhor
98		jesus cristo
99	Pesquisadora	a senhora chegou a estudar↓
100	M. C. Damasceno	eu estudei até o terceiro ano primário
101	Pesquisadora	é↓ aonde↓
102	M. C. Damasceno	em são pedro
103	Pesquisadora	lá onde é o ademar rezende↓
104	M. C. Damasceno	é minha professora chamava adelaide dona
105		adelaide né↓ ela morava na hoje é rua itália
106		- não hoje é oswaldo aranha era rua Itália
107		(.) ela dava aula para o primeiro segundo e
108		terceiro ano
109	Pesquisadora	tudo junto↓
110	M. C. Damasceno	tudo junto era uma professora (.) só (.) aí::
111		o que é que tinha de um lado↓ (.) os meninos
112		tinha na parede um cabide para eles pendurar
113		os boné (.) os chapéu né↓ que eles usavam
114		muito chapéu né↓ e do lado de cá as meninas
115		de duas em duas né↓ sentada nas carteira

116		(0.5) no dia que fazia as provas a gente dava
117		dez tostões e ela [[a professora]] fazia
118		aqueles papel almaço assim (.) e amarrava um
119		laço de fita (0.5) um ano era verde outro ano
120		era vermelha (.) verde e amarela (.) nos três
121		anos que eu estudei (.) quem quis continuar a
122		estudar foi lá para o fernando lobo
123	Pesquisadora	a senhora não pôde ir não!
124	M. C. Damasceno	eu não porque eu tive que trabalhar né! (0.5)
125		o que que a gente levava de merenda! (0.5) ia
126		descalço (.) a saia era tingida de saco e a
127		blusa era branca de saco e descalço (.) ou
128		então ia de tamanco (.) não tinha esse
129		negócio de sapato não (.) quando tinha
130		mexerica essas coisa a gente levava num
131		saquinho de sal puxava um barbante e segurava
132		e levava (.) não tinha esses negócio de
133		manteiga margarina não (.) tinha que passar é
134		gordura de porco e passava açúcar por cima
135		assim e levava a merenda assim (.) um
136		pedacinho de pão assim
137	Pesquisadora	passava um aperto danado
138	M. C. Damasceno	passava um aperto danado
139	Pesquisadora	a senhora ajudava a lavar roupa!
140	M. C. Damasceno	Lavava (.) já lavei muito roupa (.) a mamãe
141		lavava roupa e costurava né!
142	Pesquisadora	e deixa eu perguntar para a senhora (.) na
143		sua escola não ensinava alemão não! só
144		português!
145	M. C. Damasceno	não
146	Pesquisadora	é mesmo!
147	M. C. Damasceno	lá não tinha (0.5) olha lá (.) cê pensa que
148		tinha assim toma esse livro de matemática
149		esse e esse esse e esse! não (.) a gente
150		levava - a gente:: chamava - pedra (0.5) os
151		outros chamava lousa (.) era desse tamanho
152		assim (.) levava um giz ou um lápis de pedra
153		mesmo e fazia as conta tudo ali (.) cada um
154		fazia as conta e a professora via se tava
155		certo
156	Pesquisadora	sei
157	M. C. Damasceno	e lá tinha a biblioteca (.) tinha muita
158		quantidade de livro (.) a gente usava
159		cartilha tinha tudo lá (.) e aí cê pegava
160		qualquer livro que cê quisesse
161	Pesquisadora	era tudo em português os livros da
162		biblioteca!
163	M. C. Damasceno	era tudo em português
164	Pesquisadora	a senhora lembra se tinha algum em alemão!
165	M. C. Damasceno	não num tinha não
166	Pesquisadora	a senhora sabe quem da sua família que veio
167		lá da alemanha!
168	M. C. Damasceno	não (.) a vovó não veio da alemanha
169	Pesquisadora	não!
170	M. C. Damasceno	se veio - a mãe da vovó não sei (.) porque a
171		gente não conheceu né!
172	Pesquisadora	naquela época quem falava alemão eram só os
173		mais velhos (.) ou a senhora acha que tinha
174		gente nova que falava também!
175	M. C. Damasceno	só os mais velho (.) hoje em dia é que tem

176		aula e se precisa aprende né↓
177	Pesquisadora	porque a gente não vê ninguém mais falar né↓
178		(0.5) por que que a senhora acha que sumiu [a
179		língua↓
180	M. C. Damasceno	[porque os antigo foram tudo morrendo né↓
181		essa gente dos munga [[sobrenome original
182		munck]] lá tudo era alemã né↓ tudo conversava
183		né↓ em alemão (.) mas foram tudo acabando
184		tudo morrendo (.) sumiu o pessoal - o pessoal
185		do stefan do stefano [[sobrenome original
186		stephan]] aquela gente (.) uns morreram
187		outros sumiram (.) pouca gente aqui em são
188		pedro a gente conhece porque aqui não tem
189		mais essa gente antiga acabou tudo né↓ (0.5)
190		aqui nesse:: nesse:: terreno aqui pra diante
191		aonde é do bené (.) de cima em baixo era
192		pasto (.) aquilo era uma cerca de arame e as
193		divisa era um vale e porteira (.) e a
194		porteira:: - passava as japonesa que [morava
195		ali na::
196	Pesquisadora	[japonesa↓ <u>olha que legal</u>
197	M. C. Damasceno	é (.) elas passava com aqueles cavalo bonito
198		- <u>japonesa não</u> era:: <u>inglesa</u> elas passava cum
199		aqueles chapéu bonito na cabeça né↓ a gente
200		corria pra abrir o portã - a porteira e (.)
201		elas jogava duzentos réis pra gente né↓ e a
202		gente gostava de ver elas passar a cavalo né↓
203		porque elas era muito chique sabe (.) elas
204		passava a cavalo ali (0.5) o jãozinho ele
205		morreu solteiro também (.) seu tio né↓ o
206		joãzinho morava aqui em cima ele também vinha
207		lá de cima sentava ali e ficava esperando as
208		japo- as inglesa passar [[risos]]
209	Pesquisadora	[[risos]] pra ele ganhar um dinheirinho↓
210	M. C. Damasceno	[[risos]] pra ele ganhar um dinheirinho
211	Pesquisadora	e pra chegar lá na cidade era muito difícil↓
212	M. C. Damasceno	Era (.) porque a gente ia à pé
213	Pesquisadora	é mesmo↓
214	M. C. Damasceno	à pé (.) com cria::nça (.) depois de a gente
215		casado mesmo eu já fui muito à pé na cidade
216		(.) aqui não tinha o carro - que tinha aqui
217		em são pedro era do meu padrinho aí (.) um
218		ford uma caminhonete azul
219	Pesquisadora	mas isso bem mais tarde né↓
220	M. C. Damasceno	é
221	Pesquisadora	quando a senhora era pequena era só à pé
222		mesmo né↓
223	M. C. Damasceno	só (.) à pé que a gente ia pra todo lugar
224	Pesquisadora	era muito barro↓ muita coisa assi::m
225	M. C. Damasceno	barro em quantidade (.) a gente levava nem
226		era bolsa que a gente tinha não (.) era um
227		bornal (.) botava um pedaço de pano véi
228		[dentro do bornal
229	Pesquisadora	[alguém me falou que tinha até que segurar
230		nos matos pra descer (.) é isso mesmo↓ [era
231		tudo barranco assim↓
232	M. C. Damasceno	[e::ra] escorregava (.) porque naquele morro
233		tinha muita pedra naquele morro lá pra baixo
234		(.) ali antes de chegar no carlos monteiro
235		tinha uma pedra enorme ali (.) quando armava

236		muita chuva a gente escondia lá debaixo (.)
237		acho que aquela pedra ainda existe lá
238	Pesquisadora	não tinha estrada nenhuma nenhuma!
239	M. C. Damasceno	não (.) era só pedra pedra e água essa mina
240		d'água que tem ali na universidade toda vida
241		a gente usou aquela mina d'água ali (.) a
242		gente parava ali pra beber água e tinha um
243		trilho que a gente saia pelo caminho da
244		serrinha e o outro que a gente saia pelo
245		carlos monteiro (.) saia na padre café e
246		chegava lá em baixo nas bica d'água onde as
247		dona tava lavando roupa a gente lavava o pé
248		calçava o tamanco ou o sapato que tinha que
249		calçar e descia a padre café (.) tomava o
250		bonde (.) pra não dizer que ia à pé ia de
251		bonde [[risos]]
252	Pesquisadora	[[risos]]
253	M. C. Damasceno	o condutor ia (.) <u>faz favor faz favor</u>
254		[[risos]] e a gente ia <u>sentado</u> até na estação
255		de bonde
256	Pesquisadora	até pegar já tinha andado pra caramba
257		[[risos]]
258	M. C. Damasceno	é:: [[risos]] era um bonde grande né! e os
259		pequeno ia pra santa terezinha e pro bairro
260		fábrica (.) era bom toda vida [[risos]]
261	Pesquisadora	eu imagino como devia ser legal
262	M. C. Damasceno	olha eu vou dizer a verdade (.) eu aproveitei
263		muito a minha vida (.) mas na casa dos outros
264		né! sempre trabalhando em casa de família né!
265		eu só vinha em casa uma vez por mês (.) aí
266		depois que eu comecei a namorar meu marido
267		que ela me liberou de vir todo final de
268		semana na casa da mamãe
269	Pesquisadora	e a senhora lembra se na época da guerra teve
270		muita perseguição aos alemães aqui!
271	M. C. Damasceno	se eu lembro! eu lembro que na época da
272		guerra o meu irmão o zé era pequenininho e
273		então - até que um comandante lá deu uma
274		medalhinha de são josé pra ele (0.5) eu
275		lembro que papai saiu aí de madrugada com ele
276		pra caçar gente por aí pra levar pra guerra
277		(.) agora dessa segunda guerra aí que teve o
278		meu marido ia pra guerra (.) ele já tinha
279		dado baixa mas foi chamado pra ir na guerra
280		(.) mas sei que chegou na hora e ele foi só
281		até são joão del rey e voltou (.) não sei por
282		quê não foi preciso ir não
283	Pesquisadora	<u>Ufa</u> (.) que alívio hein! mas não vinha aqui
284		soldado na casa dos alemães pra ver!
285	M. C. Damasceno	não (.) nem passou aqui em casa não
286	Pesquisadora	não veio não!
287	M. C. Damasceno	não não (.) passou aqui em casa não
288	Pesquisadora	Bom (.) acho que é só isso (.) obrigada

ANEXO 22

P. I. Gerheim (79), Entrevista 015, 23/06/2012

01	Pesquisadora	qual que é a sua idade↓
02	P. I. Gerheim	setenta e nove anos
03	Pesquisadora	o senhor ouvia muito falar em alemão quando
04		você era pequeno↓
05	P. I. Gerheim	não nem minha avó não falava em alemão (.)
06		minha avó por parte da minha mãe falava (.)
07		mas eles não falavam em alemão que minha avó
08		não queria conversar (.) eles sabia todos os
09		dois meu avô e minha avó por parte da minha
10		mãe falavam de vez em quando (.) eu escutava
11	Pesquisadora	por que você acha que ela não gostava de
12		conversar↓
13	P. I. Gerheim	não eles num - não queriam conversar
14	Pesquisadora	não queriam↓
15	P. I. Gerheim	da parte do meu pai a minha avó não era alemã
16		(.) já era brasileira (.) então só ele que
17		sabia
18	Pesquisadora	e assi::m na vizinhança (.) perto da sua casa
19		(.) tinha alguém que conversava na rua↓
20	P. I. Gerheim	em alemão não tinha não
21	Pesquisadora	você não ouvia falar↓
22	P. I. Gerheim	não (.) só português
23	Pesquisadora	só português↓ e qual é a sua religião↓
24	P. I. Gerheim	católica
25	Pesquisadora	sempre foi↓
26	P. I. Gerheim	sempre foi
27	Pesquisadora	e você chegou a assistir alguma missa em
28		alemão↓
29	P. I. Gerheim	não nenhuma
30	Pesquisadora	e você chegou a estudar↓
31	P. I. Gerheim	até o quarto ano só
32	Pesquisadora	onde↓
33	P. I. Gerheim	estudei até a terceira aqui em são pedro
34		[[escola pública primária da colônia de são
35		pedro]] e o quarto eu tirei no fernando lobo
36	Pesquisadora	e em algum desses lugares ensinavam alemão↓
37	P. I. Gerheim	não
38	Pesquisadora	só português↓
39	P. I. Gerheim	só português
40	Pesquisadora	e:: como que era o acesso à cidade lá embaixo
41		[era difícil↓
42	P. I. Gerheim	[à pé (.) atravessava na universidade ali pra
43		ir no são mateus ali
44	Pesquisadora	e era difícil (.) era tranquilo (.) como que
45		era↓
46	P. I. Gerheim	pra mim não era difícil não [[risos]]
47	Pesquisadora	por quê↓
48	P. I. Gerheim	era rápido (.) chegava meia hora
49	Pesquisadora	não tinha barro não↓
50	P. I. Gerheim	ali na entrada da universidade tinha o barro
51		preto que eles falavam né↓ (.) mas [passava
52		descalço não tinha sapato [[risos]]
53	Pesquisadora	[mas era tranquilo↓ [[risos]]
54	P. I. Gerheim	ia descalço ué (.) com um bernalzinho nas
55		costas

56		chegava lá em baixo limpava o pé e tava tudo certo↓
57		
58	Pesquisadora	ih não limpava nada não (.) ia assim mesmo
59	P. I. Gerheim	não↓ [[risos]]
60	Pesquisadora	naquele tempo não tinha nada disso não
61		[[risos]] levava uma sacolinha
62	P. I. Gerheim	e você sabe falar alguma coisa de alemão (.)
63		falar alguma palavra↓
64	Pesquisadora	não nada nada
65	P. I. Gerheim	e quem da sua família falava era (0.5) seu pai↓
66		
67	Pesquisadora	meu pai não (.) nem minha mãe (.) só meu avô
68		por parte da minha mãe que falava todos os
69		dois (0.5) eu tirei diploma aqui em são pedro
70		(.) isso aí eu tenho cê quer vê↓
71	P. I. Gerheim	quero
72	Pesquisadora	[[mostrou o diploma, fotos de família e alguns documentos]]
73		
74	P. I. Gerheim	Então quem que veio da sua família lá da alemanha↓
75		
76	Pesquisadora	o pai do meu avô (0.5) o pai do meu avô (.)
77		da minha avó também (.) da minha avó (.) dos
78		dois lado
79	P. I. Gerheim	então você é descendente dos gerheim e mais quem↓
80		
81	Pesquisadora	dos brandel
82	P. I. Gerheim	brandel↓
83	Pesquisadora	e você ouvia:: muita história (.) alguém
84		contava história pra você de como que era
85		como que foi a vida deles↓ (.) essas coisas
86		assim
87	P. I. Gerheim	não não (.) contava muita coisa não
88	Pesquisadora	não contava não↓
89	P. I. Gerheim	eles contava que eles veio no navio que ficou
90		muito tempo no mar (.) isso aí quando eu era
91		pequeno escutava (.) do lado dos brandel
92	Pesquisadora	de que região que eles vieram você ficou
93		sabendo↓
94	P. I. Gerheim	fiquei sabendo que tinha muito vento (.) diz
95		que ventava pra um lado eles iam pra um lado
96		ventava pro outro eles iam pro outro (.) aí
97		eles ficaram muito tempo no mar até chegar
98		aqui (.) tanto que teve gente que morreu
99	Pesquisadora	<u>nossa</u> devia ser <u>muito difícil</u> imagina ficar
100		seis meses no mar↓ acho que eu não dava conta
101		não
102	P. I. Gerheim	e aqui em são pedro como que era↓ você sabe
103		como que era aqui↓
104	Pesquisadora	não (.) como que era↓
105	P. I. Gerheim	aqui era assim (.) cada família tem uma parte
106		(.) aqui em cima era tudo colônia de são
107		pedro (.) é igual eu moro lá tem aquela parte
108		que pega da gente ali era uma colônia (.)
109		três alqueires cada gleba cada colônia era
110		duas três casa e todo mundo conhecia todo
111		mundo (0.5) rua só tinha essa
112	Pesquisadora	[a [[rua]] presidente costa e silva↓
113	P. I. Gerheim	[e aquela do borboleta (.) aquela que
114		travessa lá em baixo do casa branca aquela já
115		existia também (.) só essas ruas (.) foi o

116		doutor pedro que começou a fazer loteamento
117		aqui (.) ai que começou a fazer lote ele foi
118		o primeiro
119	Pesquisadora	e era mais alemão mesmo né↓
120	P. I. Gerheim	mais alemão mesmo
121	Pesquisadora	depois que começou a vender né↓
122	P. I. Gerheim	depois que começou a misturar um cadinho com
123		preto
124	Pesquisadora	foi aí que começou a chegar gente diferente↓
125		ou já tinha↓
126	P. I. Gerheim	um ou outro sempre tinha (.) a dona colodina
127		era preta era parteira da minha mãe (.) ela
128		perdeu os filhos todos co::m [aquela doença
129	Pesquisadora	tifo↓
130	P. I. Gerheim	Não
131	Pesquisadora	tuberculose↓
132	P. I. Gerheim	Tuberculose é (.) a dona colodina vivia muito
133		na minha avó
134	Pesquisadora	então tinha gente de cor↓
135	P. I. Gerheim	sempre teve (.) mas não era muito né (.) era
136		um ou outro (.) tinha muito ali no rastapé
137		(.) o rastapé era ali no cascatinha
138	Pesquisadora	ahã
139	P. I. Gerheim	aí chegou os branco e tocou eles pra cima (.)
140		foi comprando lá e mandou eles pra cima (.)
141		aí eles foram comprando no casabranca e aí
142		espalhou [[risos]]
143	Pesquisadora	[[risos]] espalhou↓
144	P. I. Gerheim	[[risos]] é verdade ué daqui a uns dia - nós
145		são pobre tira nós daqui também [[risos]]
146	Pesquisadora	e por que você acha que pouca gente assim
147		fala alemão aqui↓
148	P. I. Gerheim	eu nunca me dei assim com os alemão não
149	Pesquisadora	não↓
150	P. I. Gerheim	eu cortava o cabelo deles (.) eu comecei com
151		quinze ano aqui (.) seu luiz guilherme (.)
152		eles cortava tudo o cabelo aqui (.) mas nunca
153		me dei muito com os alemão não
154	Pesquisadora	e por que você acha que pouca gente fala
155		hoje↓
156	P. I. Gerheim	ah depois da guerra foi proibido falar em
157		alemão
158	Pesquisadora	até então tinha gente que falava que
159		conversava
160	P. I. Gerheim	não lembro não (.) quando acabou a guerra eu
161		tava com doze ano
162	Pesquisadora	e aí depois que acabou a guerra você cortava
163		o cabelo de gente que falava aqui↓
164	P. I. Gerheim	tinha (.) mas eu não entendia nada não (.)
165		mamãe também não entendia (.) meu pai também
166		não (.) ela até falava que queria que eles
167		conversasse pra ela aprender mas ninguém
168		falava não
169	Pesquisadora	ahã (0.5) acho que é só isso (.) <u>obrigada</u>
170	P. I. Gerheim	de nada

ANEXO 23

P. V. Schaefer (68), Entrevista 016, 10/07/2012

01	Pesquisadora	quantos anos que o senhor tem↓
02	P. V. Schaefer	eu sou de mil novecentos e cinquenta e quatro
03		(.) to com sessenta e oito
04	Pesquisadora	sessenta e oito↓
05	P. V. Schaefer	ahã
06	Pesquisadora	e o senhor ouvia muito falar em alemão na sua
07		casa↓
08	P. V. Schaefer	é meu pai falava em alguma coisa em alemão
09		(.) meu pai também falava alemão
10	Pesquisadora	e eles conversavam dentro de casa↓
11	P. V. Schaefer	conversava
12	Pesquisadora	conversava↓ <u>é mesmo</u> ↓ e você aprendeu alguma
13		coisa↓
14	P. V. Schaefer	ah pouca coisa né↓ que a gente guarda (.)
15		porque a gente parou de assim de ter
16		comunicação na língua né↓ (.) mas por exemplo
17		(.) o que você gostaria de saber↓
18	Pesquisadora	você sabe falar algumas palavras assim (.) ou
19		o senhor consegue conversar mesmo↓
20	P. V. Schaefer	eu falo bastante coisa né↓
21	Pesquisadora	então se o senhor caísse lá no meio da
22		alemanha o senhor se virava↓
23	P. V. Schaefer	é eu acho que dava pra se virar (.) de
24		repente podia ter alguma coisa que trapaiava
25		né↓ a gente a conversar (.) mas
26	Pesquisadora	é isso acontece né↓
27	P. V. Schaefer	é mas acho que:::
28	Pesquisadora	na vizinhança onde que o senhor - o senhor
29		sempre morou aqui↓
30	P. V. Schaefer	eu morei aqui e morei em outros lu - bairro
31		também (.) mas a maior parte foi aqui
32	Pesquisadora	aqui↓ o senhor lembra assim se na vizinhança
33		onde que o senhor morava tinha muita gente
34		que conversava em alemão↓
35	P. V. Schaefer	ah tinha (.) os vizinho na época (.) quando
36		eu era garoto todos eles conversava em alemão
37	Pesquisadora	é mesmo↓
38	P. V. Schaefer	é (.) e antigamente isso aqui tinha o nome de
39		colonha dos alemão
40	Pesquisadora	ahã
41	P. V. Schaefer	era colonha dos alemão (.) depois que passou
42		pra são pedro
43	Pesquisadora	e eles conversavam mesmo assi:::m na rua (.)
44		encontrava e conversava↓
45	P. V. Schaefer	conversava tudo que cê quisesse (.)
46		conversava em alemão
47	Pesquisadora	e qual que é a religião do senhor↓
48	P. V. Schaefer	católica
49	Pesquisadora	católica↓ (.) e o senhor viu alguma missa com
50		pregação em alemão↓ já chegou a assistir↓
51	P. V. Schaefer	não (.) na língua alemã eu não cheguei a
52		assistir não (.) mas todo ano ainda tem a
53		festa do alemão né↓ no borboleta
54	Pesquisadora	é né↓
55	P. V. Schaefer	faz comida alemã (.) pão alemão quer dizer

56		várias coisas eles tem lá na:: que eles faz é
57		tradição né↓ mas lá também é o [] do alemão
58	Pesquisadora	é
59	P. V. Schaefer	É (.) lá essas mais velha as senhoras mais
60		velha são tudo alemã
61	Pesquisadora	tudo né↓ (.) mas missa aqui em cima o senhor
62		não chegou a assistir não↓
63	P. V. Schaefer	não se vi não lembro mais né↓
64	Pesquisadora	muito tempo né↓
65	P. V. Schaefer	já fiz primeira comunhão comunguei tudo aí na
66		igreja de são pedro né↓ mas não era em -
67	Pesquisadora	era mais latim português né↓
68	P. V. Schaefer	é não era mais (.) num lembro assim na língua
69		alemã
70	Pesquisadora	e o senhor chegou a estudar↓
71	P. V. Schaefer	eu estudei um pouco (.) na época eu estudei
72		até a quarta série né↓ [hoje não vale nada
73	Pesquisadora	onde que o senhor estudou↓
74	P. V. Schaefer	estudei aqui no são pedro mesmo
75	Pesquisadora	ali onde é o ademar rezende↓
76	P. V. Schaefer	é mas hoje isso nem é considerado mais estudo
77		né↓
78	Pesquisadora	não é sim ué
79	P. V. Schaefer	mas também sessenta e oito anos atrás é
80		bastante janeiro né↓ [[risos]]
81	Pesquisadora	é verdade [[sorriso]] [0.5] e o senhor lembra
82		se na escola tinha alemão ou era só português
83		[0.5] assim alguém ensinava em alemão↓
84	P. V. Schaefer	não não (.) na escola não ensinava não (.) só
85		ensinava a língua portuguesa mesmo [0.5] eles
86		conversava em alemão na época mas era
87		tradição de família mesmo
88	Pesquisadora	só dentro da família↓
89	P. V. Schaefer	só dentro da família quem já foi assim criado
90		de família (0.5) que parece que os alemão
91		veio fugido na época não sei como veio (.)
92		ma::s a revolução que teve a guerra que teve
93		então eles - os antigo veio (.) o estudo era
94		pouco também (.) eles não tinha esse monte de
95		alimento (.) que na época não tinha telefone
96		(.) na época não tinha televisão (.) muitos
97		raro a pessoa que tinha luz elétrica (.) e
98		quando surgiu a televisão era mais preta e
99		branca não tinha a cores (0.5) então várias
100		coisas caiu mesmo né↓
101	Pesquisadora	ahã (.) e seu pai e a sua mãe que eram
102		descendentes de alemães↓
103	P. V. Schaefer	é
104	Pesquisadora	os dois↓
105	P. V. Schaefer	é
106	Pesquisadora	e de qual dos dois que é o sobrenome
107		schaefer↓
108	P. V. Schaefer	o schaefer é de meu pai minha mãe chamava
109		ezel
110	Pesquisadora	ezel↓
111	P. V. Schaefer	é ezel é alemão na língua portuguesa seria
112		burro né↓
113	Pesquisadora	é [[risos]] jura,? e era muito difícil chegar
114		lá no centro da cidade↓
115	P. V. Schaefer	daqui na cidade↓ [uai era

116	Pesquisadora	[é↓
117	P. V. Schaefer	porque não tinha condu- não tinha carro não
118		(.) os primeiros carro que teve era da ford e
119		você não podia entrar dentro dele e andar não
120		(.) tinha que rodar uma manivela e aquilo
121		fazia tu tu tu tu tu
122	Pesquisadora	é mesmo↓
123	P. V. Schaefer	é ué (0.5) e antes disso mais era a cavalo
124		(.) de carroça de quatro roda carroça de duas
125		roda (.) ou à pé (.) já fui no centro da
126		cidade à pé muitas vezes (.) o caminho era de
127		chão (.) muito barro (.) quando não tinha
128		frio era poeira
129	Pesquisadora	alguém me falou que tinha que agarrar até nos
130		matos pra descer
131	P. V. Schaefer	era ué (.) a vida era feia
132	Pesquisadora	e o senhor sabe fazer alguma comida típica da
133		alemanha↓
134	P. V. Schaefer	não (.) não mexo com cozinha não
135	Pesquisadora	não↓ o senhor não gosta de cozinhar não↓
136	P. V. Schaefer	não não mexo com isso não (.) comida eu não
137		faço mesmo
138	Pesquisadora	e alguém da sua família faz↓
139	P. V. Schaefer	não
140	Pesquisadora	não tem esse costuma não↓
141	P. V. Schaefer	não tem não↓
142	Pesquisadora	e o senhor ouvia muito história de dentro da
143		sua família (.) do seu avô avó pai (0.5) de
144		quem veio da alemanha pra cá (0.5) da viagem
145		(.) de quando eles chegaram aqui
146	P. V. Schaefer	não (.) isso aí eu não sei (.) avião na época
147		não existia né↓ navio até tinha mas era muito
148		difícil pra vir né↓ não tinha condução
149		nenhuma (0.5) não faço nem ideia de como
150		poderia ter vindo
151	Pesquisadora	e hoje em dia tem alguém da sua família que
152		fala alemão↓
153	P. V. Schaefer	tem essa minha irmã que fala umas palavra em
154		alemão (.) tenho uma que mora lá em
155		filgueiras que também fala um pouquinho (.) a
156		maria a maria sabe
157	Pesquisadora	você entendia tudo o que os seus pais
158		conversavam em alemão↓
159	P. V. Schaefer	entendia bastante coisa
160	Pesquisadora	e por que você acha que hoje em dia a gente
161		não vê mais gente conversando alemão na rua↓
162	P. V. Schaefer	não vê porque eles não conduziram as as - o
163		hábito pras crianças (.) porque se eles
164		tivesse traduzidos então vão supor (.)
165		ensinava o filho (.) o filho ensinava o neto
166		(.) quer dizer ia ter aquela traduçãozinha
167		e:: mesmo sempre pro lado de escola eles
168		teria aquele hábito de conversar um com o
169		outro se encontrasse na rua (.)
170		comprimentasse e conversasse na língua alemã
171		como era antes (.) mas não colou (.) não
172		pegou (.) então hoje eles não sabe mais falar
173		isso e os que sabe não tem mais pessoas com
174		que comunicar na língua
175	Pesquisadora	e por que você acha que eles não passaram a

176		língua↓
177	P. V. Schaefer	não eles passaram a língua (.) minha prima [
178] fala alemão (.) mas ela não passou para a
179		filha dela (.) não foi levado pra frente (.)
180		mas se fosse eles sabia de cor as coisa né↓
181		mas hoje até pra aula é difícil né↓ tem que
182		fazer o curso essas coisa assim
183	Pesquisadora	e o senhor chegou a passar alguma coisa para
184		os seus filhos↓ ou não↓
185	P. V. Schaefer	não não (.) não passei não
186	Pesquisadora	e da época da guerra o senhor sabe alguma
187		coisa↓
188	P. V. Schaefer	não não lembro não eu era muito pequeno né↓
189		praticamente de colo ainda
190	Pesquisadora	o senhor sabe quem da sua família que veio da
191		alemanha↓
192	P. V. Schaefer	quem veio de lá fugido foi meus avô né↓
193	Pesquisadora	e o senhor sabe de que região de lá↓
194	P. V. Schaefer	não mas deve ter sido a mesma que eu-
195	Pesquisadora	não (.) digo região
196	P. V. Schaefer	a:: região (.) isso eu não sei não
197	Pesquisadora	então acho que é só isso mesmo (.) obrigada
198		[[sorriso]]
199	P. V. Schaefer	de nada

ANEXO 24

A. S. Kelmer (63), Entrevista 017, 10/07/2012

01	Pesquisadora	qual que é a sua idade?
02	A. S. Kelmer	eu vou fazer agora mês que vem sessenta e
03		três
04	Pesquisadora	e os seus pais falavam bem em alemão?
05	A. S. Kelmer	falavam (.) eu tinha uma tia que até rezava
06		em alemão (.) canta::va (.) a gente ficava
07		assim admirado (0.5) alguma coisa eles
08		explicavam a gente mas -
09	Pesquisadora	você entendia muito pouco?
10	A. S. Kelmer	a:: muito pouco
11	Pesquisadora	e você lembra algumas palavras assim?
12	A. S. Kelmer	ah pouca coisa né que a gente lembra (.)
13		aquela época a gente era criança (.) a gente
14		achava até graça e deixava o barco correr né?
15		[[sorrindo]]
16	Pesquisadora	[[risos]] e seu pai e sua mãe conversavam em
17		alemão dentro de casa?
18	A. S. Kelmer	conversava tudo em alemão (.) a gente não
19		intindia nada (0.5) é meio enrolado né?
20	Pesquisadora	e por que você acha que eles não passaram
21		tanto pra vocês?
22	A. S. Kelmer	a:: não sei (0.5) talvez achava que a gente
23		não ia entendê (.) ou tinha vergonha
24	Pesquisadora	e eles trabalhavam muito também né?
25	A. S. Kelmer	é (.) naquela época era muito difícil porque
26		a vida era muito corrida (.) se não
27		trabalhasse não tinha (.) era por dia né? (.)
28		não tinha esses direito que tem hoje né de
29		inps (0.5) trabalhava em fábrica essas coisa
30		toda a vida era muito mal dividida né?
31	Pesquisadora	e você chegou a estudar?
32	A. S. Kelmer	estudei (.) eu estudei (.) eu fiz o primeiro
33		e o segundo ano aqui em são pedro mas aqui
34		tinha pouco professor (.) então tinha que
35		trabalhar (.) então eu não podia estudar de
36		dia só de noite (.) então eu paguei e fiz até
37		a quarta série no sesc e dali eu fui
38		trabalhar (.) trabalhei em três conservadora
39		lavei muita roupa pra fora
40	Pesquisadora	vocês passavam muito aperto?
41	A. S. Kelmer	a:: a gente sofreu muito quando era criança
42		(.) passava muito aperto era tudo muito
43		difícil (.) <u>a vida era muito sofrida</u> (.)
44		dormia no chão tinha dia que tinha só um café
45		margoso e um punhado de angu pra comer de
46		manhã (.) mas a gente era feliz do mesmo
47		jeito (.) era feliz porque a gente não sabia
48		né?
49	Pesquisadora	ahã
50	A. S. Kelmer	mas a gente ria muito porque eles falava
51		alemão e a gente achava graça né?
52	Pesquisadora	mas eles falavam mais em alemão ou mais em
53		português dentro de casa
54	A. S. Kelmer	mais português né? mas quando eles não queria
55		que a gente entendesse as coisas eles

56		conversava pra lá e pra cá e a gente não
57		intindia né; achava até que tava falano mal
58		da gente [[risos]]
59	Pesquisadora	[[risos]] na vizinhança assim - a senhora
60		sempre morou aqui né;
61	A. S. Kelmer	sempre morei aqui
62	Pesquisadora	e assim (.) perto a senhora ouvia gente
63		conversando na rua;
64	A. S. Kelmer	escutava minhas tia tudo assim parente do meu
65		pai (.) tudo falava em alemão (.) mas a gente
66		não entendia nada né;
67	Pesquisadora	e sumiu né; o alemão né; a gente não escuta
68		mais
69	A. S. Kelmer	sumiu porque os antigo morreram tudo né; e
70		agora ficaram os mais jovem e esses mais
71		jovem não interessou né;
72	Pesquisadora	entendi (.) quem conversava era os mais
73		velhos;
74	A. S. Kelmer	os mais velhos
75	Pesquisadora	os mais novos não;
76	A. S. Kelmer	porque era vergonha disso (.) quando falava
77		palavra alemã todo mundo vai ri da cara da
78		gente ((risos)) não fica bem
79	Pesquisadora	a e tão bonito né; <u>não sabe como eu queria</u>
80		<u>falar</u>
81	A. S. Kelmer	bonito (.) que quanto meu pai tocava sanfona
82		aí juntava os colegas dele (.) o falecido seu
83		mario o falecido seu jair aquela turma toda
84		tocava pandero que cantava começava cantar em
85		alemão algumas palavras eu recordo algumas
86		palavrss eu sei
87	Pesquisadora	e mesmo;
88	A. S. Kelmer	bonito (.) que ria tanto sabe;
89	Pesquisadora	ahã
90	A. S. Kelmer	aí era farra (.) porque não tinha briga não
91		tinha confusão
92	Pesquisadora	hoje em dia muita gente não sabe se [divertir
93		né;
94	A. S. Kelmer	[é
95	Pesquisadora	qual que e sua religião;
96	A. S. Kelmer	católica né;
97	Pesquisadora	sempre foi;
98	A. S. Kelmer	nunca troquei
99	Pesquisadora	you lembra de alguma missa pregada em alemão
100		ou alguma coisa assim;
101	A. S. Kelmer	não cheguei a ver não
102	Pesquisadora	não né;
103	A. S. Kelmer	na sua escola tinha aula de alemão; (.) ou
104		não;
105	Pesquisadora	tinha alguns alemães na borboleta porque
106		estudei na borboleta né; no cesc (.) pagava
107		cinquenta mirréis (.) naquela época era
108		mirréis não era cruzeiro (.) por mês (0.5) eu
109		trabalhava na casa de família e de noite ia
110		estudar
111	A. S. Kelmer	la tinha muitas pessoa-
112	Pesquisadora	eu ganhava setenta mirréis (.) eu dava vinte
113		minha mãe cinquenta pagava minha escola
114	A. S. Kelmer	a:: tá
115	Pesquisadora	descia e subia a pé o morro do alemão

116	A. S. Kelmer	e lá tinha gente que ensinava alemão↓
117	Pesquisadora	não não ensinava não
118	A. S. Kelmer	não né↓
119	Pesquisadora	só falava (.) não ensinava (.) acho que no
120		fundo não parece que gostava da gente se
121		[aprendesse
122	A. S. Kelmer	[é↓
123	Pesquisadora	por medo as vezes né↓ porque meus avós era
124		fugido da primeira guerra mundial da alemanha
125	A. S. Kelmer	ahã
126	Pesquisadora	aí meu pai contava pra gente que ele passou
127		na aldeia e roubou uma índia e casou com ela
128		(.) e deu o nome nela (.) só deu o schaefer
129		não tinha outro sobrenome (.) então nessas
130		altura ela era morena do olho verde baixinha
131		(.) nessas altura eles - meu pai contava para
132		gente que era tudo misturado índio com alemão
133	(.) misturou a raça	
134	A. S. Kelmer	ahã
135	Pesquisadora	eles ficaram assim meio com vergonha da gente
136		aprendê (.) com medo (.) naquela época tinha
137		muita guerra (.) com medo de descobri que
138		eles era alemães e fugiu
139	A. S. Kelmer	entendi
140	Pesquisadora	aí vim - mas eles quais não falava
141	A. S. Kelmer	não falava não↓
142	Pesquisadora	falava entre eles dentro de casa (.) minha
143		mãe com ele né↓
144	A. S. Kelmer	ahã entendi
145	Pesquisadora	era muito difícil a gente saber as coisa
146	A. S. Kelmer	mas na rua eles falavam↓
147	Pesquisadora	falava entre eles
148	A. S. Kelmer	entendi
149	Pesquisadora	mais engraçado que eles conversava muitas
150		coisa e a gente num intindia nada
151	A. S. Kelmer	ahã
152	Pesquisadora	poucas coisa intindia (.) minha mãe pra
153		ensinar ela falava com a gente (.) mais ao
154		mesmo tempo a gente achava muito engraçado
155		começava a ri [[risos]]
156	A. S. Kelmer	[[risos]] criança é muito inocente né↓
157	Pesquisadora	É (.) mais alguma coisa eu aprendi
158	A. S. Kelmer	E como era pra chegar na cidade↓ era muito
159		difícil↓
160	Pesquisadora	descia para o borboleta no morro do alemão
161		(.) que tinha dois - mais e ali pelo lado da
162		universidade quando chovia tinha que descer
163		igual gato de quatro né↓
164	A. S. Kelmer	É mesmo↓ e você sabe fazer alguma comida da
165		alemanha↓
166	Pesquisadora	eu sei fazer pão alemão (.) minha mãe ensinou
167		(0.5) aliás eu aprendi rosquinha essas coisa
168		mais eu nem faço não porque -
169	A. S. Kelmer	tem costume de fazer↓
170	Pesquisadora	a vida da gente é muito corrida (.) trabalha
171		muito de dia (.) de noite
172	A. S. Kelmer	você sabe da sua família quem veio da
173		alemanha↓
174	Pesquisadora	meu avós

175	A. S. Kelmer	seus avós, e você sabe de que região de lá
176		eles vieram
177	Pesquisadora	não sei (.) acho que era católica
178	A. S. Kelmer	Não (.) é <u>região</u>
179	Pesquisadora	a:: não sei (0.5) na verdade não conheci
180		direito minha vó (.) eu tinha recordação (.)
181		tinha a foto dela e conheci pela foto mais
182		também era preto e branco (.) explicava para
183		gente (.) sua vó era essa baixinha (.) era
184		morena cabelo preto olho verde eu até tinha
185		um irmão que puxou pra ela já falecido né,
186	A. S. Kelmer	ahã
187	Pesquisadora	e tanto que minha tia tia [] puxou pra ela a
188		minha vó e a [] puxou (.) era morena então
189		era diferente (.) assim minha mãe era muito
190		branca meu pai tinha cabelo preto (.) o olho
191		do meu pai era verde (.) minha mãe que era
192		olho azul
193	A. S. Kelmer	aí você veio com esse olho bonito ai né,
194		[[sorriso]] (0.5) por que você acha que hoje
195		em dia ninguém conversa mais alemão igual
196		tinha naquela época,
197	Pesquisadora	a:: num sei (.) num sei se é preconceito da
198		sua própria origem (.) acho que sim (.) deve
199		ser preconceito da própria origem (.) porque
200		- ou medo ou porque - na borboleta deve ter
201		muitos alemães ainda (.) muitos alemães (.)
202		inclusive eles fazem até a festa dos alemães
203		(.) os alemães da igreja protestante
204	A. S. Kelmer	é verdade a festa da colheita né,
205	Pesquisadora	<u>isto</u> (.) então deve ter muitos alemães né,
206	A. S. Kelmer	você conhece alguma palavra assim (.) em
207		alemão,
208	Pesquisadora	arroz é reis (.) feijão é bohne (.) sabe
209		essas coisa assim
210	A. S. Kelmer	essas coisa de comida você sabe,
211	Pesquisadora	é (.) essas coisa assim que eu aprendi
212	A. S. Kelmer	puta no proto [[butter no brot]] a gente
213		achava que era palavrão e era manteiga no pão
214		(.) aí eu escutava a minha tia falando pra
215		minha mãe e eu ficava FALA TIA
216	Pesquisadora	a:: que legal
217	A. S. Kelmer	papai por exemplo pegava a sanfona dele e
218		cantava umas música em alemão [[cantou um
219		trecho que uma música antiga]] (0.5) aí eu
220		perguntava pra minha mãe o que que ele tava
221		falando (.) ele tá falando que seu pai toca o
222		bode e sua mãe dança que balança a saia
223		[[risos]]
224	Pesquisadora	[[risos]]
225	A. S. Kelmer	a gente ria (.) ficava falando umas
226		palavrinha assim no quarto (.) usava isso
227		como uma brincadeira
228	Pesquisadora	<u>que legal</u> [[encerrei a entrevista para pedir
229		a autorização para pesquisa por escrito]]